Bibliothek

JORNAL REVISTA

Kirchenpolitik

Kirche in Brasilien

KI-BR

CEDIM

Institut für Brasilienkunde
KI-BR 196
Bibliothek
26.09.10

JORNAL REVISTA

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

JORNAL REVISTA
TRIBUNA DO CEARÁ
FORTALEZA, SÁBADO, 16 DE DEZEMBRO DE 1989

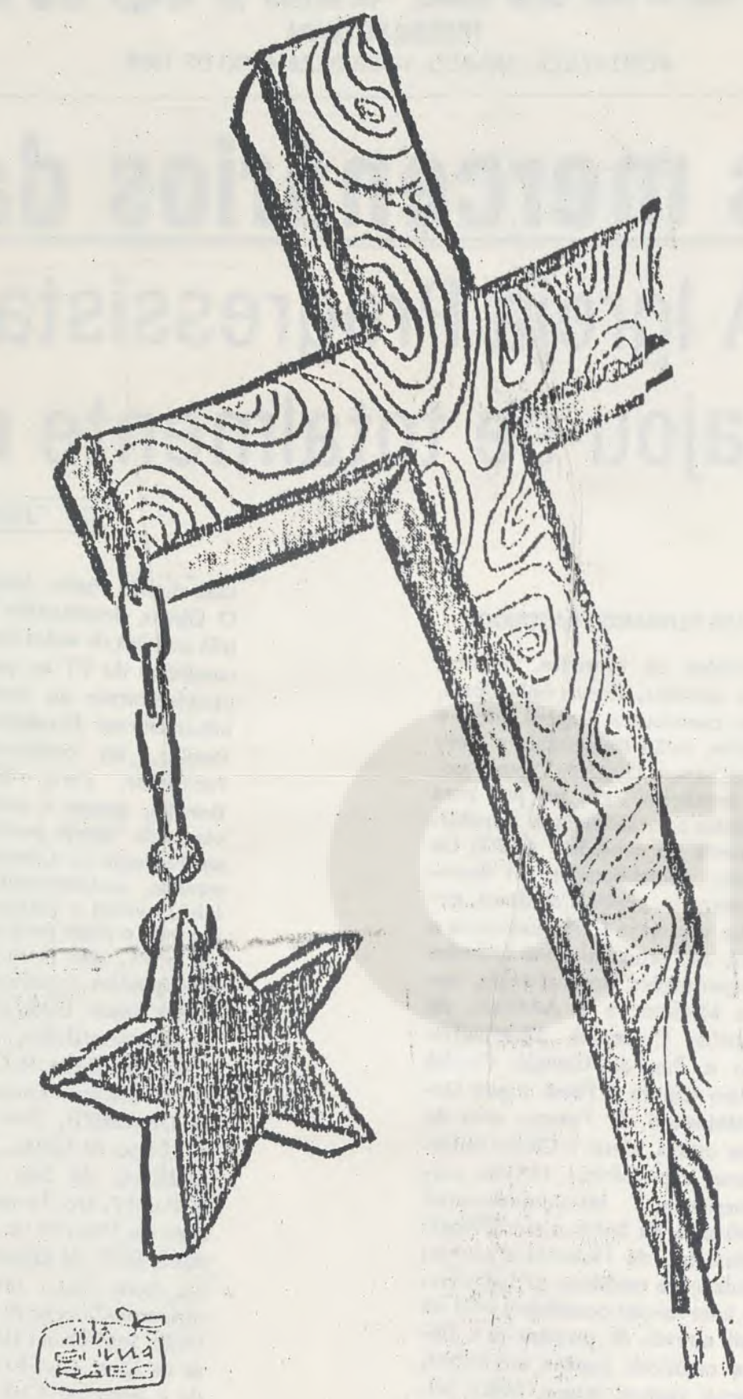
Os mercenários da fé

A Igreja Progressista engajou-se totalmente no PT

Do "Jornal do Commércio"

LUIS FERNANDO CASCUDO

Milhões de cruzados, dólares, marcos alemães, florins holandeses, dólares canadenses, francos suíços e franceses, estão financiando o clero progressista, a chamada "igreja popular brasileira", em sua luta para conquistar a Presidência da República através do candidato do PT. Os recursos, contabilizados em dioceses, pastorais, centrais sindicais, entre elas a própria CUT, paróquias e igrejas, são principalmente oriundos de organizações internacionais, como a Misereor e a Adveniat, da Alemanha Ocidental, Desenvolvimento e Paz do Canadá, Comitê Católico Contra a Fome e pelo Desenvolvimento da França, além de muitas outras, como a Cárita (internacional e brasileira), OXFim norte-americana, Missionsselretariat Mutterhaus, da Suíça, Centra Missic Comissariat, da Holanda e também organizações católicas da Inglaterra. Esta intervenção econômica atua no Brasil através de projetos para dioceses católicas ligadas aos bispos, párocos, padres, leigos, freias, ativistas, líderes sindicais, com uma destinação específica de obras sociais e são criminosamente desviadas pelos pastores vermelhos para a conquista do poder. Uma avaliação feita pela imprensa brasileira, em jornais reconhecidos como livres e democráticos, como o Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, O Globo, demonstram que mais de três milhões de votos foram dados ao candidato do PT no primeiro turno, principalmente no nordeste, predominantemente Pernambuco, Bahia e Paraíba, no centro-oeste, Goiás, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Brasília, graças a militância e ativismo da "igreja popular" inspirada na Teologia da Libertação, na mais espúria, antidemocrática, antibrasileira, radical e perigosa aliança. De um lado o clero progressista e do outro o PT, que já inclui dentro dos seus quadros nacionais, os nomes de bispos como Dom José Rodrigues, de Juazeiro/Bahia, Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias/RJ; Dom Luís Gonzaga Fernandes, de Campina Grande/PB, Dom Tomas Balduíno, bispo de Goiás, Dom Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia/MT, frei Leonardo Boff, Teólogo da Diocese de Petrópolis, Clodovis Boff, da Diocese de Rio Branco, Acre, Padre João Batista Libânio, arquidiocese de Belo Horizonte, Padre José Oscar Beozzo, da Diocese de Lins, ém São Paulo, o badalado e perigoso Carlos Alberto Libânio Christo, vulgo "Frei Betto", irmão leigo, jornalista e escritor, da Ordem Dominicana, arquidiocese de São Paulo e todos os ex-guerrilheiros da Ação Nacional Libertadora



a) Os momentos mais significativos da Religião do Povo

As devoções e práticas dizem respeito aos momentos da vida cotidiana mais significativos, a celebrações de Santos e de Jesus Cristo - o Santo mais poderoso.

Não existe uma diferença qualitativa entre as devoções e as práticas que rodeiam os momentos importantes da vida diária e as que acompanham as celebrações estritamente religiosas. São da mesma natureza religiosa. A religião oferece ao povo sua forma, a única, de pensamento e linguagem para expressar sua experiência de vida.

Os momentos mais significativos da vida referem-se:

- Às fases de transição: parto-nascimento, amor-casamento e morte;
- Às forças da natureza: seca-cheia;
- Ao sofrimento: dores, aperreios, desemprego, custo de vida;
- Às viagens;
- Ao sentimento de solidariedade e esperança.

Todos eles falam de necessidades que têm suas raízes na fragilidade das condições vivenciais. Em torno delas surgem crenças e práticas relacionadas com o sagrado.

b) Os traços principais da Religião do Povo

Seus traços principais podem ser resultados da seguinte maneira:

- Nota-se a presença de um contato pessoal, afetivo e às vezes agressivo entre o crente e o Santo e o sagrado;
- A base da relação com os santos é o contrato;
- Aparecem vestígios de magia. O conceito magia diz respeito ao uso de certas práticas que têm como objetivo controlar e de certo modo dominar as atividades dos Santos e de Deus. Inclui geralmente dois elementos:
  - Convencer o Santo ou Deus de fazer algo
  - O reconhecimento de que os homens estão na mão de Deus que pode tudo.

Esse segundo elemento parece-nos mais presente. O conceito magia deve, portanto, ser usado com restrição e cuidado.

- A luz e a escuridão são fatores importantes.
- Elementos provenientes de outras religiões - xangô, e espiritismo - misturam-se com devoções cristãs.

Os Santos desempenham um papel importantíssimo nas práticas devoções que acompanham a vida de todos os dias. Os Santos de devoção generalizada nas Regiões do Nordeste são: Nossa Senhora, invocada sob série de títulos, Padre Cícero, São Sebastião, São Jorge, São Cosme e Damião, São Pedro, São João e Santa Quitéria.

A ajuda dos Santos é invocada em todos os momentos e acontecimentos que escapam ao controle humano. Nas horas de incerteza e sofrimento, os homens procuram os Santos, estabelecendo entre eles e os Santos uma relação de reciprocidade através da promessa que contém uma série prestações e contra-apresentações. Nas promessas os homens buscam saúd alívio na dor, no sofrimento e nos aperreios, proteção no parto, socor na fome e contra o desemprego, pedem ajuda para encontrar objetos perd dos e para livrar-se de vícios e outros infortúnios. A reciprocidade e tre os homens e os Santos é encarada como troca de favores através da qual os homens procuram obter cura, tranquilidade, do poder dos Santos As contra-apresentações do lado dos homens geralmente são as devoções dicionais mais em uso no meio do povo: rezar o terço, assistir procissõ rezar o ofício de Nossa Senhora, a Via Sacra, benditos, novenas e o mê Maio, fazer romarias, ofertar fogos, velas, esmolas, ex-votos, fazer j jum, penitência, sacrifícios pessoais e assistir à Missa em certas oca ões.

Busca-se antes de tudo, o poder dos Santos, não sua imitação seu seguimento. O povo precisa refazer-se de sua luta diária pela sobre vivência. Tem certeza que os Santos possuem poderes para interferir no acontecimentos da vida, o que alimenta sua esperança numa vida melhor de reina a justiça e a verdade.

Muitos santos têm tarefas gerais, outros tarefas mais especi is como por exemplo: São Sebastião, protetor contra a peste, a fome e a guerra; São Cosme e Damião protetores na hora do parto; São José protet das chuvas; Santo Antônio protetor dos namorados, das crianças pobres e ajuda para encontrar coisas perdidas; Santa Luzia protetora da vista.

c) <u>As características da fé popular em Jesus Cristo e o relacioname com Ele</u>

Os mesmos temas voltam, quando percorremos as práticas e as crenças anotadas em redor da pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na me ria do povo estão bem presentes os sofrimentos e a paixão de Jesus e se poder milagreiro. Os momentos fortes da devoção a Jesus são a Quaresma de modo especial, a Semana Santa e a Sexta-feira Santa.

O relacionamento com Jesus tem traços amorosos, devocionais e místicos. De um lado Jesus pertence ao mundo deles. Ele é pobre e simpático. "Mesmo sofrendo a gente não deve ficar triste. Jesus era muito festeiro". Do outro lado Ele não é do mundo deles. É um poder supremo que pode resolver os problemas com milagres. Ele é ao mesmo tempo irmão sofredor e força protetora. Suscita tranquilidade, sossego, um bom coração. O povo vive, com Jesus, sonha e fala com Ele.

O povo conta muitas histórias de Jesus. A maioria delas fala de Jesus andando no mundo com São Pedro, pedindo rancho, ou comida e água, focalizando o valor de ser hospitaleiro. Sempre recompensa os bons e paga os maus com castigos. As histórias mostram Jesus, presente nos velhinhos, nos aleijados e nos pobres. Os pobres recebem-no em casa, ao contrário dos ricos que lhe fecham as portas.

Não faltam nestas histórias o humor e a crítica feita aos ricos. A riqueza em si não é condenada. Ela, porém, torna as pessoas avarentas, egoístas e insensíveis ao sofrimento dos irmãos. É vista como algo que pode colocar em risco a salvação pessoal. A crítica tem como endereço a esfera pessoal e familiar, é subjetiva, não se refere a questões estruturais.

Muitas histórias têm muita semelhança com fatos evangélicos. O conteúdo é profundo. O povo enfeita acontecimentos evangélicos à sua maneira, por exemplo, as narrações sobre a fuga de Maria ao Egito.

Escolhemos algumas histórias curtas que ilustram bem isto.

"Jesus e São Pedro andavam no mundo. Pediram abrigo a uma família muito pobre. Quando sairam, São Pedro pediu a Jesus que desse riqueza a eles - que foram tão bons e eram tão pobres. Mas Jesus disse: "Pedro, é melhor deixá-los pobres. Mas São Pedro era muito enxerido e pedia muito. Jesus atendeu. Quando voltaram encontraram em vez da casa pobre uma casa muito rica. Eles pediram rancho e foram mal recebidos. Receberam lugar na cocheira e não comeram nada. São Pedro ficou zangado e saiu xingando. Então Jesus disse: "Eu não te disse, Pedro, que rico não dá nada a ninguém, só sendo pobre para se sentir irmão".

"Jesus e Pedro cansados, famintos e sedentos, pararam na casa de um fazendeiro e pediram dois copos de leite. O fazendeiro disse que o leite era para vender. Então os dois prosseguiram a viagem. Chegando num sitiozinho, encontraram um pobre que tinha apenas uma vaquinha e acabava de tirar leite. Jesus sentou-se numa pedra e de longe observava o homem. Este, quando viu Jesus e Pedro, foi ao encontro deles oferecendo um copo de leite. Aceitaram e agradeceram. Depois de uns anos, voltando Jesus pelo mesmo caminho, encontra o mesmo fazendeiro triste, acabrunhado, pois

todo o seu gado havia morrido de peste. Pedro disse: "Mas Senhor, este é aquele fazendeiro rico". "Sim Pedro. Vamos à frente". Depois que caminharam bastante encontraram o homem pobre que veio ao encontro de Jesus e disse: "O Senhor outra vez por aqui? Vamos entrar, dormir e comer, pois o Senhor me deu tudo isto que está vendo e não é só meu, mas de todos que precisam."

"Uma mulher preparou um almoço para Jesus. Esperando a visita dele, chegou um mendigo. Ela não queria atender ele, porque guardou tudo para Jesus. Chegou uma pobrezinha e também ela não deu nada. Jesus demorou e quando ela foi à Igreja para se queixar, Jesus disse: "Eu passei duas vezes em sua casa e você não me atendeu".

"Jesus, Maria e José estavam fugindo para o Egito. Eles pararam num lugar e um ladrão jovem falou para eles: Fiquem para repousar esta noite comigo. Era o bom ladrão, porque roubava aos ricos para dar aos pobres. O dia seguinte ele deu um beijo no menino Jesus, antes de eles sairem, dizendo: "Que menino bonito!" Trinta anos depois, ele foi o bom ladrão crucificado com Jesus e que foi para o céu com ele".

"Contam os antigos, que na caminhada em fuga no Egito, perguntaram a Maria Santíssima, que ia no seu burrinho, juntamente com São José "Onde se encontrava seu Bendito Filho?" Nossa Senhora, que ia se escondendo do Rei Herodes, respondeu: "Levo-o aqui." Eles não acreditaram e disseram: "Não é verdade, se fosse verdade, não diria". Então o pessoal da comunidade fala, que Jesus passou com a Verdade".

"Um dia, Jesus com seus apóstolos passaram numa casa, onde faleceu o pai da família. Muitas crianças ficaram órfãos e Pedro disse:"Senhor quem vai tomar conta destas crianças?" Jesus disse: "Pedro, levanta esta pedra." Pedro fez e em baixo tinha muitos tatuzinhos. Jesus perguntou: "Pedro pode me dizer, quais são os masculinos e quais os femininos?" "Não sei" disse Pedro. "E quais são os pais destes bichos"? "Não sei". Então, disse Jesus: "Todos se criam, porque assim é a natureza de meu pai que toma conta de suas criaturas".

Deus é para o povo Pai verdadeiro que conforta, dá entendimento é guia na vida, dá alegria e enviou Jesus para salvar seu povo. Sua obra é a criação, a misericórdia, a proteção, a bondade. Ao mesmo tempo. Ele é justiceiro, castiga o mal.

Transcrevemos algumas expressões. "Deus é como nenhuma pessoa. De Santo mesmo só existe ele. Deus tem força e poder, o diabo tem força bruta como boi,mas não tem poder. Ninguém maior do que Deus. A voz de Deus está na vida e na mente dos mais pobres, humildes e injustiçados. Deus é Jesus Cristo, Criador de todas as coisas. Se Deus fosse pela "burrada" do povo ia castigar, mas ele é bom. É muito fino, não se pode enganar. Deus é um Pai verdadeiro que transforma até os perversos. É aquele que protege nós".

Há uma certa identificação entre Jesus e Deus Pai e o Espírito Santo. As expressões se misturam, Jesus é Deus, Deus é Jesus. "Cristo nunca morreu, sempre está conosco, é o Divino Espírito Santo".

d) Os males mais sentidos pelo povo e sua visão da Igreja

O mal mais sentido pelo povo é o mal físico que atenta contra a pessoa e é causado pela má organização da sociedade, pelas mudanças em curso e pelo comportamento das pessoas: doença, fome, desemprego, violência. Fala-se também do mal moral: egoísmo, vícios, imoralidade.

Por um lado existe a idéia de que o mal e o sofrimento são inerentes à condição humana, sobretudo na certeza de que "Deus o quer". Não se discute a justiça de Deus. Ele é bom e castiga.

Por outro lado existe a idéia de que os indivíduos são responsáveis por suas ações e que o sofrimento é uma provação causada pelos que praticam más ações durante a vida.

Proteção contra os males se busca na oração, nas promessas, nas romarias, nos jejuns, no uso de água benta, de medalhas e recorrendo ao xangô e o espiritismo. Todas as religiões que falam de Jesus são boas quando servem para aliviar as fragilidades e incertezas da vida.

As anotações sobre a Igreja são pobres. Ela aparece como sendo rica e tendo poder. É coisa de padres e freiras. O Templo é lugar de tranquilidade, de sossego e de reza. Lá paga-se as promessas e pede-se graças.

Não há problemas de participar de várias denominações religiosas. Todas elas têm coisas boas quando falam de Jesus, da Virgem da Conceição e dos Santos. "Onde se fala de Deus não pode haver coisa ruim".

A Igreja e seus serviços são procurados para receber os sacramentos que marcam as passagens da vida através de seus ritos: Batismo, Primeira Comunhão, Casamento e Missa de Sétimo dia.

A doutrina da Igreja e seus ensinamentos são pouco conhecidos. Existe, porém, uma admiração e profundo respeito pelo Papa, a Autoridade Máxima.

Aprofundamento dos aspectos essenciais da Religião do Povo

Após a apresentação da síntese, o Padre Humberto Plummen sugeriu que se discutisse em pequenos grupos de 18 a 20 participantes para aprofun

dar os aspectos essenciais da Religião do Povo. Os grupos já eram organizados, e cada um tinha seu lugar de encontro reservado.

Durante uma hora: os grupos de 1 a 5 reagiram diante do texto da síntese sobre "os momentos mais significativos da Religião do Povo". - Os grupos de 6 a 10 fizeram o mesmo sobre "os traços principais da Religião do Povo". - Os grupos de 11 a 15 sobre "as características da fé popular em Jesus Cristo e o relacionamento com Ele". - Os grupos de 16 a estudaram "os males mais sentidos pelo povo e sua visão da Igreja". Cada participante tinha recebido o texto da síntese da sondagem.

Depois os coordenadores e secretárias dos grupos que tinham aprofundado o mesmo aspecto se reuniram para fazer a síntese dos 5 estudos e preparar a apresentação desta síntese ao plenário. Durante este tempo, os grupos continuaram a estudar os diversos aspectos da sondagem que não tinham estudado para, assim, se preparar para o plenário.

4. Plenário - Apresentação em cartazes do estudo em grupo

* Síntese dos resultados do estudo dos grupos 1 a 5 sobre "os momentos mais significativos da Religião do Povo". Complementação:

1- Outras situações da vida
- As Bênçãos - sinal de proteção, sexta-feira santa, pragas, colheita após as refeições, viagens.
- Rezadeiras - de acordo com as necessidades e circunstâncias da vida
- Conflitos da terra - problemas de moradia, desemprego, missões populares, obter cura.
- Missões Populares - manifestação do povo.
- Entronização do Coração de Jesus.
- Celebrações das vitórias do povo, momentos de oração e lazer.

2- Não existe separação entre vida e religião
- A fé: paciência - certeza - compromisso - segurança.
- Partilha dos sofrimentos e bens. E escutar.

3- Desafios para nós:
- Dicotomia entre vida e prática da oração.
- Nossa segurança.
- Os ritos da Igreja - paralelos às práticas religiosas do povo.

⇒Como dar resposta a tudo isso sem perder sua originalidade?

* Síntese dos resultados do estudo dos grupos 6 a 10 sobre "os traços principais da Religião do Povo". Complementação:

1- Santo:
- O poder do Santo reflete o poder do pistolão (esquema político e familiar).
- A base do relacionamento com o Santo é a necessidade do povo, não o contrato.
- A gratidão - oferece o melhor.

2- Festa:
- Expressão coletiva de gratidão: música, dança, fogos...

3- Tradição:
- As práticas são transmitidas de pais para filhos, por experiências intuídas e vividas.

4- Magias:
- Para nós - magia.
- Para o povo - expressão do sagrado: para agradar, solidariedade e defesa do mal.

5- Mortos:
- Algo sagrado.
- Padroeiros futuros se os ajudarmos.

6- Desafios:
a. Diferença Cultural
b. Liturgia
c. Como dar espaço a outras expressões religiosas
d. Como transferir a agressividade: dos Santos para os opressores.

* Síntese dos resultados do estudo dos grupos 11 a 15 sobre "as características da fé popular em Jesus Cristo e o relacionamento com Ele".

1- Características:
- Identificação com o povo sofredor
- Fé no poder de Jesus (promessa)
- Fé que precisa de sinais
- O povo não quer o sofrimento mas a vida (alegria-partilha-solidariedade-amizade)
- A fé como meio de sobrevivência e expressão de afetividade.
- Sob a impressão de cultuar o sofrimento e a morte, está uma forte expressão de resgate à vida.
- Mistura das palavras Deus e Jesus, mas na prática sabem separar.

2- Relacionamento: precisa de mediação (padroeiros).

3- Questionamentos:

- Até que ponto as devoções são do povo ou foram impostas pela Igrej Como discernir?
- Como ajudar o povo a descobrir a Ressurreição quando ele vive a Pa xão?
- A fé do povo é vertical. Eles não acreditam que a fé pode mudar a sua situação. A justiça vem depois da morte.
- O distanciamento dos sacramentos será que é por parte da Igreja qu mostrou os sacramentos muito altos, muito puros? (Sacramentos não f lam ao povo linguagem alta?).

✳ Síntese dos resultados do estudo dos grupos 16 a 20 sobre "os males mais sentidos pelo povo e sua visão da Igreja".

1- MAL
- Consequência do pecado
- Ligado à família, ao individualismo (não às raízes sociais)
- "Mau olhado" como consequência do mal.

2- Consequências:
- Visão individualista na busca de soluções para os problemas.
- Orações individualistas.

3- Igreja:
- O povo não vê aí o seu lugar; procura outras religiões...
- Evangelização não comunitária.

⟹ Observações do Padre Humberto Plummen

Gostaria de fazer algumas observações de fundo a respeito das discussões nos grupos:

1º É notável que várias observações feitas têm suas raízes numa cultura, diferente da do povo. Por exemplo um grupo diz que o poder do Santo reflete apenas o poder do pistolão (esquema político-familiar). Sem dúvida, na estrutura social, encontram-se elementos que favorecem este tipo de representação. Reduzir, porém, o poder do Santo apenas a um fenômeno social é um sociologismo, uma aberração. No universo de pensar e sentir, no mundo das representações e sentimentos do pobre camponês, o Santo representa muito mais. Este mundo está atravessado com sentimentos de lealdade, confiança, devoção, reverência e piedade. Quem pertence a outra cultura dificilmente chega a sentir esta realidade e não tem o direito de reduzir tudo racionalmente a um fenômeno social. Esta visão parcial e limitada diminui a riqueza do fenômeno.
Existem vários outros exemplos deste tipo nas observações feitas nos grupos.

2- Uma das perguntas feitas aos grupos era, se existiam outras situações da vida cotidiana em redor das quais se formaram práticas e crenças religiosas, não constando no relatório da sondagem.
Observou-se, que o povo celebra também suas lutas e vitórias, por exemplo, a conquista de terra, com práticas religiosas através de procissões, romarias, etc. O povo responde e cria sua resposta numa linguagem religiosa que é sua.

3- Um grupo coloca a questão "como dar resposta a tudo isso (à Religiosidade Popular) sem perder sua originalidade.
Quem vai dar esta resposta é o próprio povo que saberá criar e re-criar novas formas e novos símbolos, se for verdadeiro sujeito de sua história e destino. A nossa preocupação e nossa missão é apoiar o povo nesta caminhada.

⟹ Observações de Frei Clodovis Boff

Observações de método.

Em primeiro lugar, devemos ter uma grande humildade teórica em relação à Religiosidade do Povo. A Religiosidade Popular é tão rica de conteúdos e nós nos arriscamos a reduzí-la a simples esquemas e queremos colocar tudo dentro destes esquemas. Na verdade, frente à Religiosidade Popular, estamos todos embaralhados e no mesmo caso estão os teólogos.

Importa começar com a vivência no meio do povo, partilhar para depois evangelizar. As comunidades inseridas , porque inseridas, estão na melhor posição para poderem entender a Religiosidade Popular.

Não mexer com a Religiosidade Popular é não mexer com uma força que mexe as grandes massas. E não mexer com as massas é não mexer com a sociedade, não transformar suas estruturas.

Daí o grande desafio: Evangelização e organização. Mas eis o divórcio entre a Religião Oficial e a Popular. Religião Oficial é a que nós vivemos: intelectualista, etc. A Religião Popular é a gerada e gerida pelo povo - a que o povo produz e administra.

O divórcio Religião Popular e Religião Oficial começou quando, cedo, na Igreja se deu a separação em termos de clérigos e leigos. Com nossa elite intelectualizada e agnóstica, aqui na América Latina, esse divórcio tornou-se mais grave ainda.

A Religião do Povo é o que é, porque arranca do conflito social e busca, com a religião, dar-lhe uma resposta. O chão da Religião é a sociedade. Por isso, a Religião do Povo é ao mesmo tempo "religião da aflição" e "religião da resistência". Contudo, precisamos ir mais a fundo: o chão

último da Religião é o mistério mesmo de Deus. De fato, o que o povo ca é o Divino embora do seu jeito: com flores, velas, etc. O social a é mediação do humano e do divino.

Eis os desafios: Será o catolicismo popular verdadeiro Cri nismo? E qual a força libertadora da Religião Popular?

Capítulo III

Discernimento dos elementos libertadores e dos elementos alienadores contidos na Religião do Povo

I - Introdução ao trabalho de discernimento

(Pe. Humberto Plummen)

Na conjuntura política atual, mostra-se, cada vez mais, uma tomada de consciência progressiva e agressiva da situação de dependência e opressão. O povo começou, há tempo, a lutar pela sua libertação, a seu modo e no seu ritmo. Este povo professa uma fé essencialmente libertadora, mas enxertada numa cultura contaminada por elementos alienantes. É mister discernir quais são os elementos libertadores e quais são os elementos presentes nesta cultura religiosa do povo. Existe aí uma reserva de valores e atitudes cristãos-sacros e não sacros, que é preciso iluminar e fazer nascer a luz do Evangelho, na caminhada para a libertação. Há, porém, outros elementos, também presentes nesta cultura religiosa, que dificultam, freiam e até impossibilitam esta caminhada. É preciso distinguir, o que será a tarefa de nosso estudo em grupos, agora.

II - Trabalho em grupo e mini-assembléia de cinco grupos para este discernimento

Nosso dia tinha começado por uma Romaria a Canindé, seguindo os passos da Paixão de Jesus.

Cada sub-região tinha sido convidada a preparar pequenas faixas onde estavam escritas as palavras de morte hoje e outras faixas, de cor diferente, onde estavam escritas as palavras de Vida pronunciadas por Jesus no Evangelho. Subindo a ladeira em procissão, fizemos três paradas onde as palavras de Morte foram fixadas numa Canga e as palavras de Vida numa grande Cruz.

Chegando no "Santuário de Canindé", a Cruz foi colocada no centro, à esquerda da Cruz foi colocada a Canga. Fizemos a adoração da Cruz.

É claro que já tínhamos entrado assim no trabalho de discernimento dos elementos libertadores e dos elementos alienadores contidos na Religião do Povo. Precisava continuar este discernimento, em grupos e mini-assembléias.

→ Trabalho de Grupo - Os 20 grupos, durante uma hora, tentaram descobrir:

Cinco grupos 1) Os sinais concretos, históricos, de alienação descobertos na convivência com o povo.

Cinco grupos 2) Os sinais concretos históricos de libertação descobertos na convivência com o povo.

Cinco grupos 3) Os critérios, a partir da sua experiência, onde a religião freia a caminhada do povo.

Cinco grupos 4) Os critérios, a partir da sua experiência, onde a religião a
da a caminhada libertadora do povo.

⇒ Trabalho em Mini-Assembléia – De cada bloco de cinco grupos para colocar (mini-assembléias) comum as reflexões dos grupos e preparar faixas de cor diferente para os elementos libertadores e os elementos alienadores contidos na Religião do Povo, foram colhidas as pessoas que iam apresentar isso na assembléia geral celebrativa.

III- Assembléia geral celebrativa

A assembléia começou no "Centuário de Canindé" (Santuário) onde terminou a oração manhã. Chegando lá um casal tendo as mãos atadas foi colocado em baixo do jugo Canga. (canga) Outro casal pegou a Cruz, (cruz) e todo o povo cantando "o povo de Deus no deser andava" foi em procissão até o salão da Assembléia.



Chegando lá, houve um tempo de silêncio para favorecer a atenção. No centro do palco foi colocada a Cruz, (cruz) em torno dela um grupo. Do lado esquerdo, foi colocada a Canga. (canga) O casal em baixo do jugo tinha o corpo curvado e a cabeça baixa; não podia se movimentar.

Começou então a apresentação do trabalho de discernimento.

Cada mini-assembléia (bloco de cinco grupos) apresentou no palco as faixas preparadas. Mostrando em silêncio o que estava escrito. Depois as faixas dos elementos alienadores da Religião Popular foram colocadas na Canga, (canga) junto com as palavras de Morte, (morte) antes já colocadas na celebração da manhã. Cada vez o casal ia se curvando mais profundamente sob o jugo da Canga, (canga) até se deitar no chão.

Da mesma maneira as faixas dos elementos libertadores contidos na Religião Popular foram apresentadas e colocadas na Cruz, (cruz) junto com as palavras de vida pronunciadas por Jesus no Evangelho, já colocadas na celebração da manhã. Quanto mais aumentavam os sinais, mais o povo erguia bem alto a Cruz. (cruz)

Durante esta encenação cantava-se:

Pobre unido é Pobre Forte
Tem de Jesus a bênção
Pobre sentido é um fraco
Carrega a Canga do Cão!

No fim, o povo unido em torno da Cruz, (cruz) libertou o casal esmagado pela Canga. (canga) Depois, no fim da tarde, foram retiradas todas as faixas da Canga, (canga) espalhadas no chão, para serem pisadas por todos os participantes, como sinal da nossa rejeição por tais contra-valores. Assim permaneceram até o último dia, onde só se via fragmento de papel ... lixo.

Tudo o que foi recolhido da Cruz (cruz) levou-se para o ofertório da Celebração Eucarística.

1. Sinais concretos históricos de alienação descobertos na convivência com o povo (que foram colocados na canga) (~~que foram colocados na Canga~~)

- Servilismo
- Conformismo
- Medo
- Aceitação do assistencialismo
- Fatalismo
- Consciência ingênua
- Magia
- Imobilismo
- Analfabetismo
- Paternalismo
- Providencialismo
- Falta de compromisso com a comunidade
- Promessas alienantes
- Promessas extravagantes

- Acomodação
- Desinteresse pela realidade
- Desvalorização própria
- Valorização da classe burguesa
- Crendice dos políticos
- Individualismo
- Falta de auto-confiança
- Espiritualismo
- Falta de fé nos pequenos
- Falta de senso crítico
- Dependência do poder político e religioso
- Medo do compromisso
- Clericalização do leigo
- Oração carismática
- Consumismo.

(2.) Sinais concretos históricos de libertação descobertos na convivência com o povo (que foram colocados na cruz)
(que foram colocados na Cruz)

- Esperança
- Mutirão
- Espontaneidade
- Valorização da mulher
- Acolhida
- Alegria
- Partilha
- Fé
- Vida
- União
- Criatividade
- Valorização da criança
- Fidelidade
- Escuta
- Participação do pobre
- Uso da palavra
- Autonomia: povo-sujeito
- Descoberta do valor da pessoa
- Organização própria
- Força das mulheres
- Luta e resistência
- Solidariedade
- Dia da irmandade
- Festas populares

- União e coragem nas lutas
- Meizinhas
- Sindicato livre
- Irmandade

(3.) Critérios a partir de sua experiência, onde a religião freia a caminhada do povo (que foram colocados na canga)
(que foram colocados na Canga)

- Religião desencarnada
- Conformismo
- Falta de mística
- Fixação na religião
- Falta de trabalho concreto para realizar a união
- Religião separada da vida
- Religião individualista
- Dominação dos líderes
- Manipulação por políticos ou por organizações políticas
- Divisão das comunidades
- Medo
- Discriminação
- Planejamento de cima para baixo
- Impaciência histórica
- Politicagem
- Movimento carismático
- Patrões dominando
- Assistencialismo
- Dominação dos agentes (donos da Igreja)
- Quando alimenta a competição
- Fatalismo
- Imposição
- Falta de diálogo povo/Igreja
- Não participação
- Individualismo
- Mito
- Sincretismo religioso
- Movimentos desencarnados
- Veneração pela autoridade e governo
- Imposições dos agentes
- Oração e movimentos desligados da vida
- Medo do poder dos grandes
- Magia em relação à saúde

- Superstições
- Religião Popular liderada pelos grandes.

(4.) Critérios, a partir de suas experiências, onde a religião ajuda a ~~libertação~~ do povo a caminhada libertadora do povo (que foi (que foram colocados na Cruz) colocados na cruz)

a) Sinais que libertam
- Religião unida à vida (encarnada)
- Organizações populares
- Oração e ação iluminada pela palavra
- Igualdade
- Reunião com referência à luta concreta
- Consciência de classe
- Iniciativa e criatividade
- Espírito de luta, austeridade, entre-ajuda
- Valorização da cultura popular
- Divisão de ministérios.

b) Condições que ajudam (estimulam)
- Organização - necessidades comuns
- Pobreza partilhada (abertura)
- Celebrações das lutas
- Confiança dos agentes
- Articulação com os vizinhos
- Ajudar a impedir a infiltração
- Garantir a autonomia
- Fazer crescer a fraternidade
- Valorizar as pessoas.

c) Critérios de libertação
- Quando cria espaço de dignidade
- Propostas assumidas pelo povo
- Povo sujeito de organização: ~~partir das necessidades~~
  - partir das necessidades
  - compromisso com riscos ~~compromisso com riscos~~
- Quando o chão se torna chão de lutas
- Quando desperta consciência crítica

~~#~~ Memórias da caminhada
- Fatos
- Pessoas ("Margarida")
- Experiências ("Romarias")

⇒ Consciência que esta caminhada está na Bíblia.

d) Critérios:
- Fé
- Práticas religiosas libertadoras
- Mensagens bíblicas
- Experiência de partilha (mutirão)
- Esperança - união - resistência
- Clamor do povo
- Atenção ao Plano do Pai
- Práticas comunitárias - organização do povo
- Caminhadas

⇒ A luta assumida é cruz levantada: caminho de libertação
⇒ A alienação é simbolizada pela canga, que pesa como jugo.

IV- Observações do Padre Humberto Plummen

(1º) Por mediação da cruz e da canga foram apresentadas duas opções de cu nho político, presentes na Religiosidade do Povo. Estas duas opções usam form religiosas, isto é, práticas religiosas semelhantes: romarias, terço, bendito procissões, etc.

A cruz representa o caminho da libertação, a canga a realidade da opressão. Por trás de formas religiosas semelhantes e até iguais, podem porta to, existir opções políticas opostas. O interesse por uma Religião do Povo que não seja alienante, implica, então em primeiro lugar, numa opção política-evan gélica, que se veste de expressões religiosas.

(2º) De acôrdo com as reflexões produzidas nos grupos, as características da Igreja popular, representada pela canga, são as seguintes:

- separa fé e vida
- falta-lhe mística (opção política)
- não tem uma prática concreta
- é assistencialista
- os seus agentes são donos.

Consequentemente, reina lá o fatalismo, a imposição, o medo, a sep ração entre o povo e seus líderes, e a veneração das autoridades.

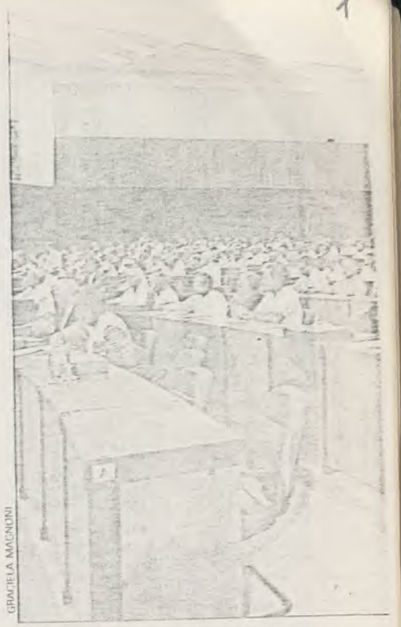
A Igreja - representada pela Cruz é entendida como sendo composta grupos autônomos, articulados (dimensão política), que partilha a pobreza, as tas e vitórias, promove a dignidade da pessoa e respeita as propostas do povo.

ISTOÉ SENHOR
SOCIEDADE

Seja feita a Vossa vontade

A política conservadora de João Paulo II está acima do bem e do mal. No Brasil resta confiar no Espírito Santo

VERA DE SÁ*



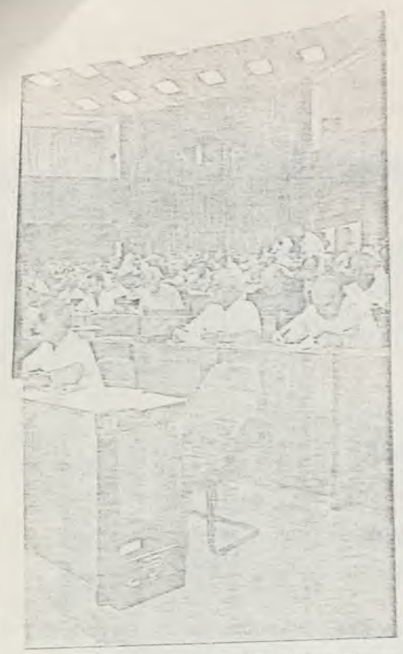
GRACIELA MACNONI

Roma locuta, causa finita: Roma fala, discussão encerrada. A fala de Roma do último dia 15 dividiu a arquidiocese de São Paulo em cinco. O arcebispo dom Paulo Evaristo Arns, duramente atingido pelo decreto do Papa – que praticamente reduz pela metade seu raio de ação, não discutiu. Obedeceu e declarou que tudo se dava "dentro de harmonia absoluta". Não há recurso. Como não houve quando outras falas indicaram ou transferiram bispos, num esforço claro de mudar o perfil progressista da Igreja brasileira. Que para defender seus traços das bulas de inspiração conservadora, nas palavras de um desalentado religioso, praticamente só conta com "a fé que o Espírito Santo ilumine o Papa". No momento, representantes das duas alas do clero no País estão sentados lado a lado em Itaici, na 27ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O tema central da pauta, tendo como horizonte um ano de eleições presidenciais, é "Exigências Éticas e Nova Ordem Institucional". O documento final certamente será leitura obrigatória para todos os candidatos.



Colaboraram: Carlos José Marques, do Rio, e Cynthia Peter, de Brasília

Os 280 bispos presentes à Assembléia vão participar das decisões finais do encontro votando por um moderno sistema computadorizado. Esse tipo de exercício parece ser estranho ao processo de elaboração das falas de Roma, que vem sendo chamado de autoritarismo do Vaticano. A divisão da Arquidiocese de São Paulo, por exemplo, contrariou a vontade expressa de dom Paulo (que queria dioceses interligadas), da grande maioria do clero paulistano e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). E deixou claro o peso da hierarquia na estrutura de poder da Igreja. Os decretos do Papa





O Papa
Em Itaici (à esq.) os bispos do País debatem democracia

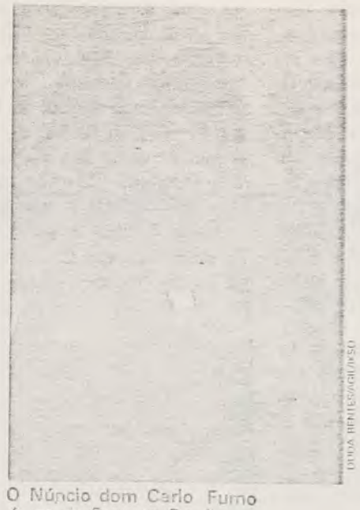
não ferem o Direito Canônico. Ferem uma prática democrática iniciada com João XXIII e consolidada com Paulo VI. Agora Roma tem falado muito e ouvido pouco. Ou melhor, parece ter desenvolvido bem mais a audição do ouvido direito.

No Brasil, os representantes mais notáveis dos influentes conservadores são o Núncio Apostólico, dom Carlo Furno, o arcebispo do Rio, dom Eugênio Sales, e o de Salvador, dom Lucas Moreira Neves. O avanço dos conservadores no atual pontificado não é exclusividade brasileira. Nem a Europa escapa. Os progressistas, se não têm meios de discutir, ao menos começam a fazer barulho. Um grupo de 163 teólogos de língua alem vulgou em janeiro a "Declaraçã Colônia", criticando o centralism exercício de poder do Vaticano, de qualificar algumas das m impostas a Igrejas particulares d candalosas". Agentes pastorais gos, religiosas e padres do bairro listano de São Miguel elaboraram cumento similar após a divisã São Paulo. E o vereador petista lino Tatto, ligado às CEBs, apr tou uma moção na Câmara M pal de solidariedade a dom Paul "estranheza" pela decisão do cano. Esta foi a segunda e defi versão. Na primeira, um asses vereador, atento ao espírito da sagem mas descuidado na letra giu uma moção "de repúdio Santidade o Papa".

Os atos de João Paulo II apontando para uma tentativa vez menos sutil de reverter uma dência da Igreja definida no Co Vaticano II, encerrado em 65. derivou a maior participação de na Igreja, a opção preferencial pobres, a prática de o Papa tom cisões mediante consulta a colé de bispos. Para a América Lat grande marco foram as confer

do Episcopado de Medellin, em 68, e de Puebla, em 79. O peruano Gustavo Gutierrez elabora a Teologia da Libertação, que considera que o homem não pode ser desencarnado de sua realidade concreta, ao contrário do espiritualismo conservador que diz apenas "salva tua alma".

João Paulo II, eleito em 78, começou seu pontificado com certa timidez. O tempo o tornou mais solto. Para ficar só na interferência que tem exercido no Brasil, vanguarda das Igrejas latino-americanas, pode-se listar a proibição de missas populares, proibição da publicação da suma teológica da Teologia da Libertação, imposição de manuais nas faculdades de Teologia, substituição de bispos progressistas por conservadores. Tiveram repercussão internacional o "silêncio obsequioso" imposto ao teólogo Leonardo Boff em 86 e as advertências a dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia. No ano passado, dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB e até então provável sucessor de dom Paulo, foi praticamente exilado com sua transferência de São Paulo para a pequena Mariana, em Minas Gerais, a 120 quilômetros do aeroporto mais próximo.



O Núncio dom Carlo Furno
A voz do Papa no Brasil

Na sua visita ao País em 80, João Paulo II chegou a ter na sua programação uma visita ao 2º Exército, um dos símbolos da repressão do regime militar. Esta os progressistas conseguiram evitar.

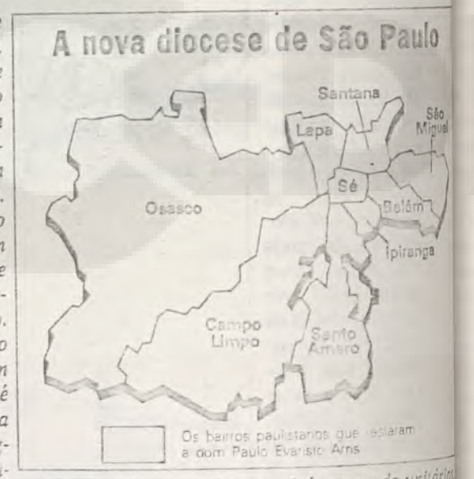
Embora representem a maioria numérica do clero brasileiro, eles não têm muitos recursos para garantir a continuidade da linha pastoral que adotaram. Não cabem apelações às decisões do Papa. Além de confiarem no Espírito Santo, os progressistas esperam que o nível de consciência e organização das comunidades seja pressão suficiente para que o conceito que considera a fome, miséria, opressão política e desigualdade social elementos escravizadores não se esvazie. Às vezes a simples realidade dos fiéis é suficiente. É muito lembrado o caso de dom Patrick Hanrahan que, designado para adotar uma linha mais conservadora em Conceição do Araguaia (PA), foi, viu e hoje forma entre os progressistas. Mas o tempo corre contra. Enquanto o Papa fica no cargo até o fim da vida, os bispos têm um final de carreira definido. Dom Paulo por exemplo, daqui a oito anos terá de apresentar sua renúncia a João Paulo II, por atingir a idade limite de 75 anos. A possibilidade de conseguir fazer seu sucessor é cada vez mais remota. Tem mais chance de ganhar o Nobel da Paz 89, para o qual já foi indicado.

Há consenso de que neste jogo de forças a radicalização até um cisma está fora de questão. Curiosamente, este tipo de problema se apresenta mais no extremo oposto. O tradicio-

Como dom Paulo foi derrotado

Dom Paulo Evaristo Arns, sob o incentivo do Papa Paulo VI, planejou no começo dos anos 70 uma forma de organização para São Paulo nos moldes da que o cardeal Marty implantou em Paris. Para atender à grande cidade, dividiu a arquidiocese em regionais, cada uma sob responsabilidade de um bispo-auxiliar a ele subordinado. A linha pastoral seguida era uma só. Dom Paulo, há quatro anos, pediu a João Paulo II que as regiões fossem transformadas em dioceses interligadas, formando uma província eclesiástica. O Papa disse não. Dom Paulo pediu então que seus bispos-auxiliares fossem mantidos à frente das novas dioceses. O Papa disse não.

Um dos expoentes dentro do clero progressista brasileiro, dom Paulo tinha influência sobre aproximadamente 14 milhões de pessoas. Esse número agora cai para 7,5 milhões. Ficam fora de sua alçada também 70% das Comunidades Eclesiais de Base, além de 156 paróquias. E 361 padres deixam de responder a ele. Na nova diocese do bairro de São Miguel, sai dom Angélico Bernardino e entra dom Fernando Legal. Na de Santo Amaro sai dom Antonio Gaspar e entra dom Fernando Figueiredo. Na de Campo Limpo, sai dom Fernando José Penteado e entra dom Emilio Pignoli. Na do município de Osasco, permanece dom Francisco Manuel Vieira.

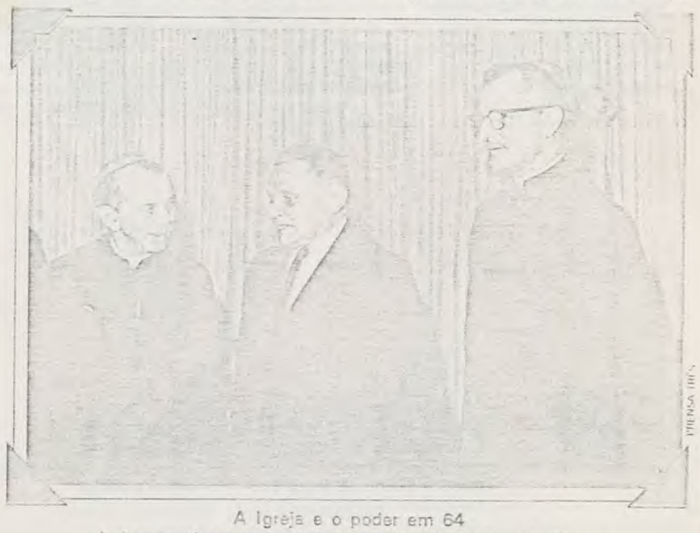


Além de atingir dom Paulo, que fica com a Sé, Lapa, Santana, Ipiranga e Belém, os decretos do Papa devem pôr em risco ações mais eficientes sobre problemas que dizem respeito a toda a cidade, como o transporte, moradia, saúde e educação, que vinham sendo unitárias comunicar a decisão do Vati aos padres da arquidiocese, Paulo disse: "Eu sei que muit tão machucados, aflitos, perpl Eu também. Mas eu sei que a rança se nutre exatamente d lema de dom Paulo é Ex spein s De esperança em esperança.

Histórias de bispos notáveis

Há quem diga que, na Igreja brasileira, ninguém nasce conservador ou progressista e ter esta ou aquela posição não significa mantê-la eternamente. Ao sabor de circunstâncias sociais, econômicas e políticas, padres que já pensaram em salvar o homem na Terra passam a se dedicar exclusivamente à salvação do homem no Céu. O contrário também ocorre. Dom Paulo Evaristo Arns, por exemplo, no início da década de 60, estava em Petrópolis, no Rio – ainda distante da chamada ala progressista da Igreja. Pertencia à Editora Vozes, na época reconhecidamente conservadora. Dom Paulo foi transferido para São Paulo – onde tornou-se um dos principais símbolos na luta pelos Direitos Humanos e contra o autoritarismo do golpe de 1964.

Se existe um dom Paulo pré e pós 64, há também um dom Eugênio Salles – que seguiu a linha inversa. Na época do golpe de 64, dom Eugênio estava em Natal, no Rio Grande do Norte. Lá, era considerado um radical por seu trabalho pastoral em educação de base. Hoje, no Rio, dom Eugênio é tido como um conservador representante do conservadorismo. Quem era a figura de maior projeção no Rio no início dos anos 60? Era dom Hélder Câmara, um dos fundadores da CNBB. Dom Hélder já tinha integrado as fileiras integralistas. Em 1964, dom Hélder



A Igreja e o poder em 64
A visita cortês de dom Hélder e dom Eugênio a Castello Branco

nalista Marcel Lefèbvre tem atitudes de franco desafio ao Vaticano. Enquanto os progressistas querem continuar inspirando-se nos princípios estabelecidos pelo Concílio Vaticano II, Lefèbvre e seguidores como o brasileiro dom Antonio de Castro Mayer querem ser fiéis ao Concílio de Trento. As deliberações de Trento foram feitas no século XVI.

Em 1989 a CNBB escolheu discutir em sua assembléia a ética exigida por uma ordem democrática. O texto-base foi elaborado por uma comissão presidida por dom Afonso Gregori, bispo de Imperatriz, no Maranhão. O tom pende para os progressistas. Os dois pontos defendidos como fundamentais são a liberdade pessoal e a solidariedade coletiva. Segundo dom Afonso, "a nível sócio-econômico as estruturas são profundamente injustas e a ordem democrática não pode conviver com uma sociedade em que a maioria é marginalizada".

Sem citar nomes, dom Afonso deriva o candidato presidencial que os cristãos devem preferir: "Um critério importante na escolha é saber até que ponto o candidato está comprometido com o bem comum e não com grupos de interesses. Candidato contra a reforma agrária não merece voto. Um por cento de proprietários detém 50% das terras tituladas no País. Isto é a negação da democracia." Outro membro da Comissão, dom Antonio Cheuiche, bispo-auxiliar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, diz qual a expectativa quanto ao tratamento da dívida externa: "Moralmente, o povo não tem de pagar o que não tem."

Ainda durante a assembléia, que vai até o dia 14, a Comissão Episcopal de Doutrina, presidida por dom Aloísio Lorscheider, deve termin documento sobre "Aparições, re ções e vozes", dando a definiçã qual atitude doutrinal deve ser mada diante desses fenômenos naturais. A posição da Igreja é extrema reserva em reconhecer e fenômenos. Mas o fato de mer um documento não é tão espant nos últimos cinco anos, os casos n normais de aparições, revelaçõe vozes que são reportados aume ram espantosamente no Brasil. D Valfredo Tepe, bispo de Ilhéus, na hia, membro da Comissão que ana os casos, suspeita que haja fenô nos sociológicos atrás desta profu de aparições: "Uma situação de futuro, de desespero, faz com muitas vezes as pessoas recorra situações messiânicas. Quando t está perdido se pega a religião nu linha excessivamente emocional."



Dom Valfredo Tepe
Vendo desespero nas aparições

A CNBB tem criado tradição de u direção progressista. Certamente em todos os campos. Ruidoso u sono se ouviu recentemente quan recomendou aos cristãos evitarem filme *A Última Tentação de Cri* qualificado como "blasfemo". CN *locuta* mas a discussão está longe estar encerrada.

foi visto pelos militares como um forte inimigo a combater. Conta-se, no entanto, que logo após a posse do marechal Humberto de Alencar Castello Branco, dom Hélder e dom Eugênio encontraram-se com ele. Embora fossem contra o regime já no ano seguinte, teriam manifestado certa simpatia pelo movimento quando ele tomou o poder. Hoje, dom Hélder desenvolve uma linha pastoral assistencialista em Recife, onde é venerado. Fez sucesso, também, sua participação no programa da TV Globo, Domingão do Fau tão.

Também nos anos 60, o atual pr maz do Brasil, dom Lucas Morei Neves, então em São Paulo, era co siderado um progressista. Nos bast dores da Igreja, comenta-se que a ir para o Vaticano tornou-se um d líderes da política conservadora d Papa em relação ao Brasil – ele t ria desempenhado papel de destaqu na transferência do presidente d CNBB, dom Luciano Mendes de A meida, para a cidade de Mariana em Minas Gerais. Dom Paulo qu ria fazer de dom Luciano, conside rado progressista, seu sucessor. E São Paulo, em 64, liderava a Igrej dom Carmello Motta, ligado ao jor nal Brasil Urgente, *dos dominica nos. Por isso, foi transferido para cidade paulista de Aparecida d Norte. Discute-se ainda hoje, um possível interferência do genro d Mussolini, Galeazzo Ciano, na no meação de dom Carmello a cardeal nos anos 40. Dom Carmello teria assim, passado da ala conservador para a progressista.*



Galeazzo Ciano (à esq.) com Mussolini e Hitler
Influência no cardinalato de dom Carmello no Brasil?

JORNAL DO BRASIL
Data: 11/04/89
Caderno 1.º Pág.

D. Luciano acha melhor criança sem fome que igreja preservada

MARIANA, MG — Se no futuro existirem em Minas igrejas barrocas bem conservadas maravilhando turistas, ao lado delas crianças passando fome, teremos agido errado. Esta colocação foi feita pelo arcebispo desta Arquidiocese e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Luciano Mendes de Almeida, durante a abertura, sábado, nesta cidade, do 1º Encontro de Prefeitos de Cidades Históricas de Minas, que debateu problemas da preservação das cidades coloniais mineiras. Participou o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira.

Aplaudido repetidas vezes e apoiado por murmúrios de aprovação da platéia, D. Luciano falou depois do ministro da Cultura — que lembrou ser a preservação dos monumentos históricos, pelo Artigo 23 da nova Constituição, "uma responsabilidade que envolve governo federal, estadual e municipal". O presidente da CNBB cobrou do prefeito de Mariana, Cássio Brigolini Meme — um estudante de engenharia de 23 anos, que idealizou o encontro — água tratada, esgotos e assistência social para os moradores pobres da periferia da cidade, a mais antiga de Minas.

Dente de Ouro — "Não podemos gastar dinheiro, refazendo igrejas e chafarizes e deixar o povo passar fome. Não vamos colocar um dente de ouro numa dentadura quebrada"; pregou o arcebispo, que está à frente da Arquidiocese de Mariana, a mais antiga do Brasil. Há seis meses como sucessor de D. Oscar de Oliveira. D. Oscar se preocupava sobretudo com o lado cultural de sua Arquidiocese, tendo criado o maior museu de imaginária do país e o Museu de Música. No fim de seu arcebispado, construiu um luxuoso palácio para residência episcopal.

D. Luciano afirmou que o palácio — construído ao lado do jardim no centro de Mariana, onde foi realizado o encontro — foi erguido por D. Oscar para que o pastor pudesse ficar ao lado das crianças pobres que brincam na praça. "Agora, vou completar a obra dele e trazer as crianças desnutridas para dentro desse palácio, para que elas usufruam também disso tudo. Estamos preocupados com elas mais do que com nossas igrejas barrocas", completou D. Luciano.

Além do próprio prefeito de Mariana, compareceram ao encontro prefeitos de cidades históricas como Diamantina, Sabará e Serro. O ex-prefeito de Congonhas, Gualter Monteiro — que em seu mandato teve desentendimentos com Dom Oscar, quando este levou para Mariana peças do acervo da basílica do Bom Jesus para uma exposição — não pôde fazer a palestra programada, porque membros de sua família sofreram acidente.

Arcebispo proíbe jejum em Porto Alegre

PORTO ALEGRE — O arcebispo da capital gaúcha, dom Cláudio Colling, proibiu o jejum de 24 horas diante da catedral Metropolitana, no centro da cidade, programado por cerca de 200 religiosos e leigos da ala progressista da Igreja. Ele ameaça fechar os portões do templo, caso os manifestantes insistam em ocupar as escadas e o átrio para realizar o protesto. Líderes do movimento anunciavam que farão o jejum na Praça da Matriz, na calçada oposta à catedral.

A manifestação está sendo organizada por membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e por colaboradores do Movimento dos Sem-Terra do estado, em solidariedade aos dois padres e quatro colonos, que, após serem expulsos da Assembléia Legislativa e rejeitados pela Câmara Municipal, acamparam defronte do Sindicato dos Bancários, fazendo greve de fome em defesa da reforma agrária.

Ao contrário do que foi divulgado, o presidente da Regional Sul da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria, negou o envolvimento da entidade na organização do ato na catedral. Segundo ele, a CNBB não tem qualquer participação na manifestação, acreditando que "é um ato de apenas alguns religiosos e leigos".

JORNAL DO BRASIL
Data: 22/04/89
Caderno 1º Pág.

x-vigário denuncia ameaça de Darli

RIO BRANCO — A dois metros do juiz da 1ª Vara Criminal de Rio Branco, José Gercino da Silva, em um canto da sala de audiência, o fazendeiro Darli Alves da Silva, acusado de co-autor da morte do líder sindical e ecologista Chico Mendes, fez o seguinte pedido ao ex-vigário de Xapuri e ex-padre Gilson Pescador: "Se o senhor me ajudar a sair dessa, garanto que o senhor o meu pessoal não vai matar".

Imediatamente, o ex-padre comunicou o fato à advogada da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Sueli Aparecida Bellato, que vem atuando como assistente de acusação, e ao promotor João William da Silva, que consideraram isso uma ameaça da "maior gravidade". Para efeito legal, o promotor e sua assistente aconselharam que o ex-padre faça uma representação ao Ministério Público. Temendo por sua segurança pessoal, Gilson Pescador disse que vai reunir-se com seus companheiros de Xapuri para decidir se pede ou não proteção policial.

Revoltado com o que qualificou de "atrevimento" do fazendeiro, o ex-padre contou que, depois da audiência das testemunhas de defesa, um dos advogados de Darli Alves da Silva e de seu filho Darci procurou-o dizendo que Darli queria conversar. Pescador disse que não tinha nada a falar com o fazendeiro, mas foi aconselhado pela advogada Sueli Bellato a aceitar a proposta. Gilson aceitou e, segundo ele, deu-se o seguinte diálogo, num canto da sala de audiências, na presença do advogado Norival Valadão:

— Padre, se o senhor me ajudar a sair dessa, o senhor sabe que eu tenho controle sobre o meu pessoal e lhe garanto que o senhor o meu pessoal não vai matar — disse Darli.

Ao que o ex-padre respondeu:

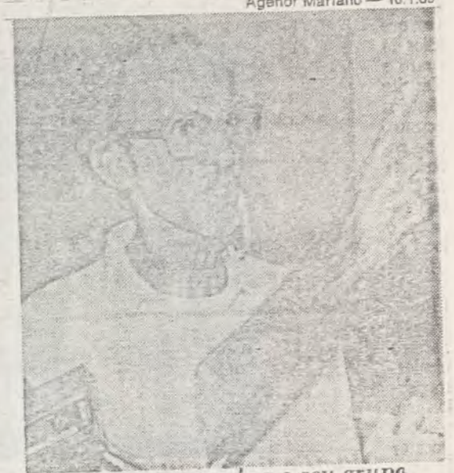
— Não posso fazer nada, espero que se faça justiça.

— O senhor poderia então chamar o bispo Dom Moacir. O senhor sabe que sou um homem religioso — acrescentou Darli.

— Então, reze muito a Deus — respondeu o ex-padre, encerrando a conversa.

Segundo Gilson Pescador e a advogada da CUT Sueli Bellato, além da ameaça, o fato vem comprovar que o fazendeiro Darli Alves da Silva, mesmo de dentro da penitenciária do estado, exerce influência sobre o grupo que chamou de "meu pessoal", que continua impune e seguindo os passos de outros líderes sindicais.

Agenor Mariano — 10.1.89



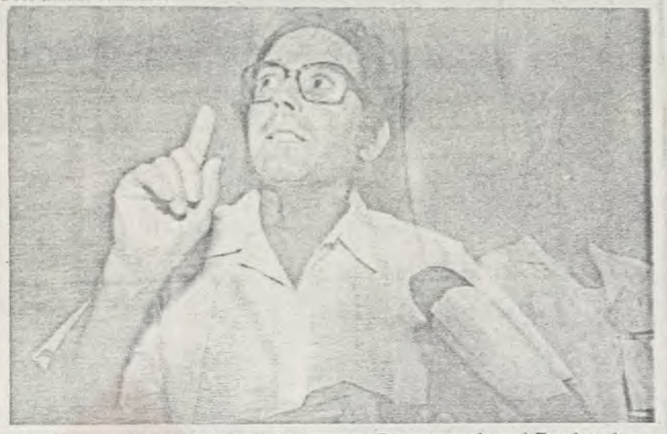
Darli, preso, manobra o seu grupo

A advogada e assistente da promotoria Sueli Bellato revelou também que, no começo da semana, estiveram em Xapuri dois advogados de Goiânia, Jaime Olímpio e Decil da Silva Abreu, enviados pela União Democrática Ruralista (UDR), para inteirar-se do processo sobre a morte de Chico Mendes e ajudar os advogados do fazendeiro Darli Alves da Silva e do filho Darci.

— Se até então o próprio Darli e a UDR negavam que tinham quaisquer relações, a vinda desses dois advogados vem demonstrar a conivência do fazendeiro e da entidade no assassinato de Chico Mendes — disse Sueli.

TRIBUNA DA IMPRENSA
Data 12/04/89
Caderno 1º Pag.

Foto Liliane Tambasco



Adolfo Pérez, Nobel da Paz em 80, lança no Rio campanha pró Evaristo Arns

Pérez lança campanha pró Arns para o Nobel

"Graças a sua intervenção vidas foram salvas. Crianças sequestradas e pessoas desaparecidas durante a ditadura da Argentina foram recuperadas através de seu trabalho solidário com outros povos. Deu apoio a centenas de refugiados latino-americanos que tiveram que fugir de seus países devido às perseguições políticas como também levou apoio e consolo a presos torturados." Com esta justificativa o vencedor do prêmio Nobel da Paz de 1980, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, lançou ontem na Universidade Estadual do Rio (Uerj), a campanha pró-candidatura do cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, para concorrer com mais 300, ao Nobel da Paz deste ano.

Pérez, por ser vencedor do prêmio, por sua luta pelos Direitos Humanos durante a ditadura no seu país e coordenador do Serviço de Paz e Justiça na América Latina (Serpaj-AL) pode, de acordo com o regulamento do Comitê Nobel, sediado em Oslo, indicar o nome do cardeal. Segundo Pérez, que já no último dia 25 de dezembro enviou sua indicação através de uma carta ao Comitê, foram três os motivos que o levaram a indicar o arcebispo e o primeiro católico a concorrer ao prêmio: primeiro, pelo seu trabalho permanente em Defesa do Direitos Humanos e da Paz entre os povos latinos; pela busca à integridade da criação somada a Justiça. E por último por denúncias permanentes contra a tortura em todos os níveis, o que levou grandes personalidades em toda a América Latina a elegê-lo primeiro presidente do Comitê Internacional para a Prevenção da Tortura nas Américas (CEPTA).

Pérez ressaltou que foi com muita humildade que o cardeal de São Paulo recebeu a notícia de sua indicação para o prêmio. O ganhador do Nobel da Paz será anunciado em outrubro e a cerimônia de entrega será realizada em dezembro, data em que se comemora o aniversário da morte de Alfred Bernhard Nobel, inventorda dinamite que legou toda sua herança para o Fundo Nobel. Os prêmios, segundo normas do Comitê, são outorgados anualmente em seis áreas diferentes, entre elas: física, química, literatura, economia e paz. Para Adolfo Pérez, o cardeal Arns "é a consciência moral-ética dos povos da América Latina", revelou.

Após o lançamento da campanha, Adolfo Pérez discursou para um auditório lotado sobre a Divida Externa e Direitos Humanos, ressaltando sempre que ambos não podem caminhar separados. Pérez defendeu a tese de que para se falar em Direitos Humanos é preciso primeiro falar em fome, crianças que vivem na rua, educação, informação e saúde e, principalmente, participação de todos. Para Pérez, compreender Direitor Humanos é compreender democracia, já que esta é participação popular.

JORNAL DO BRASIL
Data 17/03/89
Caderno 1º Pág.



D. Eugênio celebrou a missa da Páscoa na Igreja de N.S. de Copacabana

'Igreja não é democracia'

Dom Eugênio diz que autoridade vem de Deus, não das bases

"A Igreja católica não é uma democracia", disse, com todas as letras, o cardeal Eugênio Sales após a missa de Páscoa que celebrou, ontem de manhã, na igreja de Nossa Senhora de Copacabana. Já durante a celebração, pregando para os mais de mil fiéis que lotavam o templo, o prelado afirmara que "a autoridade que governa a Igreja vem de Deus e não das bases".

A TV Educativa transmitiu a cerimônia, inaugurando o novo programa que irá ao ar aos domingos às 9h, para todo o país, com o nome de *A santa missa*. As luzes e os equipamentos e a presença dos jornalistas causaram estranheza à empregada doméstica Raimunda Lopes Rodrigues, 36 anos, do Ceará, e que trabalha há um ano em Copacabana: "Estão filmando? Tirando o retrato?", quis saber.

Raimunda era uma das pessoas que aproveitaram o espaço da Capela do Santíssimo, separada da matriz só por uma porta movediça e que ontem foi aberta para permitir a entrada das pessoas que de outra forma teriam de ficar do lado de fora. Ela como tantos outros fiéis, que ocuparam corredores e parte do saguão, ficou de pé o tempo todo.

Não houve empurra-empurra nem atropelos e ninguém arredou pé antes que o cardeal deixasse o altar. Dom Eugênio saiu pelo centro da igreja, abençoando os fiéis que se comprimiam no corredor para vê-lo mais de perto. Levava na mão esquerda o báculo e na cabeça a mitra (espécie de chapéu alto com duas pontas) — símbolos da autoridade máxima, que os papas, bispos e abades começaram a usar na alta Idade Média.

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro defendeu o princípio de autoridade divina na Igreja Católica afirmando que esta "está fundada na Ressurreição e nos ensinamentos de Jesus Cristo". E, partindo do princípio de que "a verdade cristã está fundada na rocha", defendeu também a tese de que "só pertence à Igreja aquele que aceita seus ensinamentos", esclarecendo que estes são os mesmos de Jesus Cristo.

Procurado pelos jornalistas na sacristia, depois da celebração, o cardeal voltou a dizer que, por ter sido fundada por Jesus Cristo, "a Igreja não nasce das bases" e que, mesmo "dentro do Povo de Deus, existe uma hierarquia", e é aí que assenta o princípio de autoridade. Dom Eugênio fez, contudo, uma distinção entre o poder temporal e o espiritual: "Os homens que governam o mundo governam para dominar, mas os que governam a Igreja o fazem para servir, procurando sempre o que é melhor para as bases".

JORNAL DO BRASIL
Data: 16/09/89
Caderno 1º Pág. 07

O mecenato das ordens religiosas

Uma intensa vida cultural em Ouro Preto era sustentada pela Igreja, que patrocinava a criação de obras de arte

Miguel Sodré

BELO HORIZONTE — O principal surto artístico-cultural ocorrido na Capitania das Minas Gerais nas últimas décadas do século 18 coincidiu com o processo de decadência econômica da região, agravado pelo recrudescimento do controle exercido pela coroa portuguesa sobre a extração e o comércio do ouro, um dos fatos geradores da Inconfidência Mineira. Sustentada pelas irmandades e ordens terceiras, a produção cultural do período de articulação do movimento estava ligada à Igreja e ao Estado, os controladores dessas organizações religiosas de leigos que proliferavam em Vila Rica (atual Ouro Preto) e em outras localidades.

Praticamente toda a produção cultural da época, nas áreas do teatro, da música, das artes plásticas e da arquitetura, está relacionada às irmandades e ordens terceiras, segundo a historiadora mineira Cristina Ávila, que atualmente cursa o mestrado em artes plásticas da Universidade de São Paulo (USP). A essas organizações, cujos estatutos eram submetidos à aprovação do bispo, podem ser atribuídas a encenação de peças na Casa da Ópera de Vila Rica, a produção de músicas sacras pelos compositores da região e também a construção e o acabamento requintado das imponentes igrejas de Ouro Preto.

As irmandades e ordens terceiras propiciavam a participação de elementos marginalizados na vida social da capitania através das manifestações artístico-culturais. "O período da Inconfidência era de muita efervescência, e as irmandades funcionavam com um sistema de obscurecimento das diferenças sociais. Havia organizações de brancos, mulatos e até de negros. Elas serviam para escamotear a realidade, mas permitiam que os marginalizados participassem da vida social", explica Cristina Ávila.

Aliada ao surgimento das irmandades e ordens terceiras, a historiadora aponta a própria estrutura da sociedade mineira da época como um dos fatores responsáveis pelo florescimento da atividade artístico-cultural no período da Inconfidência Mineira. "As atividades produtivas e administrativas em cidades como Vila Rica possibilitaram o aparecimento de camadas sociais intermediárias que romperam o tradicional binômio senhor/escravo. Essas camadas eram constituídas de comerciantes, funcionários e outros trabalhadores livres, entre eles os artesãos e artistas", afirma Cristina. Além disso, por ser menos estratificada, a sociedade mineira da época possibilitava ao mulato e ao negro uma certa ascensão social.

Essa abertura da sociedade à participação de elementos oriundos de camadas sociais inferiores era reforçada pelo extraordinário crescimento de Vila Rica, que em determinado período do século 18 chegou à condição de segunda cidade da América Latina, conforme a historiadora. "A vida urbana em Vila Rica propiciou a riqueza da vida artística do período. Eram realizadas muitas festas, motivadas por fatos como o nascimento de uma criança, a visita do bispo, um batizado e até a morte de alguém. As festas e a produção artística atenuavam as tensões sociais decorrentes da decadência política econômica", diz Cristina. Segundo ela, a própria morte de Tiradentes foi comemorada com uma festa em Vila Rica.

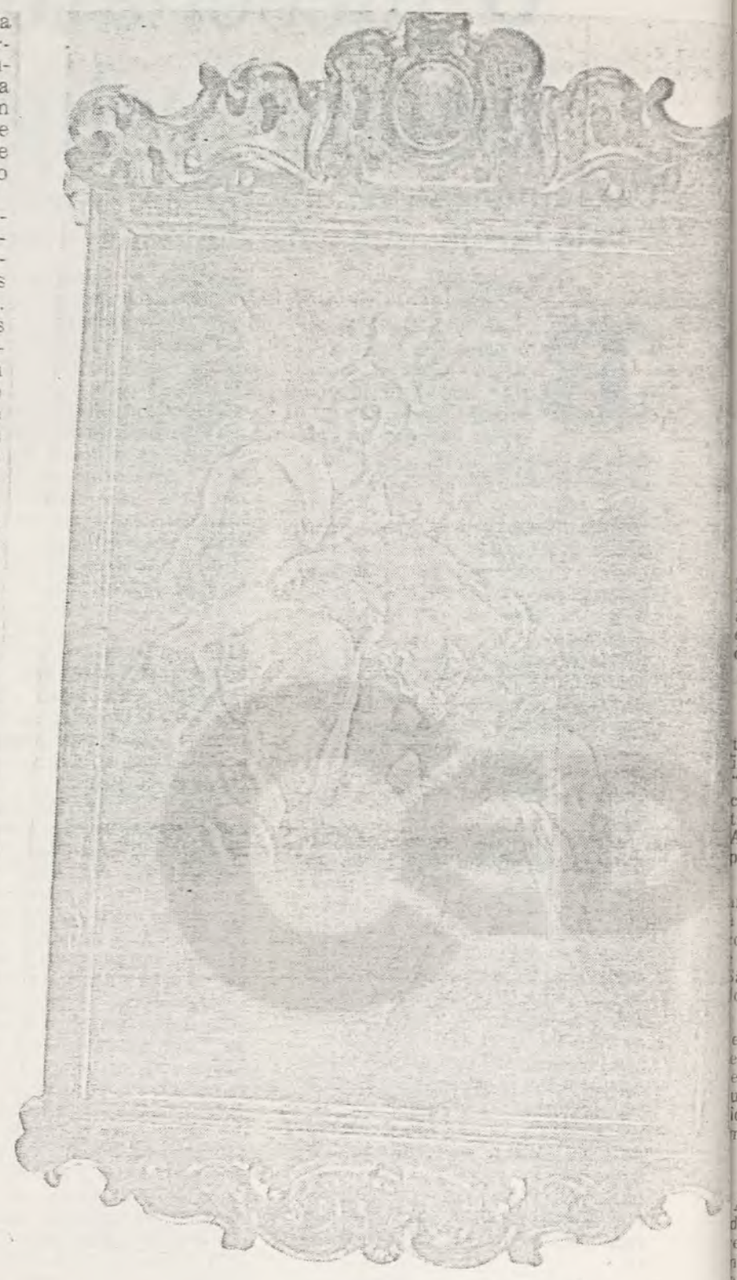
Embora ressalte que não existem documentos suficientes para retratar com fidelidade a atividade teatral e musical do período, Cristina Ávila afirma que essas manifestações artísticas ocorreram em Vila Rica e dotaram a cidade de uma vida cultural movimentada. "A própria Casa da Ópera é um testemunho de que eram encenadas peças de teatro e outras representações. Muitas peças eram montadas pelas irmandades e encenadas por seus membros", atesta. Uma das

JORNAL DO
Data: 16/04
Caderno 1º P

peças apresentadas na Casa da Ópera baseou-se no poema **O parnaso obsequioso**, de autoria do inconfidente Cláudio Manoel da Costa, e foi exibida em 1768 em comemoração ao aniversário de Dom José Luís de Menezes, que governou a capitania antes do Visconde de Barbacena.

A produção musical das últimas décadas do século 18 também não foi modesta, mas muitas partituras de compositores de obras sacras desapareceram. Segundo a historiadora, dois compositores devem ser destacados no período: José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita e Francisco Gomes da Rocha, que atuavam na região de Rio das Mortes (atual São João Del Rey) e deixaram numerosas partituras de composições sacras. "Além da riqueza deixada pelos compositores locais, sabe-se da visita de músicos e cantores líricos estrangeiros a Vila Rica", acrescenta Cristina.

Entretanto, a produção cultural do período pode ser mais bem apreciada através das obras arquitetônicas que fazem de Ouro Preto um cenário vivo da história. Construídas pelas irmandades e ordens terceiras e internamente acabadas por artistas do quilate do Aleijadinho e Mestre Ataíde, as igrejas da Vila Rica constituem o mais completo testemunho da pujança da produção artístico-cultural da Capitania de Minas no final do século XVII. Além das igrejas, uma das obras mais representativas do período é a Casa da Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência), cuja construção foi iniciada em 1785 e concluída em meados do século seguinte. Segundo a historiadora, em sua obra Cartas chilenas, Tomás Antônio Gonzaga conta que o edifício foi construído pelos próprios presidiários e por negros que tinham sido punidos com trabalhos forçados.



TRIBUNA DA IMPRENSA
Data 14 / 04 / 89
Caderno 1º Pag. 04

Argemiro Ferreira

Dom Paulo e o Nobel da Paz

A concessão do Prêmio Nobel da Paz ao cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, como está pleiteando o argentino Adolfo Prez Esquivel, teria ainda outro mérito - o de reparar, de alguma forma, a injustiça que foi a não concessão do esmo prêmio, nos tempos duros da sangunária ditadura Médici, ao então arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara.

Em 1970, essa chegou a ser uma das grandes esperanças da oposição brasielira, num momento em que se torturava e matava nos porões da ditadura militar. Para euforia dos torturadores, no entanto, o Comitê Nobel de Oslo preferiu poupar esse embaraço aos generais brasileiros, preterindo dom Helder em favor do norte-americano Norman Borlaug.

Essa decisão de quase 20 anos atrás também encantou o governo do então presidente norte-americano Richard Nixon, que protegia a linha dura militar latino-americana e preparava golpes semelhantes ao do Brasil em outros países - entre eles o que destruiu em 1973 a democracia chilena.

• • •

Perez Esquivel expõe de forma convincente os motivos que o levam, como ganhador no passado recente, a indicar o nome de dom Paulo para o Nobel da Paz: "Graças à sua intervenção (do cardeal de São Paulo), conseguiu-se salvar vidas e recuperar crianças seqüestradas e pessoas desaparecidas durante a ditadura na Argentina, através do trabalho solidário com outros povoss."

E mais: "Deu apoio a centenas de refugiados latino-americanos que tiveram que fugir de seus países devido à perseguição política, como também levou apoio e consolo a presos e torturados. Denunciando as injustiças e violações dos Direitos Humanos, sua ação pastoral em São Paulo adquiriu uma orientação definida em favor dos setores populares mais pobres e necessitados".

Observa ainda Perez Esquivel que a a longa trajetória de dom Paulo a serviço dos povos da América Latina está marcada pela sua presença junto aos mais pobres e necessitados: os favelados, os operários, os camponeses que chegam à cidade em busca de melhores condições de vida, os prisioneiros que vêem no cardeal Arns um amigo, uma esperança e consolo nas suas angústias".

• • •

Apesar da importância dessa indicação feita por Adolfo Perez Esquivel, a chamada grande imprensa prefere minimizá-la. Acho especialmente significativa a omissão das organizações Globo, que nem sequer registraram a presença esta semana no Rio do argentino que conquistou o Nobel da Paz pelo seu trabalho em favor dos Direito Humanos. O jornal O Globo, por exemplo, não publicou uma única e escassa linha a respeito do assunto - embora tenha saído até editorial de primeira página, há pouco tempo, para condenar mensagem enviada pelo cardeal Arns ao presidente cubano Fidel Castro.

A atitude de O Globo, no entanto, apenas repete o que vinha acontecido durante a ditudura militar, quando liderou a campanha de difamação contra dom Hélder Câmara, simplesmente para agradar os então detentores do poder. Como o cardeal de Olinda e Recife denunciava ao mundo os crimes da ditadura, o jornal do doutor Roberto Marinho acusava-o de denegrir a imagem do Brasil no exterior.

Esse tipo de serviço prestado à ditadura militar parece ter sido inteiramente esquecido pelo doutor Roberto Marinho, que em recente resposta ao jornalista norte-americano Richard Harwood, que se referiu no jornal The Washington Posto, aos vínculos espúrios das organizações Globo com o regime de 64.

• • •

A concessão do Nobel da Paz a dom Paulo seria, assim, tem também um sabor de reparação da grande injustiça passada - talvez cometida pelo Comitê Nobel de Oslo devido, ao menos em parte, as pressões partidas da ditadura brasileira, com a cobertura de O Globo.

Mas nem por isso estamos autorizados hoje a alimentar muita esperança. Os antecedentes mostram que o Nobel da Paz tem sido contraditório. A tendência natural, na fase aguda da guerra fria, costumava sujeitar-se aos interesses do Ocidente no confronto com os soviéticos.

Mesmo assim, houve premiações que escaparam a tal manipulação. Como a da sueca Alva Myrdal e do mexicano Alfonso Garcia Robles em 1982, sem falar no próprio Adolfo Perez Esquivel, na Anistia Internacional, no Fundo da ONU para a Ajuda aos Refugiados, na Unicef, Cruz Vermelha, etc.

• • •

A regra geral, infelizmente, tem sido melancólica. Como esquecer, por exemplo, que em 1906 o Nobel cometeu a leviandade de contemplar a figura grotesca de Theodoro Roosevelt, exatamente o presidente norte-americano que inventou a política do big stick e a diplomacia das canhoneiras, em aberto desafio ao direito internacional? Roosevelt ganhou o Nobel da Paz após proclamar o suposto direito norte-americano de exercer o papel de polícia internacional e invadir qualquer país indefeso do continente.

Nesse mesmo espírito, o Nobel da Paz do ano de 1912 foi dado ao secretário de Estado norte-americano Elihu Root, um homem que entrou para a história das Américas com uma frase célebre, pronunciada naquele mesmo ano: "Até 1950, as fronteiras dos Estados Unidos abarcarão o continente inteiro".

Apesar das exceções citadas, não se pode dizer que os critérios do Nobels variaram muito nas últimas décadas. Em 1973, não houve qualquer constrangimento ao se contemplar com o prêmio o então secretário de Estado Henry Kissinger, criminoso de guerra da invasão do Camboja e dos bombardeios aéreos impiedosos contra civis no Sudeste da Ásia, articulador da desestabilização da democracia chilena e do golpe sangrento que matou o presidente Salvador Allende.

Naquele mesmo ano de 1973, o vietnamita Le Duc Tho teve o bom senso de rejeitar - talvez por uma questão de dignidade - a sua parte no mesmo prêmio, mas a Kissinger faltou grandeza e sobrou cinismo para ir buscá-lo, com pompa e circunstância.

• • •

Escândalo recente foi também o de 1978, quando o Nobel da Paz foi dado a Menahen Begin, o terrorista de Deir Yassin e dos massacres de Sabra e Chatila, e ao egípcio Anuar Sadat, assassinado em 1981 após uma década de tirania implacável.

Resta-nos, assim, torcer pelo sucesso do esforço liderado por Adolfo Perez Esquivel, em favor do reconhecimento internacional ao trabalho de dom Paulo Evaristo Arns. Mas não podemos esquecer que sempre existe o perigo de uma recaída do comitê Nobel, cujo passado não inspira a menor confiança.

JORNAL DO BRASIL
Data: 22/07/90
Caderno 1º Pág. 07

Cardeal Ratzinger chega hoje ao Rio

Chega hoje ao Rio o Cardeal Joseph Ratzinger, o Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé. Representando o Vaticano, o Cardeal vem ministrar um curso de atualização teológica para 96 bispos brasileiros, que terá a duração de uma semana.

Entre os participantes do encontro estará o Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Arcebispo de Mariana (MG), Cardeal Dom Luciano Mendes de Almeida, que abrirá o curso, amanhã, às 18h. As palestras terminam sexta-feira e, na véspera, o Cardeal Ratzinger fará uma conferência.

O curso foi organizado pelo Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales, que traduziu a missão do Cardeal Ratzinger como "a busca de uma crescente união com a Cabeça, o Romano Pontífice". A unidade doutrinária da Igreja Católica, segundo Dom Eugênio Sales, será defendida pelo Cardeal Ratzinger, que abordará os temas "Origem e natureza da Igreja", "Pedro e a unidade da Igreja" e "O Bispo na Igreja universal e na particular".

A vinda de Ratzinger ao Brasil significa o fortalecimento do Cardeal Dom Eugênio Sales na estrutura da Igreja. Sua conferência é resultado da decisão do Papa João Paulo II, há dois anos, de limitar a ascenção de movimentos renovadores na Igreja, entre eles, o da Teologia da Libertação.

No ano passado, o Papa João Paulo II convocou os principais bispos americanos para pregar a necessidade de os sacerdotes não transigirem diante da mudança de costumes, lembrando os princípios do amor cristão e condenando a separação dos casais. A reunião dos bispos presidida pelo Cardeal Ratzinger fortalece a determinação do Papa de conquistar a reflexão dos sacerdotes brasileiros diante dos dogmas da Igreja tradicional.

O Prefeito todo-poderoso da Igreja Católica Romana

Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Tribunal do Santo Ofício ou Inquisição Romana e Universal), do Vaticano, o alemão Joseph Ratzinger é o mais poderoso Cardeal da Igreja Católica. É ele o encarregado da recuperação dos valores da Igreja Católica Romana que poderiam estar ameaçados pelos movimentos religiosos da modernidade.

Ordenado sacerdote em junho de 1951, foi considerado "progressista" durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) e é tido como um dos maiores teólogos católicos do século e principal responsável pelas restrições à Teologia da Libertação.

Esta é a segunda vez que o Cardeal Joseph Ratzinger vem ao Brasil. A primeira foi logo após ter participado ativamente do processo que impôs silêncio absoluto a Frei Leonardo Boff, em 1985.

Ratzinger critica politização da fé

O prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Joseph Ratzinger, que começou ontem à noite um curso para bispos, no Centro de Estudos do Sumaré, no Rio de Janeiro, faz questão de dizer que não há nada a condenar na Teologia da Libertação quando esta é "conciliável com a unidade da fé". Mas disse que "é falsa aquela teologia que identifica a fé com uma determinada posição sócio-política e reduz a Igreja a um partido". Neste caso, acrescentou, "a fé já não é a fé cristã integral, mas uma fé parcializada, que não responde à totalidade da realidade humana".

Alguns jornalistas quiseram saber se no continente latino-americano existem teólogos a quem caberia essa restrição. Ratzinger preferiu desconversar, dizendo que aquele não era o momento nem o lugar adequado (um salão do Edifício João Paulo II, da Arquidiocese) para responder. "Não seria ético citar nomes, aqui", acrescentou. Observou, no entanto, que "nas mais diversas partes do mundo existem publicações onde vêm à tona tendências perfeitamente aceitáveis e outras misturadas, que são perigosas para a unidade da fé".

A um repórter que insistiu em saber se era esse o caso do franciscano Leonardo Boff — um dos principais teóricos e maior divulgador da Teologia da Libertação no Brasil — o cardeal, que há alguns anos obrigou Boff a "um silêncio obsequioso" proibindo-o de falar ou escrever em público durante alguns meses, voltou a encurtar a conversa. "Nesta hora, o nome desse religioso não é assunto da minha congregação." Mais tarde, após a entrevista, acrescentou: "Ele é um membro da Igreja e, como tal, espero que trabalhe sempre dentro das orientações da mesma Igreja."

Para Ratzinger — de 63 anos e há oito à frente da Congregação para a Doutrina da Fé —, a grande preocupação é a unidade da fé — um tema que ocupará grande parte do tempo do curso que ele veio dirigir para os bispos, no qual fará pelo menos três exposições. Vestindo apenas um *clergyman* escuro e ostentando no dedo anular o anel de bispo com uma ametista, o cardeal falou muito nessa unidade durante a hora e meia que esteve com os jornalistas.

Mas o discutido cardeal (até membros da própria Igreja o acusam de *conservador*) falou também da "multiformidade de culturas no mundo em que a Igreja está inserida". E disse que "conciliar unidade de fé e multiformidade de culturas não é um conflito, é uma tarefa para os que professam a fé cristã". Os bispos com os quais Ratzinger estará até sexta-feira e dos quais disse que quer "aprender muita coisa" é que — frisou — "terão de ver como a Igreja no Brasil pode ser princípio de unidade entre os homens".

Junto com o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé falaram para o cardeal-primaz do Brasil e arcebispo de Salvador, dom Lucas Moreira Neves, e o bispo de Santo Amaro (SP), dom Fernando Figueiredo, além do bispo auxiliar do Rio e coordenador do curso, dom Karl Josef Romer, que serviu de intéprete para Ratzinger. A um jornalista que indagou sobre a ausência de bispos *progressistas* no curso, dom Romer respondeu que, além da inscrição de 96 prelados, recebeu dezenas de cartas de muitos outros que lamentavam simplesmente não poder participar, "até mesmo por causa do Plano Collor, por não terem dinheiro para a viagem". Uma dessas cartas — assegurou o coordenador — foi do cardeal de São Paulo, dom Paulo Arns. "Por sinal, uma carta muito bonita, das mais delicadas", concluiu dom Romer.

Fernando Lemos — 23/07/90

Ratzinger: unidade na Igreja

JORNAL DO BRASIL
Data: 24/07/90
Caderno 1 Pág. 6

Bispos defendem a unidade da Igreja

A unidade da Igreja foi o principal tema do segundo dia do curso coordenado pelo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Joseph Ratzinger. Dessa vez, as críticas à Teologia da Libertação — feitas na véspera pelo próprio Ratzinger — tiveram um contraponto. Em entrevista, os arcebispos *progressistas* dom Lucas Moreira Neves (Salvador), dom Paulo Eduardo Ponte (São Luís) e dom Hélder Câmara (arcebispo emérito de Olinda e Recife) falaram do papel social da Igreja e ressaltaram a legitimidade do pluralismo de idéias.

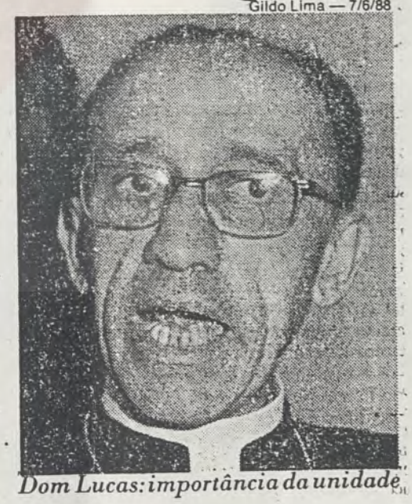
Sem criticar qualquer declaração de Ratzinger, dom Paulo Ponte lembrou que "a unidade surge do pluralismo legítimo". Dom Lucas Moreira Neves citou Santo Agostinho: "Nas coisas necessárias, reina a unidade. Nas coisas duvisosas, reina a liberdade. Mas, nas duas coisas, reina a caridade". Da entrevista, também participou o bispo de Novo Hamburgo (RS), dom Boaventura Kloppenburg, conhecido por suas teses anti-socialistas e favoráveis ao capitalismo. "Não sei se ainda existe algum defensor do socialismo na Igreja, depois da implosão desse regime em todo o mundo", duvidou.

A convivência entre correntes distintas — de um lado, os *progressistas* da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil); de outro, *conservadores* como o próprio Boaventura — tem sido pacífica. "Aqui, estamos tratando de temas teológicos e doutrinários. Não viemos discutir assuntos sociológicos", explicou Boaventura. Dom Lucas lembrou que a Igreja teve "experiências amargas de ruptura", mas ressalvou: "Essas experiências sempre nos deram estímulos para a unidade".

Dom Hélder Câmara comemorou o "encontro de tantos bispos" — 96 ao todo, um terço do episcopado brasileiro. "Essa reunião é muito importante para a Igreja", frisou. Sobre a participação de padres em campanhas eleitorais, Dom Hélder admitiu que, em sua opinião, os bispos não devem se desinteressar pela política. "Querer o melhor para o povo é ser cristão. E ter consciência cristã é diferente de ter vida partidária, o que não aprovo", disse.

O bispo auxiliar de Recife e Olinda, João Evangelista Martins Terra, um dos palestrantes do dia, criticou a classificação, "feita por jornalistas", de *progressistas* e *conservadores*: "Trata-se de um rótulo postiço, uma terminologia infeliz". O núncio apostólico Carlo Furno, uma espécie de embaixador do Vaticano no Brasil, afirmou que o curso de Ratzinger é "uma ótima preparação para a próxima vinda do papa João Paulo II ao Brasil", prevista para o ano que vem.

Gildo Lima — 7/6/88



Dom Lucas: importância da unidade

JORNAL DO BRASIL
Data: 25/04/88
Caderno 1 Pág. 6

JORNAL DO BRASIL
Data: 26/07/90
Caderno 1º Pág. 01

Luiz Morier



□ *Sessenta e cinco bispos, entre eles o arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, e o arcebispo emérito de Recife e Olinda, Dom Hélder Câmara, acompanharam ontem o cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, em visita ao Brasil, num passeio de barco pela Baía de Guanabara. De manhã, no Centro de Estudos do Sumaré, todos haviam escutado Ratzinger (à esquerda na foto) falar sobre* Pedro e a unidade dos cristãos. *À tarde a unidade também esteve perfeita: conservadores e progressistas se acomodaram lado a lado na lancha Rio Pardo para o passeio. Quanto a São Pedro, este não ajudou muito: o tempo esteve feio e o mar encapelado. O cardeal Ratzinger, apesar de tudo, achou o passeio "agradável". Quem não pôde participar do* tour *dos religiosos foi o presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida. Andando ainda com dificuldade, foi a primeira vez que ele saiu de casa após o acidente de carro que sofreu, em fevereiro. O encontro no Sumaré, para ele, era da maior importância. "O cardeal Ratzinger é uma pessoa de diálogo e que se interessa pelos temas importantes da Igreja brasileira", declarou Dom Luciano,*

JORNAL DO BRASIL
Data: 29/07/90
Caderno 1º Pág. 10

Depois do Vendaval

A presença, no Rio de Janeiro, do cardeal Ratzinger, principal assessor teológico de João Paulo II, permitiu uma aferição expressiva dos rumos de uma igreja que chegou ao Brasil com as caravelas dos descobridores.

Durante séculos, o catolicismo brasileiro foi sinônimo de religião oficial. Quem não era católico achava mais prudente não tocar no assunto — até a aparição dos agnósticos, no século passado, muitos deles apoiados na muleta do positivismo, a religião leiga que tinha sede própria na rua Benjamin Constant.

Já agora, o panorama é outro. O fim da unanimidade assume, às vezes, um caráter explosivo, com a irrupção de templos suntuosos administrados pelas novas seitas. O catolicismo de hoje pode sugerir a idéia de uma fortaleza sitiada.

Pior que isso: assistiu-se, nos últimos anos, a um violento entrevero no interior da própria fortaleza, com a aparição do grupo que se chamava progressista e reservava aos demais a denominação de conservadores. Conflitos teológicos voltaram a fazer furor, depois de uma longuíssima calmaria. Como responsável pela Congregação da Doutrina, e por restrições frontais a algumas linhas da Teologia da Libertação, o cardeal Ratzinger poderia fazer figura de Grande Inquisidor.

O contato direto serve para testar os homens e as idéias. O Ratzinger que falou, no edifício João Paulo II, para uma sala com o dobro da lotação normal, num espanhol cristalino, é o retrato do estágio a que chegou a igreja de João Paulo II.

A crispação e as angústias visíveis no pontificado de Paulo VI parecem, agora, coisa do passado. O cardeal-teólogo fala com a serenidade — mas também com a humanidade — de quem não está discutindo e sim expondo algo que emana de uma convicção profunda.

Com alguma perspectiva, distingue-se, agora, a linha de pontificado escolhida por João Paulo II: um mergulho em busca das raízes da Igreja. A polêmica processava-se no nível superficial — como se fosse possível determinar a natureza da Igreja "de fora para dentro", a partir dos dados exteriores do seu impacto sobre a sociedade. Seria, nesse caso, progressista a Igreja que desafiasse as estruturas, e mobilizasse o povo para transformá-las; conservadora, a que não fizesse nada para alterar as características do edifício social.

O cardeal Ratzinger, no Brasil, foi confrontado mais de uma vez com uma pergunta fundamental: o que faz o padre, ou o religioso, que vive num meio humano condicionado pela miséria? Diante desse quadro, que é freqüente no Brasil, o conformismo se torna, obviamente, uma doença moral. A Igreja precisa denunciar as situações de injustiça, precisa lembrar incessantemente a dignidade fundamental do ser humano.

O que aconteceu nos últimos 20 anos, entretanto, foi um sutil (ou desastrado) escorregão através do qual a própria idéia da Igreja era condicionada pela luta política. Dentro de um conceito de filosofia dialética, levou-se a luta para dentro da Igreja: criou-se a distinção entre profetas e sacerdotes — os profetas caracterizando a *nova* Igreja, que nascia do povo, que vinha de baixo para cima; os sacerdotes, significando a Igreja institucional, a igreja estabelecida, em conformidade com os poderosos. O Reino de Deus passava a ser a própria imagem da sociedade sem classes.

Esse dilaceramento interno avançou o suficiente para que a atmosfera, afinal, clareasse. Estamos em época de fundação de igrejas e seitas. Quem tiver, por exemplo, uma idéia muito particular, muito pessoal, da mensagem do Cristo, acabará fundando a sua própria "igreja cristã". Já há várias delas em evidência.

Mas a Igreja de Roma é a Igreja de Roma; e é dela que veio falar o cardeal Ratzinger. Ela é, em suas palavras, um "sujeito próprio", e não cabe nos modelos que pagam tributo ao espírito da época. Ela decorre de uma relação com o plano divino que o homem é incapaz de estabelecer por si mesmo. Algumas imagens bíblicas sublinham essa experiência que parte de um mistério fundamental — como o espanto de Moisés, no deserto, diante da sarça que ardia sem se consumir.

Não se trata de que a Igreja não possa aprender com as correntes teológicas; mas ela não pode, sem deixar de ser ela mesma, absorver interpretações que atacam a sua identidade. "Compatibilidade com a memória básica da Igreja" — eis o critério que o cardeal Ratzinger estabelece para o que é ou não é aceitável.

O fio condutor, atravessando os séculos — e cujo símbolo mais alto é a sucessão apostólica no trono de Pedro —, não significa negar os novos conhecimentos e experiências. "A Igreja aprende com a passagem pela história". Mas não se pode perder um tipo de memória que é sinônimo de fidelidade. Experiência difícil para um homem moderno submetido a todas as solicitações; desafio mais alto para o seu espírito de autonomia. E é por isso que descobrir a *maternidade* da Igreja pressupõe o elogio da infância proposto pelo Evangelho.

Transposto para um outro plano, este é, também, o espírito de Pentecostes: sobre os discípulos reunidos na sala do Cenáculo, depois da Ressurreição, sopra um vento impetuoso; e sobre cada um deles surgem as pequenas línguas de fogo que tanto significam uma forma de iluminação, como o próprio dom das línguas — simbolizando a universalidade da Igreja, a missão de levar a palavra a todos os cantos do mundo, a idéia de uma Igreja universal, que antecede as igrejas particulares e a cor local.

Esta seria a essência da catolicidade (sinônimo de universalidade); a idéia de uma doutrina que não pertence a ninguém, que não é o produto deste ou daquele intelectual. Dois mil anos de história podem produzir enrugamentos nesta imagem, a esclerose deste ou daquele tecido. Mas o retorno às origens propõe-se, justamente, a regenerar esses tecidos. A barca de Pedro não pa[illegible] interromper a sua viagem.

JORNAL DO BRASIL
Data: 28/07/90
Caderno 1º Pág. 12

Fernanda Mayrink



O cardeal Ratzinger (E) ofereceu seu livro autografado a Dom Luciano

Bispos encerram o encontro no Sumaré

Despedida teve oração, brincadeira e homenagem ao presidente da CNBB

"Todos são progressistas, pois tiveram um progresso nos seus conhecimentos depois de uma semana de convívio entre os bispos brasileiros e o cardeal Ratzinger." Essa afirmação do cardeal Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador, feita em tom de brincadeira, pode traduzir o relacionamento entre os 95 bispos brasileiros que participaram do encontro realizado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, no Centro de Estudos do Sumaré. A brincadeira deve-se aos rótulos de conservadores e progressistas atribuídos aos bispos. Todos afirmam ser moderados.

Ontem pela manhã, último evento do encontro que começou na segunda-feira, os bispos participaram da palestra de encerramento com o cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o cardeal Eugênio Sales, arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal Agnelo Rossi, Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da Conferência Nacional de Bispos Brasileiros, cardeal Lucas Moreira Neves, Dom Freire Falcão, arcebispo de Brasília, e Dom Karl Josef Romer, bispo auxiliar do Rio.

No término da palestra, o arcebispo do Rio de Janeiro ressaltou no seu discurso a fraternidade entre o grupo e o respeito ao poder do papa. "Foi um encontro gratificante, principalmente por ter modificado a imagem que os meios de comunicação do exterior faziam do cardeal Ratzinger. Ele não é sisudo como falavam, mas sim alegre e atencioso", comentou Dom Eugênio Sales. No final, os bispos rezaram o *Pai Nosso* e o cantaram *Salve, Regina*.

Além do cardeal Ratzinger, sempre assediado pelos participantes do encontro, outra figura foi motivo de satisfação: Dom Luciano Mendes de Almeida, que na segunda-feira foi aplaudido de pé pelos bispos. Cinco meses depois do acidente automobilístico que o obrigou a submeter-se a 12 intervenções cirúrgicas delicadas, Dom Luciano está ensaiando os primeiros passos, ajudado por um andador. Todos os bispos dedicaram uma palavra de incentivo ao presidente da CNBB pela sua rápida recuperação. Por várias vezes, Ratzinger dedicou minutos de atenção especial a Dom Luciano e com carinho autografou seu livro *Mira a Cristo — exercício de fé, esperança e amor* para o presidente da CNBB. Em uma das conversas, ficou confirmada, para outubro de 1991, a vinda do papa João Paulo II ao Brasil.

No almoço de encerramento — salada, peixe, frutas e doces —, o arcebispo Dom Eugênio Sales foi saudado por todos por sua iniciativa de reunir o episcopado brasileiro com o cardeal Ratzinger.

O GLOBO
Data 29/07/90
Caderno 1º Pág. 12

01

ENTREVISTA /Cardeal Joseph Ratzinger

'O sacerdote não deve fazer política'

AMAURI MELLO

A Igreja no Terceiro Mundo fez sua opção pelos pobres e jovens, partilhando da "vida dos simples", mas não pela ação na política, adverte o Cardeal Joseph Ratzinger, 55 anos, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, segunda personalidade na hierarquia da Igreja. Isto, complementa, não significa apoio à Teologia da Libertação, criticada com veemência ao abrir o curso a 96 bispos que veio dar no Brasil de segunda a sexta-feira passadas. Ratzinger considerou em suas palestras impossível a aproximação entre Igreja e marxismo — "a Teologia da Libertação é inconciliável com a fé cristã por partir de princípios marxistas". Para o Cardeal, responsável pelo comportamento na Igreja e pela difusão da fé cristã, o sacerdote "não deve imiscuir-se em assuntos políticos", mas sim "dar sua contribuição para uma política justa". Nesta entrevista, respondida por escrito, Ratzinger critica comportamentos individualistas dos sacerdotes, teologias intelectuais e dribla comentar diretamente a questão da Pastoral da Terra. Como desafio da Igreja do próximo milênio aponta a harmonia entre moral e elevação espiritual.

O GLOBO
Data 29 / 07 / 90
Caderno 1º Pág. 12

02

LOBO — A que o Sr. atribui o proceso de permanente mu- nos quadros sócio-políticos umanidade?

DEAL RATZINGER — O pro- o científico e técnico transfor- permanentemente o Mundo e, conseqüência, também as estru- sociais, econômicas e os mode- le vida do homem. Podemos, dizer que o crescendo da Histó- esulta de fatores diversos, mas ém do fato de que esse progres- ermanente abre sempre novos ontes e novas possibilidades de determinando assim uma acele- o da História que comporta, evi- emente, conseqüências sobre os is da existência humana.

LOBO — Qual sua explicação a o crescente número de seitas giosas e o retorno à procura greja Católica pelos jovens?

TZINGER — Os motivos são tiplos, não é possível reduzir tu- a uma única causa. No contexto progresso científico e técnico de falei, também a vida humana nsformou-se profundamente, no tido de que as estruturas sociais nos garantiam uma certa conti- dade, uma certa permanência das ndes tradições, foram destruídas; a urbanização crescente, vemos e o anonimato das pessoas na nde cidade, o isolamento dos indi- uos e o dissolver-se das grandes ruturas sociais da família. O iso- nento permanente expõe a pessoa indeterminado; ela não encontra is o apoio social para a continui- de de sua fé, da sua visão espiri- l do Mundo. Em tal isolamento, sta fratura social, naturalmente nbém as realidades espirituais e igiosas se dissolvem, aumentando sim o campo de influência de gru- s de seitas.

Em segundo lugar, penso que em pensamento positivista, criado la ciência, Deus não aparece, é aticamente excluído. Mas em tal zio espiritual que se cria, renasce vamente no homem a necessidade ofunda do Eterno; a sede de Deus contra-se enraizada no coração do mem e é interessante constatar e o mesmo mundo que eliminou eus sente agora a ausência da anscendência e cresce nele a neces- dade de um encontro com Deus.

GLOBO — Nessa sua cruzada elo reforço dos princípios cris- ios, quais os pontos que o Sr. onsidera mais urgentes de serem ecuperados na profissão de fé do atólico?

ATZINGER — Eu não falaria de ma cruzada. Sou um simples cola- orador do Santo Padre e um Pastor a Igreja. Esforço-me para corres- onder ao meu dever, isto é, para articipar neste imenso trabalho que uma nova evangelização que se im- õe, no contexto atual. Parece-me ue o primeiro elemento é sempre o mesmo: reabrir o Mundo e o coração o homem para a realidade de Deus, ue não é apenas um Ser transcen- dente e escondido, mas um Deus que nos cohece e fala conosco, visível em Jesus Cristo. Se retornamos a essas verdades fundamentais, poderemos descobrir que a religião não é algo individualista, mas que Deus nos congrega e reúne no "nós" da Igreja e que viver na comunhão da Igreja não é um pensamento particular meu e sim um fundamento para todas as outras questões, inclusive da ética.

O GLOBO — Qual é o papel do sacerdote hoje junto a comunidade? Ele deve participar de movimentos políticos?

RATZINGER — O sacerdote deve anunciar o Evangelho e, dessa forma, construir a comunidade da Igreja. Fazendo isso, educa e forma as consciências. Através delas, tem a possibilidade de contribuir para a construção de uma sociedade justa. Ele mesmo não deve imiscuir-se em assuntos políticos, porque deve respeitar a diversidade dos níveis, permitindo assim a liberdade de opções políticas diversas, que, compatíveis com os fundamentos morais da existência humana, são possíveis. A Igreja deve assegurar uma unidade maior. O sacerdote não entra diretamente em um trabalho político, mas dá sua importante contribuição para uma política justa, na educação moral da comunidade que lhe é confiada.

O GLOBO — Qual é o perfil que o senhor faz para uma ação da Igreja no Terceiro Mundo?

RATZINGER — O essencial é sempre o mesmo em qualquer parte do Mundo, isto é, o anúncio do Evangelho. Mas assume tonalidades diversas, segundo as diferentes circunstâncias culturais em que se insere. Neste sentido, há um esforço específico da Igreja no Terceiro Mundo: a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens faz com que a Igreja partilhe a vida dos simples, favorecendo a religiosidade popular, as grandes tradições nas quais se exprime o povo e fazendo-se presente nas grandes necessidades da vida, ajudando a que o povo realmente se expresse na fé, encontrando nela resposta às suas carências. Com a formação humana, intelectual e espiritual que recebe na Fé, ele deve tornar-se mais capaz de desenvolver a sociedade terrena.

O GLOBO — Nas suas categorias conceituais e de expressão, assim como nos seus símbolos, a Igreja Católica não está impregnada demais da cultura européia e sobretudo mediterrânea, estabelecendo-se então uma contradição com seu próprio nome (católica-universal)?

RATZINGER — Eu diria que "cultura européia" é um nome genérico demais para uma realidade complexa e pluralista. A Igreja nasceu no Oriente, na Terra Santa, a seguir estendeu-se pela Ásia e África e proporcionou o aparecimento da cultura européia, que não é algo monolítico, já que é um amálgama da cultura grega, latina, as culturas de tipo germânico, a Renascença. Posteriormente, acrescentaram-se elementos do Iluminismo, do Racionalismo, o período da cultura técnica que se estendeu pelo Mundo inteiro. Parece-me importante ver que a assim chamada cultura européia, na realidade, é algo muito pluriforme e, sobretudo, algo em permanente movimento, que influi sobretudo nos setores técnicos, em todos os modelos da vida no mundo de hoje. É importante também ver que "cultura" não é algo estático em si, fechada em si mesma, mas que só sobrevive em um permanente desenvolvimento e na capacidade de deixar-se penetrar reciprocamente.

A fé católica deve penetrar ainda nas diversas culturas, asiáticas, africanas e da América Latina, mas também tais culturas, por outro lado, devem se enriquecer com a contribuição que a fé tem a oferecer.

O GLOBO — O chamado "Mundus" Petrino — Mundo de Pedro — comporta um direito à coerção, tal como o exercido pelos Estados temporais, em nome de sua segurança interna e externa?

RATZINGER — Não um direito de coerção semelhante ao existente no Estado: não temos cárceres nem métodos judiciais do Mundo. A Igreja é um ente próprio, com um tipo diferente do Estado. Mas, é necessário ter presente que, sendo a Igreja uma comunidade, exige também uma certa estrutura, uma ordem, isso é, não é uma "anarquia piedosa". Ela tem sua estrutura própria, jurídica, que, nos elementos decisivos, provém do Novo Testamento e da antiquíssima tradição da Igreja. Em tal contexto, possui também instrumentos para garantir a própria identidade e coesão, como já encontramos nos Evangelhos e nas Cartas de São Paulo: a excomunhão, por exemplo. Trata-se de um modo de garantir a identidade e coesão da Igreja contra comportamentos que a destruiriam internamente, transformando-a em uma anarquia que, afinal, não ajudaria ninguém. Mas devo acrescentar que estes instrumentos específicos da Igreja são diferentes dos que pertencem à esfera do Estado. Aqui se trata de instrumentos espirituais, que têm sempre a finalidade de ajudar a pessoa a reeencontrar a comunhão da comunidade e da fé.

O GLOBO — O que muda na orientação que serve de base à formação de sacerdotes no Brasil, após as vistorias aos seminários feitas no início deste ano? Ou o que é preciso corrigir?

RATZINGER — Não conheço o resultado desta visita, já que ela é competência da Congregação para a Educação Católica e os Seminários, de maneira que não posso responder com detalhe a esta pergunta.

Mas posso falar dos problemas gerais da formação sacerdotal neste momento e que valem certamente também para o Brasil, evidentemente com as adaptações necessárias.

Parece-me importante buscar sempre mais uma integração entre formação espiritual, intelectual e moral-humana. Que a teologia não seja algo isolado, intelectual, mas penetrada pela atmosfera de uma vida espiritual, de fé, de vida litúrgica. E que, de outra parte, a vida espiritual, orante e litúrgica, se abra à dimensão teológica. A teologia mesma deveria ser bem equilibrada na sua estrutura, não unilateral, por exemplo, quanto aos problemas práticos. Para sermos práticos e eficientes, é necessária uma grande preparação inte-

O GLOBO
Data 29/07/90
Caderno 1ª Pág. 12

lectual e espiritual. Assim sendo, um ocupar-se exclusivamente com finalidades práticas ou um privilegiar a prática, seria negativo para a eficácia pastoral. Neste sentido, parecenos necessária uma integração de todas as dimensões da formação e o equilíbrio das disciplinas teológicas e entre aspecto pastoral e aspecto sistemático-teológico.

O Sínodo de outubro próximo, dedicado à formação sacerdotal, será uma grande oportunidade para as Conferências episcopais expressarem as suas experiências e assim formular um modelo para o futuro, a ser adaptado às circunstâncias concretas.

O GLOBO — Qual sua avaliação sobre o papel dos meios de comunicação na formação do caráter do homem?

RATZINGER — Os meios de comunicação têm um papel muito importante, porque lendo, vendo e ouvindo, o homem forma o seu pensamento. Muito importante é, sem dúvida, a função da televisão, que, mostrando modelos de vida e de linguagem, acaba criando comportamentos humanos que penetram até o subconsciente do homem. O fato de tais meios penetrarem não apenas o consciente mas também a emotividade e o mais íntimo da mente humana comporta uma responsabilidade dos meios de comunicação, que devem ser conscientes do seu papel, oferecendo uma informação que se torne também formação; a escolha de matérias deve ser feita em respeito à dignidade própria do homem e tendo em vista o efeito humano e moral que produzem.

O GLOBO — Que tipos de mudanças, se é que o senhor as admite, a Igreja deve sofrer no fim deste século para estar em constante atualização?

RATZINGER — A Igreja encontra-se em um permanente proceso de desenvolvimento. Ela é uma realidade dinâmica e viva, e não estática. Por exemplo, pode-se falar de uma Igreja dos Padres, de uma Igreja do período gótico, da Renascença. Ela se transforma no tempo mas conservando a própria identidade. Neste sendito ela não pode cancelar a sua existência em um determinado ponto da História. Sendo uma realidade viva, ela deve avançar na História, permanecendo porém fiel à integridade de sua identidade profunda que lhe vem do anúncio de Jesus, da fé que se estabelece no período inicial do Novo Testamento e desenvolvida ao lcngo da História. Em cada época, deve conciliar a dinamicidade da sua vida histórica com a fidelidade ao seu núcleo fundamental.

O GLOBO — O senhor pode resumir em três pontos a base do trabalho de um teólogo hoje afinado com a orientação de João Paulo II?

RATZINGER — Posso realçar três dimensões do trabalhoo teológico. A primeira é a dimensão científica: o teólogo realiza um trabalho científico; sua profissão comporta o rigor do seu método na busca da Verdade. Fazer teologia não significa que eu produzo uma idéia minha particular do Mundo e de Deus. Ele é uma interpretação da Fé da Igreja: este fato implica que a segunda dimensão do trabalho teológico seja a eclesialidade, o viver com a Igreja. Só no "nós" da Igreja pode-se desenvolver a compreensão da Fé. A terceira dimensão seria a vida espiritual. Sem uma vida pessoal de oração, de liturgia, a teologia seria uma teoria pura, sem um fundamento experiencial. As palavras tornar-se-iam palavras ocas. Mas para ter um funamento experimental, é necessária a realização na vida pessoal da Palavra da Fé, em uma comunhão pessoal com Deus mediada pelo "nós" da Igreja. São, portanto, cientificidade, eclesialidade e espiritualidade, para mim, as dimensões essenciais do trabalho teológico em sintonia com o Santo Padre.

O GLOBO — Quais são os desafios da Igreja no século XXI?

RATZINGER — Não sou futurólogo. A futurologia é algo bastante difícil, que não consegue alcançar mais do que o espaço de dez anos. Não poderia indicar hoje os desafios do próximo século. Mas creio que se pode dizer que nos acharemos em um mundo em permanente mutação, marcado pelas ciências e teremos que encontrar os fundamentos transcendentes e morais de nossa existência e, assim, integrar a vida humana nas dimensões do empírico, do moral e do transcendente. Parece-me encontrar, dessa forma, a integração e, por conseguinte, a totalidade e a amplidão da nossa vida humana seria o grande desafio ao qual teremos que responder.



"O sacerdote deve anunciar o Evangelho, construindo a unidade da Igreja. Não deve imiscuir-se em assuntos políticos, porque deve respeitar a diversidade de idéias"

JORNAL DO BRASIL
Data: 29/07/90
Caderno 1º Pág. 13

O xerife do Vaticano

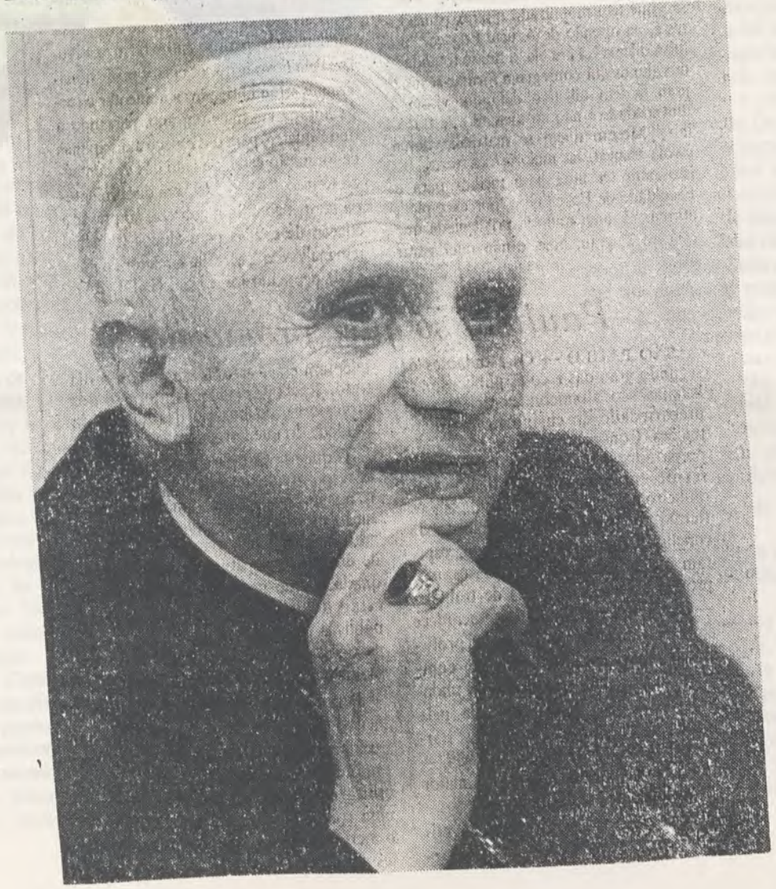
01

Na expressão do rosto, como no tom da voz, ele não exibe senão aquela beatitude tão comum entre os integrantes do clero. Todos sabem, porém, que por trás do jeito manso encondem-se opiniões muito firmes, e uma vontade de aço. O cardeal alemão Joseph Ratzinger usa essas características para colocar ordem dentro da Igreja Católica, como se fosse um xerife vigiando o cumprimento da teologia emanada do Vaticano.

Com essas funções, próprias do seu posto de prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé — o antigo Santo Ofício —, Ratzinger não teme provocar polêmicas, nem recua na hora de baixar punições, como a que impôs em 1985 ao teólogo brasileiro Leonardo Boff. Descendente de agricultores da Baixa Baviera, que nos anos 50 e 60 construiu fama de grande estudioso de filosofia e teologia, até tornar-se assessor no Concílio Vaticano II, Ratzinger é tido hoje, aos 63 anos, como o adversário por excelência da Teologia da Libertação, na qual a esquerda da Igreja construiu seu embasamento teórico.

Na semana passada, em sua segunda visita ao Brasil — a primeira foi em 1982 —, Ratzinger foi o principal conferencista de um seminário que, organizado pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d.Eugênio Salles, reuniu 96 bispos brasileiros — um terço do episcopado nacional. Entre uma atividade e outra no Centro de Estudos de Sumaré, onde se realizou o seminário, Ratzinger concedeu ao **JORNAL DO BRASIL** *esta entrevista.*

Fernando Lemos



JORNAL DO BRASIL
Data: 23/07/90
Caderno 1º Pág. 13

Marcelo Pontes

— Por que o senhor se mostra tão preocupado com a Teologia da Libertação?

— O problema não nasce da Teologia da Libertação como tal, porque Libertação é um conceito chave do cristianismo. Nasce da elaboração unilateral e de uma idéia politizada da liberdade, reduzindo sua dimensão. Neste sentido, direi que são dois os aspectos principais. Em primeiro lugar, a Teologia da Libertação apresenta uma coisa inaceitável: a liberdade vem exclusivamente politizada. Uma Igreja politizada tem uma posição parcial, e não é mais a Igreja universal, aberta a todos. O segundo aspecto, que prevalece no mundo rico, é aquele de uma idéia anárquica de liberdade, confundida com o arbítrio de poder fazer tudo. Nesse caso, o conceito de liberdade perde seu grande sentido moral, humanitário e cristão.

— Em que áreas a Teologia da Libertação é mais forte?

— A Teologia da Libertação está presente em quase todas as partes do mundo. Existe, como sabemos, na América Latina, mas começa também na África, sobretudo na África do Sul, com essa situação de supressão do racismo, e em parte da Índia, Sri Lanka e Filipinas. De modo diverso, está presente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, onde há esta idéia de liberação total, de uma sociedade nova. Ou seja, o problema existe de formas diversas em várias partes do mundo. Devo sobretudo reconhecer que não existe a Teologia da Libertação, mas, sim, diversos tipos de elaboração.

— Se a Teologia da Libertação existe tanto nos países pobres como nos ricos, embora com enfoques diferentes, isso não seria sinal de que há insatisfação que exige mudança da Igreja?

— Em uma parte de países pobres existe, naturalmente, uma experiência de miséria que exige uma resposta da Igreja. Neste sentido, é justo este ponto de partida de que a Igreja deve responder à miséria do homem, deve ajudar o homem a viver uma vida digna. De outra parte, genericamente falando, sobretudo com referência ao mundo ocidental, somente isso seria uma Teologia da Libertação parcial, que mostra a falta de uma experiência de redenção. Vê-se que o conceito de redenção não responde mais a uma experiência concreta, e na Teologia da Libertação se exprime o desejo de uma redenção completa, real, radical. Nesse sentido, a Igreja deve ver como atender os cristãos que querem a redenção.

— Como um padre que vive o drama de uma localidade pobre da América Latina pode conduzir o seu rebanho espiritual sem se envolver com essa realidade e sem ser mais ousado?

— Naturalmente, um sacerdote não pode se excluir da situação de sua área de atuação, porque ele pertence também ao povo de Deus. Como disse o Concílio muito bem, é necessário que o sacerdote participe da vida de todos os dias, sendo solidário com os seus fiéis e também buscando uma experiência justa e boa de redenção cristã. Naturalmente, como sacerdote, como pároco, não pode resolver todos os problemas sociais e econômicos, mas a grande comunhão da Igreja universal, na realização pessoal de sua fé, pode ajudar sua gente a buscar a comunhão com Deus que responde à sede mais profunda de nosso ser e pode ajudar esta comunidade a fazer o possível para resolver o problema de todos os dias.

— O homem moderno, principalmente o habitante das grandes cidades, é mais incrédulo? Por quê?

— É verdade que o percentual de ateus cresce, e este é um fenômeno preocupante. É um grande desafio para a Igreja. Por exemplo, na Alemanha Oriental, que era comunista, mais de 60% não são batizados. Temos um novo paganismo, sobretudo em grande parte da Europa Ocidental. Mas esta é apenas uma parte da nossa situação. Ao mesmo tempo, onde a perda de Deus se torna completa também volta a existir um novo desejo de Deus. Esta é a experiência de hoje. O homem, a longo prazo, não pode viver sem Deus. Sem conhecer a fé, faz a experiência de um vazio insuportável, como mostram as grandes desgraças dos dias de hoje, como as drogas, a Aids. De outra parte, vejamos como na União Soviética há um redespertar religioso. Uma estatística feita há dois ou três anos mostra que só uns 15% são ateus, 25% são crentes e os outros 60% são pessoas que buscam Deus. Acho que este é um grande desafio para a Igreja: não há fé, mas existe um novo desejo de conhecer Deus. Temos que encontrar uma maneira de responder a este desejo.

— A volta a Deus, então, ocorre mais por causa de flagelos como as drogas e a Aids do que pelo avanço da pregação da Igreja?

— É uma ocasião para sermos humildes. Todos os nossos projetos, toda a nossa administração, nossas reuniões e documentos que fazemos não podem substituir a graça de Deus. Afinal, é Deus que renova o desejo de sua presença no coração dos homens. A Igreja pode fazer tudo que quiser fazer, mas deve sempre reconhecer que sem a graça de Deus não conseguirá mudar o mundo.

— As mudanças no Leste europeu são, para a Igreja, a indicação de que o comunismo morreu?

— Ao menos na forma dos últimos 50 anos, morreu, sim. Tive ocasião de falar com várias pessoas do Leste europeu que dizem que não há perigo de voltar esse tipo de comunismo, porque a experiência foi suficiente para mostrar que esta não é a resposta às nossas indagações. Ao contrário, destrói a personalidade, a sociedade,

Evasão
"As pessoas saem da Igreja porque querem viver uma experiência imediata de fé"

JORNAL DO BRASIL
Data: 29/07/90
Caderno 1º Pág. 13

os valores que a sociedade possa construir. Acho que, na realidade, há o fenômeno de uma morte, de um desaparecimento do comunismo, mas de outra parte também o mundo liberal, ocidental, capitalista não dá resposta satisfatória e, assim, podem surgir novos problemas. Não é de se excluir que um novo tipo de marxismo poderia renascer, diante desse vazio espiritual e moral que existe no mundo capitalista.

— A Igreja, antes, atacava muito o comunismo ateu. O senhor, agora, se refere com muita freqüência aos perigos que existem no mundo capitalista. Mudou o eixo das preocupações?

— Mudou um pouco. O Santo Padre, que naturalmente conhece muito bem o mundo comunista, já disse que esta é uma parte importante, mas também disse que o liberalismo e o capitalismo são uma outra versão de um mesmo problema, porque no fundo são também materialistas e prescindem dos valores morais do homem. Acho que encaramos com novo realismo esse fato. É verdade que também no século passado a luta com o liberalismo era forte, embora em outra circunstância e sem que fosse visível a fisionomia completa do fenômeno, como aparece hoje.

— Por que tantos católicos estão se transferindo para outras igrejas, principalmente no Brasil?

— É um problema não só do Brasil, mas da América Latina, em sua totalidade. E quando a liberdade religiosa entra com grande força no Leste europeu, esse tipo de proselitismo também começa lá. Não temos uma análise completa, satisfatória deste problema. Os aspectos são diversos. Há um componente econômico, por exemplo, porque esses grupos oferecem ajuda ou salvação financeira, mas esta não é uma resposta completa. Há outros fatores. As pessoas procuram uma familiaridade religiosa que algumas vezes não encontram na Igreja católica por falta de sacerdotes. Procuram uma experiência muito imediata, do ponto de vista sacro. Este é um aspecto muito importante. Ficou difícil para o homem de hoje simplesmente confiar num Deus invisível e na grande comunidade da Igreja. Ele quer viver um mundo de experiência imediata da fé. Diversos outros fatores, num mundo pluralista, facilitam a fragmentação do mundo religioso. E não há mais uma tradição de proteção da comunidade. No passado, a comunidade era católica, sabia que esta era a vida. Agora, com o individualismo, com a dissolução da estrutura familiar, não há mais esta proteção social da fé e todos se acham muito expostos. São tantos os problemas que devemos ainda estudá-los para encontrar um novo modo de responder a esse desafio.

— O cidadão que crê em Deus e se dedica, por exemplo, à umbanda, não está no caminho certo?

— É um problema especial, esse do sincretismo religioso, em que a pessoa se sente católica e ao mesmo tempo é atraída por esses ritos. Isso se sucede se a fé ainda não penetrou na totalidade da vida e indica uma falta de evangelização. A resposta deve ser uma evangelização renovada e também a vitalização da comunidade paroquial ou eclesial de base.

— A Teologia da Libertação pode ser acusada de ter também contribuído para essa fuga, na medida em que acaba com a magia, com o misticismo na Igreja Católica?

— Entendo que as pessoas pensam que a fé não tem apenas uma dimensão intelectual e social, mas também tem uma dimensão mística, misteriosa, uma dimensão não racional do nosso ser. Mas este não é um problema só da Teologia da Libertação, mas genericamente também da teologia ocidental, que tende a dar um certo intelectualismo e esquece essa dimensão misteriosa da nossa existência que também deve integrar-se à fé.

— A crise de vocação sacerdotal é ao mesmo tempo causa e efeito desse problema. Como a Igreja pensa resolver essa questão?

— O problema das vocações é grande, importante. Depois de um período de dificuldades nos últimos 20, 25 anos, acho que há em termos genéricos, no mundo, um novo impulso da fé e com isso também as vocações retornam. Temos que encontrar novos métodos para ajudar e principalmente acompanhar, nos dias hostis atuais, os jovens que possam receber uma chamada do Senhor.

— Por que o senhor critica tanto as conferências episcopais?

— Direi que não são críticas às conferências episcopais como tal. Elas correspondem às necessidades do nosso tempo. Numa sociedade muito móvel como a de hoje não podemos viver fechados, cada um no seu canto. Por isso, a comunhão dos bispos é muito necessária. O problema é a exuberância de administração, de burocracia e de uniformismo das conferências. Daí achar que há o risco de as decisões não partirem realmente da maioria dos bispos, mas da anônima burocracia. Tanto que na Alemanha os bispos se reuniram há pouco tempo e ao decidirem sobre 40 pontos importantíssimos tiveram dez minutos cada um, para que as propostas não ficassem sujeitas às decisões da burocracia. Do contrário, pode nascer um governo anônimo, que substituiria o verdadeiro governo da comunidade dos bispos. É a isso que se referiam as minhas críticas. Queria mostrar os limites em que devem atuar as conferên-

Bispos
"Há o risco de as decisões não serem dos bispos, mas da anônima burocracia"

04
JORNAL DO BRASIL
Data: 29/07/90
Caderno 1º Pág. 13

cias episcopais, para evitar que surjam documentos e decisões que não sejam realmente da maioria dos bispos.

— A CNBB cometeu alguns desses desvios?

— Não estou assim informado sobre o Brasil. Direi que achar uma posição de equilíbrio é um problema que concerne a todas as conferências episcopais.

— Em muitos países, existem tentativas de dar à liturgia da missa alguma cor local. O que o senhor acha disso?

— Devemos ser muito cautelosos com isso, porque a liturgia é a expressão viva da fé. A Igreja Ortodoxa, por exemplo, não tem um papa, não tem um órgão de unidade, mas mantém-se substancialmente unida na fé, graças à liturgia comum que exprime sempre com grande fidelidade. A fé também sobreviveu às perseguições na União Soviética, sem que houvesse nenhum ensinamento religioso, nenhuma catequese, graças à intocabilidade da liturgia. A expressão comum da liturgia não é criada pelo sacerdote, mas é dada pela Igreja, é um rito universal. Não se deve excluir que receba as cores concretas de uma cultura local, mas sem chegar ao ponto de se desnaturar.

— A participação de um grupo de jovens com guitarras, cantando músicas tidas como mundanas, mas que falam de amor ao próximo, por exemplo, desnatura a liturgia da missa?

— A música é uma parte importante. Naturalmente, a música encontra expressões diversas em vários períodos. Nesse sentido, uma música litúrgica na América Latina pode ser bem diversa daquela que vimos no tempo de Mozart, na Alemanha. O problema não é excluir a guitarra, e não a excluirei. O problema é saber a diferença entre uma música dessacralizante que apela aos instintos negativos do homem e uma outra música que ajuda ao encontro com Deus.

Missa
"Devemos ser cautelosos com mudanças na liturgia, que é expressão viva da fé"

— Há algum tempo, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé censurava publicamente alguns teólogos, como Frei Leonardo Boff, no Brasil. Agora, o senhor vem aqui para dialogar, para ministrar um curso aos bispos brasileiros. Mudou a postura da Sagrada Congregação que o senhor dirige?

— Não diria isso. Temos sempre procurado fazer as duas coisas. Para nós, é essencial a comunhão e o diálogo com os bispos, pois são eles os pastores responsáveis. Sem o diálogo com eles nenhum resultado positivo pode ser obtido. Não queríamos ser uma forma, digamos, de opressão ou repressão, mas também um socorro para os bispos, para que possam enfrentar os problemas. Uma eventual censura não é uma censura contra os bispos, mas uma ajuda a eles, pois vivem juntos a fraternidade da Igreja. Se podemos evitar a censura, tanto melhor.

— O senhor é uma espécie de polícia da doutrina da Igreja. Como convive com esse papel?

— No grande jogo da liberdade e do fator opressivo, é necessário que também a débil verdade da fé tenha um pouco de ajuda. Uma pessoa simples tem dificuldade de se defender no meio das pressões de correntes ideológicas. E sempre os fiéis estão desarmados diante dessas forças. A tarefa de nossa Congregação é proteger os fiéis contra um certo poder intelectualista que não respeita a fraqueza da fé. Devemos dar força à fé dos simples.

Proteção
"É preciso proteger os fiéis contra o poder intelectualista que não respeita a fraqueza da fé"



ISTOÉ SENHOR
1º DE AGOSTO DE 1990

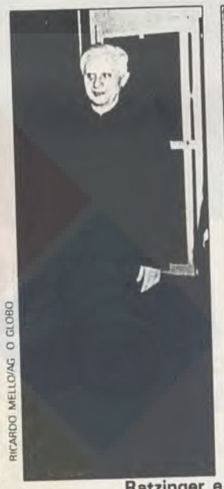
ISTOÉ SENHOR
1º DE AGOSTO/1990
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 315.281 EXEMPLARES

A visita dos senhores

Eles são diferentes de como costumam ser apresentados

Caso informados da chegada ao País de certos Joseph Ratzinger e Thomas Reichmann, os freqüentadores extemporâneos do noticiário internacional talvez imaginassem a visita de dois foragidos do cárcere de Spandau, que abrigou criminosos de guerra. Trata-se, porém, de um cardeal e de um economista, e mesmo assim os seus nomes despertam os maus humores de inúmeros cidadãos que lhes conhecem perfeitamente a identidade.

Agora, vejamos. O cardeal Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, veio ao Brasil para coordenar um curso para bispos sobre a unidade e a multiformidade da Igreja. O economista Reichmann logo mais estará no Brasil para chefiar uma delegação do Fundo Monetário Internacional, na retomada dos contatos com o governo brasileiro, interrompidos por um bom tempo. Parecem ter, um e outro, os documentos em dia para serem vistos como cavalheiros de fino trato e de todo sossego. Mas há quem diga que não é bem assim.



RICARDO MELLO/AG. O GLOBO



LUCIANO ANDRADE

Ratzinger e Reichmann
Culpados do quê?

Ratzinger é o grande inquisidor da Teologia da Libertação e o promotor do processo a frei Leonardo Boff, o nosso teólogo rebelde que questiona dogmas e a própria autoridade papal. No campo da doutrina, Ratzinger é a face mais exposta de uma virada que devolve a Igreja, à sombra do pontificado de João Paulo II, às posições pré-João XXIII. Reichmann não tem, pessoalmente, a mesma imponência. Vira, contudo, o rosto do FMI, o qual, na visão nacionalista, é o instrumento da opressão do Primeiro Mundo sobre o Terceiro. Donde o susto e o rancor. Resta ver se as personagens e as instituições que representam justificam humores tão daninhos à saúde.

Esperar que a Igreja resolva os problemas materiais do ser humano é, no mínimo, uma grandiosa ilusão. A Igreja resiste aos milênios como uma instituição extraordinariamente longeva precisamente porque pretende preocupar-se mais pela alma do que pelo corpo do homem. João Paulo II tem mostrado ser um Papa zeloso dos interesses da Igreja ao afastá-la de um debate ideológico que, na contingência das paixões, põe em risco a sua perenidade. Wojtyla é excelente político que sabe cercar-se de assessores determinados, como o cardeal Ratzinger. Mas não será por causa disso que nós seremos mais ou menos felizes, no raio espaço das nossas vidas e no anseio do resgate político e econômico.

Atribuir ao FMI a responsabilidade pelo nosso desastre é, no mínimo, uma grandiosa desculpa. Somos o que somos porque não fomos capazes de sair da condição de colônia. Temos elites atrasadas e coniventes, um povo mais parvo que paciente. Alimentamos sentimentos de um pieguismo estúpido – os sentimentos do *tudo-bem* e do *deixa-pra-lá* – envoltos em batuques e lambadas, enquanto a violência grassa nas mais diversas formas e o País continua descendo a encosta. Estamos virando a piada do mundo. Quanto ao FMI, cumpre diligentemente a sua obrigação enquanto os nossos credores internacionais aparentam um razoável conformismo diante do devedor inadimplente e pueril.

Temos de procurar as razões dos nossos fracassos aqui dentro. O que causa apreensão, na visita do cardeal Ratzinger, não é o visitante. É que, com ela, ficam fortalecidos os ilustres prelados que tão admiravelmente interpretam a versão eclesiástica, o braço secular, a facção de batina das nossas elites atrasadas e coniventes. Jamais estiveram ao lado do Bem. A grande árvore do Jardim do Éden só foi bem guardada pelos anjos do Senhor na hora de colher o pecado de Adão. Os porpurados que Ratzinger avaliza comeram a maçã da ditadura, da tortura, da corrupção, do desequilíbrio social. A culpa, obviamente, não é de Ratzinger.

O cardeal cumpre o seu dever, nem mais nem menos que qualquer economista enviado a um remoto e imenso país sul-americano para estabelecer regras de pagamento de dívidas contraídas por seus governantes, eleitos diretamente ou impostos pelo golpe e aceitos passivamente pela maioria. Os nossos ardorosos nacionalistas, as nossas esquerdas verbosas, teriam de meditar em torno do seu próprio fracasso, que se confunde com o fracasso nacional. Falaram e falaram, jamais chegaram ao coração do País. Também por aí se explica por que uns poucos levam vantagem, enquanto o resto vai à deriva.



PEDRO AGILSON

Os seminaristas *No curso dado por Ratzinger no Centro de Estudos do Sumaré, a mais recente demonstração de força de dom Eugênio (à dir.), que reuniu 103 bispos do País*

A direita de Deus

O cardeal-arcebispo do Rio, dom Eugênio Sales, incomoda-se mais com os progressistas brasileiros que Joseph Ratzinger

MARCELO FAGÁ *

O lugar é divino. Ocupa o topo de um morro encravado bem no centro do Rio de Janeiro, com vista privilegiada para a Baia de Guanabara. Acima dali, só mesmo o Cristo, no alto do maciço do Corcovado. Os muros intransponíveis e a vegetação exuberante escondem uma arrojada construção em concreto e vidro fumê, que parecem instalações ideais para um sofisticado hotel de repouso. Ali se hospedou, há exatos dez anos, o Papa João Paulo II. Trata-se, porém, de um local de trabalho, onde rotineiramente se reúnem, em encontros de fim-de-semana, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. O anfitrião cultiva como ninguém o dom de receber com impecável elegância, gestos pausados e voz suave, de quem sabe deixar os convidados à vontade, mas sem perder em nenhum momento o controle da situação.

Ao lado deste cenário, batizado como Centro de Estudos do Sumaré, mora o anfitrião, dom Eugênio de Araújo Sales, 69 anos, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro há 18 anos. Oficialmente, seu local de trabalho é o palácio São Joaquim, uma construção clássica do início do século, no bairro da Glória, recentemente acrescida de um modernissimo anexo, dotado de estúdios de rádio e tevê, onde ele grava seus programas semanais. Dom Eugênio exerce as funções litúrgicas na catedral de São Sebastião, situada no chamado "quadrilátero das estatais", na avenida Chile. Mas é no Sumaré que o cardeal exibe toda a influência politica. Sua última demonstração de força foi reunir 103 dos 373 bispos brasileiros para um curso ministrado pelo cardeal alemão Joseph Ratzinger, 63 anos, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício), o organismo da Santa Sé que zela pela ortodoxia católica.

O curso de Ratzinger, realizado entre os dias 23 e 26, constitui, segundo os que se identificam com o chamado clero progressista, o mais recente episódio da ofensiva que os setores do considerado clero conservador lançam contra os que seguem os princípios da chamada Teologia da Libertação. Nesta luta, dom Eugênio Sales joga um papel fundamental. O papado do polonês Karol Wojtyla coincide com a crescente influência que ele passou a exercer, no plano externo, junto à Cúria Romana. O cardeal Sales hoje participa de uma dezena de comissões no Vaticano, enquanto que o responsável pela maior arquidiocese do País, o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, participa de apenas uma, de reduzida importância. Há quem veja o dedo de dom Eugênio na interpelação, seguida da punição de um ano de silêncio, imposta em 1987 ao teólogo franciscano Leonardo Boff, principal teórico da Teologia da Libertação.

Boff foi interrogado por Ratzinger e sabatinado pelo próprio Papa João Paulo II. Só não recebeu uma punição mais rigorosa do que a do teólogo holandês Hans Küng, cassado do exercício do magistério por Ratzinger no início da década, porque discutia a infalibilidade do Papa. Graças à intervenção do ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cardeal Aloisio Lorscheider, a punição de Boff foi

* *Colaboraram: Beatriz Fragelli e Fabia Peña, de São Paulo, e João Carlos Leal, do Rio*



VALTER FIRMO

mais branda. O episódio marcou, porém, o começo da ofensiva dos conservadores contra os redutos progressistas. Os passos seguintes, nos últimos meses, foram o desmembramento da Arquidiocese de São Paulo e a nomeação de bispos de linhagem conservadora para as novas dioceses, nas populosas regiões de Santo Amaro, da Zona Leste paulistana e dos municípios de Osasco e Itapecerica da Serra.

Seguem-se o fechamento de dois seminários na Arquidiocese de Olinda e Recife – o Instituto Teológico de Recife e o Seminário Regional do Nordeste, ambos controlados pelos chamados progressistas. A medida foi tomada invocando ordens de Roma pelo substituto de dom Helder Câmara no arcebispado, dom José Cardoso Sobrinho. Somem-se as continuas nomeações de nomes considerados conservadores para os postos deixados vagos por bispos progressistas. Neste quadro, o clero identificado com a Teologia da Libertação reconhece que foi colocado na defensiva. "A situação é tensa e já há padres desalentados com o rumo dos acontecimentos", admite um teólogo da linha progressista, que prefere não se identificar. A tendência entre eles é situar no Vaticano a origem dos ataques à Teologia da Libertação. Mas há quem avalie o problema de uma forma muito mais abrangente e profunda do que uma simples perseguição movida pela Santa Sé a setores da Igreja brasileira.

Avessos à modernidade

O Concílio Vaticano II ensinou pouco aos Papas conservadores

Um dos maiores exemplos de resistência à modernidade no interior da Igreja Católica foi dado pelo Papa Benedito XIV, em 1836, quando ele proibiu a iluminação a gás no Vaticano, sob o argumento de que a novidade poderia intoxicar de mundanidade o ambiente da Santa Sé. Até então, o Papa podia errar, mas 34 anos depois era proclamada a "infalibilidade pontifícia". A Igreja sempre se colocou do lado contrário aos principais movimentos científicos e políticos que deram conformação ao mundo contemporâneo.

A primeira janela aberta para o mundo com "dois séculos de atraso", segundo o teólogo progressista Joseph Comblain, foi a realização do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, em 1963. O evento marcou o começo da crise entre o poder centralizado da Cúria Romana e a maior parte dos dois mil bispos vindos de todo o mundo.

O primeiro tema, em que se adotou a nova liturgia da missa em qualquer idioma, com o celebrante de frente para os fiéis, foi facilmente aprovado. Já o segundo tema, sobre a "revelação" da palavra de Deus, dividiu ao meio o Concílio.

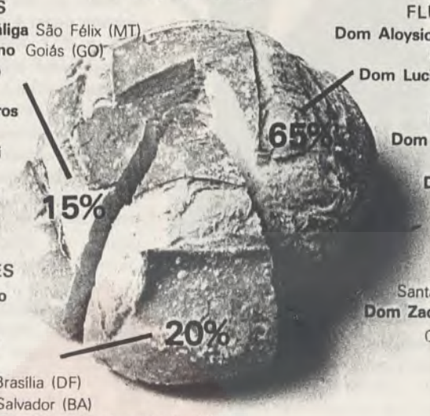
Foi o próprio João XXIII que decidiu, diante da situação, pela rediscussão da pauta preparada pela Cúria Romana, a fim de estabelecer novos projetos para uma segunda sessão do Concílio. Nesse momento, as intervenções de dois respeitadíssimos cardeais italianos, Montini e Lercaro, fincaram as bases da primeira renovação efetuada na Igreja em mais de três séculos. Montini, arcebispo de Milão, defendeu a abertura para novos tempos através de um "diálogo com a modernidade". Lercaro, por sua vez, situou a miséria do mundo como o grande desafio a ser enfrentado pela Igreja.

Com a morte de João XXIII, coube ao cardeal Montini, já na condição de Papa Paulo VI, presidir a segunda sessão do Vaticano II. O atual papado de João Paulo II, porém, corresponde ao reforço do poder da Cúria Romana, derrotada em 65. Embora preocupado com as questões sociais e defensor da valorização do trabalho humano (Enciclica Laboren Exercens)*, o Papa peregrino é, como polonês, pouco afeito aos bastidores da Cúria Romana.*

A DIVISÃO DO PÃO

As três alas da Igreja no Brasil

(Principais Nomes)



PROGRESSISTAS

Dom Pedro Casaldáliga São Félix (MT)
Dom Tomás Balduino Goiás (GO)
Dom Paulo Evaristo São Paulo (SP)
Dom Waldir Calheiros Volta Redonda (RJ)
Dom Mauro Morelli Caxias (RJ)
Dom Moacir Grechi Acre-Purus (AC)

CONSERVADORES

Dom Geraldo Penido Aparecida (SP)
Dom Eugênio Sales Rio de Janeiro (RJ)
Dom Freire Falcão Brasília (DF)
Dom Lucas Neves Salvador (BA)
Dom José Cardoso Sobrinho Olinda e Recife (PE)
Dom Boaventura Kloppenburg Novo Hamburgo (RS)

FLUTUANTES

Dom Aloysio Lorscheider Fortaleza (CE)
Dom Luciano Mendes de Almeida Mariana (MG)
Dom David Picão Santos (SP)
Dom Luciano Duarte Aracaju (SE)
Dom Ivo Lorscheiter Santa Maria (RS)
Dom Zacarias Rolim Cajazeira (CE)

É o caso do teólogo Júlio de Santa Ana, professor do Instituto Ecumênico de Pós-graduação e Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo. Ele vê a crise como uma espécie de cabo-de-guerra em que, de um lado da corda, se coloca o poder central da Igreja católica – o Vaticano – e, do outro, as tendências se manifestam, regional e internacionalmente, em defesa de uma maior autonomia. Santa Ana lembra que o cardeal Ratzinger, em entrevista ao jornal francês *Le Monde* em dezembro de 89, comentou as resistências que o Vaticano enfrenta por parte de expressões das Igrejas na América Latina, Europa e mesmo nos Estados Unidos, África e Ásia. "E a resposta de Ratzinger foi de que nesse momento existe uma tendência universal de concentração de poder e de homogeneização cultural", recorda Júlio de Santa Ana. Segundo o ex-cardeal-arcebispo de Munique, as tais "resistências" à administração centralizada em Roma não passam de fenômenos "provincianos".

O bispo de Volta Redonda, dom Waldir Calheiros, um dos expoentes da ala progressista, foi convidado para o curso de Ratzinger, promovido por dom Eugênio, mas não participou "em função dos compromissos com a minha diocese". Também o cardeal Arns, de São Paulo, esteve ausente. Viajou para os Estados Unidos, para uma reunião da Organização das Nações Unidas para a Infância, a Unicef. "Isso é sempre assim", comenta o bispo Calheiros. "Eles convidam quem gosta mais de enxergar pelo olho esquerdo, como também acontece o contrário: o olho direito é convidado quando o esquerdo organiza os seus cursos."

Independente do olho com que se prefere ver, não é difícil enxergar que o curso ministrado por Ratzinger – intitulado "O *munus petrino* no final do milênio, diante dos problemas da Igreja" – trata da fidelidade ao Papa. "É um curso sobre os problemas internos da Igreja", diz um bispo que também não participou da reunião. Segundo ele, "a idéia é reforçar o centralismo, o que significaria retirar gradualmente a autonomia das dioceses". Dom Eugênio Sales cultivou o mais absoluto mutismo até o final do curso, evitando contatos com a imprensa. É conhecida, porém, sua maneira de encarar a questão, através de uma declaração moldada para entrar para a história: "Prefiro errar com o Papa do que acertar com os teólogos."

Por estranho que pareça, o conceito de obediência cega que os católicos devem prestar ao ocupante do "trono de Pedro" é um dogma recentíssimo. Tem apenas 120 anos, o que é muito pouco na lenta cronologia das mudanças operadas dentro da Igreja. A pretendida "infalibilidade pontifícia" só foi proclamada em 1870. Representou o encerramento do ciclo conhecido como Contra-Reforma – a reação às idéias de livre interpretação da Bíblia defendida por Lutero 350 anos antes. Os questionamentos à idéia da infalibilidade do Papa – mesmo porque até Pedro se penitenciou pelo erro de renegar Jesus três vezes – pipocam pelo mundo afora. Na própria Itália, 63 teólogos divulgaram em fins do ano passado uma "carta aos cristãos", exprimindo o mal-estar "pelos impulsos regressivos no interior da Igreja". Foi uma resposta às ins-

A IGREJA E O PODER



FREI CANECA

Fuzilado em janeiro de 1825 sob a acusação de ser o autor de "escritos de papéis incendiários". Fora o redator de um jornal que criticava abertamente o imperador e um dos líderes da Confederação do Equador – que reunia no início seis Estados do Norte e pregava o regime republicano.



PADRE FEIJÓ

Eleito regente do Império em 1835, enfrentou duas revoluções: Cabanos e Farroupilha. Em 1837, demitiu-se da Regência. Com a anulação das eleições parlamentares pelo gabinete conservador, em 1842, eclode a Revolução Liberal. Feijó adere a ela. É preso por Caxias e foi processado no Rio.



DOM HÉLDER CÂMARA

Sempre desenvolveu uma linha pastoral assistencialista. No início da década de 60 foi considerado subversivo. Logo após a posse do marechal Castello Branco, contase que esteve em Brasília e declarou seu apoio aos militares. Depois, passou a criticá-los e foi combatido por criar organizações populares.

truções emanadas a ferro e fogo pelo cardeal Ratzinger. Nelas, o prefeito para a Doutrina da Fé era implacável: "A Igreja é infalível, a fé cristã não é um passatempo de clube, basta com a dissensão, obedecei, tem que sofrer, calai-vos ou podem ir embora."

Muita gente está indo. Até na Itália, o índice de comparecimento à missa dominical situa-se, em média, entre 15% e 20% dos católicos. Nos Estados Unidos, com toda a tradição irlandesa, a média é bem superior – 50% dos católicos vão à missa aos domingos –, segundo avaliação do próprio cardeal Ratzinger. É, no entanto, um índice bem inferior ao conseguido pelas igrejas protestantes, amplamente majoritárias no país. Em países europeus, crescem os movimentos liberalizantes dentro da Igreja, como a questão do planejamento familiar, em que cabem até defesas esporádicas do aborto, e por uma participação mais ativa da mulher. A figura da beata de sacristia continua predominante no catolicismo, enquanto as jovens se afastam.

O teólogo italiano Carlo Molari, 63 anos, professor de Dogmática nas mais prestigiosas universidades católicas italianas, foi uma das primeiras vozes que se levantaram em favor da atualização das fórmulas eclesiais, particularmente nas orações. Resultado: foi processado, em 1978, pela Congregação para a Doutrina da Fé, acusado de "uso de um método teológico inteiramente baseado na filosofia e ciências contemporâneas – existencialismo, estruturalismo, filosofia da linguagem". Foi advertido e preferiu se aposentar. Em entrevista publicada no mês passado pela revista italiana *Panorama*, Molari explicou a sua tese, tomando como exemplo a oração do *Pai Nosso*. "Se digo Pai nosso que estais no céu, é evidente que uso uma metáfora, porque Deus não está no céu", afirma o teólogo, invocando o testemunho do cosmonauta soviético Iuri Gagarin. "Não há esse espaço como pensavam os antigos, nem como pensava Gagarin que disse ao voltar à Terra que não havia visto Deus por cima das nuvens."



PEDRO ACILSON

Dom Waldir Calheiros
O olho direito também é sempre convidado quando é o olho esquerdo que organiza seus cursos

A proposta de Molari chega à própria mudança no texto da oração. "Podemos até continuar a dizer 'no céu', mas é importante saber que se usa uma metáfora." O teólogo é mais audacioso em relação à figura do Deus masculino e patriarcal. "Ao contrário de Pai nosso, poderíamos dizer Mãe nossa", sugere ele. E por que não? No contexto cultural da sociedade de hoje podem existir católicos, por exemplo as mulheres, que repelem a imagem de um Deus patriarcal. Para o cardeal Joseph Ratzinger, vigilante da ortodoxia, modificações desse tipo podem acarretar danos irreparáveis, como a possibilidade da ordenação de mulheres ou o fim do celibato sacerdotal. No primeiro caso, se remete ao Novo Testamento: "Os 12, com os quais foi celebrada a Última Ceia, eram todos homens." Acena em troca, com a posição hierárquica privilegiada da mãe de Cristo, que representa o lugar da mulher, pois "Maria está acima de Pedro".

No Brasil, essas discussões ainda passam ao largo. Mas os adeptos da Teologia da Libertação estão convencidos de que também representam um perigo ao movimento de centralização desencadeado pela Santa Sé. Aparentemente, o "diabo", personificado por Ratzinger, não é tão feio quanto pintam. O próprio cardeal alemão reconhece como inevitável e salutar o surgimento de teologias não européias na América Latina, África e Ásia. "Podemos supor que nesses continentes não podem nascer de um dia para o outro grandes escolas de Teologia, mas certamente esses ambientes adquirirão um perfil teológico próprio, ou melhor, já estão adquirindo", respondeu o prefeito para a Doutrina da Fé, pouco depois da punição imposta a Boff.

Mesmo assim, os teólogos da Libertação no Brasil se sentem como o alvo preferencial do Vaticano. Argumentam que a Cúria Romana pode até admitir a surgimento de novas tendências teológicas no Terceiro Mundo. "O que preocupa o poder central é a qualidade dessa teologia, que não deve de maneira alguma colocar em risco a primazia de uma fé hierarquizada", sustenta um doutor em Teologia de São Paulo. Ele acrescenta que a Congregação para a Doutrina da Fé teme quando muitos bispos e padres brasileiros despem seus paramentos. Esses novos costumes instalariam assim uma "democracia na Igreja", antagônica à da hierarquia e da autoridade.



GRACIELA MAGNONI

DOM PAULO EVARISTO

O cardeal-arcebispo de São Paulo integra a chamada ala progressista da Igreja. Teve papel decisivo na luta pelo Estado de Direito no regime militar. Em 64, considerado um conservador, era ligado no Rio à Editora Vozes, que na época apoiou os militares. Hoje é símbolo dos direitos humanos.



SÉRGIO MARCOS

DOM EUGÊNIO SALES

Quando do golpe militar de 1964, estava em Natal – onde era considerado um radical por seu trabalho em educação de base. Atualmente, é tido como um convicto representante da ala conservadora. Diz que prefere estar com Deus do que com os teólogos – Deus entendido como Vaticano.



PEDRO AGILSON

Dom Lucas Neves
Habilidade e prestígio em Roma a favor do conservador dom Eugênio

Há evidentes indícios, no entanto, de que os maiores adversários do chamado setor progressista da Igreja brasileira não se encontram tanto no Vaticano. Eles podem ser encontrados aqui mesmo, dentro da própria Igreja brasileira. Hoje, os ditos conservadores não formam mais um grupo desarticulado como antes, quando pontificavam vozes de notória inspiração reacionária, coniventes com o regime militar, como o cardeal Vicente Scherer, de Porto Alegre, o arcebispo Geraldo Proença Sigaud, de Diamantina, ou ainda o bispo Antônio de Castro Mayer, de Campos, ligado ao movimento Tradição, Família e Propriedade. Suas furibundas pregações tiveram o efeito de jogar nos braços dos progressistas a maioria silenciosa dos bispos da CNBB, que constitui cerca de 65% da assembléia episcopal brasileira. Com isso, os bispos da ala considerada progressista, coesos e atuantes, passaram a exercer influência dominante na entidade nos últimos anos, embora representem 15% do bispado.

Entre a maioria de "moderados", ou flutuantes, figura, por exemplo, dom Aloísio Lorscheider, cardeal-arcebispo de Fortaleza, que teve grandes chances de se tornar Papa no lugar do cardeal Wojtyla. Só não aceitou a indicação pelo Sacro Colégio dos Cardeais, em 1979, por problemas de saúde. É cardíaco e considerou temerária a escolha de seu nome, depois do trauma do curto papado de João Paulo I, que durou apenas dois meses. Ao lado de Lorscheider forma dom Luciano Mendes de Almeida, 59 anos, atual presidente da CNBB, que também é identificado como progressista, embora se sinta muito mais à vontade no campo da maioria moderada.

Para além das exortações de "fraternidade" para efeito de público externo, não



PEDRO AGILSON

Dom Boaventura
Um dos principais teóricos na luta contra a Teologia da Libertação

há como esconder que prevalece na atual ofensiva conservadora um novo estilo. É o da capacidade de articulação política com as elites no poder e do trânsito fácil pelos meandros da Cúria Romana. É um estilo encarnado pela pessoa de dom Eugênio Sales. Ele sempre foi um conservador, mas não é do seu feitio subir no púlpito para

Fora do tempo e da ética

Aborto ainda é caso demográfico no País

Há exceções, mas a regra é que conservadores e progressistas da Igreja Católica no Brasil e no mundo engrossam uma única procissão no acompanhamento do dogma do direito à vida – ou seja, contra o aborto. Discussão religiosa e, portanto, ética, o aborto no Brasil é, no entanto, ainda uma questão demográfica: apenas mais uma franja da miserabilidade econômica e social. Em países nos quais o aborto foi legalizado e hoje se questiona o valor moral desse método contraceptivo, o número de mulheres que abortam diminui a cada dia – e cai, também, o índice de mortalidade de mulheres que o praticam, como ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos e na Romênia. A clandestinidade do aborto, assim, não o inibe como pregam alguns de seus opositores, religiosos ou não. Acaba, isso sim, contribuindo para a mortalidade de mulheres que recorrem a ele. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a OMS, acontecem cerca de cinco milhões de abortos por ano no Brasil. Desse total, aproximadamente 10% das mulheres passam a sofrer de esterilidade e diversos tipos de doenças do útero. A razão, de acordo com a própria OMS, é que o aborto, apesar de proibido, surge como uma alternativa de contracepção às mulheres sobretudo mais pobres. Para o professor titular de Epidemiologia da Universidade de São Paulo, Rui Laurenti, "o número de mortes em conseqüência de abortos malfeitos chega a 21 mil no Brasil".



Questão sanitária, é o aborto também uma questão de ordem moral – embora, frise-se, nos países pobres acabe sendo para a maioria uma alternativa única de sobrevivência. Para as Católicas pelo Direito à Escolha, um grupo de mulheres religiosas e leigas que atua em todo o mundo, pode-se ser católico de "boa fé e não estar de acordo com o ensinamento da Igreja contra o aborto". Ensina o grupo que se depois de um estudo apropriado, reflexão e oração, uma mulher se julgue consciente e escolha pelo aborto, deve fazê-lo. "Boa parte das mulheres que chegam a hospitais com problemas por terem abortado são tratadas como criminosas", diz a médica sanitarista da Coordenadoria Especial da Mulher da Secretaria de Negócios Extraordinários de São Paulo, Simone Grilo Diniz.

"Se o problema é a legalização, por que não aumenta o índice de aborto em países desenvolvidos que o adotam?", pergunta Simone. No caso específico da clandestinidade, ela lembra que na Romênia, onde o aborto foi proibido em 1966, a taxa de morte de mulheres que o praticaram subiu de 14,6% para 97,6%.

raivosas pregações.

Em Natal, no inicio da década de 60, o atual cardeal-arcebispo do Rio chegou a emprestar discreta colaboração a programas de alfabetização pelo rádio, segundo o método desenvolvido pelo educador de esquerda Paulo Freire. Sempre mereceu, no entanto, a confiança irrestrita de autoridades militares na década de 70. A ponto de resguardar seu direito de abrigar refugiados politicos de paises latino-americanos asilados em situação ilegal no Brasil. Também foi dom Eugênio que comandou, desde os bastidores, no começo dos anos 80, a desarticulação do bispado tradicionalista de Campos, onde Castro Mayer se recusava a aceitar as decisões do Concílio Vaticano II, insistindo em seguir os ditames do Concílio de Trento (quatro séculos atrás), da missa em latim e com o celebrante de costas.

Dom Eugênio Sales não está sozinho na ação de reforço da autoridade papal. Seu mais poderoso e eficiente aliado tem também grande poder de fogo em Roma e esbanja habilidade politica. É o cardeal primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, mineiro e sobrinho do ex-presidente Tancredo Neves. Antes de assumir a Arquidiocese de Salvador, dom Lucas exercia na Santa Sé duas funções de relevo. Era secretário do Sacro Colégio dos Cardeais e ainda secretário da Congregação para os Bispos. Mais enfronhado que o cardeal Neves nos gabinetes e corredores da Cúria Romana, só mesmo o cardeal Agnello Rossi, ex-presidente da Administração do Patrimônio da Sé Apostólica. O cardeal-arcebispo de Salvador foi ativo participante do curso proferido por Ratzinger. E encampou plenamente a tese da centralização do poder da Igreja em Roma: "A unidade é o nosso bem mais frágil e precioso."

Dois outros destacados participantes do curso no Centro de Estudos do Sumaré foram o bispo de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg, 70 anos, considerado o principal ideólogo dos opositores da Teologia da Libertação, e o monsenhor João Evangelista Terra, braço direito do arcebispo dom José Cardoso Sobrinho na Arquidiocese de Olinda e Recife. O monsenhor Terra fez uma palestra durante o curso sobre o tema Unidade e Multiformidade da Igreja. Em resumo, pregou uma "administração das diversidades à luz da sabedoria papal", a quem recomendou "veneração e obediência". João Paulo II respondeu à carta que os participantes do curso do Sumaré lhe enviaram, antes mesmo de encerrados os trabalhos. O Papa apelou aos bispos para que mantenham "uma constante comunhão interclesial afetiva e efetiva com esta Sede Apostólica", classificada por ele próprio como a "Coluna e Fundamento da Verdade" e "Princípio Visível de Unidade" da Igreja Católica.

...té que a morte os separe

O caso de dois padres casados brasileiros reabre a secular discussão sobre o celibato na Igreja Católica

... uma entrevista ao semanário católico ... italiano *Famiglia Cristiana*, na se... ...a passada, dom Aloísio Lorscheider, ...leal de Fortaleza, voltou a insistir num ...a que tem sido, para ele, uma verda... ...ra obsessão: a Igreja Católica deve ...mitir a ordenação de padres ...ados para compensar a ...scente falta de sacerdotes ... paróquias. Dom Aloísio já ...ia defendido a mesma tese ...início do mês, na abertura ... Sínodo dos Bispos, no Va... ...ano, a grande assembléia ...sultiva do papa, que se reú... ...a cada três anos e cujo tema ... 1990 é a formação sacerdo... . Em seu pronunciamento à ...*miglia Cristiana*, porém, ele ...forçou sua tese com um ar... ...mento de peso: já existem, ... Brasil, dois padres casados, ...denados com a autorização ...pressa do papa João Paulo ... Um é o gaúcho Ivo Sch... ...itt, da paróquia de Frederico ...estphalen, a 440 quilôme... ...os de Porto Alegre. O outro é ... pernambucano José Cabral ...alcão, da paróquia de Helió... ...olis, na Bahia, a 300 quilô... ...etros de Salvador.

Segundo dom Aloísio, o ce... ...bato é uma instituição "ana... ...rônica", que não tem respal... ...o bíblico e, portanto, não ...nvolve questões de fé. O ce... ...bato não foi criado pelas Sa... ...radas Escrituras e, portanto, ...ão se trata de algo irrecusá... ...el. Jesus o propôs apenas ...omo um exemplo de "virtude ...uperior" (Mateus, XIX, 12), ...em impô-lo. Instituído pelo ...Concílio de Elvira, de 306, o ...celibato só passou a vigorar ...como norma universal e obri... ...gatória a partir do século XVI. "Não me sinto menos religio... ...so por ser casado", afirma o padre Schmitt, de 69 anos, ...ordenado em 1987, que conti... ...nua a viver ao lado da mulher, ...Adulina.

"COMO DOIS IRMÃOS" — Schmitt e Adulina se casaram em 1947. Seis anos depois, a mulher teve complicações durante o parto do primeiro filho do casal. Um fórceps mal-usado pela parteira perfurou a bexiga de Adulina e causou a morte da criança. Depois de catorze cirurgias em Porto Alegre, ela perdeu o útero, os ovários, teve que colocar uma bexiga artificial e nunca mais pôde manter relações sexuais. Esse foi o principal motivo alegado por dom Bruno Maldaner, bispo de Frederico Westphalen, para convencer a Santa Sé a permitir a ordenação de Schmitt. O casal assinou um documento, enviado à Roma, comprometendo-se a respeitar o celibato. "Somos como dois irmãos", afirma Adulina. O casal mora numa grande casa, de dois andares, com três quartos, que padre Schmitt comprou com o dinheiro recebido como exator aposentado. "Ele me ajuda muito", conta Adulina, referindo-se com ternura ao marido. "Eu lavo a louça e ele seca." Os dois estão sempre juntos, nas compras, nas visitas, na igreja — e ainda dormem na mesma cama.



ADOLFO GERCHMANN

O padre Ivo com a mulher, Adulina: como dois irmãos



SIPA PRESS

Os bispos no sínodo: vocação sacerdotal em debate

Um ano antes da ordenação do padre Schmitt, o pernambucano José Falcão, hoje com 56 anos, jornalista aposentado, também casado, entrou para o clero católico. Sua história é um pouco diferente. Padre Falcão estava separado há vinte anos da mulher com quem teve dois filhos. "Fiz uma petição à Santa Sé para me colocar à disposição da Igreja e da vida celibatária", diz ele. Um ano depois de sua ordenação, a mulher morreu. Os pronunciamentos de dom Aloísio e a invocação de precedentes como os dos padres Schmitt e Falcão não farão a Santa Sé mudar de idéia. O papa João Paulo II já afirmou várias vezes que seu modelo de padre é o celibatário. A Igreja deverá continuar firme em seu antisexualismo. No século XIII, Inocêncio III afirmou numa bula que o Espírito Santo "quer distância do leito conjugal". Mas alguma coisa se move. No final da semana passada, as autoridades do sínodo se pronunciaram oficialmente sobre a ordenação de padres casados e criaram uma comissão que poderá tornar mais freqüentes as ordenações de padres casados cujos perfis se pareçam com os dos brasileiros Schmitt e Falcão. ■



JOÃO RAMID

Os 20 000 adventistas reunidos no Parque de Exposições da Granja do Torto, em Brasília: Woodstock às avessas

RELIGIÃO

A fé multiplicada

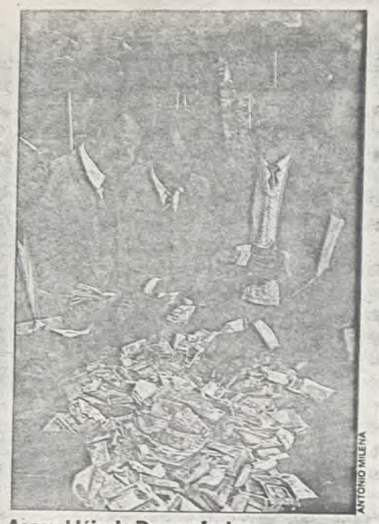
Confortando espiritualmente seus seguidores, as igrejas evangélicas ganham espaço no país e convertem uma fatia dos católicos

As 20 000 pessoas que se acotovelavam no Parque de Exposições da Granja do Torto, em Brasília, na semana passada, pareciam viver o festival de música de Woodstock vinte anos depois — um Woodstock espiritual, em que o rock foi substituído pelos cânticos religiosos. Ao pagar a taxa de inscrição de 12 cruzados novos, cada um dos participantes do evento — todos adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, do ramo protestante do cristianismo — assinava um termo de compromisso de vestir-se "como convém a um jovem cristão que ama Cristo" e usar shorts e bermudas unicamente nas provas esportivas. Cada um deles prometia, também, evitar o namoro e entregar cigarros e bebidas alcoólicas ao pastor de sua igreja. "Na Igreja Adventista encontrei o que buscava na minha infância", diz o paulista Ronaldo Oliveira, 32 anos, que animava bailinhos com seu conjunto de rock durante a adolescência. Na guitarra, Ronaldo fazia canções zombando da mãe, que acabara de converter-se ao adventismo. "Entre os jovens da igreja não há a mesma competição que havia no meu grupo de música", acrescenta ele.



O encontro gigante de Brasília, que se prolongou por dez dias e na quinta-feira passada chegou à Esplanada dos Ministérios na forma de uma passeata contra o consumo de drogas, é reflexo de um movimento extraordinário que toma corpo no país nos últimos anos: o crescimento dos grupos religiosos cristãos não católicos. O Censo de 1980 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE,

registra um salto espantoso no contingente de fiéis das chamadas religiões evangélicas — que agrupam os pentecostais da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã do Brasil e os protestantes da Igreja Batista, da Igreja Presbiteriana e da Igreja Adventista. Atualmente, os evangélicos são cerca de 8 milhões, o que representa cerca de 6% da população brasileira — em 1950, eram apenas 1,7 milhão, ou 3% dos brasileiros. As pequeninas e improvisadas igrejas da Assembléia de Deus só perdem em quantidade, no interior do país, para as Casas Pernambucanas e para os postos de venda de passagens da Viação Itapemirim de ônibus. Estima-se que existam mais de 30 000 templos da Assembléia de Deus, quase sempre pintados de azul e branco, espalhados pelo Brasil. Na Câmara Federal, há 34 deputados evangélicos.


ANTONIO MILENA

Assembléia de Deus: ofertas



ANDRE PENNER

Pastor Walmir: "Nosso povo tem mais fé"

OBRA DA CIA — Os números do IBGE mostram ainda que em 1980 os católicos fiéis à Igreja do Vaticano representavam 89% da população — contra os 93% de 1950. Essa estatística, que aponta uma fuga do catolicismo, é discreta: muitas das pessoas que aderiram aos grupos evangélicos, quando questionadas pelos entrevistadores do IBGE, dizem ser católicas. O declínio de adeptos do catolicismo no Brasil é tão visível que até a Santa Sé romana decidiu investigar a situação. Em 1984, pela primeira vez, o Vaticano enviou um questionário sobre o assunto às conferências episcopais de todo o mundo, com notório interesse pelos países da América Latina e, sobretudo, pelo Brasil. A CNBB, num relatório assinado pelo seu perito em assuntos econômicos, o frei Felix Neefjes, afirmou que as "seitas" estavam se difundindo por obra da CIA, a agência americana de espionagem. Intrigado com essa afirmação, o Vaticano interpelou a conferência episcopal brasileira [illegible] explicações. Numa visita a Ro[illegible] Luciano Mendes de Almeida, en[illegible] tário-geral da CNBB, colocou pan[illegible] tes no assunto. Disse que a partici[illegible] CIA era apenas uma "forte suspe[illegible] mesmo tempo, porém, lembrou um[illegible] sa frase do presidente Teodore Ro[illegible] "Creio que o processo de assimila[illegible] países da América Latina em rela[illegible] Estados Unidos será bem longo e[illegible] enquanto eles permanecerem católi[illegible]

A força das agremiações religiosa[illegible] gélicas pôde ser sentida durante o [illegible] Encontro Intereclesial das Comunid[illegible] Base, que foi realizado em Duque [illegible] xias, na Baixada Fluminense, de se[illegible] sexta-feira da semana passada — [illegible] tantes das igrejas Metodista, Lu[illegible] Presbiteriana, Batista e da Assemb[illegible] Deus participaram ativamente da [illegible] num fato inédito. "Percebo que o[illegible] cos estão saindo da Igreja, mas v[illegible] tar", disse a VEJA o cardeal-arcebi[illegible] São Paulo, dom Paulo Evaristo Ar[illegible] Igreja Católica responde plenamente[illegible] siedades dos fiéis. É importante [illegible] que tudo o que é alienante não é c[illegible] O teólogo e filósofo beneditino dom[illegible] vão Bittencourt é ainda mais claro e[illegible] explicações sobre o esvaziamento d[illegible] "Muitos fiéis estão passando para a[illegible] pentecostais por causa de promessas[illegible] ra, exorcismo e profecias", diz ele. [illegible] lizmente, essas igrejas não têm o d[illegible] mento necessário para distinguir o a[illegible] dom de Deus da promessa meram[illegible] mana, do fato puramente emotivo [illegible] mesmo do charlatanismo explorador.

ALELUIA — Charlatanismos à par[illegible] existem em qualquer ramo da soci[illegible] o rebanho que muda de lado tem [illegible] jetivo claro. A religião é uma at[illegible] humana que pressupõe a noção [illegible]

Os caminhos para o céu

As religiões cristãs não católicas interpretam a Bíblia *de formas diversas. A seguir, algumas diferenças marcantes:*



Testemunhas de Jeová — A alma morre junto com o corpo. No fim dos tempos, Deus voltará à Terra e as almas dos justos ressuscitarão. A Santíssima Trindade não existe. Jesus é o filho de Deus. O verdadeiro Deus é Jeová, do Antigo Testamento.



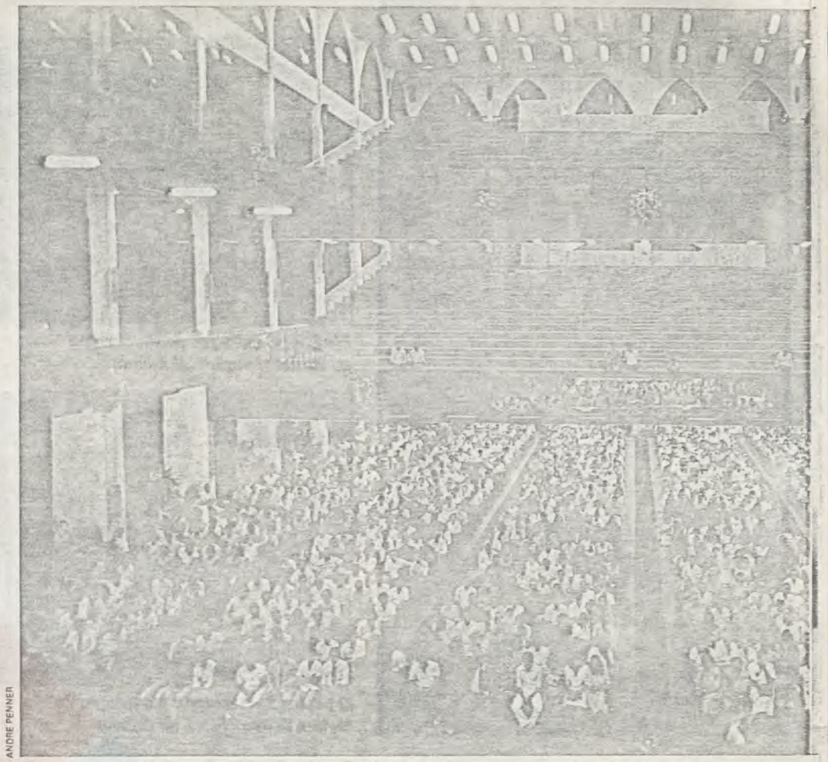
Adventistas do Sétimo Dia — O homem se regenera através da *Bíblia*. Como Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo, os fiéis não podem trabalhar aos sábados. A dieta do ser humano deve ser saudável — à base de leite, ovos e vegetais.



Pentecostais — É o Espírito Santo quem faz revelações a cada um de seus fiéis e lhes orienta as atitudes, como nos tempos bíblicos. Para ser salvo, o cristão deve observar hábitos severos. Não pode fumar e tampouco beber. O corpo humano é uma obra divina e não pode ser molestado por vícios de qualquer espécie. Como mand[illegible] *Bíblia*, o fiel deve entr[illegible] 10% de seu salário à ig[illegible] na forma do dízimo.



Luteranos Todas as aç[illegible] do homem [illegible] Terra não [illegible] lhoram [illegible] pioram sua situação per[illegible] te o Criador divino. Se [illegible] tiver fé em Cristo, será s[illegible] vo e alcançará o reino [illegible] céus.


ANDRE PENNER

a existência de Deus, do conforto espiritual que ele oferece a quem nele acredita. De uns tempos para cá, a Igreja Católica passou a optar pelo reino social, negligenciando as carências espirituais de seus fiéis. Quem buscava num sermão a palavra *Deus* encontrava muitas vezes apenas a peroração contra as injustiças sociais. "A situação de miséria dos brasileiros desencadeia as manifestações espirituais evasivas, que não passam de uma cura emporária", diz o dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto. Ao deixar o espiritual em segundo plano, a Igreja Católica acelerou a migração: os fiéis começaram a procurar amparo em outras paragens. Esse amparo, ainda que algumas vezes escondido sob falsos pregadores, é oferecido atualmente pelas igrejas evangélicas.

"Sempre fui católico, mas raramente freqüentava a Igreja", diz o operador de máquinas baiano Manoel Messias, de 38 anos, casado, pai de quatro filhos. "Sentia falta de me encontrar com Deus." Na última terça-feira, Messias participou de seu primeiro culto na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em Osasco, na periferia de São Paulo, ao lado de 3 000 pessoas que lotavam o salão paroquial para ouvir o pastor Paulo Lucas Sacramento, um ex-cabo da Polícia Militar. Ao final da cerimônia, depois de contar como a Coréia do Sul se livrou do comunismo e se tornou uma nação sem dívidas e laboriosa graças à Assembléia de Deus, Sacramento chamou à frente do púlpito as almas que foram convertidas naquela noite. Manoel Messias, trôpego, dirigiu-se ao altar e caiu de joelhos em frente ao pastor — e foi aclamado pela multidão com gritos de aleluia.

Cerimônias como a da conversão oficial de Messias costumam ser encerradas com o recolhimento das ofertas em dinheiro dos fiéis. O forte da arrecadação da Assembléia de Deus, contudo, é o chamado dízimo — a contribuição mensal de 10% de seus salários que os adeptos da religião pagam compulsoriamente como manda a *Bíblia*. Com isso, as finanças das igrejas da Assembléia de Deus no Brasil andam muito bem. Em Belém, no Pará, os evangélicos da Assembléia de Deus inauguraram, no final do ano passado, um templo com capacidade para 5 000 pessoas, com mais de 26 metros de pé-direito e revestimento externo de mármore. Seu custo, em valores calculados antes do Plano Cruzado, foi avaliado em 300 milhões de cruzeiros — quantia suficiente para comprar, na época, cinco automóveis Escort zero-quilômetro. A força da Assembléia no Pará tem um motivo: foi ali, em 1911, que ela nasceu em território brasileiro. Os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg ouviram de um irmão de fé na Europa um sonho durante o qual aparecera o nome Pará, de uma cidade qualquer num canto qualquer do mapa-múndi. Os suecos procuraram a biblioteca mais próxima para descobrir onde estaria localizado o nome Pará — acharam, e, seguindo suas orações, partiram para o Norte do Brasil.

A reação dos católicos

Evangelização 2000 prega de porta em porta

Perplexa com a debandada de fiéis desde que fez opção preferencial pela fatia mais pobre de seu rebanho, a Igreja Católica brasileira arma-se para reconquistar o espaço perdido para as religiões evangélicas. Através de um projeto ambicioso, o Evangelização 2000 — patrocinado por empresários americanos e holandeses e abençoado pelo Vaticano —, estão sendo investidos no país 130 milhões de dólares em escolas para a formação de pregadores católicos leigos, que irão levar a palavra de Cristo de porta em porta, no melhor estilo das igrejas evangélicas. O projeto está sendo executado em diversos países, mas seu alvo principal é o Brasil, a maior nação católica do mundo. "O católico comparece à igreja apenas ocasionalmente. Nosso plano é torná-lo um evangelizador em pontencial", afirma Adécio Sartori, responsável pelo projeto no Distrito Federal.



Para encontrar seguidores, a Igreja Católica está copiando a estratégia bem-sucedida dos grupos não católicos. Uma das facções que conduzem o Evangelização 2000 — o Movimento de Renovação Carismática — é a versão católica das Igrejas Evangélicas Pentecostais. Os católicos adeptos da Renovação Carismática re-





FOTOS ANTONIO MILENA

Alegria no culto religioso: retorno ao conforto espiritual divino



O pastor Sacramento e o templo de Belém *(à esq)*: força no dízimo

Reverência — Enquanto os adeptos do pentecostalismo da Assembléia de Deus preferem desaguar sua poupança em templos, os adventistas, que reservam o sábado para orações e trabalhos assistenciais, optaram pela construção de hospitais e escolas. Eles possuem 430 escolas de primeiro e segundo graus e duas escolas de curso superior, na Bahia e em São Paulo. "A grandiosidade da Igreja Católica afastou os fiéis", diz o pastor Alejandro Bullon. "Para os católicos, os padres são sacerdotes, mensageiros de Deus, devendo ser tratados com reverência e distância. Nossa igreja é mais pessoal." Os adventistas acreditam que Jesus voltará para uma terra sagrada, onde não existem dores, prantos e pecados. Os pentecostais da Assembléia de De Congregação Cristã no Brasil cr manifestação viva dos dons do Santo, um dos vértices da Sa Trindade, que se revelou aos ap no Dia de Pentecostes, cinqüen depois da Páscoa. Entre os grupo gélicos que crescem no país, há u versidade do evangelho *(veja qu pág. 56)*. Assusta o Vaticano e a brasileira também o crescimen Testemunhas de Jeová, cujo núm adeptos saltou de cerca de 100 0 1978 para mais de 240 000 este notável, ainda, a explosão do mons, cujos discípulos triplicaram tima década na América Latina.

Programas Diários — *Bíblia* mãos, os pastores dos grupos ev cos que ocupam o espaço do catol usam os mais modernos instrume comunicação para convencer h mulheres e crianças. A pregação ta em porta cede terreno aos pro de rádio e televisão. "As pesso vindo cada vez mais para a nossa porque ouvem o testemunho de q foi abençoado. Elas vêem o mila vida dos outros", diz o ex-funci público Edir Macedo Bezerra, res vel pela Igreja Universal do Re Deus, pentecostal, que compra 24 diárias do espaço na Rádio Copac no Rio de Janeiro, e outras doze dio Ipanema. Edir reside há um a Nova York com a mulher e os t lhos. No Rio de Janeiro, a Asse de Deus possui programas em dez emissoras de rádio e paga 6 000 dos novos por mês pelos programa rios na TV Corcovad Pará, a TV Guajará transmite para Be programação da Rede deirantes, reserva u ra e trinta e cinco m para produções evang sempre com muita a cia. No *Boas Nov Lar*, da Assembléi Deus, o pastor Wal Almeida Gomes s reserva um pouco d verve à política. N mo dia 11, ele encer *Boas Novas* com u curso comparando a ção do Brasil com Argentina: "O nosso não é como a Arge porque o nosso pov mais fé. Somos um pobre, mas com fé t resolve".

cebem revelações do Espírito Santo em animados cultos, semelhantes aos da Assembléia de Deus. O governo brasileiro e a porção conservadora da Igreja Católica vêem com bons olhos a volta aos trilhos da pregação católica. O cardeal-arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, através da Fundação Rainha da Paz, ganhou em dezembro passado uma concessão de rádio, que servirá de porta-voz ao movimento no Distrito Federal. Uma revista, a *Nova Evangelização 2000*, faz a divulgação do projeto em todo o país. Visto como mais um passo da ofensiva conservadora do Vaticano no Brasil, o Evangelização 2000 está tirando o sono do clero ligado à Teologia da Libertação. As reações já começaram. Em janeiro deste ano começou a funcionar em Goiânia a primeira Escola Nacional de Evangelização — até que o arcebispo da cidade, dom Antônio Ribeiro de Oliveira, mandou fechá-la, em maio. "A teologia praticada ali valoriza demais os problemas individuais dos fiéis e se esquece das questões comunitárias e sociais", reclamou o arcebispo. "Além disso, os cultos beiram o fanatismo."



ARI LAGO

Dom Ribeiro, arcebispo de Goiânia: escola de evangelização fechada

ESPECIAL

O país que parou no tempo

Com investimentos a zero, o Brasil empaca na virada da década e busca a saída para sua crise



Há no Brasil, à disposição de qualquer curioso, uma excursão por atrações mortiças e exóticas que falam de maneira mais dramática do Brasil de hoje do que cartões-postais como as Cataratas do Iguaçu. Pode-se começar por Minas Gerais, junto a Belo Horizonte, onde é possível percorrer 59 quilômetros de pontes e túneis fantasmagóricos, restos de obras da Ferrovia do Aço que ninguém sabe quando serão aproveitados. Merece uma escala nessa viagem a cidade de Guaíra, no Paraná, onde se pode conhecer o esqueleto de uma ponte de 4 quilômetros sobre o Rio Paraná. Essa ponte deveria estar pronta hoje, mas ela estacionou no tempo antes de chegar à forma definitiva. Por falta de pagamento para terminá-la, seus construtores foram obrigados a ir embora e deixaram apenas colunas espetadas dentro do rio. Em galpões da usina atômica de Angra II, no Rio de Janeiro, existem toneladas de equipamentos comprados no exterior há mais de uma década que permanecem estocadas, por falta de dinheiro para a conclusão da obra onde seriam colocados.

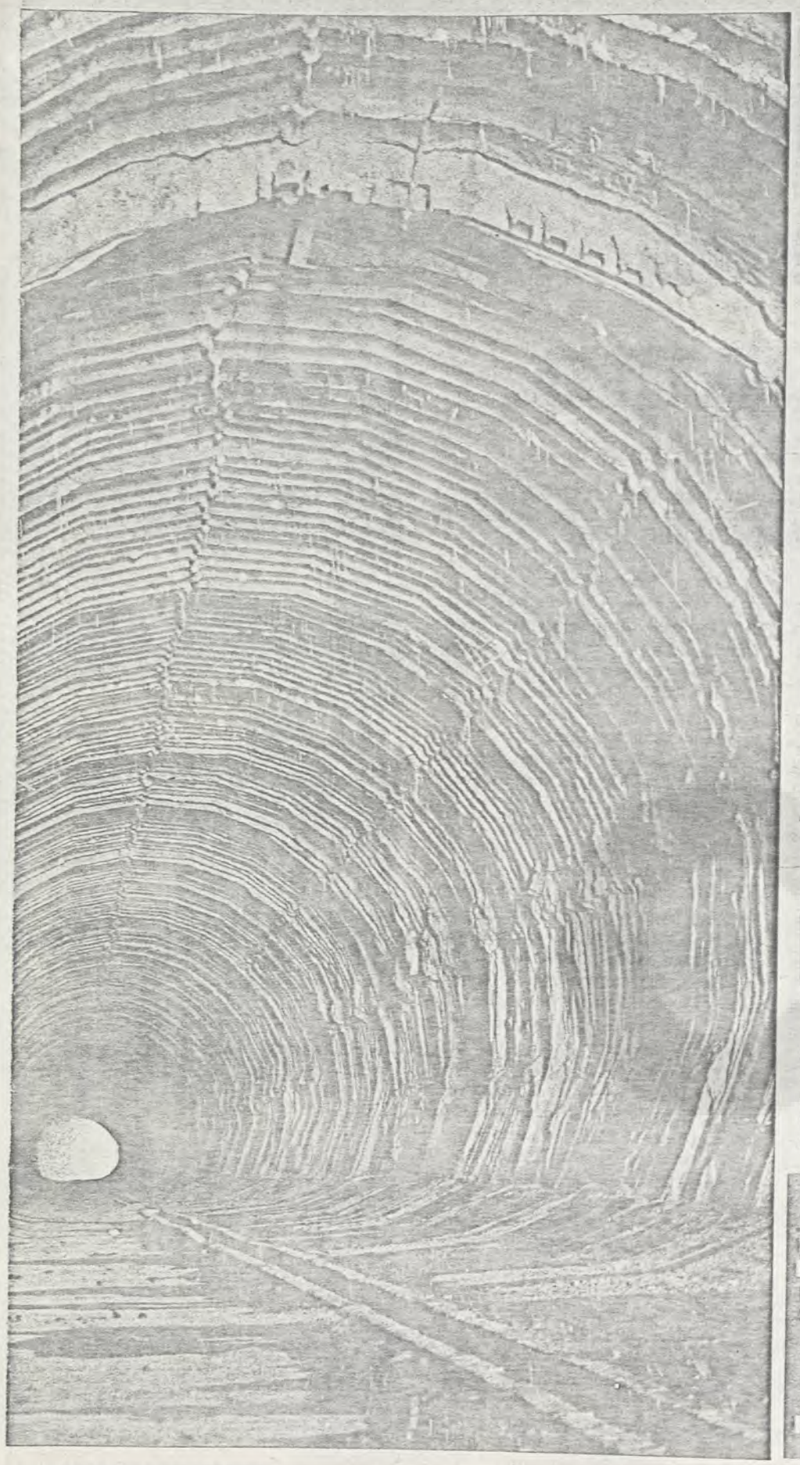
Estes são apenas alguns exemplos de um estado de letargia que toma conta do país e assume proporções alarmantes. Hidrelétricas têm suas obras paralisadas, rodovias se descascam, portos começam a ficar congestionados e ferrovias, ao invés de crescer, diminuem. O problema é um só: o governo não tem dinheiro para investir em obras de infra-estrutura. "É a pior crise deste século", alarma-se o deputado José Serra (PSDB-SP), um dos mais respeitados especialistas em planejamento e contas públicas do país. Pela primeira vez em três décadas, teme-se que, por falta de dinheiro para investimentos, o país deverá enfrentar um racionamento de luz talvez já a partir de 1992. A partir da próxima década, acrescente-se, o Brasil corre o risco de ter novamente que importar aço, depois dos grandes investimentos feitos nessa área no passado, já que a produção é quase igual à demanda hoje em dia.

Locomotiva Falida — Esse marasmo geral se deve a uma crise sem precedentes numa entidade voraz que no passado assumiu para si a tarefa de fazer a quase totalidade dos investimentos em infra-estrutura capazes de puxar o desenvolvimento — o governo. Depois de uma década que ficou conhecida por uma retração nas liberdades individuais, mas também pela recuperação do atraso econômico, a imensa máquina criada no Brasil pelo governo militar está literalmente falida, amassada por um caixa vazio, uma inflação de 30% ao mês e uma dívida de 115 bilhões de dólares só no exterior — a dívida interna é do mesmo tamanho. "O governo não vai mais poder ser a locomotiva do desenvolvimento", afirma o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. "Isso implica uma mudança profunda na nossa cultura", acrescenta ele.

O país se vê hoje diante de uma tarefa tripla, formidável e cara. Em primeiro lugar, tem de conservar as obras de infra-estrutura já existentes, construídas ao longo dos anos com imenso dispêndio de dinheiro do público — e que, por falta de manutenção, se deterioram rapidamente. Em segundo lugar, tem de concluir algumas dezenas de obras



GLADSTONE CAMPOS



TÚNEL DE ITABIRITO

Próximo a Belo Horizonte, é um pedaço dos 59 quilômetros de obras abandonadas que sobraram da malsinada Ferrovia do Aço

vitais, que vão de hidrelétricas a aeropo
de pontes a trechos de metrô, cujos tr
lhos se encontram paralisados, ou quas
so, na inércia do atual governo — emb
em muitos casos, faltem apenas 30%,
ou até mesmo 10% para a sua conclusã
que permitiria entregá-las à utilização p
do público e, assim, fazer com que co
cem a justificar o dinheiro gasto nelas
agora. Por fim, tem de iniciar obras no
para suprir carências gritantes e criar
base de equipamentos públicos razoa
mente moderna — sem o que o parque
dutivo do Brasil terá dificuldades cada
maiores para competir num mundo rico
de se invista furiosamente, a poder de
tenas de bilhões de dólares e tecnolo
avançadíssimas, no que se poderia cha
de recriação de suas infra-estruturas, d
postos no século XXI. "No ritmo em
estamos hoje, em pouco tempo vamos
trar para o clube dos países retardado
alerta o deputado José Serra.

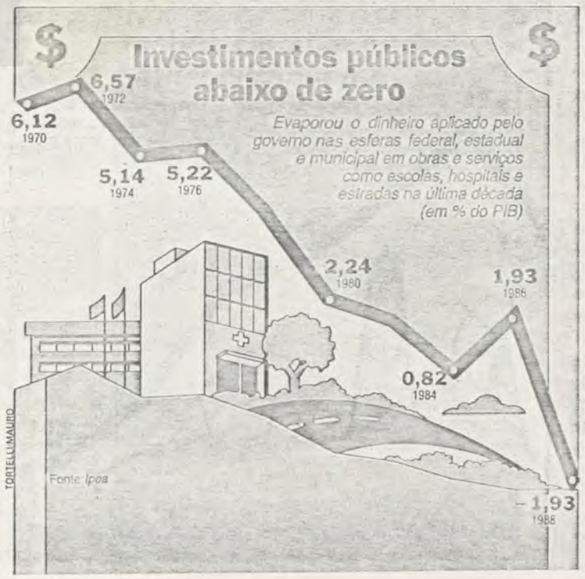
Mergulhado em dívidas, ineficiênci
empreguismo, cujas raízes se encravam
passado distante mas nunca se mostra
tão vigorosas, o governo perdeu sua cap
dade de investir. Os juros da dívida ext
cresceram duas vezes de tamanho de
para cá, enquanto os empréstimos est
geiros caíram a quase nada. As despe
com pessoal na administração direta do
verno federal subiram 71% em termos r
de 1984 para cá e, segundo as contas do
putado Antônio Delfim Netto, ministro
governo passado e crítico do atual, o p
dente José Sarney contratou 56 000 fun
nários para as estatais em apenas dois a
enquanto nos seis anos do governo Fig
redo as admissões não ultrapassaram 6
"O Brasil parou de crescer porque a U
desarranjou as finanças públicas", ana
Delfim Netto. "O problema do Brasil
governo", acrescenta.

CARAVANA AO IRAQUE — Um dos símb
do fim da era do governo-locomotiva
emagrecimento das empresas de constru
pesada, as chamadas empreiteiras, que
duas últimas décadas trabalharam em o
gigantescas, como Itaipu e Tucuruí.
construtoras br
leiras encolhe
60% e estão
curando diver
car seus ne
cios", diz o e
presário Olacy
Moraes, dono
Constran. A e
preiteira Mes
Júnior, credor
400 milhões
dólares do go
no e fortificad

semana passada por um empréstimo do Banco do Brasil no valor de 300 milhões de dólares, abriu uma caravana para as areias do Iraque, onde espera melhorar seus lucros. Lá, ela retoma este ano obras interrompidas pela guerra com o Irã. Responsáveis por 6,5% do PIB, e gerando cerca de 2 milhões de empregos diretos, as construtoras brasileiras estão buscando no exterior o trabalho que não encontram aqui dentro. É assim que a Norberto Odebrecht, à qual o governo também deve 400 milhões de dólares, tornou-se a 38.ª maior empresa de construção pesada no ranking internacional. A Andrade Gutierrez, a número 1 dentro do Brasil, já está com 25% de sua carteira de obras no exterior — e espera este ano chegar a 30%. Não faz sentido, porém, que as construtoras tenham dispensado cerca de 600 000 operários e procurem serviço em outros países, quando há tanto a se fazer por aqui.

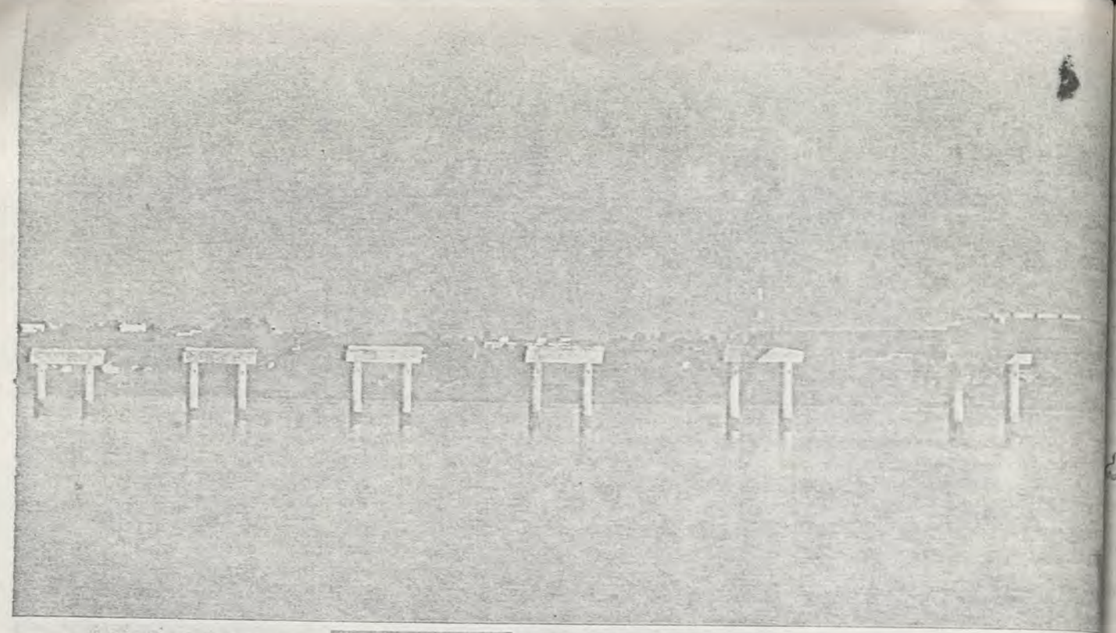
De fato, as obras públicas que as construtoras um dia plantaram no Brasil podem estar caindo aos pedaços, pelo menos em boa parte, mas estão longe de representar um patrimônio pequeno. O valor dos grandes blocos de infra-estrutura em operação hoje em dia no Brasil, incluindo-se as estradas asfaltadas depois de 1955, o parque de eletricidade construído nos últimos trinta anos e o conjunto dos sistemas Telebrás e Embratel, em comunicações, pode ser estimado, grosso modo, em 180 bilhões de dólares — e não entram nesse total aeroportos, portos, metrôs, pontes e outros equipamentos essenciais. Apenas para manter em funcionamento esse patrimônio, seria preciso investir 5% do seu valor, ao ano, em sua manutenção — do contrário, ele vira pó. São, só aí, 9 bilhões de dólares anuais — o triplo do que o governo está gastando de verdade este ano, e seis vezes o que pretende gastar em 1990 segundo o orçamento da União anunciado na semana passada. É irrisório.

A conta dobra de peso quando se olha um pouco mais adiante: para aumentar a infra-estrutura existente, com obras novas, a um ritmo modesto de também 5% ao ano, são necessários outros 9 bilhões de dólares anuais. Resultado: para não perder o que já tem, e para fazer um pouco do que não tem, o Brasil precisa gastar, já, de 18 a 20 bilhões de dólares por ano na sua rede de obras públicas.



CARROS NA GARAGEM — O fato de que o governo vai mal não quer dizer que tudo está ruim para todos. Numa dessas várias camadas em que qualquer país se divide, há hoje um Brasil da agricultura que passa muito bem. Também apresenta-se gordo o Brasil das empresas. Elas jamais estiveram tão líquidas, tão cheias de dinheiro. O que lhes falta é disposição para investir quando o futuro próximo é incerto como a mente dos esquizofrênicos. Se o Brasil parado continuar na situação lamentável em que se encontra, no entanto, as camadas dinâmicas e capitalizadas acabarão fatalmente por sofrer um arranhão de baixo.

As saídas para o pesadelo do governo e dos que dividem com ele o mesmo país não são fáceis, e muito menos gratuitas. "Temos que tirar algumas funções do governo, que quer fazer tudo e, na verdade, não consegue fazer mais nada", receita o empresário Antonio Ermírio de Moraes, um dos donos do maior grupo industrial privado do país, o Votorantim. É indispensável, sem dúvida, que o poder público faça pelo menos alguma coisa. Executivo e Congresso,



juntos, precisam encontrar meios de mudar o atual perfil de despesas do Estado, cravando porções progressivamente maiores do orçamento da União — e, em nível local, dos orçamentos estaduais e municipais — para investimentos nas áreas sociais mais críticas e nas obras de infra-estrutura. Outra parte teria de vir daqueles lugares nos quais nunca se mexe: cortes em gastos com pessoal e custeio de máquina pública, com subsídios e com doações a empresas estatais falidas.

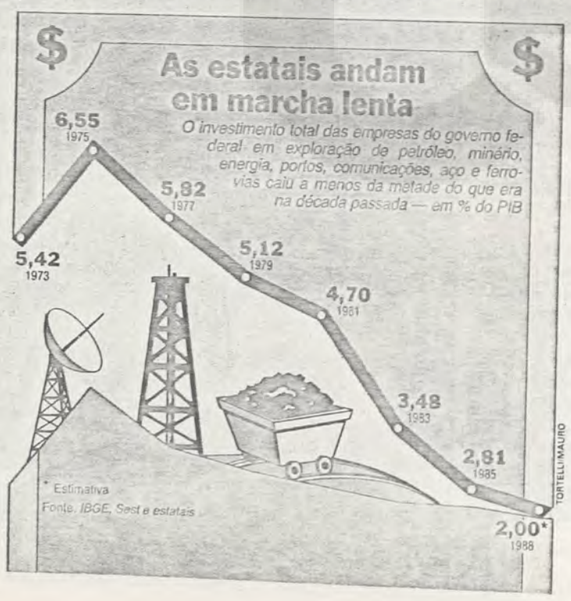
PONTE EM GUAÍRA

Um esqueleto sobre o Rio Paraná é o que resta da ponte que ligaria o Paraná a Mato Grosso do Sul e ficou sem verba em abril

É fora dos cofres do governo, porém, que se poderão encontrar fontes alternativas, e realmente novas de recursos. Estima-se que a poupança privada no país, num cálculo aproximativo, esteja hoje em dia por volta dos 200 bilhões de dólares — cerca de 70 bilhões no over, em que financia a dívida pública, outros 70 bilhões no FGTS e nas cadernetas de poupança, em que não estão financiando praticamente nada do que deveriam, e os restantes 60 bilhões divididos, em partes mais ou menos iguais, entre depósitos particulares no exterior e ativos de alta liquidez e natureza especulativa como ouro, dólares ou estoques. É possível imaginar a criação de uma atmosfera econômica na qual parte desses 200 bilhões de dólares seja atraída para aplicações voluntárias em obras públicas — desde que, com regras claras, seguras e revestidas de credibilidade, se desenhem instrumentos que permitam a remuneração real do capital investido.

Rodovias Particulares — A participação de capitais privados na construção e operação de equipamentos de infra-estrutura tem experimentado seguidos avanços no Primeiro Mundo. Na Califórnia, por exemplo, cerca de 38% da energia é hoje produzida e distribuída pela iniciativa privada. Na França e na Itália, uma parte co derável das auto-estradas mais moderna construída e conservada hoje por empre particulares, que se remuneram do inve mento cobrando pedágio por um tempo terminado, ao fim do qual a rodovia reve ao Estado. Mesmo no Brasil, aqui e ali, meçam a surgir exemplos desse novo t de solução — como a ponte de Vitória e usina de Serra Quebrada.

Outras soluções que deixam de lad burra federal incluem a descentralização obras para Estados e municípios. Ou, en a derrubada de regulamentos anacrôni alguns com mais de meio século de exis cia, que atrapalham a vida das hidrelétri como está acontecendo com a usina de Xi gó. Ou, também, a introdu de lei que discipline a co cessão de serviços públicos particulares — tal possibi dade, inscrita na atual Co tituição, precisaria ser re lamentada para poder com çar a gerar efeitos práti "Hoje eu quero const uma hidrelétrica, não p subsídio, empréstimos, n favores do Estado, mas s consigo obter uma simp licença para iniciar a obr reclama Antonio Ermírio possível, enfim, sondar s das fora do Brasil. Exe tando uma nova estrat que passe por todos esses minhos e por outros, é pos vel que, em meio a um ce rio de trevas, se veja a luz fundo do túnel.



O cenário da treva

Endividado e sem dinheiro, o setor elétrico paralisa suas obras, e o consumidor encara o risco de racionamento de energia a partir de 1992



Visto por seus críticos, o Brasil da década de 70 parecia acumular mais energia do que precisava em obras grandiosas como Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo, ou num acordo visionário como o que foi celebrado com a Alemanha para plantar uma dezena de centrais nucleares no país. Para orgulho dos que se embalavam no sonho do Brasil Grande, para felicidade das grandes empresas de construção pesada que cresciam com as obras e para ânimo de todos os que iriam se beneficiar com a utilização dessa infra-estrutura nova em folha e crescente, foram tempos de esperança. Apareceu dinheiro para tocar os projetos, aumentou a produção de energia, indústrias inteiras se tornaram viáveis e tudo melhorou no dia-a-dia do país. Em casa, o brasileiro comum aposentou o hábito de estocar velas no armário contra blecautes, e, na indústria, os empresários trocaram o óleo combustível pela energia elétrica para rodar suas máquinas — graças, inclusive, ao incentivo de tarifas baratas que o governo bancou. E, enfim, para desmentir o batalhão do contra, o crescimento do país acabou por justificar plenamente os investimentos maciços no setor da energia — seja nas grandes usinas hidrelétricas, seja nas centrais nucleares.

É espantoso, mas uma década depois o Brasil, que esperava contar com energia abundante, tem um futuro cheio de sombra a esperá-lo na próxima esquina, com a ameaça real de racionamentos de luz e blecautes — grande parte das obras principais não foi concluída, não se levaram adiante novos projetos e hoje está praticamente parado, andando a passo de tartaruga, o pouco que se iniciou. "Se até 1992 o país não tiver recessão por causa da hiperinflação, vai ter recessão por falta de luz", alerta o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Não se trata, ainda, de um perigo no mesmo grau que aflige a Argentina, um país que, assim como o Brasil, tomou grandes empréstimos externos, mas viu o dinheiro evaporar-se no regime militar em vez de ser aplicado em obras como hidrelétricas. Hoje, Buenos Aires é uma cidade vagalume que faz lembrar o Rio de Janeiro da Light na década de 50, com seus blecautes diários. No Brasil, ainda se está longe de voltar a esse estágio — mesmo assim, há o risco concreto de um reencontro com o passado — aquele tempo em que a geladeira enchia-se de água, o escritório ficava às escuras e a escada substituía o elevador.

USINA NUCLEAR DE ANGRA II

Quase parada, é uma obra sombra que dá prejuízo de 750 000 dólares ao dia. Sem verba, a construção se arrasta

Cruzetas Apodrecidas — "O racionamento vai se tornar uma realidade a médio prazo se não forem tomadas providências", acredita Mário Bhering, presidente da Eletrobrás, a grande holding estatal que reina sobre a produção e distribuição de energia elétrica no país. Pelas contas dos técnicos da estatal, o consumo de energia elétrica vem crescendo a uma média de 6% ao ano — bem mais que a própria economia, que aumentou 3% em média nos últimos oito anos. A razão é o crescimento da economia subterrânea e o preço baixo das tarifas, que estimula o consumo de energia, em vez da economia, e que o governo teima em manter defasadas para não inchar ainda mais os índices de inflação. Na média, uma família paga hoje por mês, de conta de luz, o mesmo que custa um maço de cigarros.

Na outra ponta da equação, o governo praticamente suspendeu as suas obras no campo energético por falta absoluta de

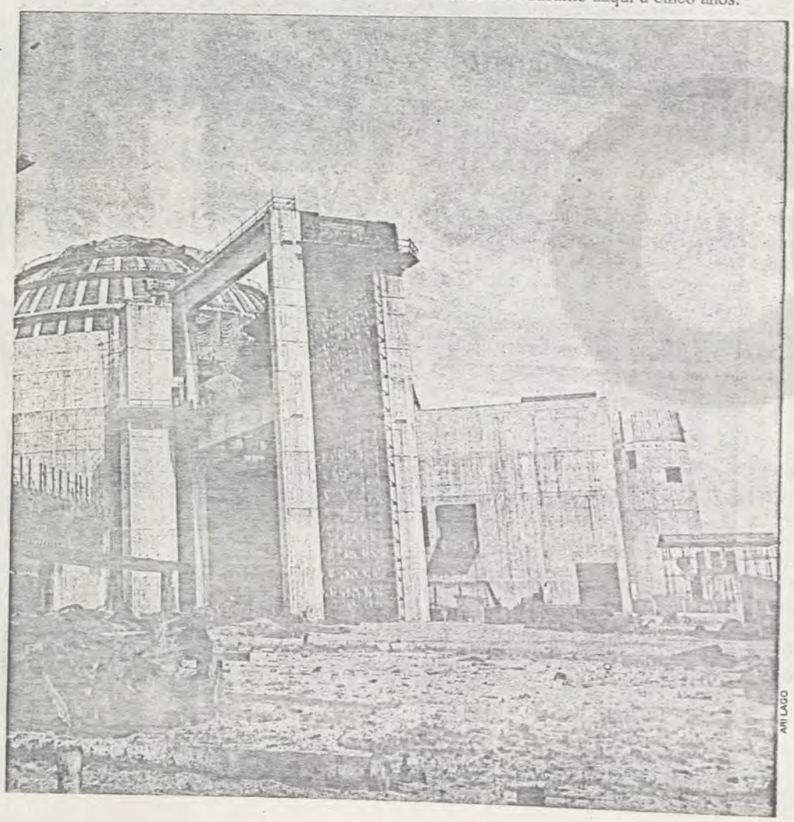
poupança para investir, da mesma forma que fechou a torneira para outros setores. Como a falta de energia significa paralisação de quase tudo no país, há razões de sobra para temer esse quadro. Apenas para atender ao aumento do consumo, a Eletrobrás deveria investir 7,7 bilhões de dólares a cada ano. Em 1989, a previsão de investimentos é de 4,4 bilhões pela ótica mais otimista, já que metade desse dinheiro deve ser bancada pelas distribuidoras regionais de energia, que também reclamam da falta de recursos. "Não temos condições nem de fazer a manutenção da rede elétrica atual", admite Alfredo Almeida Júnior, presidente da Eletropaulo, a empresa paulista de energia elétrica. "Temos fios caindo por causa do apodrecimento das cruzetas, e, na periferia das cidades, a luz já está apagando com freqüência cada vez maior", acrescenta ele.

Por que a luz vacila

Quais são os problemas de energia

- **Os investimentos em energia elétrica caíram de 2% do Produto Interno Bruto na década passada para 0,3% do PIB nos dois últimos anos. Com isso, a maioria das usinas em obras está parada ou anda devagar.**
- **O atraso nos cronogramas promete levar o país ao racionamento a partir de 1992. O ano mais crítico pode ser 1994, quando as regiões Norte e Nordeste terão falta de 20% da luz necessária, e o Sudeste de 10%.**
- **Empresas privadas já se propõem a construir cerca de catorze hidrelétricas por sua conta e risco. Precisam de energia e não querem depender do governo.**

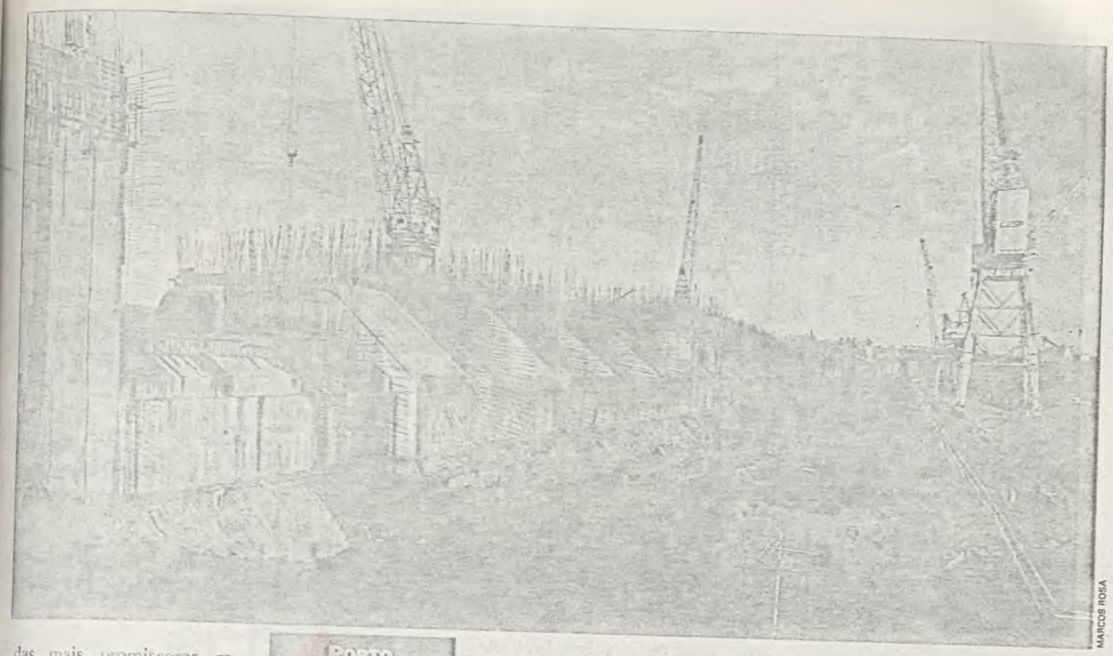
Obras Paradas – Num quadro de racionamento, os técnicos da Eletrobrás calculam que o Nordeste seria a região mais prejudicada. Ao passo atual dos investimentos, em 1993 já deverá estar faltando mais de 10% da energia necessária nessa época para a área, e tal índice pode dobrar a curtíssimo prazo, crescendo para mais de 22% em 1994. A região Norte também sofreria severamente com a falta de luz a partir de 1993. No Sudeste, onde se concentra mais de 56% da produção industrial do país, a falta de luz — que hoje é praticamente zero — obrigaria a 10% no corte do consumo daqui a cinco anos.


ARI LAGO

Quem se acostumou [a] publicidade divulgada até [a]tempo atrás sobre o [a]mento de etapas em obra[s] mo Tucuruí, Balbina, X[ingó], Porto Primavera e tantas [ou]tras usinas pode estranhar [a] de uma hora para outra [a] ralisia tenha tomado con[ta] toda a teia de hidrelétrica[s] construção. Ocorre que a [es]dança se processou lenta[men]te à medida que as verba[s] ram diminuindo. "Nossa [pri]meira opção foi parar de [in]vestir", diz o presidente [da] Eletrobrás, Mário Bh[ering]. Em decorrência do est[ado] das finanças do governo [da] gestão do presidente José [Sar]ney, o cronograma da El[e]brás, segundo o qual não faltaria [e]país, o chamado Plano 2010, já foi [a]o espaço — hoje estão totalmente [at]das ou andam a passo de lesma as [cin]maiores hidrelétricas em obras no pa[ís].

Até mesmo um colosso como Tucu[ruí] a segunda maior usina brasileira d[epois] de Itaipu, foi atingido pelo peso do [ca]vazio. A usina já consumiu 4 bilhõe[s de] dólares, tem quase 90% de suas [obras] prontas, mas não consegue devolve[r ao] público, como deveria, o investimen[to] feito por faltar a conclusão — um dra[ma] aliás, comum a dezenas de outras [obras]. Plantada no curso do Rio Tocantins, [no] Pará, Tucuruí teve sua primeira [fase] inaugurada em 1984 — mas a parti[r] então as dificuldades cresceram, e [hoje] tem como certo que a etapa batizad[a] mo Tucuruí II, decisiva para o socorr[o] Nordeste, não deverá estar pronta [em] 1993, como o previsto. O atraso, se [for] correr bem — ou seja, se aparecer [o] nheiro hoje sumido —, será de pelo [menos] nos dois anos.

Além da segunda usina, Tucuruí [tem] um problema de outro tipo — a con[stru]ção das eclusas que permitiriam a [na]vegação no Tocantins através da barr[agem]. As obras já deveriam ter acabado há [mais] de quatro anos, mas ainda estão pel[a] tade. Só em São Paulo, um crucial [con]sumidor de eletricidade para a indú[stria], existem quatro usinas quase paradas: [as] Porto Primavera, Taquaruçu, Rosa [e] Três Irmãos, esta última com dois t[erços] das obras já feitos e 1,2 bilhão de dó[lares] já investido, mas inutilizada para o [con]sumidor pela falta de conclusão. Não [há] dinheiro sequer para a desapropriação [do] terreno onde vai ser formado o lago [das] usinas hidrelétricas. Cachoeira Dourada, [em] Goiás, é outro exemplo dramático: [ela] para o desenvolvimento agrícola de [uma]


MARCOS ROSA

Porto Primavera
É uma das quatro hidrelétricas paradas de São Paulo. Não têm dinheiro para pagar o terreno onde será seu lago

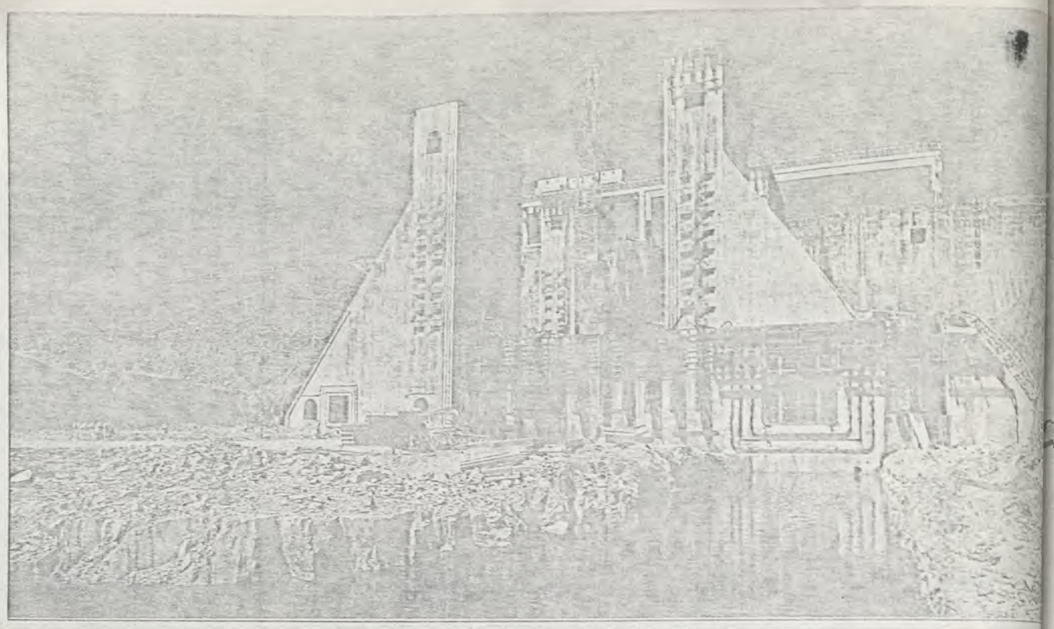
das mais promissoras regiões do país, o Cerrado, a usina não consegue cumprir o seu papel porque não se fornece dinheiro para os 20% da obra que faltam. O mesmo quadro reina na hidrelétrica de Samuel, em Rondônia, onde faltam apenas 10% para concluir a usina. Na semana passada, a empreiteira Norberto Odebrecht avisou a Eletronorte que vai parar o pouco que ainda toca se não receber 60 milhões de cruzados novos atrasados há mais de um ano. "A situação é muito séria", resume João Oswaldo Leiva, secretário de Energia e Saneamento do governo Orestes Quércia.

Acelerador Solto – Nesse quadro de retração, deixou-se de gastar dinheiro na ampliação de redes urbanas, na expansão das grandes linhas de transmissão, na montagem de estações intermediárias, e até um projeto com a bênção do Planalto, a usina de Xingó, única hidrelétrica iniciada no governo José Sarney, passa por um período de esfriamento. Mesmo situada no Nordeste, uma região que se transformou em destinatária preferencial das verbas governamentais, a hidrelétrica de Xingó, no Rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas, teve seu orçamento de 2,4 bilhões de dólares revisto quatro vezes e não funcionará antes de 1994, apesar do empenho do presidente. "Por falta de dinheiro, tivemos de tirar o pé do acelerador várias vezes", diz um dos encarregados da obra. Xingó vive um drama suplementar e altamente ilustrativo do colapso que vem ameaçando obras públicas vitais. A Chesf, encarregada da usina, tem equipamentos armazenados (em depósitos com ar condicionado), no valor de 2 bilhões de dólares — mas não pode instalá-los em Xingó, por dificuldades com um regulamento do vetusto Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica, datado do longínquo ano de 1934. A regra do DNAEE impede que o valor de tais equipamentos seja computado para calcular as futuras tarifas, por terem sido alugados em regime de leasing.


MARCELO CARNAVAL
Bhering: racionamento

Na verdade, vive-se hoje na infra-estrutura do Brasil — e não apenas no setor energético — uma crise financeira negra, que se desdobrará em conseqüências práticas no futuro e até contribui para um redimensionamento da psicologia nacional. Vai longe o tempo em que brasileiros viam o governo argentino, comandado pelo general Jorge Rafael Videla, argumentar contra a construção de Itaipu, alegando que essa represa, rompida por acidente ou agressão, inundaria metade do território argentino. No mesmo período, instalou-se um motor atômico no sonho brasileiro e criou-se a miragem de um país repleto de usinas nucleares e auto-suficiente na tecnologia do urânio enriquecido. O sonho brasileiro, hoje, tornou-se bem mais modesto, diante de um caixa vazio instalado em Brasília e de uma incapacidade surpreendente de levar adiante as perspectivas criadas nos anos 70, uma época em que surgiam estradas por toda parte, as pontes não paravam no meio, e seguramente não causariam espanto os 2,5 bilhões de dólares previstos para a Ferrovia Norte—Sul.

Talvez o espelho mais cruel da freada geral, pelo menos o mais espetacular deles, esteja à beira-mar, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, onde funciona precariamente a usina de Angra I, que já apagou mais de vinte vezes em cinco anos de atividade, e estão longe de funcionar duas usinas em que o país gastou uma fortuna, Angra II e Angra III. Ambas já deveriam estar rodando a pleno vapor, seus equipamentos até foram comprados e o preço de cada uma, de 3,2 bilhões de dólares, talvez se eleve em mais 1 ou 2 bilhões, pela necessidade de repor peças estragadas. No entanto, Angra II até agora é apenas uma casca — só tem as paredes, que pedreiros levantam, enquanto lhe falta a parte interna, dos geradores. E Angra III é apenas um buraco no chão. Sem receber dinheiro, para tocar as obras as construtoras têm de se limitar, praticamente, a servir de vigias para o canteiro de trabalho. "Nosso argumento



para acabar a obra é o de que isso ainda sai mais barato do que começar agora uma hidrelétrica com a mesma capacidade'', diz o presidente de Furnas, João Camilo Penna, que administra essa dor de cabeça.

Metade dos equipamentos comprados para Angra II descansa num galpão na praia de Itaorna, ao lado da usina, enquanto a outra metade continua embalada a 10 000 quilômetros de distância — no Porto de Hamburgo, na Alemanha —, já que não se viu motivo para fazer o material viajar de um continente a outro para simplesmente continuar nas mesmas caixas, sem uso, envelhecendo. Esse material ainda adormecido já deveria estar em atividade dentro da usina desde 1983. Só de juros da dívida contraída para a construção de Angra II o Brasil desembolsa diariamente 750 000 dólares — soma suficiente para se comprar uma frota de pouco mais de setenta automóveis Monza a cada dia — e essa quantia continuará a ser literalmente desperdiçada enquanto as obras não forem retomadas de verdade, concluídas e passarem a fornecer energia para os consumidores.

Sem Trabalhar — Segundo cálculos da Eletrobrás, as tarifas elétricas hoje estão defasadas em 40% do patamar que permitiria a retomada de investimentos. Além disso, as empresas do setor elétrico vergam sob o peso de uma dívida externa gigantesca, de cerca de 20% de toda a dívida externa nacional. Apenas para Itaipu levantaram-se 10 bilhões de dólares em empréstimos estrangeiros. Agora, no momento de pagar os velhos empréstimos, as portas estão fechadas para os novos. Até hoje, Itaipu não pagou sequer o Paraguai, seu sócio no empreendimento.

Por desconfiar da viabilidade das usinas nucleares brasileiras, o Banco Mundial segura há mais de três anos empréstimos de 500 milhões de dólares para o setor elétrico, receoso de que o dinheiro seja aplicado nas obras de Angra II e III, entregues à gerência da Eletrobrás desde a extinção da Nuclebrás em 1988. ''Não vimos nem veremos mais a cor desse dinheiro'', resigna-se Mário Bhering. O governo também perde recursos de outras formas — até hoje, por exemplo, paga o salário de 152 funcionários de uma das empresas da Nuclebrás, a INB, que estão sem trabalhar enquanto esperam remanejamento para algum outro órgão oficial, num desses esquemas de autoproteção corporativa instalados nas estatais, que nem quando deixam de existir demitem seus empregados. Elas morrem e eles continuam na folha de pagamentos. Cansadas de esperar o dinheiro do governo, as próprias construtoras, que já demitiram mais de 3 500 peões nas obras de Tucuruí II e Manso, no Mato Grosso, este ano, começam a pensar em alternativas que envolvam criatividade e dispensem a dependência dos recursos públicos. Há duas semanas, um grupo de empresas privadas revelou seus planos de construir uma hidrelétrica de 1,2 bilhão de dólares em [illegible] Quebrada, no Rio Toca[illegible] que será arrendada para e[illegible]ração comercial pelo gov[illegible] Os sócios no empreendim[illegible]são as multinacionais A[illegible] do Canadá, Billington, A[illegible] e Dow Chemical, americ[illegible] e a Camargo Corrêa M[illegible] Preocupadas com o ris[illegible] escassez de energia na p[illegible]ma década, várias ind[illegible] de consumo intensivo d[illegible] tricidade — Belgo Mineira, Alcoa, A[illegible] Rima, Metalur, Paraibuna Metais, M[illegible] Ligas e Italminas —, que até hoje apen[illegible] beneficiaram do preço baixo das tarif[illegible] se candidataram a pôr a mão no bolso[illegible] investir também em energia. Elas inici[illegible] negociações com a Cemig — Centrais [illegible]tricas de Minas Gerais — para a const[illegible] de catorze hidrelétricas no Estado. A[illegible] grupos industriais, como a Votorantim[illegible] empresário Antonio Ermírio de Moraes, [illegible]pre tiveram concessionári[illegible] energia para consumo pr[illegible] A Votorantim possui sete h[illegible]létricas de médio porte em[illegible] Paulo, para suprir sua ind[illegible] de alumínio, de onde sa[illegible] do faturamento do grupo[illegible] há quatro anos pede ao go[illegible] do Estado, sem sucesso, [illegible] para construir uma outra. [illegible] na hora de o governo dei[illegible] ser menos executivo e [illegible] normativo, e deixar os [illegible] fazerem o que ele mesmo [illegible] pode'', diz Ermírio.

ECLUSAS DE TUCURUÍ

No Rio Tocantins, Pará, deviam estar prontas em 1984. Ao ritmo atual, levarão mais vinte anos até a inauguração



CARLOS NAMBA

Penna: pró-Angra II

O Brasil amarrado

Com um terço das rodovias em estado ruim, portos congestionados e ferrovias de museu, o transporte inferniza a vida do país e beira o colapso

O Brasil é um país que, num movimento bizarro, está aumentando de tamanho para quem viaja por ele. Nos últimos dez anos, a já pequena malha ferroviária nacional, de 22 000 quilômetros — cinco vezes mais rala do que a da Argentina, país quatro vezes menor —, encurtou 2 000 quilômetros com a desativação de vários ramais. Isso mesmo — encurtou. Num caso raríssimo para as tradições brasileiras, que são sempre de ter mais, e não menos, as rodovias do país, também pressionadas pela foice da falta de investimentos, tiveram seus 62 000 quilômetros da rede federal acrescidos de apenas 582 quilômetros no ano passado, quando, num ano como 1973, um ano bom, o aumento foi dez vezes superior. Nessas condições dia a dia mais adversas, viaja-se pior pelo Brasil de hoje do que pelo país de estradas novas ou conservadas que se conhecia nos anos 70. Assim, o brasileiro, já desalentado com outros tropeços da vida nacional, precisa ainda enfrentar, quando viaja, essa exótica situação de percorrer um país que ganha a aparência de mais vasto pelo simples fato de ser menos eficiente em seu transporte. ''O setor de transportes está à beira de um colapso'', admite a autoridade número 1 em transportes — o ministro José Reinaldo Tavares, que cuida de estradas e ferrovias na administração do presidente José Sarney.

Já se passaram quase cinco anos da inauguração da última grande rodovia no Brasil, a BR-364, Cuiabá—Porto Velho — e é o próprio Departamento Nacional de Estradas de Rodagem que denuncia a corrosão de sua malha envelhecida pelo simples abandono. A cada ano, 3 000 quilômetros de rodovias em estado razoável tornam-se ruins por falta de remendos. Nesse aspecto, a gaveta de estatísticas do DNER choca: apenas 2 000 quilômetros de rodovias foram restaurados no ano passado em todo o Brasil. De novo, nada se construiu. De São Paulo a Curitiba, uma ligação absolutamente crucial para todo o transporte entre o norte e o sul do país, viaja-se hoje como se viajava em 1961, quando foi inaugurado o asfalto entre as duas capitais — pouco importando, para o governo, o aumento da frota nacional de veículos nestes últimos trinta anos.

No último dia 24 de junho, dezesseis pessoas morreram na BR-101, em Sergipe, quando dois ônibus da Viação São Geraldo foram tragados por uma cratera que se abriu de repente no leito da rodovia, durante uma chuvarada. ''A culpa não foi da natureza, mas da má conservação'', acusa o presidente do Clube de Engenharia de Sergipe, Etelvino de Freitas. A rodovia não chegou a ser interditada. Quanto à cratera que tragou os dois ônibus, ela se encontra lá do mesmo jeito, comendo metade da pista, mais de um mês depois do acidente. O conserto, por sinal, ainda demora até setembro — quando se espera acabem as chuvas e chova alguma verba do DNER, cujo diretor, Antônio Alberto Canabrava, tenta realizar milagres para atender aos problemas que chegam à sua mesa.

''Decrepitude Alarmante'' — A triste verdade é que as obras não aparecem simplesmente porque não se encontra um jeito de levantar dinheiro para isso no atual estado de penúria a que foi reduzida a União. ''O Estado brasileiro está perdendo a capacidade de administrar até as mais comezinhas rotinas da vida pública'', diz o cientista político Hélio Jaguaribe, um estudioso de soluções para a crise que aperta hoje o país por todos os lados. ''Daqui a muito pouco tempo, por exemplo, esse Estado não vai conseguir coletar o lixo das cidades. É uma decrepitude alarmante'', acrescenta Jaguaribe.

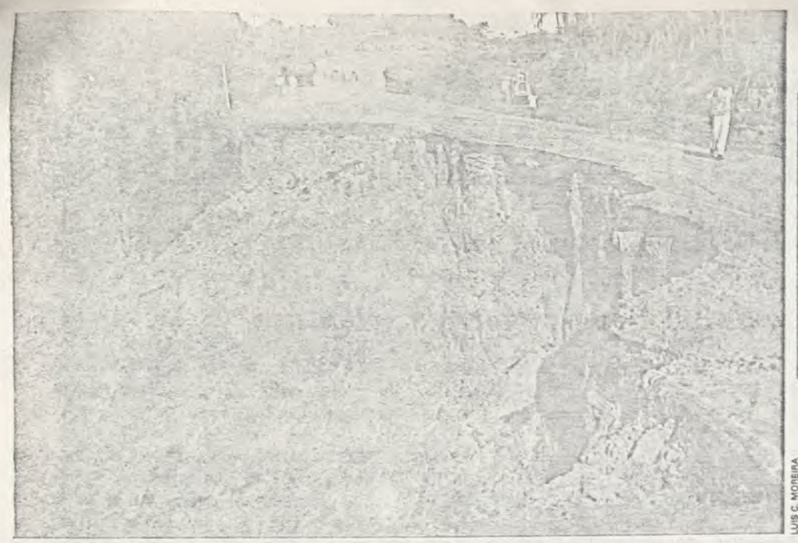
O Estado, sabe-se, tem um problema de caixa que vem de muitos anos, atravessou a opulenta década de 70, na qual se engordou a coluna de débitos externos na crença de que seriam facilmente pagáveis, e prosperou pelos anos 80 até atingir seu ponto mais dramático neste exato momento do governo do presidente José Sarney. Se, como nota Hélio Jaguaribe, o governo está perdendo até a capacidade de administrar rotinas comezinhas, essa dificuldade é evidentemente maior quando se trata de governar a expansão de serviços como a infra-estrutura de transportes públicos — coisas caras, mas indispensáveis, como são portos, estradas, ferrovias, metrôs.

O Metrô do Rio de Janeiro, na mesma situação desfavorável, está com seu cronograma de obras devastado. A expansão do sistema, para a qual se programaram dois anos de ''inaugurações estratégicas'', simplesmente naufragou: faltando pouco mais de um ano para vencer o prazo estabelecido pelo cronograma, apenas 10% do projeto foi concluído. Desde setembro último, as construtoras não recebem um tostão. Em Belo Horizonte, um metrô de superfície,

O roteiro da crise

Onde o transporte está parando

- **O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, o DNER, gastou 971 milhões de dólares nas estradas brasileiras no ano passado — menos do que aplicava há dez anos, quando a malha rodoviária era menor. Um terço das rodovias federais está em situação precária.**
- **Os investimentos do governo em ferrovias são hoje de 0,1% do produto interno bruto, o PIB, ao ano — um terço do que foram na década passada. Não dá sequer para manter os ramais já existentes, e alguns deles foram desativados.**
- **Nunca a Portobrás gastou tão pouco nos portos quanto nos últimos dois anos — 0,07% do PIB. Há filas de navios diante das docas.**
- **Os problemas também atingem outros setores vitais. Os principais aeroportos estão congestionados, por exemplo, e as obras dos metrôs andam devagar.**



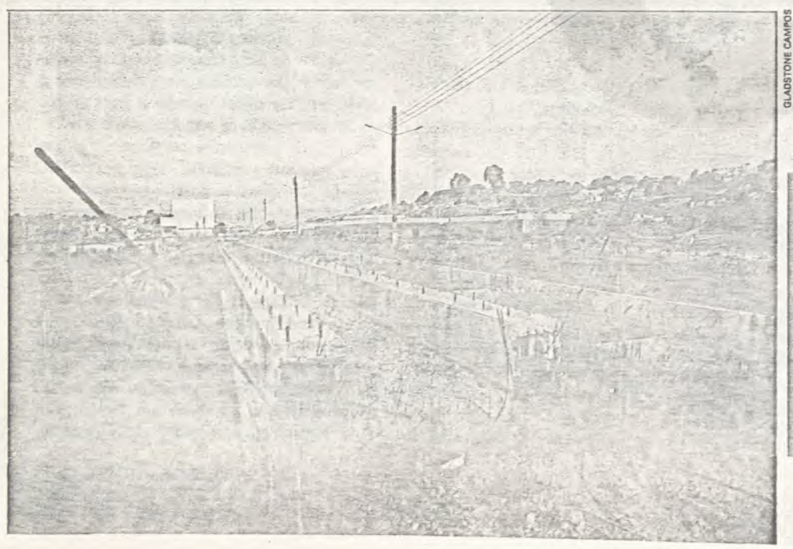
LUIS C. MOREIRA

BR-101, em Sergipe

A pista, com mais de vinte pontos perigosos, abriu-se nesta cratera que engoliu dois ônibus e 16 pessoas



ANTONIO MILENA



GLADSTONE CAMPOS

projetado em
para ter 60
metros e subs
500 ônibus
transporte
de 1 milhã
passageiros,
apenas um
de seu
inaugurado e
rega atualm
menos de um
cimo dos
geiros que de
levar. A maior parte dos equipamentos
se metrô mineiro, como máquinas e va
já foi paga, mas continua encostada. O
mo desastre cerca o projetado sistem
transporte de massa de Salvador. Dos 2
homens previstos para trabalhar na obr
tão em ação, hoje, 350. A obra já c
miu, até agora, 195 milhões de dólares
quais 180 milhões são dívidas com a
trutora encarregada do trabalho, a No
Odebrecht — ou seja, a empresa pago
se tudo até agora. Resultado: não se
gue concluir a obra.

No setor rodoviário, para se ter uma
precisa da indigência brasileira, a Esp
está gastando só neste ano 2 bilhões de
res nas suas rodovias, enquanto o Brasi
área dezessete vezes superior, investe
nas 971 milhões de dólares — ou seja,
nos da metade. Para as ferrovias, a co
ração fica ainda pior. A Espanha res
16 bilhões de dólares para a expansão
lhoria de sua malha, numa previsão de
precisará dramaticamente de seus
quando o comércio continental se m
car, em 1992, com a inauguração for
Mercado Comum Europeu. No Brasil,
as tarifas ferroviárias, como todas as
mais administradas pelo governo, so
uma defasagem de pelo menos 50%
não há no horizonte nenhuma perspe
de uma invasão de dinheiro externo,
pode esperar a Espanha —, o presi
José Sarney batalhava solitariamen
semana passada para tocar adiante
projeto do coração — a Ferrovia
te—Sul, que liga Brasília ao Maranhã

Cumbica e o metrô de BH

O terminal n.º 2 do Aeroporto de Guarulhos parou em 1983. Belo Horizonte *(ao lado)* só acabou um sexto do metrô de superfície

Consultado
lo ministro
Transportes,
Reinaldo Ta
o general L
das Pires G
ves, ministr
Exército, de
nal verde
que o trech
Ferrovia In
triz—Estreit
110 quilôm
possa ser co

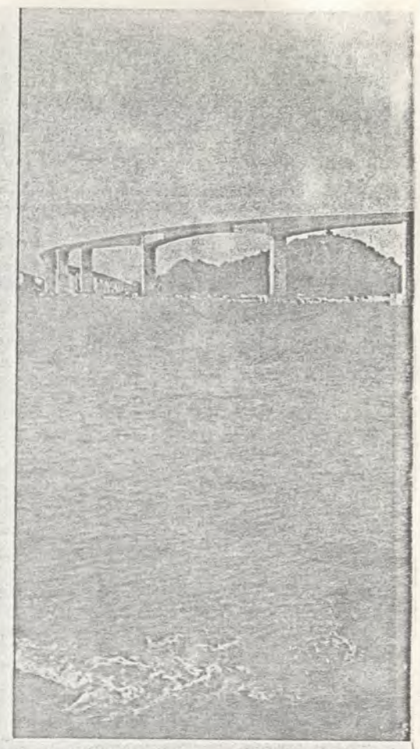
do pelos batalhões de engenharia do Exército. Com a entrada desses batalhões em campo, o custo da obra seria reduzido em 30%. Além dessa economia, o ministro Leônidas atende a um desejo do seu chefe, o presidente Sarney, que gostaria de deixar o governo, em março do ano que vem, com a satisfação de ver implantada a Ferrovia Norte—Sul pelo menos no território maranhense, onde ele nasceu.

Um Formigueiro — Num país de estratos sociais tão marcados como o Brasil, é comum ter-se equipamentos também muito diversos para atender mais ricos e mais pobres, de colégios com padrão americano a escolas de nível paquistanês, passando por restaurantes, lojas e clubes que parecem produtos de países, quando não de séculos, diferentes. Em geral, os habitantes do mundo mais refinado não são atingidos pelos problemas crescentes dos trens urbanos, porque não os usam, nem tampouco se ressentem do mau funcionamento da rede pública de hospitais, porque igualmente não a freqüentam. Mais cedo ou mais tarde, porém, a ruína dos trens superlotados abalroa o círculo dos que têm carro particular ou andam de avião.

Na semana passada, as filas de desembarque no Aeroporto de Cumbica, em São Paulo, chegavam a demorar duas horas para os vôos internacionais, de onde jorram aqueles passageiros que atravessaram já dez ou doze horas no ar e estão ansiosos para chegar em casa. Com capacidade para receber até três aviões Jumbo nos horários de pico, Cumbica hoje precisa dar vazão a uma fila de sete aparelhos de uma só vez, em alguns dias da semana. Além disso, o aeroporto se transformou num formigueiro alimentado o dia inteiro por centenas de vôos nacionais. A construção de um segundo terminal, que aliviaria os problemas, está parada desde 1983, por falta de 50 milhões de dólares. O terminal chegou a ser levantado, está à vista de todos os que se amontoam nas filas, mas a obra empacou do meio para o fim. Ou seja: a estrutura está pronta, milhões de dólares foram consumidos nela, mas por falta de conclusão todo o trabalho feito até agora não serve para absolutamente nada. "Melhoraria muito se essa parte começasse a funcionar", diz o brigadeiro Theodosio Pereira da Silva, superintendente da Infraero em São Paulo. Nos portos, a situação não é muito melhor. Só no ano passado, os importadores brasileiros tiveram de pagar cerca de 300 milhões de dólares de multas aos navios que chegam do exterior e são obrigados a esperar na fila o seu momento de descarregar a mercadoria, graças ao congestionamento perpétuo dos cais brasileiros.

Frete Caro — A dificuldade de caixa do governo no setor rodoviário piorou recentemente por uma alteração de caráter legal. O imposto que era recolhido para esse fim, imposto único sobre comercialização de combustíveis líquidos e gasosos, que compunha 70% da receita do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, foi extinto pela nova Constituição. O novo imposto, o selo pedágio, já arrecadou mais de 100 milhões de cruzados novos — só que até agora nem um centavo foi aplicado na construção ou recuperação de um metro sequer de rodovias. Os veículos que rodam em estradas federais já estão pagando o selo pedágio há cinco meses, mas até agora o dinheiro está parado no caixa do Tesouro Nacional, enquanto o Congresso, que deve decidir onde ele será aplicado, não vota a matéria. Enquanto isso, o dinheiro é usado para tapar o rombo do déficit público.

Um dos resultados do desconcerto da política de transportes no país é o encarecimento do custo do frete, num país onde



75% do transporte de cargas é feito por estradas de rodagem. Paga-se, no Brasil, um dos fretes mais caros do mundo hoje em dia. Calcula-se, por exemplo, que o preço de uma tonelada de soja custa ao produtor brasileiro 190 dólares. Nos Estados Unidos, o mesmo produto é mais caro: sai por 222 dólares a tonelada. Mas, como a soja americana é transportada por hidrovias e ferrovias, acaba saindo 7% mais barata no porto, por 239 dólares, contra 257 dólares da soja brasileira, que viaja de caminhão. No Brasil, as hidrovias são desconhecidas e apenas 12% do transporte é realizado por ferrovias —

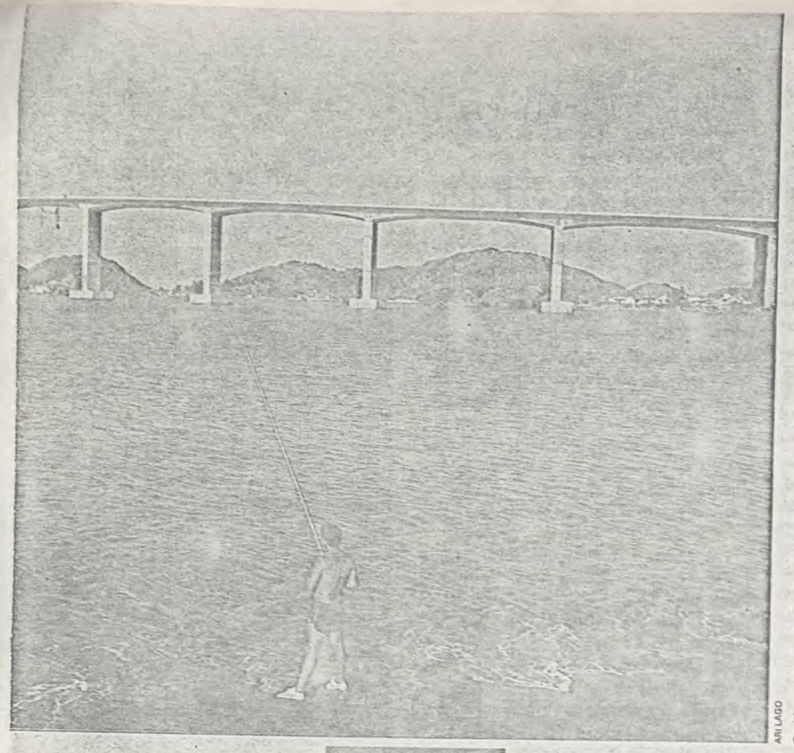


Canabrava, do DNER: milagres para esticar as verbas



BIA PARREIRAS

Corral, da Fepasa: 2 milhões de dormentes para trocar



AR LAGO

um dos índices mais baixos do mundo. Nos países desenvolvidos, 40% do transporte é ferroviário e, no bloco comunista, esse índice sobe a 73%.

Com Pedágio — Para piorar a situação, sabe-se que grande parte das ferrovias brasileiras foi construída antes da década de 50 — ou seja, as mais jovens já estão se aproximando de meio século de vida. Num mundo que há anos redescobriu a ferrovia como o grande meio de transporte de passageiros em distâncias médias, que investe freneticamente nos trens de altíssima velocidade e aposta 100% neles para o século XXI, a reposição de peças no Brasil de hoje é um trabalho de museu e claudica pela falta de verbas. Apenas em São Paulo, por exemplo, a Ferrovias Paulistas S.A., Fepasa, precisa substituir 2 milhões de dormentes para diminuir os riscos de acidente e o atraso de seus trens — uma extensão de 1 350 quilômetros de linhas, mais de um quinto de sua malha total. Metade das suas máquinas e vagões está parada. "Dependemos inteiramente de verba do governo estadual para investir", afirma o presidente da estatal, Antônio Carlos Rios Corral. "Já estamos satisfeitos pelo fato de que a empresa pelo menos consegue pagar suas despesas operacionais", acrescenta ele.

Nesse cenário melancólico e afogado por falta de investimentos públicos, tudo pode parecer natural quando não se atenta para o fato de que os equipamentos de infra-estrutura vão mal neste momento justamente por estarem atados a um Estado falido quando nada torna essa amarração obrigatória. No Japão, para citar um país em que o Estado influencia grandemente a economia, o governo privatizou ramais ferroviários e o homem mais rico do mundo, o empresário Yoshiaki Tsutsumi, é dono de uma estrada de ferro, a Seibu, entre outros negócios. Na Alemanha, nos Estados Unidos, na França, muitas estradas e ferrovias estão nas mãos de particulares, que cobram tarifas adequadas e ganham com isso. No Brasil, apesar da cultura segundo a qual tudo que é de uso público deve ter o Estado como gerente, tentam-se, criativamente, algumas modificações de rota, mesmo porque são poucas as saídas que restam hoje em dia, além de um enxugamento sério da paquidérmica máquina estatal. Trata-se, sem dúvida, de um sinal animador.

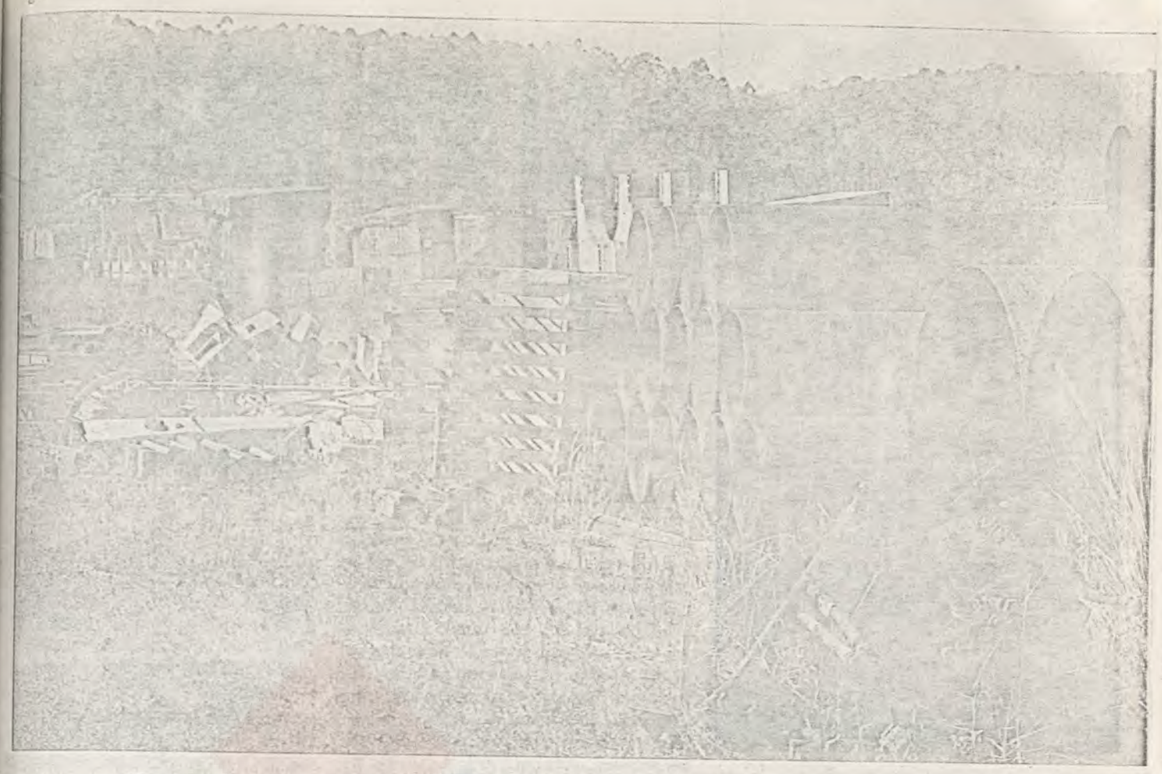
Baía de Vitória

A ponte que vai a Vila Velha só acabou graças ao dinheiro da empreiteira Odebrecht, que cobrará pedágio por doze anos

Em Vitória, no Espírito Santo, inaugura-se dentro de alguns dias uma ponte que liga a capital à cidade vizinha de Vila Velha, cortando a baía que dá entrada ao porto da cidade. Em março do ano passado, a ponte parou mais uma vez por falta de dinheiro, depois de dez anos de construção num ritmo acidentado e em geral quase imperceptível. Foi concluída agora com recursos próprios da construtora Norberto Odebrecht, que empregou na obra 24 milhões de cruzados novos e ganhou o direito de cobrar pedágio de quem passe por ela durante os próximos doze anos. "A associação do governo com a empreiteira foi a única forma de entregar de uma vez o serviço à população", afirma João Luiz de Menezes Tavar, diretor da Ceterpo, empresa ligada ao governo estadual que tomava conta da ponte antes da Odebrecht.

O empresário paulista Olacyr de Moraes, dono da empreiteira Constran e maior produtor individual de soja do mundo, é outro pioneiro dessa saída pela via do capital privado. Moraes obteve a aprovação para a construção de uma ferrovia de 3 141 quilômetros, a Ferronorte, para ligar Uberaba, no Triângulo Mineiro, a Porto Velho, em Rondônia. Objetivo: transportar milhares de toneladas de produtos agrícolas, principalmente soja. Mesmo com subsídios, um gesto ousado — sozinho, ele pretende bancar a construção da ferrovia com 400 milhões de dólares em recursos próprios. "Não se pode viver apenas de queixas e resmungos contra o governo", diz Olacyr de Moraes.

Como parceiro neste jogo de risco, ele tem em Minas Gerais a Minerações Brasileiras Reunidas, MBR, do empresário Antônio Trajano de Azevedo Antunes, que desembolsou 136 milhões de dólares numa obra do governo inacabada, a Ferrovia do Aço, que agora poderá escoar por ela sua produção de minério de ferro nas vizinhanças de Belo Horizonte, com desconto no frete, até o Porto de Sepetiba, no Estado do Rio. Projetada em 1975 como uma ligação entre Belo Horizonte, Rio e São Paulo, com um total de 834 quilômetros, dos quais mais de 90 quilômetros apenas de túneis e viadutos, a Ferrovia do Aço ficou tão cara que se tornou inviável. Depois de doze anos de construção, ao longo dos quais foram torrados 2,3 bilhões de dólares, mais do que o dobro do previsto, Antunes entrou em cena e completou a construção de apenas metade do percurso original, o que lhe basta para transportar seu minério para fora de Minas Gerais. Muito dinheiro se perdeu na Ferrovia do Aço: para baratear la, os equipamentos elétricos, em parte importados, foram substituídos por máquinas diesel, enquanto há um cemitério de túneis e viadutos abandonados ao longo de 59 quilômetros que o empresário não terminou — e ninguém sabe quando serão incorporados à ferrovia. Pelo menos, não se desperdiça uma parte do que foi feito, uma ocorrência muito comum no Brasil de hoje, que se mostra incapaz de ao menos finalizar aquilo que já está perto do ponto de uso.



O gargalo estatal

A crise atinge ainda serviços que foram impecáveis, como os correios e as telecomunicações, e lança sombras sobre o futuro de várias estatais



Os rios de dinheiro que foram investidos ao longo de toda a década passada em setores vitais para o desenvolvimento nacional — como o do petróleo, das telecomunicações ou da siderurgia — tiveram o efeito de apresentar o Brasil, na entrada dos anos 80, como um país economicamente moderno. Para o empresário que desejasse instalar aqui o seu negócio não faltariam os produtos básicos para o sucesso de qualquer projeto econômico — como energia elétrica, aço e combustível —, fornecidos por um conjunto de gigantescas estatais. Hoje, esse cenário é bem diverso, e, além do problema mais grave da energia elétrica, há desafios enormes na produção e no fornecimento de combustíveis, enquanto as siderúrgicas parecem caminhar a passo firme para o sucateamento.

Segundo a análise unânime de especialistas, ocorre que não existe mais dinheiro para investir nessas estatais, uma vez que tudo o que entra nos cofres do governo tem dois destinos prioritários: o pagamento da dívida externa e a cobertura da folha de salários da burocracia. Além disso, o governo impede que as estatais cobrem tarifas reais pelos seus serviços para não agravar a inflação. É duvidoso que essa tática funcione sobre a inflação, mas é certo que ela empurrou algumas das maiores estatais brasileiras para uma crise financeira. Existe, finalmente, a acusação de que cada vez mais as estatais vêm servindo como uma enorme árvore de empregos para os apadrinhados de políticos, o que prejudica o seu bom andamento.

Primeiro Lugar — A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ECT, por exemplo, foi apontada por pesquisas de opinião em 1983 como a instituição de maior credibilidade do país, ganhando até da Igreja. Hoje, os correios continuam prestando bons serviços, mas os problemas são visíveis. Nos últimos nove anos, 2% do orçamento geral da ECT tem sido investido na expansão de seus serviços — uma quantia irrisória frente ao aumento do número de cartas e pacotes que a ECT expede, de 11% ao ano. Para acompanhar essa demanda, pelo menos 19 000 agências deveriam ter sido abertas nos últimos anos, o que não ocorreu simplesmente por falta de dinheiro. "A atual estrutura só agüentará até o final do ano que vem", alerta Paulo Machado Belém Filho, assessor de planos e desenvolvimento da empresa.

Para o técnico da ECT, a falta de investimentos terminará fazendo com que os serviços de correio retornem àquilo que eram na década de 60, quando uma carta demorava um mês para transitar entre duas cidades.



GLADSTONE CAMPOS

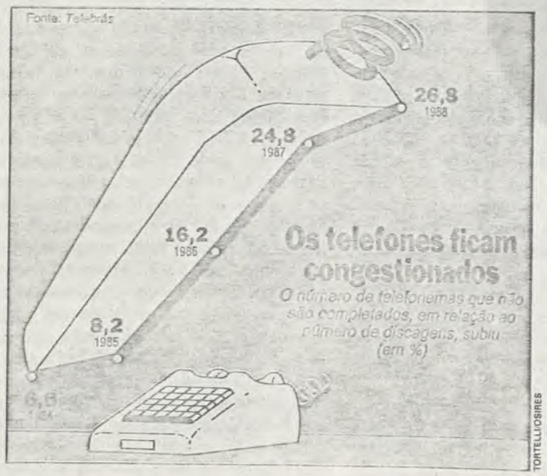
Essa mesma volta ao passado ameaça o sistema brasileiro de telecomunicações, cujos serviços tinham, há seis anos, um padrão de qualidade equivalente ao dos países desenvolvidos. Em 1984, apenas seis entre cada 100 telefonemas não se completavam em virtude do congestionamento das linhas. Hoje, 29 em cada 100 ligações esbarram em linhas congestionadas *(veja gráfico)*. Assim como ocorre com a maioria das empresas governamentais encarregadas de prestar serviços essenciais, o principal transtorno da Telebrás — a estatal que controla as empresas telefônicas regionais — é a seca de investimentos e a compressão das tarifas. Um telefonema no Brasil, hoje, custa quinze vezes menos do que o cobrado em países desenvolvidos, como Austrália ou Dinamarca, mas é também mais barato do que em nações pobres, como Índia ou Paquistão.

PÁTIO DA AÇOMINAS

Em Ouro Branco, há dez anos estão estocados ao relento equipamentos comprados pela estatal na Inglaterra

"Motivo Trágico" — Mesmo na Petrobrás, a maior empresa brasileira e um emblema de lucratividade na área das estatais, o achatamento dos preços que pode cobrar pelo combustível tem produzido prejuízos mensais de 100 milhões de dólares. Na semana passada, por essa razão, a empresa anunciou que não pretende desembolsar nenhum tostão em recursos para investimento no segundo semestre deste ano. Com isso, abandonou sua meta de transformar o Brasil num país auto-suficiente em petróleo ainda em 1997. A falta de dinheiro na Petrobrás chegou a produzir situações inusitadas. No ano passado, a empresa perdeu o poço de Enchova, no litoral do Rio de Janeiro, num incêndio. Os 350 milhões de dólares pagos pelo seguro foram recebidos, contudo, com satisfação pela diretoria da empresa. "O motivo foi trágico, mas pelo menos pudemos manter com esse dinheiro nosso cronograma de investimentos", afirma Carlos Sant'Anna, presidente da Petrobrás.

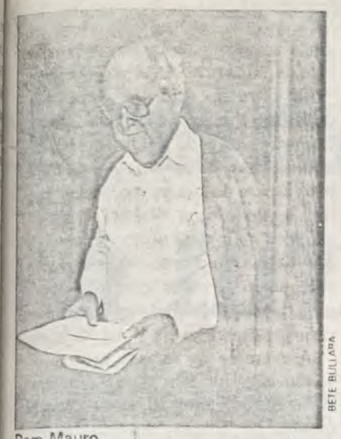
Problemas como esse chegam a ser... núsculos se comparados com o caos ... tente entre as grandes siderúrgicas ... tais. A maior delas — A Companhia ... rúrgica Nacional, a CSN de Volta Re... da — sofreu três tipos de abalo, nos ... mos anos, que hoje ameaçam sua pr... sobrevivência. Desde 1980, a CSN v... seu aço por um preço abaixo do cust... produção. Para cobrir o prejuízo, com... dívidas que explodiram com a alta do... ros no Plano Verão — de 25 milhões ... dólares, passou a pagar 100 milhões ... dólares por mês. Não bastasse isso, a ... ve dos metalúrgicos de Volta Redonda ... ano passado, manteve a empresa para... da por um mês e, em maio, um de seus ... tos-fornos explodiu, reduzindo em 30% ... produção da CSN. "Precisamos de 2,5 ... lhões de dólares para sair dessa cris... diz o presidente da empresa, Juvenal O... rio Gomes. Além dos imprevistos, houve... ros na área da siderurgia. O mais flagra... deles ocorreu na instalação da Açominas, ... uma siderúrgica construída em O... Branco, a 128 quilômetros de Belo Ho... zonte. Pelo projeto da Açominas, que ... meçou em 1976, seus fornos deveriam ... tar produzindo 2 milhões de toneladas ... aço em 1980, meta que só conseguiu a... gir sete anos depois. Isso não é o pi... empresa foi concebida para fabricar la... nas de aço, mas até hoje as máquinas ... minadoras importadas da Inglaterra ... 1977, ao custo de 700 milhões de dó... res, não estão montadas — suas pe... continuam espalhadas, ao relento, n... pátio da empresa. Somente agora a Aç... minas conseguiu os 400 milhões de dó... res necessários para colocar as máqui... de pé. Ainda assim, pode dar graças ... céus. No Brasil atual, isso pode ser c... siderado proeza.



A caminho do colapso

O que faz as empresas pararem

- **A falta de investimentos do governo e o achatamento das tarifas impedem as estatais de ampliar seus serviços e de modernizar seus equipamentos.**
- **Com os preços defasados, a Petrobrás tem prejuízos mensais de 100 milhões de dólares e anunciou o cancelamento de todos os investimentos para o segundo semestre deste ano. Está comprometido o plano de auto-suficiência do país em petróleo até 1997.**
- **O mesmo problema ameaça os serviços telefônicos e dos correios. A Telebrás precisa de 8 bilhões de dólares para instalar novas linhas. Os correios podem entrar em colapso em 1990 se a ECT não construir novas agências.**



BETE BULLARA

Dom Mauro
Sua "república popular" incomoda

sobre os três bispos é muito mais uma resposta à aplicação prática da Teologia da Libertação. Uma prática que, defende dom Mauro, se contrapõe ao que ele chama de "teologia do genocídio", onde se leva o fiel "a suspirar pelo reino das almas, esquecendo da terra, onde se deve buscar a plenitude da vida". Seu trabalho em Duque de Caxias vai do apoio ao posseiro e pequeno produtor rural até a construção de uma fábrica comunitária. Trabalha com os metodistas na "diaconia ecumênica" dando apoio à militância dos cristãos nas frentes sindical, política e trabalhista. Criou o serviço "Paz Baixada", onde procura fomentar e auxiliar os movimentos sociais, organizando-os, e a sua associação produtiva autônoma da cidade e do campo. Uma metalúrgica que fabrica enxadas, centrífugas para mel e outras ferramentas para os produtores rurais já atinge consumidores em 60 municípios de 15 Estados. Peças do que ele brinca chamando de "República Popular Fluminense", que teria até uma bandeira, segundo ele, "preta e branca".

O bispo já pensou em hasteá-la, anunciando sua república, "só para provocar celeuma e atrair a atenção para os problemas gravíssimos da região". Como se não bastasse, o bispo prepara-se para introduzir, gradualmente, cânticos e gingados africanos ao rito católico, "para fazer justiça à imensa influência negra na população de Duque de Caxias". Desde que veio de São Paulo para tomar conta da diocese, em 81, as comunidades paroquiais pularam de 115 para 220.

João Carlos Leal

TERRORISMO

CCBP

No Rio, um comando de caça aos bispos progressistas

Uma forma escorregadia de os funcionários públicos livrarem-se dos reclames populares gerou um provérbio: "Não está satisfeito, queixe-se ao bispo." Mas se o bispo decide escutar, o provérbio transmuta-se, rápido, em problema. No Estado do Rio, três desses bispos que gostam de ouvir queixas combinaram-se com dioceses extremamente conflituosas e conturbadas – duas, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, na violenta Baixada Fluminense e uma no explosivo caldeirão sindical de Volta Redonda – e resultaram num incômodo de fato. Meteram-se em lutas por terra, fomentaram a organização popular, denunciaram Esquadrões da Morte e fizeram muita politica.

Há duas semanas, um deles, dom Mauro Morelli, foi um pouco além, declarou seu voto e ofereceu seu vigor à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva, do PT, durante a visita do presidenciável a Duque de Caxias em apoio ao programa do partido "e por ver estampada em Lula a face do brasileiro". Fez isso a despeito de importunos telefonemas que pipocaram pouco antes ameaçando sua vida e de ter passado a constar de uma lista de condenados dos grupos de extermínio. O que, para Mauro Morelli, de 54 anos, há nove no comando da diocese de Duque de Caxias, foi uma primeira onda de ameaças à sua vida, para dom Adriano Hipólito, 24 anos de Nova Iguaçu e 70 de idade, e dom Waldir Calheiros, de 73 anos, 23 dedicados a Volta Redonda, é quase uma rotina. A atuação diversificada, orientada por uma concepção religiosa embebida na Teologia da Libertação, incomoda. E desde os anos 70, as áreas de atrito abertas pelos bispos têm demonstrado sua capacidade de reação. Em 76, lastreado nas incômodas críticas de dom Adriano ao governo, um grupo paramilitar o seqüestrou, torturou e abandonou numa estrada deserta – nu e pintado de vermelho. Na mesma ocasião era enviado um recado para Volta Redonda: "Fui avisado de que



Dom Adriano
Primeira vítima, viu a cara da morte

seria o próximo", conta dom Waldir

De lá para cá, a contabilidade das ameaças, especialmente sobre o bispo de Volta Redonda, ainda não pode ser fechada. Foram telefonemas, agressões verbais na rua e perseguições pelo centro do Rio de Janeiro. Existe, é claro, a possibilidade de que tudo seja obra de grupos extremistas de direita, explicação corrente na época do seqüestro. O mais provável, contudo, é que tanto as ameaças quanto as violências reais tenham sua origem mais perto das dioceses.

Dom Waldir Calheiros, por exemplo, embora martele a tecla de que as ameaças devam estar enraizadas "na direita radical, violenta e burra", admite que seu trabalho como fomentador da organização popular "não agrada ao empresariado local". A primeira vez em que realmente passou a se sentir em perigo, por sinal, tem mais a ver com a conjuntura municipal do que nacional. Poucos dias depois da invasão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em novembro do ano passado, que resultou na morte de três metalúrgicos por tropas do Exército, ele recebeu a visita de dois policiais a mando, segundo disseram, de uma promotora do Rio, que vieram alertá-lo. "Os policiais disseram que eu e o prefeito da cidade, Juarez Antunes, estávamos na mira de grupos de extermínio", conta o bispo. E ainda contaram como o assassinato se daria. "Segundo eles, seria de carro, fora da cidade para evitar suspeitas, e que o matador já tinha até passaporte."

Para dom Waldir, quando o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e recém-empossado prefeito da cidade, Juarez Antunes, morreu, "num estranho acidente", fora da cidade, foi a confirmação da história. O motivo alegado pelos policiais era a atuação dos dois na greve da CSN. Na véspera de sua morte, porém, Juarez, segundo dom Waldir, estava decidido a abrir uma concorrência para que outras empresas de ônibus viessem para a cidade em represália a uma ameaça de *lockout* dos empresários rodoviários de Volta Redonda.

A exemplo do recente caso envolvendo dom Waldir, o rapto de dom Adriano, nos anos 70, ainda que promovido por forças paramilitares, não afunila os motivos na direção apenas do governo militar, no passado, ou de uma direita enlouquecida no presente. O bispo de Nova Iguaçu tem bem claro que, na década passada, não despertava grandes amores junto à classe média alta da sua diocese, nem tampouco agradava os proprietários de terras invadidas por posseiros – ao lado dos quais, quase sistematicamente, dom Adriano se colocava. Por ocasião do rapto, o bispo da Baixada – só nos anos 80 desmembrada em mais dioceses – ainda tinha aberto outra frente de atrito, iniciando uma série de denúncias sobre a atividade de grupos de extermínio.

Coincidência ou não, as ameaças telefônicas ao vizinho bispo de Duque de Caxias surgem justamente quando dom Mauro investe contra o ressurgimento dos Esquadrões da Morte na Baixada. "Os telefonemas também falavam sempre contra a Pastoral do Menor, um trabalho nosso que vem crescendo muito", lembra. A Pastoral ameaçada foi qualificada de "antro de amparo a marginais".

Na realidade, a violência dirigida



Dom Waldir
Avisaram que será o próximo

ISTOÉ SENHOR/1038 – 9/8/89

Freira assassinada a tiro no carro

NOVA IGUAÇU (Sucursal) – A freira Filomena Lopes Filho, de 44 anos, diretora do turno da tarde do Instituto de Educação Santo Antônio – Iesa – um dos mais importantes do município, foi encontrada morta com um tiro no ouvido esquerdo na madrugada de ontem, ao volante do Saveiro, placa QF-2883, num trecho deserto da Estrada de Itaipu, em Babi, Belford Roxo. Irmã Filomena estava desaparecida desde o início da noite anterior, quando saiu para levar três sacos de cimento para uma família na Estrada de Iguaçú, sendo vista depois num mutirão, onde conversou com algumas pessoas. Na ocasião, disse que estava com dor de cabeça e que iria para casa.

Vingança

Apesar de terem desaparecido o relógio que usava e todo dinheiro que havia na carteira, achada somente com os documentos no interior do carro, que pertence à Ordem Franciscana do Imaculado Coração, nem a Polícia nem os religiosos que trabalhavam com irmã Filomena acreditam que ela tenha sido vítima de assalto. Para todas essas pessoas ela foi morta por vingança. Uma destas pessoas é o frei Luís Tomás, da Cáritas Diocesana, que comentou que irmã Filomena estava fazendo um trabalho comunitário de esclarecimento, que dificultava a ação dos traficantes de drogas daquela região. A seu ver, isso pode tê-la levado à morte.

Ajudava os necessitados

A Polícia começou a reconstituir ontem os passos da Irmã Filomena, para tentar esclarecer sua morte. Até então sabe-se apenas que ela deixou o Iesa por volta das 17h de quinta-feira, embarcando no Saveiro que costumava usar para transportar materiais de construção para o mutirão que dirigia no bairro da Viga, e que se destinava a dar casa para os moradores ribeirinhos do Rio Botas. O trabalho policial mostra que ela foi primeiramente até a casa de Josefa Vieira dos Santos, de 35 anos, na Estrada de Iguaçu, em frente ao prédio 35. Nessa casa, que pertence a Cáritas Diocesana, Josefa mora com o companheiro Cícero Ferreira dos Santos e mais cinco filhos, e recebeu os três sacos de cimento levados por Irmã Filomena, pouco depois das 17h.

Dali, a freira foi vista pouco depois na Rua Marly Barcelos, onde o mutirão que dirigia construiu 180 casas para os ribeirinhos. Em seguida ela fez rápida visita à creche Casa das Crianças na própria Favela da Viga, para mais tarde passar pela Rua D. onde 29 outras casas do mutirão estão sendo construídas. A partir daí a religiosa foi vista conversando com Antônio Manuel da Silva e uma outra moradora só identificada como Emília. Eles conversaram sobre a construção das casas – cinco ainda estão por terminar – e da Igreja de São Francisco de Assis no mutirão, que é chamado de Comunidade Bom Pastor, e na qual hoje será celebrada missa por sua alma às 10h. Segundo este casal, Irmã Filomena chegou a comentar que estava com dor de cabeça, e que iria diretamente para casa, saindo por volta das 18h30m.

Morta

Foi a última vez que a freira foi vista com vida. Segundo ficou apurado, ela deveria seguir dali para a Igreja Santa Rita de Cássia, no Bairro Cruzeiro do Sul, onde o padre Terezio Rinaldi a estava esperando para assistir à missa, Como ela não aparecia até às 22h30m, o padre e mais outras pessoas foram à 54ª DP, onde comunicaram seu desaparecimento, e logo se iniciou a busca. Só no final da madrugada, quando alguns policiais decidiram vasculhar a Estrada de Itaipu, é que encontraram a freira morta ao volante do carro, vestida com roupas comuns.

Estava sendo ameaçada

A freira Filomena já vinha sofrendo ameaças de morte pelo menos há 3 meses. Poucas pessoas, no entanto, sabiam do fato. Bastante reservada, a irmã teria comentado o assunto apenas com os amigos mais próximos e com os membros de sua congregação. Não há certeza, porém, de quem teriam partido essas ameaças, mas suspeita-se de traficantes da área.

Natural de Minas Gerais, ela entrou para a Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição há 11 anos. Em 1987, saiu de Barra do Piraí com destino a Nova Iguaçu, onde iniciou o projeto do mutirão com as famílias que residem às margens do Rio Botas, na Favela da Viga.

Com a ajuda de benfeitores das Cidades de Colônia e Rottembourg, na Alemanha, conseguiu construir 158 casas, uma creche, um centro comunitário e uma igreja, que estão em fase de acabamento. "Não há dúvidas de que esse foi um crime premeditado", admitiu a presidente da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu, Sada Baroud.

Foto Darilio Paixão



Foto Antônio Duarte



A freira Filomena foi encontrada morta com um tiro no ouvido, ao volante do Saveiro. No velório, D. Adriano Hipólito não conseguia entender a violência

Violência veio de onde ela semeou o bem

A irmã Filomena Lopes Filho morreu por tentar implantar o Reino de Deus entre os pobres. Esta foi a tônica da homilia dos bispos Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, e Waldir Calheiros, de Volta Redonda, durante a missa de corpo presente em memória da freira assassinada na madrugada de ontem. A cerimônia, realizada na Capela do Instituto de Educação Santo Antônio, em Nova [illegible] fiéis e religiosos da Baixada Fluminense.

"Estamos diante de um mistério de nossa fé que nos desafia", disse Dom Adriano à multidão emocionada. "Se a esperança de Filomena fosse a recompensa dos homens, ela estaria fracassada, pois na mesma favela onde passou todo o tempo fazendo o bem, nasceu a mão criminosa que a matou", afirmou o Bispo.

Apesar de reconhecer o estado de [illegible] voltarão, Dom Adriano procurou aconselhar aos integrantes do Mutirão da Favela da Viga e aos amigos da irmã Filomena a não alimentarem o rancor:

– Devemos deixar de lado a mão criminosa que eliminou uma vida dedicada à Justiça e olharmos para Cristo que é nosso modelo. Filomena compreendeu essa identidade com Jesus e agora está com Deus.

Já o Bispo de Volta Redonda, [illegible] pode amedrontar os que ainda lutam por Justiça. "Vamos ficar do lado dos pobres, porque quem está do lado deles é um bem aventurado diante de Deus. E para nós, cristãos, por isso, vale a pena morrer." Ao fim da missa, o corpo da freira foi transportado para Barra do Piraí, para ser velado no Colégio Nossa Senhora da Madianeira, sede da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição. O sepultamento será [illegible]

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
24ª ASSEMBLÉIA GERAL
Itaici-SP., 9 a 18 de abril de 1986

(Doc.)

POR UMA NOVA ORDEM CONSTITUCIONAL

DECLARAÇÃO PASTORAL

INTRODUÇÃO

I = CONSTATAÇÕES E DESAFIOS

II - IGREJA E PROCESSO CONSTITUINTE

III - CONTEÚDO DA CONSTITUIÇÃO: CRITÉRIOS E EXIGÊNCIAS

CONCLUSÃO

VOC 1

ÍNDICE

INTRODUÇÃO..... 1 - 5

1ª parte: CONSTATAÇÕES E DESAFIOS
1. A importância do Momento Político..... 6 - 9
2. O sentido da Constituição..... 10 - 12
3. A participação do Povo..... 13 - 17

2ª parte: IGREJA E PROCESSO CONSTITUINTE
1. A Colaboração da Igreja..... 18 - 25
2. A eleição de novembro de 86..... 26 - 34
3. Durante o funcionamento da Assembléia Constituinte..... 35 - 41
4. Após a promulgação da Constituição..... 42 - 43

3ª parte: CONTEÚDO DA CONSTITUIÇÃO: CRITÉRIOS E EXIGÊNCIAS
3.1. A atuação dos Cristãos..... 44 - 48
3.2. A Ordem Social
3.2.1. Critérios básicos..... 49 - 53
3.2.2. Exigências concretas
- Promoção e Defesa da Vida..... 54 - 58
- Promoção e Defesa do Meio Ambiente..... 59
- Promoção e Defesa dos Direitos da Família..... 60 - 66
- Promoção e Defesa da Liberdade Religiosa..... 67 - 70
- Promoção e Defesa da Igualdade de todos perante a Lei..... 71 - 79
- Promoção e Defesa dos Direitos de Todos a partir dos mais Necessitados..... 80 - 83
3.3. A ordem política
3.3.1. Critérios básicos..... 84
3.3.2. Exigências concretas
- O Direito de Participar..... 85 - 86
- Liberdades Políticas..... 87 - 92
- Controle do Poder pela Sociedade..... 93 - 99
3.4. A ordem econômica
3.4.1. Critérios básicos e aspirações... 100 - 104
3.4.2. Exigências concretas
- O Trabalho..... 105 - 119
- Justiça social e ascesso à propriedade..... 120 - 128
3.5. A ordem cultural
3.5.1. Critérios básicos..... 129 - 132
3.5.2. Exigências concretas
- Educação e cultura..... 133 - 144
- Meios de comunicação social.... 145 - 151
3.6. A ordem internacional
3.6.1. Critérios básicos..... 152
3.6.2. Exigências concretas..... 153 - 165

CONCLUSÃO..... 166 - 170

NOTAS AO TEXTO

INTRODUÇÃO

1. Reunidos na 24ª Assembléia Geral da CNBB, nós, Bispos da Igreja Católica no Brasil, queremos expor pontos fundamentais para a reflexão e ação dos membros de nossas comunidades, em vista do processo constituinte, destinado a preparar a nova Constituição.

2. Oferecemos fraternalmente nossa reflexão aos irmãos de outras Igrejas, especialmente as integradas no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), cujo testemunho também nos enriquece e com quem muito temos em comum, sobretudo no que se refere à fé em Jesus Cristo e aos valores fundamentais da pessoa humana e da vida em sociedade, segundo os desígnios de Deus. Acreditamos que nossa contribuição poderá ajudar os futuros constituintes e todos os homens e mulheres de boa vontade que, entre nós, lutam por uma sociedade justa e fraterna.

3. Não é função nossa, como Pastores, apresentar pormenores técnicos para a formulação da Constituição. (1) Mas, como membros da sociedade brasileira e de uma instituição que, fundada na mensagem e na obra de Jesus Cristo, tem nesta mesma sociedade presença significativa, não podemos deixar de dar nossa contribuição para o grande debate nacional que ora se aprofunda. Temos consciência de que nosso desejo de contribuir para uma sociedade justa e fraterna passa agora por um esforço de explicitação das exigências cristãs de uma nova ordem constitucional.

4. Reconhecemos e afirmamos a autonomia responsável que cabe aos cristãos leigos (2), engajados nos vários partidos políticos, associações, sindicatos e movimentos, neste momento histórico de reordenamento institucional, num ano em que, coincidentemente, o papel do leigo será tema destacado da reflexão de toda a Igreja, em preparação ao próximo Sínodo dos Bispos.

5. "Compete aos leigos assumir como tarefa própria, a instauração da ordem temporal, e nela agir de modo direto e concreto guiados pela luz do Evangelho". (3) A autêntica espiritualidade do leigo envolve o propósito de construir a cidade dos homens segundo a dignidade essencial e inalienável da pessoa humana e integra o compromisso sócio-político como expressão da caridade, como amor a Deus e ao próximo.

I PARTE - CONSTATAÇÕES E DESAFIOS

1. A IMPORTÂNCIA DO MOMENTO POLÍTICO

6. A sociedade brasileira, secularmente viciada pelos privilégios de minorias, pela dependência externa e pela marginalização do povo, necessita inadiavelmente de soluções estáveis para os graves problemas éticos, econômicos, sociais, políticos e culturais. O recente período auto

ritário agravou ainda mais a concentração do poder e da renda, levando à corrosão de valores básicos, sobretudo pela corrupção e impunidade. Como resultado dos grandes movimentos cívicos, que se estenderam a toda a nação em 1984, inaugurou-se nova fase de nossa história política.

7. Um novo regime não pode, no entanto, funcionar com uma velha Constituição que, ademais, é somente uma Emenda Constitucional, imposta em 1969 pela Junta Militar, então no poder.

8. O momento político que vivemos é de transição. Esta não se limita, no entanto, à passagem do ordenamento institucional herdado do regime anterior ao reencontro da democracia política. Ela se inscreve num processo histórico mais denso e permanente de superação de uma sociedade elitista, que exclui dos benefícios do desenvolvimento grandes parcelas da população. Ao mesmo tempo, busca uma democracia também econômica e social que estenda a todos a condição de cidadão participante e corresponsável na luta pela melhoria das condições coletivas de vida.

9. Torna-se assim extremamente importante o atual momento político para o povo tomar consciência de sua condição de sujeito da história para o efetivo exercício da cidadania e para o reencontro da sociedade consigo mesma, com a conseqüente reestruturação da ordem jurídica e do funcionamento das instituições.

2. O SENTIDO DA CONSTITUIÇÃO

10. Nessa perspectiva de mudança mais profunda, é mister afirmar que a nova Constituição não deverá restringir-se à reorganização do Estado e de suas relações com a sociedade. Ela deverá traduzir a busca de um novo modelo de sociedade, na sua dimensão social, política, econômica, cultural e internacional. Modelo que se baseará nas exigências éticas da sociedade humana e na extensão da cidadania efetiva a todos os brasileiros e brasileiras sem exceção. Dentro desse novo modelo, caberá a todos os cidadãos o papel de participar corresponsavelmente no empenho pelo aperfeiçoamento social e ao Estado a função de promover para o bem comum, caracterizando uma democracia orgânica e participativa.

11. Adotando-se esse critério, a Constituição deverá inverter a posição tradicional, que dá ao Estado toda a primazia da iniciativa social. A sociedade deverá ganhar a condição de sujeito coletivo da transformação social, conquistando instrumentos de exercício de uma democracia que lhe permitam organizar e controlar a ação do Estado, colocando-o a seu serviço. O sentido que deve ter a nova Constituição é o de abrir espaço para que toda a sociedade possa identificar criticamente o que deve ser mudado, num processo de busca de justiça social, liberdade, igualdade de direitos e de oportunidades. Nesse esforço a sociedade utilizará a mediação do Estado para que a vida democrática se aprofunde e a justiça prevaleça cada vez mais nas relações sociais.

12. Já existem em outros países instrumentos e mecanismos que visam dar à sociedade condições de controlar as decisões de interesse coletivo, governamentais ou privadas. Da atuação dos movimentos populares já surgem novas propostas. Outras vem sendo discutidas no nível dos especialistas. Será através dessas alavancas de transformação social que a sociedade disporá de meios para avançar sempre mais rumo à justiça, à plena democracia e à efetiva participação de todos. (4)

3. A PARTICIPAÇÃO DO POVO

13. A discussão do conteúdo da nova Constituição pode ser instrumento privilegiado de educação e conscientização política do povo. Mas a participação de todos nesse processo é ainda mais decisiva. Só um povo que participe, assumirá a futura Constituição como obra sua; saberá comprometer-se com ela e exigir o seu cumprimento.

14. A elaboração da nova Constituição não deve cair nos erros das Constituições anteriores, que, ou foram promulgadas por constituintes com escassa representatividade popular, ou impostas pelo poder com a colaboração de peritos. A presença destes é indispensável para dar forma articulada ao texto final. Mas é a participação da sociedade que deverá definir o seu conteúdo.

15. Consequentemente, a Comissão Especial instituída pelo Executivo, para apresentar à consideração do Congresso Constituinte uma proposta de Constituição, não substitui nem reduz a importância do amplo debate popular necessário para que a Constituição possa ser realmente assumida pelo povo.

16. No que se refere aos representantes do povo a serem eleitos em novembro de 1986, o ato convocatório da Constituinte, aprovado pelo Congresso Nacional, fechou as portas da Assembléia Constituinte a pessoas não pertencentes aos quadros político-partidários e atribuiu poderes constituintes a senadores já eleitos, não porém para essa função. É do conhecimento público também que grupos decididos a manter privilégios e garantir a continuidade de velhas situações de dominação já se estão organizando para influir no processo constituinte. Denunciando estes fatos, herdados sobretudo do período arbitrário, cremos que ainda há tempo para sanar ou neutralizar esses males.

17. Só a mobilização da toda a sociedade poderá, portanto, evitar que sua participação se restrinja à mera eleição de deputados e senadores que assumirão o mandato constituinte, e ao acompanhamento, a distância, dos seus trabalhos depois de eleitos. Espera-se muito mais dessa participação: que o povo possa apresentar propostas aos candidatos, eleger parlamentares que defendam essas propostas e,contrabalançando a influência do poder econômico, possa influir na discussão do próprio conteúdo da Constituição e exercer uma permanente função crítica.

NDC 5

II PARTE - IGREJA E PROCESSO CONSTITUINTE

1. A COLABORAÇÃO DA IGREJA

18. A fé deve iluminar a ação dos cristãos, neste momento tão importante para a construção de uma sociedade justa e fraterna, na permanente fidelidade a Cristo, à Igreja e ao Homem. (5)

19. A ação pastoral da Igreja no Brasil, nas últimas décadas seguindo a linha do Vaticano II, Medellin e Puebla, tem-se caracterizado pela busca de fidelidade aos apelos de Deus que nos vêm da realidade: "o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos". (6) Formulação significativa desta busca de fidelidade tem sido a "opção preferencial pelos pobres". Longe de ser exclusiva e excludente, ela expressa a opção pela dignidade de todos os seres humanos, filhos de Deus, privilegiando aqueles nos quais essa imagem aparece mais desfigurada por serem vítimas de modelos econômicos, marginalizados pelo poder político e oprimidos pela injustiça. (7)

20. A pedagogia de sua ação pastoral, marcada pelo esforço em abrir espaços para que os pobres se reúnam em comunidades, à luz de uma fé profundamente entranhada na vida, procura superar a separação entre fé e vida, enumerada entre os erros mais graves de nosso tempo pelo Vaticano II. (8)

21. Esta caminhada da Igreja, junto ao povo sofrido, certamente tem sido uma das contribuições significativas para que hoje a Nação aspire a uma transição rumo a mudanças mais profundas do que a simples modernização de uma democracia formal.

22. Reconhecendo a injustiça como forma de violência institucionalizada, a Igreja a rejeita, como rejeita igualmente a violência enquanto caminho normal para superá-la. (9) Esta opção, de acordo com inequívocos pronunciamentos de Igreja, responde mais globalmente às exigências das bem aventuranças evangélicas, pela libertação do homem todo e de todos os homens.

Ela foi reconhecida como pastoralmente válida por João Paulo II, por ocasião de sua visita à nossa Pátria. (10)

23. No processo constituinte, que permitirá consolidar os avanços dos últimos anos, a Igreja deve colaborar, como parte da sociedade, numa busca que será de todo o corpo social. Ela não pretende que a Constituição seja confessional. Numa linha de coerência com a sua atuação até agora, ela trabalha para que se incorporem à nova Constituição os mecanismos e instrumentos democráticos -alavancas de transformação social- que permitirão a participação ativa da população nas decisões de interesse coletivo.

NDC 6

24. A Igreja realizará a dimensão social de sua ação pastoral à medida em que os cristãos, impulsionados pela fé, se mobilizarem para concretizar a vivência do "amor em ações verdadeiras". (11) Aproveitando toda a riqueza de que o processo constituinte é portador, a Igreja estará, assim, contribuindo para uma sociedade justa e fraterna, sinal e anúncio do Reino definitivo. (12)

25. Muitas dioceses, movimentos leigos e outros organismos eclesiais vêm promovendo estudos, debates, encontros e assembléias sobre o processo constituinte. Também várias são as publicações, cartilhas e subsídios destinados à informação do povo cristão que se conscientiza a respeito da necessidade de participar na elaboração da nova Constituição. É necessário, porém, que esse movimento do povo cristão se amplie e se irradie, somando-se a outras iniciativas, para verdadeira mobilização de toda a Nação.

2. A ELEIÇÃO DE NOVEMBRO DE 86.

26. A próxima eleição é ocasião de discernir, a partir das exigências da Fé, os critérios que devem nortear a escolha dos deputados e senadores que serão nossos constituintes. Essa escolha é de suma importância. O voto é uma espécie de procuração: dá ao eleito poderes para agir em nome dos cidadãos. É necessário pois, saber escolher, principalmente por tratar-se de uma Constituinte. Isso é tanto mais importante,porque a eleição simutânea de governadores poderá absorver a atenção maior dos eleitores.

27. O alistamento eleitoral com o recadastramento que se processa atualmente em todo o Brasil é o primeiro passo para possibilitar a participação de todos os brasileiros maiores nas eleições para a Assembléia Constituinte. É oportunidade extraordinária de ajudarmos, como cristãos, os nossos irmãos mais pobres, especialmente os analfabetos, a superarem as dificuldades para obter o seu título de eleitor.

28. É fundamental que as eleições apresentem alto nível de credibilidade perante o povo. Daí o repúdio a qualquer forma de compra de voto e a importância da colaboração de todos nas iniciativas destinadas a superar os vários tipos de fraude, que têm viciado o processo eleitoral. Indispensável para isso é a colaboração dos que se dispuserem a exercer a função de fiscais na apuração dos votos.

29. Para merecer a confiança do eleitor cristão, não bastam um discurso religioso e uma retórica democrática e popular. É necessário o testemunho de vida coerente com os valores cristãos ou com os valores humanos fundamentais implícitos na mensagem cristã. Requer-se, ainda, uma ética e uma prática social e política comprometidas concretamente com a luta pela justiça e com a causa dos marginalizados, empobrecidos e

oprimidos, excluídas posições ideológicas incompatíveis com a fé cristã.

30. Também não se pode confiar em promessas e propósitos "generosos" para com o bem do povo, quando o candidato tem um passado comprometido com interesses pessoais ou de grupos privilegiados ou apresenta um comportamento marcado pela desonestidade, corrupção e oportunismo.

31. Conquanto os partidos sejam a mediação normal e necessária do processo político, não basta a simples referência a uma sigla partidária. Lamentavelmente, com efeito, não existe no Brasil autêntica tradição partidária. Os programas dos partidos não são, em geral, claramente definidos e conhecidos e não passam, frequentemente, de promessas inconsequentes e eleitoreiras. É necessário, pois, que o eleitor, em vista da futura Constituição, saiba avaliar o conteúdo das propostas de cada partido e seu comprometimento com as mesmas.

32. À luz de todos os critérios precedentes é que o eleitor deverá orientar-se na escolha de candidatos confiáveis.

33. É de suma importância que cristãos vocacionados para a ação política se apresentem como candidatos à Constituinte. Os cristãos qualificados por sua experiência a serviço do povo e solicitados pela confiança de seus irmãos e companheiros não se podem furtar a prestar esse serviço. Devem assumir, com generosidade, a ação política como serviço desinteressado, eficaz e coerente com sua opção de Fé. (13)

34. Evitando o risco de transformar os movimentos e as comunidades eclesiais em bases político-partidárias, devem os cristãos apoiar eficazmente os irmãos e irmãs que, por coerência com sua vocação, se dispuserem a entrar na ação político-partidária. O apoio eficaz implica num acompanhamento fraterno que os mantenha integrados à comunidade eclesial e na abertura de espaços adequados para que possam avaliar e aprofundar sua fé diante dos desafios e dificuldades especiais em sua nova missão cristã.

3. DURANTE O FUNCIONAMENTO DA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

35. A ação dos cristãos durante o funcionamento da Assembléia Constituinte é tão importante quanto nas etapas anteriores. Os trabalhos dos constituintes devem ser acompanhados e o povo precisa continuar a influir junto à Assembléia.

36. Será preciso verificar se os eleitos estão sendo fiéis aos compromissos assumidos e coerentes com as opções dos que os elegeram. Será indispensável acompanhar, fiscalizar, oferecer novas contribuições e até mesmo pressionar, para que os constituintes exerçam seus mandatos como verdadeiro serviço ao bem comum, e sintam que estão sendo seguidos apoiados, questionados ou criticados pelo povo.

37. Os cristãos devem estar atentos ao andamento dos trabalhos constituintes para que possam posicionar-se e intervir oportunamente:

- quando se tentar introduzir na Constituição elementos incompatíveis com a dignidade e os direitos da pessoa humana;
- quando eventuais manobras, manipulações e entendimentos de cúpula frustrarem aspirações democráticas;
- quando se tentar limitar a liberdade e soberania da Constituinte;
- quando houver manifesto abuso do poder econômico;
- quando valores éticos e religiosos fundamentais estiverem sendo postergados.

38. Durante a elaboração da Constituição será preciso continuar o trabalho de conscientização para superar os obstáculos que distanciam a sociedade dos acontecimentos políticos, como também o descrédito em que caíram as instituições políticas, sobretudo durante o regime discricionário.

39. Para tudo isso, será necessário criar canais de comunicação independentes entre a Constituinte e a sociedade. Publicações periódicas devem garantir informações, análises e interpretações dos acontecimentos à luz da Fé e das exigências da consciência cristã.

40. Os diversos movimentos, equipes e organismos eclesiais empenhados no acompanhamento da Constituinte precisarão manter-se sempre articulados para agirem unidos e oportunamente.

41. Esse processo será mais completo se o povo tiver a possibilidade de participar, mediante referendum, na decisão das questões mais fundamentais para valorizar e legitimar a Constituição como Lei Básica do país.

4. APÓS A PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO

42. Todo o trabalho de conscientização na fase anterior à eleição da Constituinte e de participação na elaboração da Constituição deve criar condições para tornar o texto Constitucional conhecido em seus aspectos positivos e em suas limitações.

43. Isso exigirá dos cristãos e da pastoral social da Igreja atitude vigilante frente à observância dos preceitos da Constituição e das leis que dela devam decorrer.

NOC 8

III PARTE - CONTEÚDO DA CONSTITUIÇÃO: CRITÉRIOS E EXIGÊNCIAS

3.1. A ATUAÇÃO DOS CRISTÃOS

44. Na terceira parte deste documento queremos manifestar-nos a respeito do conteúdo da nova Constituição, sentindo as aspirações de nossas comunidades. A partir dos princípios cristãos, apresentamos alguns critérios básicos, valores, direitos, obrigações e implicações concretas, situando-as na perspectiva mais ampla da busca de uma sociedade justa e mais próxima do Plano de Deus.

45. Os autênticos direitos que a evolução da sociedade tem permitido identificar e defender vêm sendo amplamente assumidos por aqueles que participam do debate constituinte. A Igreja não pretende apropriar-se desses princípios básicos da convivência humana, como se fossem unicamente seus. Construídos ao longo de uma trajetória de muitos séculos, foram marcados também pela presença cristã na história da humanidade. Mas agora já são patrimônio comum. A Igreja também participa de sua defesa como princípios éticos que, por serem profundamente humanos, encontram no Evangelho sua expressão mais viva.

46. O empenho cristão terá como objetivo a edificação de uma sociedade em que sejam respeitadas a dignidade e a liberdade da pessoa e sejam promovidos todos os seus valores e direitos inalienáveis. "Não se completa a tarefa dos cristãos, enquanto não derem a sua contribuição específica para construir uma sociedade segundo as aspirações mais profundas dos homens de boa vontade e segundo o desígnio de Deus". (14)

47. Temos pois diante de nós um duplo desafio. De um lado assegurar que esses valores e direitos sejam incorporados em sua integridade à nova Constituição Brasileira. De outro lado, dotá-la de efetivas garantias ativas para que não se tornem meras declarações de intenções, mas tenham eficácia prática que oriente nossos comportamentos individuais e nossa vida social.

48. A conquista e a preservação efetiva desses direitos é tarefa de toda a humanidade em sua trajetória histórica. Mas sua incorporação ao texto da Constituição não poderá ser considerada como ponto final da caminhada rumo à justiça e à fraternidade. Uma sociedade segundo os desígnios de Deus implica em mudanças profundas e constantes, cuja realização a humanidade procura sem cessar.

3.2. A ORDEM SOCIAL

3.2.1. Critérios básicos

49. A elaboração da nova Constituição é momento privilegiado para conseguir avanços significativos em direção a uma sociedade participativa, responsável e livre em suas condições de auto-organização e que supere todos os tipos de marginalização; sociedade que assegure a posição da família como comunidade orgânica de vida social e garanta o respeito pelos direitos e a dignidade humana de todos.

50. É dentro dessa perspectiva social mais ampla que se devem situar os valores e direitos, freqüentemente reconhecidos, em tese, e tão menos prezados na organização prática da vida social. Estes direitos poderiam ser assim resumidos:

51. Todo ser humano, qualquer que seja sua idade, sexo, raça, cor, língua, condição de saúde, confissão religiosa, posição social, econômica, ideológica, política, cultural, é portador de uma dignidade inviolável e sujeito de direitos e deveres que o dignificam, em sua relação com Deus como filho, com os outros homens como irmão e com a natureza como senhor. (15)

52. Por isso, todos os seres humanos são fundamentalmente iguais em direitos e dignidade, livres para pensar e decidir de acordo com a sua consciência; para expressar-se, organizar-se em associações e buscar sua plena realização, mas em profundo respeito à liberdade e à dignidade dos outros seres humanos, tendo sempre em vista o bem comum, (16)

53. Mas não é suficiente o reconhecimento formal dessa dignidade e igualdade fundamentais. É preciso que esse reconhecimento seja traduzido na promoção de condições concretas para realizar e reivindicar os direitos fundamentais de todos os homens e de todas as mulheres, tais como: direito à vida e a um padrão digno de existência; direito à saúde e ao lazer; direito à educação, inclusive religiosa, e a escolher o tipo de educação desejada para os filhos; direito à liberdade religiosa; direito ao trabalho e à remuneração suficiente para o sustento pessoal e da própria família; direito de todos à propriedade, submetida à sua função social, direito de ir e vir; direito de entrar no país e dele sair; direito à segurança, à preservação da própria imagem e à participação na vida política.

3.2.2. Exigências Concretas

a) Promoção e defesa da vida (17)

54. Por ser supremo dom natural de Deus, toda vida humana deve ser preservada desde o primeiro instante da concepção, sustentada, valorizada e aprimorada.

55. São inaceitáveis, como atentados contra a vida humana, o aborto diretamente provocado, o genocídio, o suicídio, a eutanásia, a tortura e violência física, psicológica ou moral, assim como qualquer forma injusta de mutilação.

56. São igualmente inaceitáveis, como atentados contra a vida humana, as situações permanentes de fome, subnutrição, condições infra-humanas de existência e impossibilidade de acesso aos serviços de saúde. (18)

57. A pena de morte é injustificável, dentro de uma visão mais abrangente da condição humana, uma compreensão mais aprofundada dos valores evangélicos e a reconhecida mentalidade pacífica do povo brasileiro.

58. O Estado tem o dever de controlar a produção de armamentos, promover a redução de gastos com os mesmos, aplicando os recursos, assim liberados, no desenvolvimento das regiões mais necessitadas.

b) Promoção e defesa do Meio Ambiente

59. O direito à vida exige a preservação e renovação do meio ambiente, resguardando-o contra formas de exploração predatória e de toda a espécie de poluição. (19)

c) Promoção e defesa dos Direitos da Família (20)

60. A família, que se constitui pelo matrimônio estável, é a base natural da sociedade. Por isso mesmo, deve ser reconhecida como sujeito de direitos, que não se reduzem à soma dos direitos de seus membros. Em decorrência disso, a família tem o direito de reivindicar da sociedade e do Estado, garantias para sua estabilidade e condições para o desempenho de suas funções, especialmente no que se refere à gestação, nascimento, saúde, alimentação e educação dos filhos e escolha de religião.

61. Toda família tem o direito de conseguir, através de justa remuneração do trabalho de seus membros e com o apoio da sociedade e dos poderes públicos, condições estáveis e dignas de alimentação, saúde, habitação, lazer, educação e transporte.

62. Cabe aos poderes públicos assegurar trabalho e salário justo e ordenar, diretamente ou por meio de instituições idôneas, a prestação de serviços destinados a propiciar a efetivação destes direitos para todos, especialmente para os mais carentes.

63. A Igreja, baseada no Evangelho e na natureza humana, reafirma sua convicção de que a família se funda no matrimônio monogâmico e indissolúvel, posicionando-se assim, contra o divórcio. O matrimônio é constituído pelo livre consentimento recíproco de um homem e uma mulher em idade núbil, com capacidade jurídica e moral para contraí-lo e com plena igualdade ante a lei. Preserve-se a atual legislação que reconhece efei-

tos civis ao casamento religioso.

64. Assim como a Igreja reconhece, como dever pastoral, o cuidado e a solicitude pelos casais cristãos irregularmente constituídos, considera dever do Estado oferecer proteção social e previdenciária às pessoas que vivem ilegalmente em união estável.

65. Os esposos, orientados pelos critérios da moral e tendo sempre em vista a grave tarefa de educar e sustentar os filhos, devem ser respeitados em seu direito ao planejamento familiar. Dentro deste respeito, os poderes públicos devem promover a informação apropriada e tomar medidas aptas, conformes às exigências da lei moral, defendendo a família frente à imposição de programas antinatalistas. (21)

66. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, bem como os filhos adotados devem gozar dos mesmos direitos, em vista do seu desenvolvimento integral como pessoas humanas e como cidadãos.

d) Promoção e defesa da Liberdade Religiosa (22)

67. Cada cidadão ou cada grupo de cidadãos goza de plena liberdade de abraçar ou deixar de abraçar uma religião; de realizar os atos de culto, expressar livremente a sua fé e divulgar sua doutrina, contanto que não se firam os direitos de outros e o bem comum. Tem o direito de não ser discriminado em razão de sua crença ou suas convicções religiosas ou filosóficas; e o direito de educar os filhos, de acordo com os princípios éticos e sociais coerentes com a sua fé. Isto implica que seja resguardado na Constituição o direito ao ensino religioso escolar, respeitada a convicção religiosa do aluno ou de seus responsáveis e haja liberdade de assistência religiosa às forças armadas e nos estabelecimentos de internação coletiva.

68. A liberdade religiosa inclui o direito e dever dos grupos religiosos de exercerem função crítica na sociedade, com relação à conduta de grupos, instituições ou do próprio poder público, quando desrespeitarem as convicções religiosas ou os valores éticos nelas fundados.

69. A Igreja reconhece o direito à objeção de consciência, assim como o direito que o Estado tem de impor serviços alternativos. Com relação ao serviço militar obrigatório, nos países com tradição de respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais, a alternativa é a prestação de um serviço civil. Este serviço substitutivo é geralmente um trabalho de caráter não militar, em benefício da comunidade, tendo uma dimensão social e humana e contribuindo para a paz e a cooperação internacional.

70. Símbolos, distintivos e ritos próprios de uma religião devem ser salvaguardados, sua dignidade preservada e sua imitação proibida.

e) Promoção e defesa da igualdade de todos perante a lei (23)

71. A reafirmação da igualdade de todos perante a lei deverá ser acompanhada da criação de mecanismos que a tornem real. Assim, lembramos alguns procedimentos que, na prática dos povos, se revelaram aptos para impedir o esmagamento das pessoas, das idéias novas, do avanço da cultura e da humanidade. Entre esses procedimentos, destacam-se:

72. - nenhuma conduta humana poderá ser impedida ou reprimida pelo Estado sem que exista lei específica, bem clara, fundada em princípios éticos, declarando-a ilegal ou criminosa;

73. - nenhuma pessoa será presa, senão em flagrante delito ou por ordem escrita de autoridade judiciária competente, sendo assegurada a qualquer pessoa amplo direito de defesa em julgamento e a garantia contra abusos de autoridade;

74. - nenhuma pessoa poderá ser considerada culpada antes de ser julgada e provada sua culpabilidade; nem poderá ser mantida em prisão, sem comunicação à autoridade judicial e a seu advogado, dentro de curto prazo, estabelecido em lei, responsabilizando-se criminalmente a prisão arbitrária;

75. - o preso não pode ser submetido a violências físicas, psicológicas ou morais e qualquer forma de tortura constitui crime imprescritível;

76. - o preso tem direito a tratamento digno e humanitário, incluindo o atendimento religioso; tem direito também ao exercício de uma atividade produtiva, dignamente remunerada e ao desenvolvimento cultural;

77. - a apuração de responsabilidade criminal deve obedecer rigorosamente aos ritos processuais estabelecidos em lei, assegurando-se sempre amplo direito de defesa, inclusive a defesa gratuita, garantida pelo Estado, para os detentos sem recursos;

78. - todos os crimes comuns devem ser apurados e reprimidos, nos termos da lei, pela justiça comum, não sendo admissíveis tribunais especiais para julgar determinadas categorias de pessoas nem imunidades de qualquer natureza;

79. - a conduta das autoridades encarregadas das medidas de segurança deve ser rigorosamente fiscalizada por organismos independentes, a fim de assegurar a estrita legalidade e imparcialidade no uso dos instrumentos coercitivos. die genaue Kontrollpflicht und Unparteilichkeit zu Gebrauch der Zwangsmittel gewahrt wird.

f) Promoção e defesa dos Direitos de todos, a partir dos mais necessitados

80. Para que seja efetivamente garantida a igualdade de todos em direitos e dignidade perante a lei, a justiça e a autoridade, assim com

a participação de todos nos benefícios sociais indispensáveis a uma vida digna, deverão ser protegidos, de maneira especial, aqueles que, por diversas razões de natureza física, social, econômica ou cultural, tiverem menores condições de se defender e auto-promover ou estejam sofrendo qualquer forma de discriminação.

81. Dada a existência de povos indígenas no Brasil, secularmente submetidos a todo tipo de espoliação, é necessário que a Constituição reconheça a pluralidade étnica da sociedade brasileira, garantindo a auto-determinação desses povos, respeitando-lhes a cultura e acolhendo suas organizações tribais, como povos minoritários dentro da sociedade brasileira. (24)

82. Para a sobrevivência destes povos e a preservação de sua cultura, a Constituição deverá garantir-lhes o domínio e a posse coletiva, inalienável e exclusiva das áreas por eles habitadas, com usufruto de todas as suas riquezas, inclusive do subsolo. Estas áreas deverão ser imediatamente demarcadas.

83. Aos próprios índios, através de representantes por eles escolhidos, inclusive no Congresso Nacional e em organismos oficiais referentes a seus interesses, deve-se reconhecer o direito de participar na discussão e encaminhamento dos assuntos que lhes dizem respeito.

3.3. A ORDEM POLÍTICA

3.3.1. Critérios Básicos

84. Toda atividade política democrática e, de modo especial, o processo de elaboração da nova Constituição, respeitando as exigências da ordem ética e não simplesmente buscando a eficácia política, deverão:

- levar a construir uma sociedade em que cada cidadão seja co-responsável no empenho pela melhoria de condições pessoais e coletivas de vida;

- criar uma democracia política e economicamente participativa, que leve o povo brasileiro a ser sujeito de seu próprio e integral desenvolvimento;

- dar especial oportunidade a todos aqueles que até agora foram mantidos à margem da cidadania plena e do processo histórico brasileiro.

3.3.2. Exigências Concretas

a) Direito de Participar (25)

85. A Carta Magna deverá garantir a cidadania plena e efetiva a todos os brasileiros, especialmente o direito de participar, diretamente ou através de seus representantes, da elaboração das decisões que dizem respeito a toda a sociedade.

86. É preciso lembrar no entanto, que essa cidadania deve ser pro-

gressivamente construída através da participação nas várias formas de organização social e democrática. Entre elas destaca-se, de maneira privilegiada, neste momento histórico, a participação ativa no processo de elaboração da nova Constituição.

b) Liberdades Políticas (26)

87. A experiência ensina que, para assegurar real participação política a todos os membros da sociedade, a nova Constituição terá que definir determinadas condições essenciais:

88. - direito à informação honesta, oriunda de diversas fontes sobre o que está acontecendo na administração pública e na sociedade, inclusive através de meios de comunicação verdadeiramente livres e não sujeitos ao arbítrio de governantes ou às pressões do poder econômico;

89. - liberdade de expressão para que todos possam manifestar a própria opinião sobre a realidade e, em conseqüência, interpretar corretamente a informação que receberem sobre os fatos da administração e da sociedade;

90. - liberdade de associação e de reunião para que o cidadão possa unir-se a outros para defender seus direitos, opiniões e legítimas aspirações e fazer valer interesses que, no seu entender, sejam os mais adequados para o conjunto da sociedade;

91. - direito de voto a todas as pessoas capazes, incluindo índios e analfabetos, na escolha para cargos eletivos do Estado.

92. Deverão ser previstos casos em que, por sua relevância e conseqüências, as decisões não devem ser deixadas unicamente aos representantes, mas submetidas ao julgamento de todos os cidadãos.

c) Controle do Poder pela Sociedade (27)

93. A Constituição deve definir a organização social e política, na qual as pessoas, as famílias e instituições gozem de seus direitos, fundados na própria natureza livre e social da pessoa humana, e tenham possibilidades concretas e garantias jurídicas para reivindicá-los e defendê-los.

94. O Estado, sem prejuízo de sua função própria, deve ser definido como instância subordinada ao controle da sociedade, em vista do bem comum. E a Constituição deverá possuir mecanismos específicos que garantam tal controle, especialmente no que diz respeito às grandes decisões que afetam a todos.

95. Deve ser assegurada a efetiva independência dos diversos poderes nacionais, com a criação de mecanismos eficientes de controle recíproco que possibilitem harmoniosa atuação, em vista do bem comum.

96. Os órgãos do poder e administração pública, em todos os níveis devem servir à sociedade e não servir-se dela; portanto, nenhum órgão de poder deve gozar da capacidade jurídica de decidir em causa própria, outorgando-se vantagens, privilégios ou honorários, sem o controle da sociedade, através de instrumentos adequados a serem criados.

97. Deve haver prestação de contas, acessível ao entendimento do povo, da administração dos bens e recursos públicos, a qual deve ser controlada por tribunais independentes, cujos integrantes não poderão ser escolhidos pela instância pública a ser fiscalizada.

98. Devem ser fixados objetivamente os meios de apurar responsabilidades dos que exercem cargos ou funções em qualquer dos poderes do Estado.

99. É conveniente apoiar a criação do instituto do "Defensor do Povo", que promova o exercício do direito da cidadania, e defenda os indivíduos e a própria sociedade contra os abusos do Estado.

3.4. A ORDEM ECONÔMICA

3.4.1. Critérios Básicos e Aspirações

100. É importante empenhar-se, desde já, para que, no processo de elaboração da nova Constituição sejam obtidos avanços significativos em direção a uma sociedade justa e fraterna, também na ordem econômica. Enumeramos apenas alguns destes avanços que já constituem objeto de inúmeras reivindicações do povo:

101. -Planejamento da economia, sujeito a mecanismos participativos, que atribua absoluta prioridade ao atendimento das necessidades básicas de toda a população. Este atendimento deverá constituir-se em critério para todas as escolhas referentes a investimentos, desenvolvimento e diversificação da produção.

102. -Primazia do trabalho sobre o capital: princípio este válido tanto na organização da atividade produtiva como na remuneração e distribuição dos frutos do trabalho. (28)

103. -Divisão do trabalho que favoreça a ascensão política, econômica, social e cultural da classe trabalhadora.

104. -Criação de mecanismos eficazes que superem a exorbitante desproporção, hoje existente, na participação dos frutos do trabalho.

3.4.2. Exigências Concretas

a) O Trabalho

- O acesso ao trabalho

105. Toda pessoa tem o direito e o dever de contribuir para o bem comum através de seu trabalho. Cabe a toda a sociedade e, especialmente,

aos poderes públicos, a obrigação de empenhar-se para conseguir o pleno emprego. (29)

106. Na questão do acesso ao trabalho, de sua remuneração e estabilidade, não será tolerada nenhuma discriminação por sexo, raça, idade, deficiência física, ideologia ou confissão religiosa.

107. Deverá ser aperfeiçoada a legislação específica que regulamenta o trabalho da mulher, assegurando-lhe o pleno desenvolvimento como mulher, esposa e mãe.

108. Será preciso, igualmente, preservar e aperfeiçoar uma legislação específica para regulamentar o trabalho do menor, que, impedindo a discriminação salarial e outros abusos prejudiciais, garanta seu desenvolvimento humano e intelectual.

109. Sejam multiplicadas as escolas profissionalizantes para capacitação do menor, a fim de que possa entrar adequadamente no mercado de trabalho.

- A Remuneração do Trabalho

110. A Constituição deve garantir ao trabalhador a remuneração capaz de prover dignamente às suas necessidades básicas e às de sua família (alimentação, saúde, habitação, educação, transporte, lazer e futuro assegurado). (30)

111. Deve-se atribuir prioridade à remuneração do trabalho sobre a remuneração do capital, estabelecendo também limites máximos de ganhos, seja no serviço público, seja nas empresas estatais e particulares, impedindo desníveis excessivos de remuneração. Diante deste dispositivo constitucional, não poderão ser invocados supostos direitos adquiridos que não passam de privilégios abusivos. A servidores públicos, inclusive aos que exercem os vários poderes do Estado, não devem ser admitidas vantagens superiores às concedidas aos trabalhadores em geral.

112. Ao desempregado se deve assegurar o "salário-desemprego" suficiente para sua manutenção e de sua família. Compete à sociedade, à iniciativa privada e ao Estado oferecer oportunidades de trabalho aos desempregados.

113. Os aposentados por idade, tempo de serviço ou invalidez têm o direito de receber salários iguais aos percebidos no tempo de sua atividade, corrigidos na mesma época e na mesma proporção de sua respectiva categoria profissional. Aos aposentados deve ser garantida remuneração suficiente para sua digna manutenção e a de seus eventuais dependentes. Em qualquer hipótese, a aposentadoria nunca será inferior ao salário mínimo.

114. O trabalhador tem o direito de receber, nas horas de trabalho, instrução necessária para seu aperfeiçoamento e atualização profissional.

115. Todas as empresas têm a obrigação de proteger a saúde e a vida de seus empregados e não poderão colocá-los em perigo, mesmo que seja mediante o pagamento de um adicional de salário.

116. Não se deverá conceder alvará de instalação à empresa que não tenha garantido os meios necessários à segurança dos trabalhadores e a um funcionamento não poluidor.

- A organização dos Trabalhadores

117. A liberdade e autonomia sindical e intersindical devem ser asseguradas a todos os trabalhadores em nível local, nacional e internacional.

118. A greve deve ser reconhecida como direito a todos os trabalhadores indistintamente, como forma legítima de ação sindical, embora seja o último recurso nas negociações trabalhistas. Portanto, também para os trabalhadores nos serviços essenciais para a vida da sociedade deve ser reconhecido o uso do direito de greve, cabendo ao Estado, mediante apropriadas medidas legais, assegurar o funcionamento mínimo necessário destes serviços essenciais. Os trabalhadores não podem sofrer sanções penais pessoais por terem participado de greve, observadas as devidas condições estabelecidas em legislação específica.

119. Como primeiros interessados, os trabalhadores têm o direito de participar, através de organizações sindicais, na elaboração da legislação trabalhista, não excluído o direito de avaliar a permanência ou não da instituição da Justiça do Trabalho.

b) Justiça Social e Acesso à Propriedade (31)

120. Os bens da terra têm destinação universal para a realização de todas as pessoas. A propriedade privada subordina-se a essa lei universal. Ela não se pode concentrar abusivamente nas mãos de poucos ou ser usada como instrumento de dominação e exploração de outros seres humanos. Ela só se justifica como garantia de liberdade, bem-estar pessoal, familiar e social. (32)

121. A propriedade particular, assim considerada, é um direito de todos. Cabe à sociedade e ao Estado estabelecer critérios de produtividade e promover um sistema de produção e distribuição de bens que garanta a realização desse direito.

122. Devem ser respeitadas e incentivadas as formas comunitárias e sociais de propriedade, produção e trabalho.

123. "O único título legítimo para a posse dos meios de produção - e isto tanto sob a forma de propriedade privada, como sob a forma de propriedade pública ou coletiva - é que eles sirvam ao trabalho". (33)

124. Baseada nesse princípio, que enfatiza a primazia do trabalho sobre o capital, a Igreja insiste na necessidade de medidas que garantam a

função social da empresa. Estas medidas incluem formas de participação nos lucros e na gestão das empresas e excluem as demissões em massa e as demissões sem justa causa.

125. Cabe aos poderes públicos estabelecer uma política tributária que imponha maiores ônus ao capital que ao trabalho.

126. Cabe aos mesmos poderes decretar a desapropriação de bens, terras e propriedades sempre que a justiça social exigir. Essa mesma justiça exige que o valor da desapropriação não inclua a valorização decorrente da aplicação de recursos públicos.

127. A realização da justiça social exige a implantação de Reforma Agrária e de Reforma do Uso do Solo Urbano que favoreçam o acesso à posse e uso de terra rural ou urbana (34) nas seguintes condições:

- garantir a terra para quem realmente nela trabalha;
- proibir despejos daqueles que estão efetivamente utilizando a terra no campo e na cidade para o sustento de sua família, cabendo ao Estado a regularização fundiária através de legislação específica;
- propiciar uma política agrária e uma política agrícola adequadas, que dêem condições ao homem do campo para permanecer na terra e cultivá-la;
- criar mecanismos que impeçam a concentração fundiária sendo na própria Constituição fixado módulo máximo para uma propriedade rural;
- implantar uma justiça agrária que previna os conflitos ou agilize sua solução;
- propiciar uma política relativa ao uso do solo urbano que possibilite o acesso à moradia a todos os cidadãos. Tal política implica na necessidade de impedir a estocagem de áreas urbanas e reprimir a especulação imobiliária.

128. A justiça social exige, também, uma política de pesca que proteja os direitos das populações litorâneas e ribeirinhas de grandes rios e lagos:

- garantindo-lhes acesso aos locais de pesca;
- defendendo-as contra a pesca predatória;
- dando às populações litorâneas e ribeirinhas participação na fiscalização contra esses abusos.

3.5. A ORDEM CULTURAL

3.5.1. Critérios Básicos

129. Também na ordem cultural o processo de elaboração da nova Constituição poderá contribuir para a construção de uma sociedade livre, justa e participativa desde que se consigam avanços significativos na afirmação e concretização de alguns direitos básicos:

130. - O direito de todos à educação, à cultura e à informação;

131. - O pluralismo e a liberdade no desempenho dessas atividades da ordem cultural pelas diversas instâncias e grupos da sociedade e pelo Estado; o Estado deverá estar a serviço da sociedade pluralista, livre e democrática, excluindo-se, portanto, a estatização da educação, da cultura e da informação.

132. A Constituição deve promover uma educação que vise ao pleno desenvolvimento da pessoa, em suas dimensões física, psicológica, moral, social e espiritual, desenvolvimento este que se expressa na crescente compreensão da realidade, no exercício da liberdade responsável, na convivência solidária, na prática de relações democráticas, no serviço à sociedade e na abertura ao transcendente.

3.5.2. Exigências Concretas

a) Educação e Cultura (35)

133. O direito de todos a uma educação de qualidade - amplamente reconhecido - precisará ser concretizado através da prescrição constitucional de prioridade na aplicação de recursos suficientes para a efetiva universalização da educação fundamental e para a oferta de uma educação de qualidade em todos os níveis.

134. O direito de todos a uma educação de igual qualidade deverá ser garantido na Constituição, através de:

- determinação de obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos, comprometendo-se o Estado a oferecer as condições e os meios necessários para isto;
- fixação do percentual mínimo do orçamento federal, estadual e municipal a ser destinado à educação escolar;
- garantia de salário profissional condigno para aqueles que exercem funções nos vários níveis e sistemas de escola: federal, estadual e municipal e em outras atividades educacionais;
- constante aperfeiçoamento do professorado, sobretudo nos níveis inferiores;
- contratação ou nomeação de professores feita tendo em vista o interesse legítimo da educação, isenta portanto de influências político-partidárias.

135. Deve ser respeitado o direito dos pais, como primeiros e principais responsáveis, à orientação da educação de seus filhos.

136. Esse direito implica na liberdade que cabe aos pais ou responsáveis de escolherem a escola que mais se coaduna com seus princípios religiosos e valores de vida. Para que esse direito seja eficaz, é preciso:

- que seja reconhecido o direito de as comunidades e grupos cul

turais organizarem escolas próprias, em todos os níveis, a partir de seus valores e sua concepção de vida dentro das exigências da lei;
- que o acesso a estas escolas seja possível, nas mesmas condições que o acesso às escolas instituídas pelo Estado;
- que os recursos públicos destinados à sustentação destas escolas sejam suficientes e sua aplicação verificável pela comunidade e pelo Estado;
- que a sociedade tenha o controle da qualidade do ensino e dos princípios morais da escola.

137. Todas as escolas, para fazerem jus aos recursos estatais, precisam apresentar níveis suficientes de qualidade de ensino verificáveis pela comunidade e pelo Estado. É imprescindível erradicar a comercialização do ensino para fins meramente lucrativos com prejuízo dos objetivos educacionais.

138. Em todas as escolas, da rede estatal ou não,
- deve-se garantir a característica democrática dos conteúdos ministrados;
- deve-se favorecer dentro da instituição uma participação responsável;
- deve-se promover o respeito à liberdade de opinião e de consciência e à preservação da filosofia e da proposta pedagógica próprias de cada escola.

Tanto a escola pública como a particular devem estar integradas na comunidade local que, de algum modo, deve exercer controle sobre elas.

139. O ensino religioso, entendido como educação religiosa e parte integrante da educação, é direito de todo cidadão e será garantido pelo Estado nas escolas.

140. A escola deve tornar possível o ensino religioso escolar de acordo com a confissão religiosa dos pais e dos alunos.

-Constitui tal ensino disciplina dos horários normais das escolas oficiais de 1º e 2º grau. dos cursos supletivos.

-O credenciamento dos professores de ensino religioso deverá ser feito pela autoridade religiosa respectiva, escolhidos preferentemente os professores, entre os da rede oficial de ensino.

141. Aos portadores de deficiências deverão ser oferecidas condições especiais de educação, também econômicas, para que possam desenvolver-se dentro de suas potencialidades e contribuir para o bem comum, como cidadãos de pleno direito.

142. Semelhantes condições especiais devem também ser oferecidas aos alunos vítimas de deficiências alimentares e àqueles que não gozam, no lar, de condições suficientes para um desenvolvimento cultural adequado.

143. Na educação, na promoção da cultura e no uso dos meios de comunicação social, deverão ser prestigiados os valores culturais regionais e nacionais.

144. As tradições populares e as iniciativas comunitárias de criatividade cultural e de lazer devem ser incentivadas e protegidas pelo Estado.

c) Nos Meios de Comunicação Social (36)

145. A importância dos meios de comunicação social, numa sociedade democrática, exige que eles não sejam monopólio do Estado ou de qualquer grupo; portanto, sejam acessíveis aos diversos grupos e tendências sociais e livres das pressões e controle do poder econômico.

146. Sendo hoje a TV educativa um dos poderosos meios de educação de massa, abram-se espaços em seus cursos para a educação religiosa e moral.

147. Deve ser de competência do Congresso Nacional estabelecer leis que determinem os critérios para a concessão de canais de rádio e televisão, dando-se prioridade a entidades ligadas a empreendimentos educacionais e culturais. A concessão desses canais será feita mediante parecer de uma comissão constituída democraticamente por representantes de vários setores da sociedade civil.

148. A liberdade de expressão cultural e informação encontra seus limites nas normas éticas que visem à preservação do bem comum da sociedade democrática, protejam a justa reputação e privacidade das pessoas e dos lares e garantam o direito das pessoas a uma informação correta.

149. A aplicação concreta de tais normas éticas seja feita por um conselho representativo de vários segmentos da sociedade, aprovado pelo Congresso Nacional.

150. Deve ser reafirmado, ao mesmo tempo, o direito de defesa das pessoas e instituições, quando sua dignidade, reputação ou valores tiverem sido violados. Responsabilizem-se judicialmente os que difundirem notícias ou mensagens que ferem a verdade, a justiça, os direitos individuais.

151. Salvas as exigências da lei e da convivência pacífica, a censura política nos meios de comunicação social é inaceitável, porque incompatível com a ordem democrática.

3.6. A ORDEM INTERNACIONAL (37)

3.6.1. Critérios Básicos

152. A nova Constituição afirme claramente o compromisso da Nação brasileira com uma nova ordem internacional para a construção da paz universal e o desenvolvimento de todas as nações, com base na autodeterminação dos povos, na defesa dos direitos humanos, na efetivação da justiça das relações políticas e comerciais.

3.6.2. Exigências Concretas

153. O cumprimento das obrigações assumidas em tratados, acordos e declarações internacionais, dos quais o Brasil é signatário, principalmente a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

154. A autonomia econômica em face do poderio internacional dos países ricos, querendo impor, com jogos de mercado, a política que lhes interessa.

155. A luta contra os males da fome no mundo, comprometendo-se a participar da busca de uma utilização adequada e justa dos seus recursos naturais.

156. A contenção da escalada de guerras convencionais, a condenação da corrida armamentista e a defesa do uso exclusivamente pacífico da energia atômica.

157. O repúdio à tortura e todas as formas de discriminação.

158. A condenação dos regimes de segregação racial.

159. A rejeição de todas as formas de terrorismo.

160. O compromisso de participar ativamente de todos os esforços internacionais que visem à superação dessas práticas inaceitáveis e busquem o desenvolvimento e a paz entre os povos.

161. O apoio às organizações internacionais que denunciam tais práticas e lutam pela sua superação.

162. A preservação do estatuto do asilo político.

163. O compromisso de participar ativamente no avanço de um progresso científico e tecnológico partilhado entre todos os povos.

164. Os compromissos e acordos internacionais devem ser ratificados pelo Congresso, com ampla informação à sociedade.

165. Seja desestimulada a participação do Brasil no mercado internacional de armamentos e proibida a aplicação de recursos públicos na indústria bélica de exportação.

CONCLUSÃO

166. À luz da fé e em torno dos valores evangélicos, os cristãos devem unir-se e organizar-se para que a nova Constituição expresse as reais aspirações do povo brasileiro, especialmente dos setores marginalizados. Será este empenho uma forma concreta e eficaz de realizar a opção preferencial pelos pobres. "A opção pelos pobres é também a opção de toda a sociedade que se preocupa com o bem comum". (38)

167. Deixar de comprometer-se ativamente no processo de elaboração da nova Carta Magna seria grave omissão, na medida em que o reordenamento

institucional do País oferece rara ocasião para dar grandes passos rumo a uma sociedade mais conforme aos planos de Deus.

168. A presença e participação ativa nesse processo não se deve restringir à eleição de deputados e senadores que cumpram com capacidade e honestamente a missão de representar as aspirações do povo, na elaboração de nova Constituição. Ela exige que todos se empenhem nos debates sobre o conteúdo da mesma e no acompanhamento e cobrança dos trabalhos da Assembléia Constituinte. Essa mesma presença e participação permitirá, posteriormente, o aprofundamento do processo de organização e expressão democrática do povo, explicitando e concretizando no quotidiano os direitos que se deduzem da dignidade humana.

169. O nome de Deus que, em coerência com a nossa formação histórica cristã, deverá figurar no início da Constituição, só será glorificado na medida em que todo o texto constitucional promover e tutelar os direitos fundamentais da pessoa humana, imagem e semelhança do Deus vivo. Conforme a bela a profunda afirmação de Santo Irineu: "A glória de Deus é o homem pleno de vida". (39)

170. O nome de Deus presidirá, então, não apenas um texto escrito, mas a organização concreta da sociedade brasileira e a vida do povo.

NOC 25

NOTAS AO TEXTO

1 - "A Igreja não propõe um modelo político ou econômico concreto, mas indica o caminho, apresenta princípios. E o faz em função de sua missão evangelizadora..." (João Paulo II aos Construtores da Sociedade pluralista, Salvador, 18).

- Cfr. GS 42 Puebla 515; Oct. Adv. 48

2 - "Compete aos leigos...como cidadãos, cooperar com os demais concidadãos, segundo a específica competência e sob a própria responsabilidade" (Ap Act 7,1).

3 - Ap Act 7
Puebla 514; Puebla 789 ss
A política é uma forma exigente, se bem que não seja a única, de viver o compromisso cristão a serviço dos outros." Oct. Adv. 46

4 - Sem nenhuma intenção normativa, mas a mero título de exemplo, lembramos algumas idéias que estão sendo apresentadas em grupos de estudo sobre a Constituição:
a) iniciativa legislativa: os poderes legislativos deverão considerar também projetos de lei propostos por um número significativo de cidadãos, inclusive em matéria constitucional
b) referendum popular: atribuição aos cidadãos, através de consulta plebiscitária, do poder de decisão para matérias especialmente relevantes
c) mandatos de segurança coletivos: possibilidade de uso deste instrumento pelas associações civis ou entidades profissionais em benefício dos seus membros
d) controle popular da constitucionalidade: possibilidade do qualquer cidadão representar sobre a inconstitucionalidade de leis ou atos do poder público, junto ao supremo tribunal federal
e) defensor popular: designação, pelo povo, de um representante desvinculado do Estado, para defendê-lo frente aos abusos do poder público...

5 - "No meio das perturbações e das incertezas da hora atual, a Igreja tem uma mensagem específica a proclamar, um apoio a dar aos homens nos seus esforços por firmar as rédeas do seu futuro e orientá-lo (Octogesima Adveniens, n. 5)

6 - Puebla 87
"Amando os pobres a Igreja testemunha a dignidade do homem. Ela afirma claramente que este vale mais pelo que é do que pelo que possui. Ela testemunha que essa dignidade não pode ser destruída, seja qual for a situação de miséria, de desprezo, de rejeição e de impotência a que o homem foi reduzido." Instr. Liberdade cristã e Libertação nº 68.

7 - "... os pobres merecem uma atenção preferencial...
Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem foi obscurecida e também escarnecida. Por isto, Deus toma a sua defesa e os ama. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários da missão e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus".(Puebla 1141-1142.)

- Cfr. também Puebla 30-40

-"Mas, também neste terreno, a Igreja conduzida pelos Senhores, Bispos do Brasil dá mostra de estar com este povo, especialmente com os pobres e sofredores, com os pequenos e os desassistidos, a quem ela consagra um amor, não exclusivo nem excludente, mas preferencial. Porque ela não hesita em defender com intrepidez a justa e nobre causa dos direitos humanos e em apoiar reformas corajosas, em vista da melhor distribuição dos bens, inclusive da terra, em vista da educação, da saúde, da habitação, etc., ela goza da estima e da confiança

NOC 26

de amplos setores da sociedade brasileira". (João Paulo II, Mensagem aos Bispos do Brasil, Abril 1986, nº 3).

8 - GS 43

9 - Medellin 2.16; Puebla 1259; Instr. Liberdade Cristã e Libertação, 79.

10- João Paulo II, discurso inaugural de Puebla, III, 3; Puebla 1134

- João Paulo II aos Bispos em Fortaleza, 6.9; aos Membros do Celam, Rio 7; discurso na Favela do Vidigal, Rio, 2;4-5

11- 1 Jo. 3,18

12- Cfr. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, Doc. 28-CNBB, nº 65 a 76.

13- "Em seu amor à pátria e no fiel cumprimento dos deveres civis, sintam-se os católicos obrigados a promover o verdadeiro bem comum e assim fazer valer o peso de sua opinião, para que o poder civil se exerça na justiça e as leis correspondam aos preceitos morais e ao bem comum. Os católicos versados em política, e devidamente firmes na fé e na doutrina cristã, não recusem cargos públicos, se poderem, por uma digna administração, prover o bem comum e ao mesmo tempo abrir caminho para o Evangelho."(Apostolicam Actuositatem, n.14)

14- Documento 28 - CNBB, nº 68.

15- "Professamos que todo homem e toda mulher, por mais insignificantes que pareçam, têm em si a nobreza inviolável que eles próprios e os demais devem respeitar e fazer respeitar, incondicionalmente; professamos, também, que toda vida humana merece, por si mesma, em qualquer circunstância, sua dignificação". (Puebla,317).

- Mt 23,8-10; Mt 5,43-48; Gal 3,28; Gen 1,26-27 e Mal 2,10; Tg 2,1-7; Col. 3,9-19

16- "...dignidade do homem exige que possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de coação externa".(GS 17)

- Cfr. GS 29
João Paulo II: RH, 13

17- "... a dignidade exímia da pessoa humana (é) superior a todas as coisas. Seus direitos e deveres são universais e invioláveis. É preciso, portanto, que se tornem acessíveis ao homem todas aquelas coisas que lhe são necessárias para levar uma vida verdadeiramente humana". (GS 26)

18- "O Concílio inculca o respeito ao homem... sem excetuar nenhum, levando em consideração, antes de tudo, a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente...
Além disso, tudo o que atenta contra a própria vida, como qualquer espécie de homicídios, o genocídio, o aborto, a eutanásia e o próprio suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como mutilações, torturas físicas ou morais e tentativas de dominação psicológica; tudo o que ofende a dignidade humana, como as condições infra-humanas de vida ... todas estas práticas e outras são efetivamente dignas de censura".(GS 27)

- Cfr. GS 27
Puebla 318
João Paulo II: Brasília 30/06/80; Salvador 06/07/80; Recife 07/07/80

- Ex. 20,13; Gen 9,5-7; Lev. 19,16; Ecl 9,4; Ez. 18,32; Jo 10,10

19 - Cfr. Instr. Liberdade Cristã e Libertação nº 11

20 - "À família estão ligados os valores fundamentais que não se podem violar sem incalculáveis prejuízos de natureza moral... É necessário defender estes valores fundamentais com tenacidade e com firmeza, porque a violação deles acarreta incalculáveis prejuízos para a sociedade, em última análise, para o homem. A experiência das diversas Nações ao longo da história da humanidade, bem como a nossa experiência contemporânea, podem servir de argumentos para se reafirmar a dolorosa verdade de que na esfera fundamental da existência humana, em que é decisivo o papel da família, é fácil destruir os valores essenciais, e é muito difícil reconstruí-los".(João Paulo II - Homilia na Igreja do "Gesu" - 31/XII/1978)

- Cfr. GS 47, 52
João Paulo II LE, 10-19; Familiaris Consortiun, 30,46; Seminário de Puebla 28/01/79

- Heb. 13,4; Gen 1,27-28; Gen 2,18-24; Mal 2,14-16; Ef. 5,31

21 - "... É bem verdade que um crescimento demográfico acelerado vem, com demasiada frequência, trazer novas dificuldades ao problema do desenvolvimento: o volume da população aumenta muito mais rapidamente que os recursos disponíveis, e cria-se uma situação que parece não ter saída. Surge, por isso, a grande tentação de refrear o crescimento demográfico por meios radicais. É certo que os poderes públicos, nos limites da sua competência, podem intervir, promovendo uma informação apropriada e tomando medidas aptas, contanto que sejam conformes às exigências da lei moral e respeitem a justa liberdade dos cônjuges. Sem direito inalienável ao matrimônio e à procriação, não existe dignidade humana. Em última análise, é aos pais que compete determinar com pleno conhecimento de causa, o número de filhos, assumindo a responsabilidade perante Deus, perante eles próprios, perante os filhos já nascidos e perante a comunidade a que pertencem, de acordo com as exigências da sua consciência, formada segundo a lei de Deus autenticamente interpretada e sustentada pela confiança n'Ele."(P.P. 37)

22 - "Os cristãos ..., bem como os demais homens, gozam do direito civil de não se verem impedidos de levar a vida segundo sua consciência. Harmoniza-se, assim, a liberdade da Igreja com aquela liberdade religiosa que deve ser reconhecida a todos os homens e comunidades, como direito, e sancionada no sistema jurídico.
À família... compete o direito de determinar a forma de educação religiosa que se há de dar aos filhos, segundo suas próprias convicções religiosas".(DH 13 e 5)

- DH 3, 5, 6,8 e 13; GS 73;João Paulo II: RH, 17

- At 4,20; Mt 22,21; Jo 6,44; At 4,31; 5,29; 2 Cor. 4,13; 2 Tim 2, 15; 1Pdr 3,13-17

23 - "Ligada à realização do bem comum, a segurança é, essencialmente, um imperativo moral de sobrevivência da Nação, que reclama a cooperação consciente de todos os cidadãos. Entretanto, quando em nome deste imperativo, o Estado restringe, arbitrariamente, os direitos fundamentais da pessoa, subverte o próprio fundamento da ordem moral e jurídica".(CNBB - Documento nº 10 - "Exigências Cristãs de uma Ordem Política", nº 35.)

- Is 39,8; Mt 12,25; Is 32,17; Prov 17,15; Deut. 10,17-18; Rom. 13, 1-7; Mt 5,43-45

24 - "... que a vocês, cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra, obtendo sobre ela um particular jus ao longo das gerações, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade, sem temor - verdadeiro pesadelo - de serem desabrigados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base,

não somente para a sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como um povo".(João Paulo II em Manaus - 10/07/1980)

- At 17,24-26

25 - "Estimular a participação consciente e responsável no processo político, social, cultural e econômico é um dever primordial do Estado. Tal participação constitui um dos elementos essenciais do bem comum e uma das formas fundamentais da aspiração nacional..."
(CNBB - Documento nº 10 - "Exigências Cristãs de uma Ordem Política", nº 25.)

- Cfr. GS 31, 75; IM 12
João Paulo II Monterrey (México) 31/01/79
CNBB, Doc. nº 10: 25, 26 e 30

- Ex. 18,13-27; Prov. 14,14; 1Sam 8,4-5; 1Rs 12

- Instr. Liberdade Cristã e Libertação, 95

26 - "O poder político... deve ter como finalidade a realização do bem comum no respeito das legítimas liberdades dos indivíduos, das famílias e dos grupos subsidiários".(Paulo VI "Oct. Adv." nº 46)

- Cfr. G.S. 74
João Paulo II, RH 17
CNBB Doc. nº 10: 14, 15, 17, 30

- Ex. 18,21; 1 Ped. 2,13-17; Rom. 13,1-7

27 - "Os cidadãos, todavia, seja individualmente seja em grupos evitem atribuir demasiado poder à autoridade pública"(GS 75)

28 - Cfr. L.E. 12

29 - "... O trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial de toda a questão social, se nós procurarmos vê-la verdadeiramente sob o ponto de vista do bem do homem".(João Paulo II - "Laborem Exercens" nº 3)

- Instrução Liberdade Cristã e Libertação: 84-85

- Cfr. GS 68(428-429)
João Paulo II L.E.,3,18,20,22...; Recife 07/07/80; Oaxaca 29/01/79

- Assim, todo homem tem direito ao trabalho, direito esse que deve ser reconhecido de forma prática, através de um efetivo empenho em vista de se resolver o dramático problema do desemprego."(Instr.Liberdade Cristã e Libertação, nº 85)

- Lc 10,17; Lev 19,13; Dt 5,12-15; Mal 3,5; Mt 10,10; Col 4,1;Tg 5,4

30 - L.E. 6 e 19

31 - "A tradição cristã nunca defendeu tal direito (de propriedade) como algo absoluto e intocável; pelo contrário, sempre o entendeu no contexto mais vasto de todos utilizarem os bens da criação inteira: o direito à propriedade privada está subordinado ao direito ao uso comum, subordinado à destinação universal.(João Paulo II - "Laborem Exercens")

- GS 69, 71
João Paulo II: em Puebla 28/01/79; Cuilapan (Méx.) 29/01/79

- Is 5,8; Lev 25,23; 1 Rs 5,5; Miq 2,1-2, 4,4; At 32,34-35

32 - Cfr. Puebla 191-192

33 - Cfr. LE 14

NOC 24

34 - "... responsáveis pelos povos, classes poderosas que às vezes conservais improdutivas as terras que escondem o pão que a tantas famílias falta - a consciência humana, a consciência dos povos, o brado dos desvalidos e sobretudo a voz de Deus, a voz da Igreja repetem-vos comigo: Não é justo, não é humano, não é cristão continuarem certas situações claramente injustas. Urge pôr em execução medidas reais,eficazes em nível nacional e internacional". (João Paulo II - "Saudação aos índios de Cuilapan - 29/01/1979) .

35 - "Os homens todos de qualquer raça, condição e idade, em virtude da dignidade de sua pessoa gozam do direito inalienável à educação, que corresponda à sua finalidade, à índole, à diferença de sexo... O Estado deverá, pois, salvaguardar o direito das crianças a uma adequada educação escolar...
É preciso que gozem de verdadeira liberdade na escolha das escolas os pais que tem o dever primeiro e inalienável de educar os filhos. O poder público, a quem cabe proteger e defender a liberdade dos cidadãos, cuidando da justiça distributiva há de providenciar que os subsídios públicos sejam de tal sorte distribuídos que os pais possam escolher, com verdadeira liberdade, as escolas para seus filhos, segundo a sua consciência".(GE 1,6)

- Cfr. GE 1, 3, 6; DH 5
Puebla 1036,1037,1538,1015
João Paulo II México 30/01/79

- Prov 4; 6,20-26; 22,18-17; Ef 6,4

36 - "... é intrínseco à sociedade humana o direito à informação naqueles assuntos que interessam aos homens, quer tomados individualmente, quer reunidos em sociedade, conforme as condições de cada qual. O correto exercício deste direito, contudo, exige que a comunicação, quanto ao seu objeto, seja íntegra..."(IM 12)

37 - "Garantir a paz a todos os habitantes do nosso planeta quer dizer buscar, com toda a generosidade e dedicação, com todo o dinamismo e perseverança de que são capazes os homens de boa vontade, todos os meios concretos aptos a promover relações pacíficas e fraternas, não só no plano internacional, mas também no plano dos diversos continentes e regiões..."(João Paulo II - Saudação ao Corpo Diplomático - México - 26/01/1979.)

- GS 31
Paulo VI: PP 43; João Paulo II: RH 15; Brasília 30/6/80; México 26/01/79
CNBB Doc. nº 10,48

- Sl 133; Mt 5,9; Mc 9,50; Lc 2,14; Fil 2,2-3

38 - João Paulo II aos Operários em São Paulo - 3/6/80

39 - Sto Ireneu "Adversus haereses"

O PESCADOR COROADO

Ao se abrirem os trabalhos da 27ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no começo deste mês, decidiu-se (não se sabe se por votação) que o episcopado brasileiro deveria enviar um telegrama de solidariedade ao Papa, em razão da publicação na Europa, em janeiro último, de um manifesto crítico, assinado por mais de 150 teólogos católicos. A quase unanimidade, senão a totalidade, dos nossos bispos não havia lido esse manifesto, quando foi decidido o envio do telegrama de desagravo. Vários deles, se houvessem lido o documento, teriam — em espírito e verdade — concordado integralmente com o seu conteúdo. No entanto, condicionados por séculos de autoritarismo romano e de culto desabusado à personalidade papal, fiscalizados de perto pelo representante diplomático do Vaticano, que assistia vigilante aos trabalhos da assembléia, nenhum de nossos bispos, ao que se saiba, ousou protestar contra a proposta. Nenhum deles teve o desassombro lúcido do apóstolo Paulo, diante dos desmandos de Pedro: "enfrentei-o abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura" ("Epístola aos Gálatas" 2,11).

O episódio do telegrama de solidariedade ao Papa merece um comentário público, porque o que está em jogo é algo de importância universal, algo que interessa a toda a humanidade e não apenas aos católicos. É a questão de saber se a mais difundida religião do mundo contemporâneo ainda é capaz de desempenhar um papel civilizatório, de contribuir para a instauração do respeito à dignidade da pessoa humana, em todas as suas dimensões. Contra a lei da natureza, que impede o forte a se servir do fraco para sobreviver, a religião cristã leva o valor da fraternidade humana às últimas conseqüências, na liberdade e na igualdade.

Está a Igreja Católica, hoje, em condições de fazer repercutir essa mensagem de fraternidade universal? Representa-a, pela sua organização interna, um símbolo do respeito profundo de cada homem pelo seu semelhante?

É lamentável reconhecer que não.

Prevalece, em todo o corpo eclesiástico, o princípio do poder irresponsável e da obediência irrefletida. Não há rigorosamente ninguém que, tendo analisado o Código de Direito Canônico e sobre ele refletido, sem conhecer o Evangelho, possa dizer, racionalmente, que essa entidade jurídica realiza aquele tipo e sociedade que Jesus chamava "o Reino de Deus", ou reino dos pobres, como proclamado na primeira bem-aventurança.

Aliás, é preciso reconhecer que a sociedade eclesial sempre tomou de empréstimo ao direito alheio a estrutura de suas instituições, segundo o espírito e o estilo da época. Assim foi, sobretudo, com o ministério papal. Da tradição judaica, copiou-se a pompa e a eminência sagrada do sumo sacerdote, presidente do Sinédrio: enquanto que do direito romano veio a figura do "pontifex maximus", ou seja, o imperador como chefe vitalício do colégio sacerdotal. No início da idade moderna, a criação da monarquia absoluta de direito divino, na Europa Ocidental, deu aos papas da contra-reforma o modelo ideal para a concentração absoluta do poder eclesial na cabeça, contra a tradição conciliar. Daí a afirmação dos dois cânones centrais da organização da Igreja: "não pode haver concílio ecumênico que não seja convocado pelo Papa" e "a Sé de Roma não se submete ao julgamento de ninguém". É claro que nenhuma dessas máximas pode ser justificada com base nas Escrituras, assim como ninguém reconhecerá, no soberano da cidade do Vaticano, a mais leve semelhança com o pobre Nazareno, ou o rude pescador galileu.

Em suma, teologicamente, as autoridades eclesiásticas falharam na compreensão de que o sucessor de Pedro não tem um primado de jurisdição, mas um primado na fé, como se vê em Lucas 22,32. Ele não é um soberano, mas a instância suprema de conciliação e apaziguamento; em uma palavra, o bom pastor. Sob o aspecto da organização de poder, os canonistas romanos até hoje não chegaram a compreender o que os juristas ingleses entenderam perfeitamente desde fins do século 17: a saber, que ao Papa não deve ser atribuído um poder sobre a Igreja, mas na Igreja, à semelhança do monarca britânico, que só podia manifestar o poder real em comunhão com os representantes legítimos do povo ("The King in Parliament").

As conseqüências nefastas dessa macrocefalia manifestam-se abertamente, toda vez que ascende à Sé de Roma uma personalidade autoritária, ou saudosamente tradicionalista. É o que acontece hoje. A eleição para o papado do representante de uma Igreja de fronteira, há séculos confrontada com potências inimigas e opressoras, e submetida no presente às exações de um regime político perseguidor, só podia dar no que deu: autoritarismo exacerbado e integrismo restaurador, crispado numa postura de defesa contra o inimigo externo e o traidor interno. O abafamento das conferências episcopais, em todo o mundo. O desrespeito à autonomia tradicional de velhas Igrejas européias, com a nomeação provocadora de bispos indesejados. A revogação prática da orientação pastoral de opção preferencial pelos pobres e oprimidos, solenemente afirmada pelo episcopado latino-americano em Medellín e Puebla. O ressurgimento da atividade inquisitorial, favorecendo-se a delação velada e a intrusão de "falsos irmãos, infiltrados para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão", como disse o primeiro grande teólogo da libertação ("Epístola aos Gálatas" 2,4).

A Cúria Romana certamente não ignora que os ateus e os sem religião declarada formam, hoje, um quinto da humanidade, enquanto no início do século não chegavam a meio por cento. Ela não pode desconhecer o fato de que a população cristã no mundo baixou em termos relativos, de 1900 até agora, e tende a baixar ainda mais até o final do século. É desolador verificar que ainda se pensa em enfrentar esses desafios, não por meio da conversão à liberdade, à igualdade e à fraternidade universais, mas com a restauração da velha Cristandade, como bastião de luta contra a impiedade e a heresia, numa espécie de islamismo de combate.

Sabem, por acaso, os nossos pastores quantos e quantos pais de família, pelo mundo afora, perderam hoje toda a disposição de dizer a seus filhos que é pela Igreja, por meio dessa entidade secamente burocrática e ritualista, que eles vão conhecer Jesus?

Os bispos brasileiros, reunidos em Itaici, poderiam ter se interrogado a respeito em consciência, antes de aquiescerem em defender, publicamente, a atual linha romana, responsável pelo desfiguramento do Evangelho e o conseqüente embrutecimento da humanidade.

A íntegra do artigo de Fábio Konder Comparato, "O pescador coroado", publicado a 13 de abril pela "Folha de São Paulo", na coluna Tendência/Debates.

FSP
13/04/89

A coroa de espinhos do pescador

LUCIANO CABRAL DUARTE

A **Folha** (13/04/89, pág. A-3) publicou um lamentável artigo do professor Fábio Konder Comparato, ilustre titular na Faculdade de Direito da USP, intitulado "O pescador coroado".

O ácido escrito resume, no seu período final, de grotesca violência, as afirmações que o tecem: "A atual linha romana é responsável pelo desfiguramento do Evangelho e o consequente embrutecimento da humanidade".

Deixo de lado a maior parte das afirmações absurdas ou questionáveis, e me utilizo de alguns exemplos, para alicerçar o que assevero.

Escreve o articulista: "Prevalece, em todo o corpo eclesiástico, o princípio do poder irresponsável e da obediência irrefletida". Ora, meu caro professor, isto é falso. Exatamente o oposto é o que está sucedendo. A crise da Igreja, nos últimos 20 anos do pós-Concílio, se configurou pela falta do exercício da autoridade e pela desobediência refletida. Que chegou a ser chamada, paradoxal e ironicamente, de a "desobediência obediente".

Uma segunda assertiva gravemente errônea, e declinada com doce candura pelo professor Comparato, é a de que os responsáveis pela definição das linhas essenciais da estrutura que Jesus Cristo deu à sua Igreja, desde que a fundou, não tiveram a lucidez dos juristas ingleses que, desde fins do século 17, compreenderam que "ao papa não deve ser atribuído um poder sobre a Igreja, mas na Igreja, à semelhança do monarca britânico, que só podia manifestar o poder real em comunhão com os representantes legítimos do povo" (cf. artigo citado).

Mas, que teologia é esta em que se inspira nosso nobre mestre de direito? Então, como o rei da Inglaterra, depois das peripécias por que passou a monarquia inglesa (logo qual...) o papa deve "reinar mas não governar"? Não: a Igreja de Jesus não é uma democracia. Surpresa? Tanto pior. Ela não o é. Que será, então? Uma tirania? Muito menos. Uma oligarquia? Mais uma vez, não. Um sindicato, um grande movimento aglutinador de massas, que diz conhecer os problemas do povo e promete resolvê-los, tendo um líder carismático para apaziguar as tensões internas? Muito longe estamos. Porque a Igreja de Jesus Cristo é hierárquica. Isto é: nela há um poder sagrado, que vem de Deus. Poder que é serviço, autoridade e governo. O resto é o resto. E o rebotalho da teologia.

Por outro dizer: engana-se rotundamente o professor Comparato quando diz que o poder do romano pontífice é um mero "primado na fé, como se vê em Lucas 22, 32". Isto não é doutrina católica. Isto é protestantismo, na linha dos teólogos da libertação, cujo ranço, de resto, não se faz procurar por muito tempo no escrito aqui analisado. O papa é, sim, o "confirmador, na fé", como Jesus diz, em Lucas 22, 32. Mas, professor, esta tática de tomar uma frase isolada da Escritura, interpretá-la a seu talante, isolá-la de outros textos bíblicos, e em seguida erigir um monumento sobre o suposto achadq, é mais velha do que a Sé de Braga...

Jesus Cristo constituiu Pedro (e só ele) como o confirmador da fé de seus irmãos todos, a partir dos demais apóstolos. Mas, da fé global, inteiriça, intocável. A verdade de Deus não é mutável, como escreveu Leonardo Boff, no seu deplorável "Igreja, Carisma e Poder", onde a Santa Sé detectou quatro heresias. Deus é imutável. E sua verdade, também. Por outro lado, para compreender-se o papel do papa, na Igreja, não basta ler Lucas 22, 32. É preciso meditar também o que está em Mateus 16, 16, onde Jesus Cristo promete a Pedro que ele, e ele só, será a pedra fundamental e inamovível de sua Igreja. Aquele único que tem o supremo "Poder das Chaves", e ao qual todos os demais cristãos estão submetidos, quer estejam ou não de acordo. E ainda é indispensável abrir o Evangelho de São João, no capítulo 21, versículo 16, onde Jesus entrega a Pedro (e a ele só) o cajado do pastoreio de todas as suas ovelhas.

É lastimável que o professor Comparato se abandone aos seus destemperos e escreva inverdades clamorosas como essa: o papado atual se caracteriza por um "autoritarismo exacerbado e um integrismo restaurador, numa postura de defesa contra o inimigo externo e o traidor interno".

Dir-se-ia escutar o eco das agressões que levaram Paulo 6°, no fim da vida, vendo o desastre causado na sua instituição, por uma falsa interpretação do Concílio: "Vários dos que querem a destruição da Igreja do Senhor Jesus estão dentro dela".

O que estamos vivendo não é a volta a uma tal antiga disciplina, arbitrária e tirânica. O que o papa João Paulo 2° está fazendo é o mesmo que realizou São Francisco de Assis, no século 13, em obediência ao Senhor Jesus: —"Vai, Francisco, e reconstrói minha Igreja".

Não, professor Konder Comparato: o papa João Paulo 2° não é um "pescador coroado", como o sr. o diz, no título de seu infeliz artigo. Ele é, isto sim, "um pescador coroado de espinhos". E nesta coroa, o sr. ajuntou mais um cravo, agudo e pungente.

D. LUCIANO CABRAL DUARTE, 63, arcebispo de Aracaju (SE), é doutor em Filosofia pela Sorbonne, de Paris.

FSP
14/06/89

O sal da vida

FÁBIO KONDER COMPARATO

FSP 16/06/89



Sou muito grato a d. Luciano Cabral Duarte, não tanto pelas palavras amáveis que me dirigiu em seu recente artigo nesta seção, quanto pelo fato de ter assentido em discutir publicamente um problema da maior importância para a humanidade atual: a progressiva transformação da Igreja Católica, de fraternidade universal em isolada corporação romana.

Ficamos sabendo que, para S. Reverência, a Igreja não é democrática nem oligárquica nem tirânica. Ela é, simplesmente, hierárquica. Sob o aspecto conceitual, a idéia não deixa de surpreender, pois nenhum dos regimes políticos citados dispensa a superposição de poderes. Mas o que se quer saber é outra coisa: a hierarquia eclesiástica é normativa ou pessoal? Os membros da Igreja obedecem a regras objetivas ou à vontade arbitrária dos chefes? O papa, que tem o poder legislativo supremo, cumpre as leis que edita?

Considere o leitor os seguintes fatos.

1º —De acordo com o cânon 377, parágrafo 3º, nas nomeações de bispos diocesanos ou coadjutores, o Núncio Apostólico é obrigado a comunicar a Roma, "junto com o seu voto, o que sugerirem o Metropolita e os Sufragâneos da província, à qual pertence ou está unida a diocese a ser provida, como também o presidente da Conferência dos Bispos."

Há pelo menos dez anos o Núncio Apostólico no Brasil vem descumprindo hierarquicamente essa norma, com o tácito assentimento do Vaticano. Todos os bispos das dioceses desmembradas de São Paulo foram nomeados sem consulta ao cardeal Arns ou ao presidente da CNBB. Na sucessão do arcebispo de Manaus, 16 dos 17 bispos da região tomaram a iniciativa de escrever ao Núncio, sugerindo o nome de eminente prelado, para a sé vacante. Respondeu o Núncio de imediato que já havia indicado a Roma o sucessor: era, coincidentemente, o único bispo que se recusara a assinar a carta. Fatos análogos poderiam ser citados em profusão.

2º —A Áustria e o Estado de Renânia-Vestfália, na Alemanha Federal, mantêm concordata com o Vaticano, pela qual gozam do direito de aprovar os candidatos à nomeação episcopal. Além disso, o cabido de várias catedrais européias, entre as quais as de Viena e Colônia, têm há séculos o direito de escolha dos respectivos Metropolitas. O atual papa, porém, nomeou os arcebispos dessas duas dioceses sem consulta aos respectivos Estados e sem levar em consideração o voto dos cabidos. No caso de Colônia, teve ainda o refinamento de mudar as regras de eleição durante o seu processamento.

Como se vê, em matéria de tradições, Roma parece respeitar tão só as que lhe convém. Por outro lado, se o papa se considera chefe de um Estado, escusa lembrar que ele não pode se pretender acima dos demais chefes de Estado, para descumprir a seu talante os tratados internacionais que o Vaticano assinou.

O arcebispo de Aracaju considera protestantismo minha opinião de que a transformação da antiga liderança papal na Igreja em um poder monárquico sobre a Igreja foi substancialmente antievangélica. Para dizer a verdade, não vejo agravo nenhum em ser equiparado aos nossos caros irmãos protestantes, que comungam na mesma fé em Jesus Cristo Salvador. Permito-me apenas lembrar que a soberania absoluta do papa (a suprema potestas do cânon 331) somente começou a formar-se a partir do 4º Concílio de Latrão, em 1215; pois até então, ou seja, durante os 11 primeiros séculos de cristianismo, a autoridade papal não se sobrepunha à dos representantes da comunidade, reunidos em concílio. Aquele dogma jurídico, portanto, para usar a expressão de S. Reverência, é menos velho que a sé de Braga.

Mas enfim, o que significa essa aparente tertúlia jurídica, ou querela de campanário? O que ela envolve são concepções radicalmente diferentes do sentido e da missão da Igreja, como comunidade dos que crêem em Jesus Cristo e em sua mensagem de vida. Para mim e o rebotalho de que fala d. Luciano, a Igreja existe para realizar o Reino de Deus; e este pertence aos pobres e oprimidos, não aos ricos e poderosos. A Casa dos fiéis em Jesus, como ele próprio disse —para escândalo dos chefes religiosos da época— abre as portas, em primeiro lugar, às prostitutas, aos publicanos e aos pecadores. Enquanto não convertermos nossa vida ao serviço integral aos verdadeiros donos do Reino (que ignoram soberanamente sua realeza), estaremos construindo, com todo o aparato hierárquico e a unção religiosa, uma máscara horripilante de cristianismo: ritualista, auto-suficiente e farisaico.

Pois se o sal da vida perder sua força, sr. arcebispo, de que servirá conservá-lo?

FÁBIO KONDER COMPARATO, 52, advogado, doutor pela Universidade de Paris (França), é professor-titular da Faculdade de Direito da USP.

FSP
16/06/89

ECUMENISMO E RELIGIÕES AFROS

I- O QUE É ECUMENISMO?

De maneira bem resumida, podemos dizer: É o encontro de duas ou mais religiões com o objetivo de celebrar Deus a partir de um fato concreto que envolve fiéis daquelas religiões.

II- COM QUEM A IGREJA CATÓLICA FAZ ECUMENISMO?

Ela tem momentos ecumênicos com as religiões protestantes ditas históricas, nascidas no mundo branco.

III- QUE SETORES DA IGREJA ESTÃO ABERTOS AO ECUMENISMO?

Podemos dividi-los em 4 setores:

1º setor - Progressista, a Igreja que renasce do povo.

2ºsetor - Popular, não articulando, que é formado por católicos da periferia que, sem nenhum obstáculo, frequentam denominações cristãs diferentes sem deixar de ser católico e sem ter consciência de que estão tendo práticas ecumênicas. Buscam soluções para os problemas individuais (saúde, emprego, etc).

Até aí, vemos dois setores que tem abertura para o ecumenismo branco.

3º setor- Há um terceiro setor, popular, também não articulado que, sem deixar de ser católico, frequenta terreiros de umbanda, candomblé, etc; conscientemente.

4º setor - Há um quarto setor, formado por pessoas que mesmo já sendo do candomblé, umbanda, etc fazem questão de se batizar na católica e ser católicos também, sem deixar a sua outra expressão religiosa. Para esse último grupo candomblé não é religião, mas filosofia ou seita. Assim eles o consideram e participam da Igreja católica é a forma de estar socialmente integrados. Isto é um dos sintomas do passado de opressão.

IV- ECUMENISMO E RELIGIÕES AFROS : CONSIDERAÇÕES:

1 - Deve ser uma busca consciente e comunitária dos valores religiosos do mundo afro LEVANDO tudo em consideração o massacre feito no Brasil pela cultura européia.

2 - É um desafio novo que está sendo colocado na Igreja católica pela comunidade negra católica e é um anseio de um amplo setor das religiões afro.

3 - Neste campo, o que tem acontecido na prática, refere-se à participação de Babalorixás e outros fiéis do candomblé e da umbanda nos encontros promovidos pelos Agentes de Pastoral Negros em vários lugares do Brasil, inclusive dando cursos.

4 - Um dos primeiros passos de celebração ecumênica pública com a participação de ~~Sacerdotes~~ Sacerdotes das religiões Afro aconteceu em São Paulo, em 87, com a visita ao Brasil do Bispo Anglicano da África do Sul DESMOND TUTU. Os jornais colocaram fotos na 1ª página! O Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e dignatários de Igreja protestantes concelebraram!

V- IGREJAS CRISTÃS E RELIGIÕES AFROS

1) De modo geral as Igrejas cristãs em suas hierarquias têm grandes dificuldades em admitir esta aproximação.

2) O conselho mundial de Igrejas em seu departamento nacional não conseguiu ainda refletir o assunto.

3) O comitê de combate ao Racismo da Igreja Metodista do R.J. que inicia um trabalho de conscientização negra ainda tem dificuldades para admitir estudar religiões afro.

4) Tanto as Igrejas Protestantes históricas como as pentecostais no seu todo, ainda não tocaram publicamente no assunto.

5) A hierarquia da Igreja católica através do texto base da CF - 88 toca uma corajosa posição pública (texto base nº 151 P 59).

6) A base católica negra, conscientizada na prática está aberta e faz ecumenismo!

VI- ELEMENTOS A CONSIDERAR NESTE ECUMENISMO:

1) - Ser um trabalho lento, mas firme;

2) - Não ser motivado só pelo entusiasmo "do novo";

3) - Numa primeira etapa, fazer uma inculturação dos valores religiosos comum a todo o povo negro;

4) - Conhecer as várias correntes religiosas negras presentes no Brasil de hoje (bantu, Gêgê, nagô - Yorubá) etc; Como também as várias religiões Afros: Candomblé, Umbanda, casa de Mina, batuque, etc.

5) - Ter consciência de que este processo de aproximação dos valores religiosos negros é FUNDAMENTALMENTE UM PROCESSO DE RESISTÊNCIA; ou seja: nós negros católicos queremos ter nossos valores culturais negros integrados à nossa liturgia cristã, enriquecendo nossos ~~louvores~~ louvores a Deus!

6) - Ter consciência de que as religiões sempre foram instrumentos de legitimação de situações e hoje não será diferente; ou seja, se a religião legitimou os valores culturais brancos, queremos que ela legitime também os valores culturais negros.

VII- COMO VAI ACONTECER ESTE ECUMENISMO?

1) - Todos os passos históricos significativos dados pela Igreja foram precedidos por passos dados pela base da Igreja.*

2) - Este ecumenismo vai acontecer a partir de nós, que formamos a base da Igreja.

3) - Ele precisa contar com o avanço da reflexão no outro lado, nos terreiros. O que está sendo feito de concreto naquele espaço?

4) - Para ser um diálogo, um ecumenismo entre iguais é necessário que os Babalorixás e Ialorixás se reconheçam como religião e rompam com os laços de dependência que mantém às escondidas ou às claras com a Igreja Católica.

EX: 1) Ao fazer a cabeça o yaô é obrigado, no 1º dia, a ir assistir a uma missa e comungar.

2) Só usam óleo consagrado na Igreja...

3) Acendem velas na porta da Igreja Católica (e por que não acendem também nas Igrejas Protestantes?)

5) - Ter consciência de que, se este trabalho é novo, no sentido comunitário, já é antigo considerando que, a nível pessoal milhares de fiéis, há séculos, e especialmente nos últimos 30 anos, frenquentam os dois sistemas de fé: { O Cristão e o Afro Brasileiro.

6) - Refletir sobre as motivações que levaram estes fiéis a frequentarem os dois sistemas religiosos.

7) - Ter consciência, hoje, de onde se quer chegar com o desencadeamento deste processo

8) - Ter consciência de que a própria caminhada está e vai exigindo um redimensionamento dos objetivos desta aproximação .

9) - Nenhum ecumenismo pode ser feito só de um lado. Ter consciência do processo que se dá do outro lado, ou seja: do lado não cristão que é o interesse pelo ecumenismo?

- Suas hierarquias?
- Seus fiéis?
- Seus intelectuais (protetores)? etc.

10) - Temos interesse reais por trás desta busca ecumênica: Buscamos reconstruir nossa Identidade de negros a partir da Fé!

11) - Ter consciência de que o ecumenismo com as religiões Afro dificilmente inter à Hierarquia da Igreja Católica, no mesmo ela aceita um "diálogo religios Ela só faz ecumenismo com religiões vindas do mundo branco.

EX: IGREJA METODISTA
IGREJA PRESBITERIANA
IGREJA LUTERANA, etc.

12) - De que lugar social devemos fazer este ecumenismo? Respondemos a esta perg fazendo uma outra: de que lugar social Jesus fez seu trabalho?

13) - Será que Deus está conosco neste trabalho? (comprar a perseguição contra os 1º ori com a perseguição ao Candomblé).

14) - Ter consciência de que o condomblé foi uma religião de resistência, ou seja os valores religiosos e culturais do povo negro puderam subsistir a toda pe guição desencadeada pela sociedade e pela Igreja.

VIII- CONCLUSÃO

1) - Muitos passos ainda precisam ser dados em direção à concretização deste ide ecumênico.

2) - Acho que ainda estamos no 1º MOMENTO. Este primeiro momento nos oa como desafio TRAZER À TONA E VIVÊNCIAR OS valores culturais do negro bra ro;

3) - Estes valores deverão ser partilhados e vivenciados com um maior número pos de católicos negros e não negros e só depois de ter feito um processo de culturação é que sentiremos o sabor de trabalharmos em prol do ecumenismo co religiões afros.

IX- DESAFIOS TRAZIDOS PELA SITUAÇÃO ATUAL DAS RELIGIÕES AFRO - BRADILEIRAS:

— As religiões Afro - brasileiras passam por um processo de revisão interior:

1) São questionadas pelo acelerado processo de presença de Babalorixás e Yalorix brancos em suas hierarquias;

2) São questionadas pelo exagerado alto custo das oferendas e despachos, chegand alguns casos, a custar meio salário mínimo apenas um despacho!

3) São questionadas pelo grande número de fiéis pobres que se sentem impossibilit de cumprir as exigências das oferendas (isto nos candomblés e umbandas sofisti

4) São questionadas pelo aumento do número de charlatães dentro das religiões afr

5) São questionadas pelos métodos usados para aumentar o numero de fiéis;

6) São questionadas pela visão pouco crítica das relações econômicas e sociais qu teiam a sociedade.

7) São questionadas pelo predomínio de políticos, membros de partidos opressores vo negro e dos pobres em geral como "protetores do terreiro".

8) São questionadas porque as lideranças dos terreiros estão afastadas do movimento popular.

X- PERGUNTAS:

1- Que outros desafios você percebe acontecer na nossa aproximação às religiões Afro-brasileiras?

2- Você conhece algum tipo de trabalho que visa conscientizar as comunidades de terreiro no sentido de assumirem mais, nas celebrações, a luta dos marginalizados enquanto grupo?

3- Na sua opinião, por que as Yalorixás e os Babalorixás das religiões afros, dão tarefas a seus fiéis para serem cumpridas dentro da Igreja Católica?

4- Como deve acontecer o ecumenismo com as religiões Afros? Por que ?

Este texto tem por objetivo suscitar o debate.

Elaborado por Frei David - Rio de Janeiro.
Tel. (021) 756-0304

Collor investe contra a Igreja "progressista"

TC 27.11.89

Mesmo sujeitos a sanções do Vaticano, membros da chamada Igreja "progressista" tiveram ação marcante no primeiro turno a favor do candidato Luís Inácio Lula da Silva(PT). Para denunciar o caráter ideológico dessa ajuda, que é criticada por vários setores da Igreja, os assessores de Fernando Collor(PRN) prepararam uma estratégia de impacto. Em suas aparições no horário gratuito para o segundo turno, Collor vai lembrar aos eleitores que na Constituinte o PT, por iniciativa do vice-líder José Genoino, tentou suprimir a palavra Deus do preâmbulo do texto constitucional. A direção da campanha vai distribuir quase dez milhões de cópias da emenda de Genoino na porta das igrejas em vários pontos do País. Ao mesmo tempo, Collor procura se aproximar de representantes da Igreja não comprometidos com trabalhos políticos. Ontem, assistiu a missa na Capela de Nossa Senhora Virgem dos Pobres, em Maceió, celebrada por Frei Damião, um dos expoentes da Igreja no Nordeste. A primeira pesquisa nacional Gallup, após o primeiro turno, aponta preferência por Collor: 50,3% contra 36,6% para Lula.(Nacional, página 7).



Collor de Mello e Frei Damião na Capela de Nossa Senhora dos Pobres

DN 30-11-89

O apoio da igreja a Lula gera protestos dos fiéis católicos

São Paulo (DN) — As manifestações de apoio por parte da igreja católica ao Partido dos Trabalhadores-PT começam a provocar reações de grupos leigos da corrente conservadora. Dezenas de mulheres da alta sociedade paulistana estão telefonando desde ontem para o cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e para seus assessores imediatos, na Cúria metropolitana e na residência cardinalícia, protestando contra o apoio da igreja "progressista" ao candidato da Frente Brasil Popular à Presidência da República. Nos telefonemas, as mulheres chamam Luís Inácio Lula da Silva de "comunista" e "ateu". Até ontem à tarde, [illegible] Evaristo Arns não havia respondido pessoalmente a nenhum desses telefonemas.

A reação começou a se evidenciar quando do incidente havido no final de semana onde o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi, e sua esposa, criticaram a pregação feita pelo padre Benjamin, ao ensejo de ato religioso celebrado na Igreja Nossa Senhora Mãe do Salvador, conhecida como Igreja da Cruz Torta. Na homilia, o padre descreveu o perfil do candidato ideal à Presidência que se enquadrava no candidato do PT.

Agora, dona Marici Rodrigues Trussardi lidera grupos de mulheres católicas que defendem, inclusive, uma audiência com o papa João Paulo II, em Roma, para denunciar o uso do púlpito como "palanque eleitoral".

(ALN), trotskista, membros da OSI do PORT e outras, organizações radicais de extrma esquerda, abrigadas no PT. Os mercenários da fé, de uma fé anticristã, possuem as mais estreitas ligações revolucionárias com a Nicarágua, Cuba, El Salvador, verdadeiro exército de ativistas distribuídos em cerca de 200 mil Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) espalhadas por todo território nacional, sob a capa sindical e de justiça social das Comissões de Pastoral da Terra (CPT), da PJ (Pastoral de Juventude), da PO (Pastoral Operária), do CIMI, Conselho Indigenista Missionário, órgão ligado à Pastoral Indigenista da CNBB; e dezenas de entidades interligadas ideologicamente. Ali estão as Comissões de Justiça e Paz, o Movimento dos Sem-Terra, Ação Comunitária, Ação e Animação, Catequeses, Liturgias, Ecumenismo e ação social, uma verdadeira rede onde padres estrangeiros, que entraram no Brasil com a missão específica da difusão da fé, transformaram-se em tutores das consciências cristãs do nosso povo, para germinar a semente da discórdia, da luta armada, jogando brasileiros contra brasileiros, acobertados pelo manto de uma Igreja que eles venderam por trinta moedas, de um Cristo que eles trocaram pelos teólogos de uma libertação fraticida, solerte e traiçoeira. Mais de 80% dos votos conquistados pelas CEBs foram canalizados para Lula, segundo o Jornal da Tarde, em recente publicação. Os rebeldes pastores vermelhos, constituem a base da pirâmide da Igreja brasileira. Ao Papa João Paulo II devem obediência direta os quase 300 cardeais, arcebispos e bispos brasileiros. Eles gravitam em torno da CNBB, que busca conciliar no mesmo tom a ação pastoral e doutrinária da Igreja. Tal ação é irradiada a partir de 7 mil paróquias espalhadas pelo País. Organizadas em comunidades eclesiais e movimentos de evangelização, a "igreja popular" ou o "clero progressista" contesta abertamente a estrutura dos seus superiores hierárquicos afinados com os ensinamentos do Vaticano e da Cúpula da Igreja brasileira, que proíbe intervenções no campo político. O "maestro" Reginaldo Veloso desafia abertamente a autoridade de Dom José Cardoso Sobrinho, ao colocar, em terreno da Cúria Metropolitana, em frente à Igreja da Conceição, um "out-door" onde prega a luta de classes e joga o empregado contra o patrão. Enquanto em Salvador, o Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, Primaz do Brasil, recebeu seis dos nove candidatos presidenciáveis, que lhe apresentaram os seus programas e ouviram os seus conselhos, o bispo Dom José Rodrigues, na diocese de Juazeiro, à 500 quilômetros de Salvador, recebeu apenas o petista Lula, com o qual gravou programa na emissora católica e subiu ao seu palanque. Enquanto os "progressistas" realizaram vigílias em todo o Brasil, numa manobra de alto envolvimento para proibir Frei Damião de rezar uma missa com a presença do candidato Fernando Collor de Mello, sob a alegação de que a "imagem do missionário seria utilizada para fins eleitorais", o Bispo de Picos, no Piauí, Dom Augusto Alves da Rocha, é presidente da CPT (Pastoral da Terra) e edita cartilhas de apoio explícito ao PT, e recebeu 500 mil dólares para o seu orçamento anual. O controvertido bispo Dom Tiago Postma, da Diocese de Garanhuns/PE, recebeu 300 mil

marcos holandeses, dinheiro não repassado às paróquias, enquanto o Bispo Dom Jairo Matos da Silva, da Diocese de Bonfim/Bahia recebia 2 milhões de cruzados novos da Cáritas, para centros comunitários, através da Embaixada da Suíça no Brasil. A distribuição de recursos internacionais para os mercenários da fé, foi detectada em documentação farta e possui dados irrespondíveis e de estarrecer. Os cínicos pastores da luta armada, estão em toda parte e são apenas propagandistas das idéias internacionais dos teólogos Custavo Gutierza (peruano), Juan Luiz Segundo (uruguaio), Rolando Muñoz (chileno), Jerônimo Podestá e Eduardo Pironi (argentinos), Hugo Asman e Leonardo Boff (brasileiros), Alex Moreli (francês) e Rafael Ávila (espanhol), além de outros ilustres "prelados" europeus radicados na América Latina. Pelas minhas mãos passaram e estão arquivadas, nada menos de 15 "cartilhas de orientação ao eleitor", editadas por Dioceses progressistas de Goiás, Juazeiro, Rio Branco, Roraima, e tantas outras, onde todos os candidatos ao primeiro turno nas eleições brasileiras, inclusive Roberto Freire e Leonel Brizola, são duramente atacados pelos sacerdotes da luta armada e surge apenas o Sr. Da Silva, do PT, como o "único identificado com a linha pastoral das dioceses progressistas brasileiras". Documentos recentes provam o envio de recursos internacionais da "Misereor", através do seu coordenador para América Latina, em Aachen, na Alemanha, em 21 e 22 de Julho de 1988, repassando verbas para o III Congresso Nacional da CUT, realizado em Belo Horizonte, de 7 a 11 de setembro de 1988.

O padre belga, ex-militante da Ação Católica e atualmente filiado ao PC do B, Jean Geisen, recebeu para divulgação sindical e comunitária, no meio rural, o chamado "Projeto Geisen", 20 mil dólares, da "Associação de Solidariedade ao Terceiro Mundo", ASTM, entidade com sede em Luxemburgo. Para a utilização junto à doutrinação dos trabalhadores da agro-indústria nordestina, estão previstos para o projeto "Geisen", mais 900 mil francos franceses. Este pastor estrangeiro, militante marxista, atua em Pernambuco e naturalmente é um dos líderes contrários ao Arcebispo Dom José Cardoso Sobrinho. Temos em mãos toda a documentação que prova as ligações espúrias e antibrasileiras do clero progressista do nordeste com organismos internacionais e a aplicação dos recursos na recente campanha eleitoral brasileira. Estamos lutando agora pela própria sobrevivência do Brasil como nação. É preciso que cada brasileiro tenha acesso à farta documentação existente para desmascarar a ação desta Igreja vendida nos atos religiosos, nos confessionários, nas paróquias, nas capelas, no campo, nos bairros humildes, em favor de um Brasil igual ao Chile de Salvador Allende, dividido entre "opressores", pelo ângulo que mais convém aos farsantes estrangeiros acobertados pelo símbolo da Cruz por eles traída e destruída. Estamos todos juntos numa cruzada contra a grande mentira que se pretende impor ao povo brasileiro, em nome da justiça e paz.

Luís Fernando Cascudo é jornalista.

TC 21.10.89

Os dez mandamentos do eleitor cristão luterano

Preocupado com o momento político vivido pelo povo brasileiro, o pastor da Igreja Evangélica Luterana, Reverendo Valdemar Stange resolveu tomar a iniciativa de elaborar um decálogo com orientação aos membros da religião luterana. O reverendo diz que o decálogo não indica o nome deste ou daquele candidato. "Queremos apenas que nossos fiéis reflitam melhor na escolha do nosso futuro presidente", afirmou Valdemar Stange.

O trabalho da Igreja Luterana no Ceará é muito recente e atualmente o número de membros ultrapassa muito pouco à casa dos cem. Entretanto os luteranos vêm realizando muitos trabalhos de valor social na Grande Fortaleza onde inclusive mantém convênio com a Funsesce para atuar junto a comunidade carente do bairro Nossa Senhora das Graças(Pirambu).

Apesar de ter sido elaborado para os luteranos de Fortaleza, o decálogo já foi apreciado pelo Conselho Distrital do Nordeste que aprovou e mandou reproduzir para distribuir com os demais membros dos outros Estados nordestinos. Valdemar Stange acredita que haverá uma aceitação a nível nacional devido a sua grande importância.

O DECÁLOGO DO ELEITOR CRISTÃO

I - Após consultar devidamente a Deus em oração, use sempre a razão sobre a paixão.

II - Dê prioridade ao currículo de vida privada e política do candidato. Não deixe prevalecer somente o mero discurso.

III - Acompanhe os comícios e os programas gratuitos no rádio e na televisão e procure julgar as propostas através do prisma da justiça social.

IV - Veja se os programas de governos são realistas e objetivos para não ser iludido pelos demagogos.

V - Distina se é um partido ou candidato de base ou se apenas procuram as bases em períodos eleitorais.

VI - Não comprometa seu voto, de maneira nenhuma, em troca de favores momentâneos ou pessoais.

VII - Vote em candidato de partido e ideologia. Descarte os fisiologistas, pois estes só usam o partido por conveniência.

VIII - Quando tiver de votar em candidatos em pé de igualdade, vote naquele que professar fé cristã.

IX - Não vote em candidato ou partido que preguem abertamente o ateísmo.

X - Não deixe de votar nem anule seu voto, mesmo que tenha de optar pelo mal menor entre os grandes males.

Todos os membros da Igreja Luterana de Fortaleza receberam o decálogo e segundo Valdemar Stange, a aceitação foi acima do esperado.

Pastores evangélicos negam apoio a Lula

O vereador Pedro Ribeiro Filho, PSDB, não apoiará Lula da Silva, em hipótese alguma. A decisão é resultado de um forte apelo que lhe fizeram os Pastores da Igreja Assembléia de Deus, reunidos durante toda a semana que passou, em Fortaleza. Na Convenção estadual dos evangélicos, foi aprovado um documento que, num dos itens, descarta qualquer aceitação do nome Lula à Presidência da República, pois, de acordo com a visão de todos os Pastores, o PT, em sua base, provindo do socialismo europeu, é demasiadamente "vermelho" e, nesse aspecto, até vêem ligações estreitas com o comunismo.

Em função desta posição assumida pelos Pastores evangélicos do Ceará, o vereador Pedro Ribeiro garante que pretende ficar ausente da campanha nesse segundo turno, mas, por outro lado, já liberou seus eleitores e amigos para que votem de acordo com as suas convicções no candidato que melhor se adequar às opções de todos. Ele esclareceu que o comportamento adotado pelos membros da Assembléia de Deus merece todo o respeito e vai ser acatado em toda a plenitude por sua pessoa.

Mesmo afirmando que não fará campanha para ninguém, o vereador Pedro Ribeiro antecipou que a maioria absoluta dos Pastores da sua Igreja apóia o candidato Fernando Collor de Mello e vêm trabalhando para a sua eleição para a Presidência da República.

Depois de participar da reunião do Diretório Nacional do PSDB, em Brasília, juntamente com a deputada Moema São Thiago, prefeito Ciro Gomes, o secretário Sérgio Machado e empresário Beni Veras, o líder tucano na Câmara, Pedro Ribeiro Filho anunciou quem, ao final do encontro, oito pontos foram definidos no que se relaciona à sucessão presidencial nesse segundo turno. Uma questão ficou bem clara: PSDB se nega a apoiar Collor e admite um entendimento com o candidato Lula da Silva.

Os oito pontos aprovados pela direção do PSDB, conforme Pedro, foram os seguintes: reafirmar a nota emitida pela Executiva Nacional, que exclui quaisquer apoios à candidatura Fernando Collor; afirmar que a candidatura Lula, garantida por voto popular no 1o. turno, indica a opção progressista para o 2o. turno; contudo, não pode endossar o programa de 13 pontos da Frente Brasil Popular, porque, como estão formulados, contrariam posições básicas do programa partidário do PSDB; deixar claro nos contatos com a Frente Brasil Popular, que qualquer entendimento político deve dar-se através dos Partidos e não de blocos ou frentes, e que os companheiros do Partido são inadequados e constituem empecilho irremediável para a ação política comum.

A questão do parlamentarismo, não como uma manobra congressista, mas como uma imposição contra a vontade do Presidente eleito, é uma preliminar importante para medir a flexibilidade política dos partidos, na compreensão da questão da democracia do Estado e do Regime; em qualquer hipótese, a defesa dos preceitos constitucionais é fundamental para assegurar-se a governabilidade e a democracia; considera-se fundamental continuar mantendo entendimento com os demais partidos democráticos, em busca de uma aliança para o 2o. turno, defendendo os interesses dos trabalhadores, dos assalariados e do desenvolvimento econômico do País; finalmente, delegar a Comissão Executiva Nacional o prosseguimento das negociações com as forças políticas democráticas já citadas em busca de um programa comum. JC 27-11-89

Bispo em campanha no 'triângulo vermelho mineiro'

JC 27-11-89

ITABIRA, MG — Berço do movimento operário em Minas e responsável por 70% da produção siderúrgica no Estado, o Vale do Aço é hoje o chamado "Triângulo vermelho mineiro", devido à expressiva votação de Lula. Um resultado atribuído não só à ação da militância petista, mas também ao trabalho da Igreja "progressista" local sob a orientação do Bispo Dom Mário Gurgel. Sediado na cidade de Itabira, ele coordena na Diocese de 28 Municípios um trabalho pastoral, que segundo ele é apartidário, mas sem dúvida é ideológico e orienta os fiéis mais pobres a votarem em Lula.

Dom Mário acredita que o líder religioso não deve se manter alheio ao processo sucessório. Com base nisso, promove encontros nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e nas Comissões Pastorais, para discutir os programas de cada candidato, além de confeccionar centenas de cartilhas para orientar na escolha do candidato.

Em sua cartilha, o Bispo recomenda: "Eleição não é concurso de beleza ou de oratória, não é loteria e você não deve votar num candidato só por causa das pesquisas".

Considerado um dos mais atuantes durante a campanha, o padre Jorge Teixeira admite que nos locais onde militaram os leigos das pastorais, sobretudo da operária e a da terra a votação fluiu para Lula.

O mesmo constatou o Vice-Presidente do PT local e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Minerais Básicos (Metabases), Milton Bueno, para qumem foi importantíssima a ação da Igreja para a eleição de Lula. Segundo ele, através dela o partido consegue chegar a um eleitorado apolítico, diversificado.

— A Igreja é o segundo poder no Brasil e sua ação foi muito importante para a votação de Lula — disse Bueno.

Contudo, este mérito é contestado pelo Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Juvenal Roriz, que considera inaceitável a militância partidária de sacerdotes:

— Se a função do pastor é unir e somar, a dos partidos políticos é de dividir e separar.

Nestes termos, ele condenou energicamente a divulgação de uma carta-aberta do Conselho de Defesa dos Direitos Humamos, órgão de leigos vinculado à Igreja Católica, na qual se pede apoio ao candidato da Frente Brasil Popular.

O documento insinua uma interpretação política do Evangelho e da chamada opção preferencial pelos pobres, para chegar à conclusão de que é Lula o candidato que mais se ajusta a um modelo cristão. O mesmo documento aconselha que só os candidatos de esquerda mereciam o voto dos católicos.

Dom Juvenal inibiu a participação de padres e entidades religiosas na campanha eleitoral, mas as comunidades de base agiram intensamente e estão trabalhando para a esquerda, embora os padres "progressistas" não tenham assumido posição clara, para não se indispor com a Cúria.

Em Belo Horizonte, filiado ao PT desde 1983, o padre Antônio Santo, pároco da Igreja Cristo Redentor, no Barreiro de Cima, Zona Oeste da Capital, justifica sua opção política de maneira simplória: antes de ser padre e cristão, considera-se cidadão com todos os direitos assegurados. Partindo desta premissa, também pretende se empenhar na campanha de Lula no segundo turno.

Padres fazem do púlpito o seu palanque

DE O GLOBO

Alheios à recomendação expressa do Vaticano para que padres e bispos não se envolvam na militância partidária, no Brasil membros da Igreja Católica se engajaram ostensivamente na campanha do candidato da Frente Brasil Popular (PT-PC do B-PSB), Luís Inácio Lula da Silva. Impunes, após usarem suas pastorais para convencer os fiéis a votar no petista no primeiro turno, preparam-se agora para repetir o feito.

Crítico da indisciplina, o Arcebispo de Porto Alegre, Dom Boaventura Kloppenburg condena o engajamento de religiosos na candidatura de Lula:

— Sou contra ele porque não quero um ditador.

No entanto, como exemplo dos padres e bispos que permanecem alheios às advertências de superiores hierárquicos, o pároco belga Renato Stormarcq anuncia de público sua aliança com o PC do B. Na paróquia de Austin, em Nova Iguaçu, alardeia os motivos dos compromissos eleitorais de sua pastoral com a Frente Brasil Popular:

— Nós e o PC do B temos em comum a construção de uma sociedade mais justa.

Em Pernambuco, padres punidos por insubordinação ainda fazem proselitismo em nome do "progressismo" católico.

Padre fala de política e irrita empresário

FC 27-11-89

Romeu Trussardi discute com padre que fez apologia de candidato durante missa

MARILENA ROCHA



— Padre, o senhor usou a homilia para fazer propaganda subliminar de um candidato. Isso não é correto.

— De maneira nenhuma. Não citei ninguém. Apenas falei na necessidade de mudanças, deixando claro que o cristão não deve temê-las.

Foi assim que começou uma difícil discussão entre o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi, e o padre Beijamin Menegolla, ao final da missa do último domingo na Igreja Nossa Senhora Mãe do Salvador (mais conhecida como **Igreja da Cruz Torta**), no Alto de Pinheiros.

Romeu acusou o padre de fazer uma pregação política e o aconselhou a ir à praça mais próxima.

— Usar o altar para fazer propaganda de um candidato é até um desacato à nossa inteligência — atacou Trussardi.

— Não vejo identificação com nenhum candidato dizer que o cristão deve trabalhar por mudanças. Afinal os dois candidatos estão prometendo mudanças. Então, é uma questão de interpretação — defendeu-se o padre.

Outros fiéis foram até a sacristia solidarizar-se com a revolta do presidente da Associação Comercial, mas também evitaram dizer o nome do candidato que o padre estaria promovendo. Sem falar nos que foram diretamente ao padre Wilson, responsável pela paróquia, confessar sua indignação. "Padre, só faltou ele encerrar a missa com um **Aleluia**", protestou Marici Trussardi (mulher do presidente da Associação Comercial) — a única que se referiu claramente a Luiz Inácio Lula da Silva, quebrando o enigma do apoio subliminar do padre.



José Bassit/AE

Beijamin (E) e Trussardi: homilia polêmica que deixou o empresário irado e o padre surpreso com tanta repercussão

Ainda anteontem; quando decidiu liderar um movimento nacional "contra a intromissão de religiosos em assuntos políticos", Marici jurava não se ter recuperado do "choque" da última missa. "Foi um verdadeiro escândalo. Ele colocou uma criancinha em frente ao altar, levantando e abaixando uma enorme cruz de isopor pintada de vermelho durante a missa inteira", denunciou. O padre Beijamin, porém, responsabilizou "o pessoal da catequese" pela encenação: "Era dia de São Camilo e quiseram homenageá-lo usando o seu símbolo, uma cruz vermelha, que os camilianos usam na batina, na altura do peito. "A explicação não convenceu: "O santo tinha uma cruzinha discreta, no lado esquerdo, porque cuidava dos enfermos", explicou Marici.

Mesmo com os desmentidos do padre sobre quaisquer tentativas simuladas ou não de defender a candidatura petista, Marici e suas amigas de missa, inclusive de outras igrejas freqüentadas igualmente por pessoas ricas ou da classe média alta, resolveram fazer uma cruzada contra a transformação de "padres em cabos eleitorais ou missas em comícios". O primeiro passo do movimento será a publicação nos jornais de circulação nacional de uma nota: "Será o nosso apelo urgente à classe eclesiástica para que preserve o momento de oração: É preciso preservar a espiritualidade, pois, afinal, nem só de pão vive o homem", argumentou Marici.

Em sua casa no bairro do Ipiranga, onde não esconde a opção por Lula (a fachada está tomada por cartazes do candidato da Frente Brasil Popular), padre Beijamin mostra-se tão surpreso e chocado com a repercussão de sua última missa na **Igreja da Cruz Torta** quanto os fiéis. "Acho que tudo é uma questão de interpretação", diz. "Já vivemos a expectativa do Natal e por isso fiz uma projeção do tempo novo que vamos viver." A reação dos presentes levou o padre a fazer algumas



Luis Antonio Costa/AE - 22/11/89

perguntas que ficaram naturalmente sem respostas: "O meu sermão foi sobre a obrigação do cristão buscar mudanças. Será que eles estão tão satisfeitos com a situação que não querem mudanças? Será que o candidato Collor não representa mudanças, pois eles interpretaram a defesa por transformações como apoio tácito a Lula..."

— O senhor não sabe que não se deve usar o púlpito para fazer pregação política? — ainda martelava na cabeça do padre o diálogo áspero mantido com Trussardi.

— Eu apenas coloquei critérios evangélicos para que cada cristão veja realmente que mudanças são necessárias para se atingir as propostas evangélicas de Cristo.

Há menos de três meses na **Igreja da Cruz Torta** (passou antes pela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Jardim Paulista), padre Beijamin recorre aos papas Paulo VI e João Paulo II para justificar sua pregação politizada: "Os textos de ambos apontam a política como parte integrante da evangelização. A missa é uma celebração da vida e é um momento de evangelização. Não existe fé apolítica", afirma o padre. Tachado de "icendiário" pelos paroquianos, Beijamin, que é formado em Ciências Econômicas, também já teve dor de cabeça na mesma **Igreja da Cruz Torta** quando fez uma sermão sobre justiça na economia. Defendeu apaixonadamente a redistribuição de renda no País. Foi assediado por fiéis. Chegou a pensar que ia ser parabenizado, mas o comentário menos agressivo que ouviu foi: "Padres não devem falar de economia, pois não entendem nada".

Nacional

Fortaleza, terça-feira, 05 de dezembro de 1989

CATÓLICOS PEDEM

São Paulo (TC)– As mulheres católicas paulistanas ligadas ao movimento de Renovação Carismática Católica(RCC) e contrárias ao envolvimento de setores da Igreja Católica na campanha do candidato da Frente Brasil Popular a presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, protocolaram ontem ofício ao núncio apostólico(embaixador do Papa) em Brasília, D. Carlo Furno, pedindo-lhe uma audiência.

As mulheres - lideradas por Dona Marici Trussardi, esposa do presidente da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi - vão pedir a D. Carlos Furno que tome providências junto ao Vaticano para impedir a participação de bispos, padres, religiosos e agentes pastorais na campanha de Lula. Elas alegam que a Igreja "está sendo transformada em um espaço político-partidário".

Assessores da CNBB disseram ontem, de maneira informal, que dificilmente o Vaticano fará pronunciamento sobre esse assunto. Entre os motivos para esse silêncio estariam razões diplomáticas (o Estado do Vaticano quer manter um bom relacionamento com o Governo brasileiro, qualquer que seja o Presidente eleito) e eclesiásticas. Nesse caso, dizem os assessores, o Vaticano não pode vetar a participação política dos católicos brasileiros, quando a incentiva na Polônia, nas Filipinas e na América Central.

Crescem os incidentes nas igrejas

Os incidentes entre católicos e padres ditos progressistas, estão se amiudando nos templos de Deus e isso é um sinal muito ruim para a Igreja Católica Apostólica Romana, que sendo uma instituição que orienta essa grande massa de cristãos, não podem os seus chefes tolerar o preselitismo desses sacerdotes que, parece, não estarem subordinados ao Evangelho; e sim ao Temporal, quando usam a palavra em suas homílias.

As informações estão chegando através das agências noticiosas, dando conta em quase todo o País, da intolerância de certos vigários que desejam doutrinar os seus paroquianos em favor da candidatura do Sr. Luís Inácio Lula da Silva, no púlpito sagrado, que não deve ser utilizado, se não, para que seja ensinado o Evangelho, proporcionando mais esperanças e maior convicção católica aos seus rebanhos.

Para não se falar em outros Estados, que já foram alvo de publicações lamentáveis sobre incidentes da revolta de católicos contra a pregação despropositada e incompreensível de padres, em seus sermões dirigidos em apoio a um candidato, que até onde se sabe não morre de amores pela Igreja e nem por Cristo, mesmo porque quantos lhe cercam como o deputado José Genoíno e outros são contra, inclusive, a citação do nome de Deus na própria Constituição Federal, vamos nos reportar somente aos dois últimos incidentes que ocorreram em Belém e em Fortaleza.

Na capital paraense, um padre jesuita de nome Leopoldo, aproveitando a doença do titular da paróquia, ao celebrar a Missa do horário mais frequentado pela comunidade, no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, foi forçado a suspendê-la, tendo os paroquianos protestado contra o seu abuso em desejar lançar uma candidatura no púlpito, quando deveria fazer o que manda a Santa Igreja, que é explicar o Evangelho de Cristo e não as possíveis qualidades de um postulante a Presidente da República, que não tem as simpatias do povo. Tanto é assim que na última eleição, isto é, no primeiro turno da disputa, ele obteve apenas a metade da votação conquistada pelo ex-governador Collor de Mello.

Enquanto isso, aqui em Fortaleza, na Igreja de São Raimundo, na Parquelândia, aconteceu outro incidente, bastante desagradável e com desgaste para a Igreja, quando o padre celebrante da Missa, tentou fazer o seu comício em favor do Sr. Lula da Silva, o que não foi bem recebido por quantos ali se encontravam para assistir o ato religioso.

Com a saída da maioria dos presentes e o protesto de uma senhora que logo teve a solidariedade de todos, o sacerdote ficou numa situação muito difícil naquela Igreja, que, finalmente, não era lugar para se fazer propaganda eleitoral de qualquer candidato.

Entendemos que todo mundo tem direito de ter a sua preferência eleitoral, inclusive os padres. Mas achamos da mesma forma que isso não pode ser através dos púlpitos e nem dos confissionários, porque essa prática contraria totalmente os ensinamentos da Igreja. E, assim sendo, está na hora dos bispos e arcebispos aconselharem os seus subordinados no sentido de que respeitem a Igreja e os católicos, porquanto as reclamações sobre o comportamento dos padres ditos progressistas fazendo política partidária estão se avolumando, especialmente vindas do interior, o que em nada fortalece a fé cristã.

Opinião

Fortaleza, terça-feira, 12 de dezembro de 1989

IGREJA DO BARULHO

Em decreto publicado no Boletim da Arquidiocese, e que o Diário de Pernambuco divulgou na íntegra em sua edição de sexta-feira, o Arcebispo de Olinda e Recife Dom José Cardoso Sobrinho, destituiu todos os membros da Comissão de Justiça e Paz do Arcebispado. Os motivos formalmente declarados incluem apenas o aspecto da conduta pastoral em desacordo com a orientação do bispo que prima por seguir o espiritual, em sintonia com o Vaticano. Na verdade, sabe-se que Dom José Cardoso foi escolhido pelo Papa para recompor a feição religiosa e espiritual do clero de Recife e Olinda, onde se instalou um centro de formação de militantes marxistas, com envolvimento na política partidária e engajamento na linha de atuação do PT e PC do B.

No cumprimento dessa missão de recompor a espiritualidade do clero de Recife e Olinda, Dom José vem, sendo hostilizado pela malha de militantes do marxismo implantada em todo o País através da ação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) onde uma minoria ativa e barulhenta comanda o engajamento aos partidos políticos da linha do PT e PC do B. Através do prestígio da CNBB, promoveu-se a importação e distribuição de estrangeiros abrigados sob o vínculo com a Igreja Católica, existindo, hoje, uma presença estratégica desses militantes em todos os pontos de miséria do País propícios a articulação política com invocação do nome de Deus.

Os bispos e padres espiritualistas, comprometidos com a verdadeira fé católica embora maioria, adotam uma conduta de sobriedade silenciosa, e ficam sobrepujados pela minoria marxista, ativista e barulhenta. Essa minoria forma, exatamente, aquilo que Dom Marcos Barbosa denominou de "Igreja do Barulho" em artigo para o "Jornal do Brasil" (7-12-89). Essa Igreja do Barulho acolhe em todas as Comissões e Comunidades organizadas sob o prestígio da Igreja e a crença católica, a militância marxista importada ou formada com a manipulação do sentimento religioso com referencial no clero brasileiro.

Assim, por exemplo, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife era presidida pelo italiano Luiz Tenderine e composta por notórios engajados na militância marxista abrigada à sombra da Igreja Católica. De 1986 para cá, Dom José Cardoso tem feito um verdadeiro expurgo nas chamadas pastorais onde pontificavam padres comprometidos com o marxismo e estrangeiros. Foram convidados a deixarem Recife por falta de funções ligadas à Igreja os padres Thiago Pholby, da pastoral rural; Giuseppe Staconi, da pastoral universitária e Antônio Geurry, da pastoral da juventude popular.

Dom José também fechou o Serviço de Documentação Popular e destituiu os membros da Comissão dos Direitos Humanos, além de institutos de ensino, nos quais, na verdade, se operavam ações de engajamento político da militância marxista, existindo, inclusive o desvio de verbas para financiar atividades do PT/CUT. Na verdade, até agora, Dom José Cardoso tem sido o único bispo da maioria não comprometida com o marxismo a adotar ostensivamente uma conduta de reação à Igreja do Barulho que, em Pernambuco, tem um cultivo de mais de vinte anos, embora venha assumindo uma ressonância de atrevimento promocional de uns tempos para cá.

Valendo-se de sua autoridade e fundado no Código Canônico, está Dom José Cardoso em luta aberta contra a Igreja do Barulho, esta que, agora, manipula a fé católica em favor da candidatura do camarada Lula do PT, transformando os sermões dominicais em discursos de apelo político e o púlpito em palanque eleitoral.

DOM ALOISIO:

Transição democrática estará completa com reformas sociais

Política

Fortaleza, sexta-feira, 17 de novembro de 1989

O cardeal Aloísio Lorscheider afirmou que com a realização da eleição para Presidente da República não estará ainda consolidada a transição democrática. Reconhece, entretanto, que com ela foi dado um grande passo, mas falta o principal, que será o equacionamento das desigualdades sociais. "Estamos no caminho – admite ele – mas faltando muito, porque só depois das ações do próximo Governo é que poderemos ter uma sociedade mais humana".

O Arcebispo de Fortaleza viajou a Brasília onde foi participar de reuniões na CNBB, no Conselho de Doutrina. Não esconde que o dia da eleição foi uma grande demonstração de que os brasileiros estão começando a tomar consciencia do futuro do Brasil. Destacou a tranqüilidade reinante no pleito chegando a dizer que a população reconheceu a necessidade de escolher seu novo Presidente com a força do voto direto.

Mesmo com os grandes indicativos de que o segundo turno será composto de Collor de Mello e de Brizola ou Lula, o Cardeal acha que o pleito ainda não está decidido. Para ele, decisão mesmo só na apuração do segundo turno e ninguém pode, desde já, proclamar Fernando Collor como provável ganhador. Também não quis arriscar que dos dois finalistas do processo, serão Leonel Brizola e Inácio Lula.

O que Dom Lorscheider acha é que sendo Collor, Lula ou Brizola, o próximo Presidente tem que vir com disposição de trabalho. porque o País se encontra num nível de dificuldades e a população a passar sérios problemas, inclusive fome. "Precisamos de um Presidente mais humano e que conheça as reais necessidades do povo brasileiro, porque a continuar o que está será repetir penalidades", adverte.

Na Capital Federal para onde se deslocou ontem, o Cardeal participa de duas reuniões: Conselho de doutrina da CNBB e Conselho Permanente da mesma Instituição. De acordo com ele, a pauta está ligada ao projeto "Palavra da Vida", que vem sendo avaliado para ser adoção no Brasil e que visa marcar o quinto centenário de evangelização da América Latina. Além disso, definição do tema a ser abordado por todos os bispos na próxima assembléia a ocorrer em abril de 90.

DN 03-12-89

CEB de Juazeiro da Bahia orienta comunidade para o segundo turno

Juazeiro (DN) — No final da tarde de hoje, quando deixarão as instalações do centro de treinamento de líderes, 170 padres, freiras, agentes pastorais e leigos da diocese de Juazeiro voltarão para suas casas com uma grande responsabilidade nas costas. A partir da atuação nas Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's) que une evangelho, catequeses de política, eles têm a missão de trabalhar para que no dia 17 de dezembro o sertanejo não tenha por que temer o julgamento, não de Deus, mas da história. "A história vai nos julgar e dirá se o povo brasileiro soube optar pela mudança ou ficou no continuismo". O continuismo é Collor, cercado de banqueiros, latifundiários e empresários. A mudança é Lula, o candidato dos pobres, operários, bancários e desempregados", advertiu o bispo dom José Rodrigues.

Logo na abertura da assembléia anual da diocese, na noite de sexta-feira, dom José fez questão de alertar os delegados da CEB's que as atividades por eles desenvolvidas se tornaram o centro das atenções do País depois do primeiro turno das eleições. Não que isso aumente suas responsabilidades, mas indica que estão participando de um momento histórico, prestes a dar um "bonito exemplo". "Vamos mostrar que é possível mudar alguma coisa bem revolução sangrenta, sem matar ninguém, só botando voto na urna".

Igrejas evangélicas distribuem cartas de colaboração a Lula

DN 12-12-89

Belo Horizonte (DN) — O Movimento Evangélico com Lula começou a distribuir ontem em todo o País 200 mil cartas-abertas, assinadas por 132 pastores e fiéis, defendendo o voto no candidato da Frente Brasil Popular e desmentindo especulações de que ele, no governo, acabará a liberdade religiosa. Outras sete mil cartas foram enviadas a líderes evangélicos em todo o País, conclamando ao engajamento na campanha de Lula, informou ontem na capital mineira o reverendo Robinson Cavalcanti, da Igreja Episcopal de Pernambuco.

"Vote em Lula. Ore por ele. Trabalhe para mudar o Brasil", convocam os evangélicos em sua carta-aberta, na tentativa de melhorar a penetração do candidato junto aos 12 milhões de eleitores evangélicos do País.

Segundo o reverendo pernambucano, nas igrejas evangélicas consideradas "históricas", como a Anglicana e a Batista — que somam quatro milhões de eleitores — a tendência de apoio a Lula é mais favorável. Nas igrejas pentecostais, no entanto, e que somam oito milhões de fiéis eleitores, o quadro é ainda desfavorável, mas Robinson Cavalcanti afirmou que essa situação já começou a ser alterada, principalmente devido ao corpo-a-corpo que os pastores do Movimento Evangélico com Lula desencadearam a partir do final de semana.

Leonardo Boff deseja integrar governo se Lula for presidente

São Paulo (DN) — O teólogo franciscano Leonardo Boff, um dos principais representantes da Teologia da Libertação, integrará o conselho político da Presidência da República, se o candidato da Frente Brasil Popular, deputado federal Luís Inácio Lula da Silva, for eleito no segundo turno das eleições presidenciais, no próximo dia 17. Foi o que disse ao "O Globo" o próprio Boff, acrescentando que a sua assessoria não terá caráter executivo, mas consultivo. Os demais integrantes do conselho serão personalidades destacadas da sociedade civil, conhecidas pela sua honestidade e formação cultural.

Leonardo Boff afirmou, depois, que não deixará as suas atividades de escritor e professor de Teologia Sistemática, no Instituto Franciscano de Petrópolis (RJ) para assessorar, eventualmente, o governo de Lula. Irá, porém, regularmente a Brasília, para opinar sobre as ações governamentais nas áreas de direitos humanos e combate à corrupção.

ADESÃO

De acordo com Boff, a sua adesão à campanha de Lula "resulta muito mais de uma opção ética do que político-partidária". Destacou que a candidatura da Frente Brasil Popular "resultou no surgimento de um novo sujeito histórico".

Para Boff, a atuação ostensiva de bispos, padres, religiosos e leigos em favor de Lula "não deve causar estranheza", porque "todo momento político excepcional exige uma atitude excepcional".

Em sua opinião, a Igreja "não poderia ficar neutra", na atual campanha eleitoral, "porque isto significaria volatilizar e espiritualizar a opção preferencial pelos pobres". Nesse sentido, afirmou que os setores eclesiais que apóiam Lula "procuram mobilizar sua força moral para conseguir uma transformação social no Brasil, sem passar por um processo violento". Para Boff, o segundo turno "tem caráter plebiscitário".

Quanto à possibilidade de novas restrições ao seu trabalho, por parte do Vaticano, Boff afirmou que não acredita nessa possibilidade. Mas confirmou o recebimento de várias cartas de advertência, enviadas pelo prefeito da Congregação Vaticana da Doutrina da Fé, cardeal Joseph Ratzinger, no decorrer deste ano. Em uma dessas cartas, Boff foi criticado por apoiar Lula, classificado como "ateu".

O Povo 10-12-89

Anticomunismo na escolha

Para o presidente da Federação das Igrejas Evangélicas do Ceará, pastor Othoniel Silva Manso, da Igreja presbiteriana de Fortaleza, o que mais pesa na escolha de Collor no segundo turno é o anticomunismo. Ele votou em Maluf no primeiro turno e agora optou pelo candidato do PRN. Para isso, adotou o que chama de "critérios de consciência e de conveniência dos princípios da moral e dos ideais evangélicos". Com base nessas considerações, recomenda votar em Collor.

O pastor Othoniel cita as justificativas da sua opção, que transmite aos fiéis: 1) Collor permitirá a liberdade de culto, "que numa posição ideológica comunista seria cassada"; 2) garante a liberdade de viver o evangelho, sem coação. "Nos países comunistas essa liberdade desaparece. Deus nos livre que isso viesse a acontecer no Brasil"; 3) compromisso de lutar por uma sociedade mais justa, dentro dos parâmetros da escritura sagrada. Segundo ele, nos comícios de Lula "só tem a bandeira russa, e raras vezes a nacional".

REINO DE DEUS

O pastor Sérgio Vonhelde, líder da Igreja Universal do Reino de Deus no Ceará, disse que entre os candidatos à sucessão presidencial, só tem um para escolher: Collor. "Apoiamos porque acreditamos no programa dele. Não apoiaria jamais um comunista, que não tem nada a ver com Deus. Falamos para o povo que Collor é o melhor", afirma.

No Ceará, a Igreja Universal comprou a Rádio Uirapuru, usada para transmitir em cadeia, com a rádio Copacabana, do Rio, entrevista do líder da seita no País, pastor Macedo, com o candidato Collor de Mello. "Apoiar Collor é uma direção da nossa igreja, de que ninguém pode fugir nesse momento. A gente demonstra para o povo, na oportunidade que tem, que existe uma direção dada por Deus, para transmitir para o povo que Collor vai vencer e ajudar o povo do Brasil. Mas não obrigamos ninguém a votar em ninguém, para político algum. A gente prega a palavra de Deus. Não somos os padres que têm cultos só para pregar a candidatura de Lula", declara.

O líder nacional da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, pastor Jorge Washington Bezerra da Costa, na convenção nacional em São Paulo recebeu a visita do candidato Collor de Mello, informou o representante local da seita, pastor Bastos. Segundo o pastor Bastos, "a Igreja Evangélica é apolítica. Deixo a política para os padres. Desejo um Presidente com uma bíblia na mão, cristão e temente a Deus, que traga paz e prosperidade para o País. A tendência do povo evangélico não é para votar para um candidato apoiado por esquerdas, e sim num cristão, que não tenha tendências extremistas. Nosso povo está posicionado e sabe em 'quem votar'", revela.

Um fenômeno mercadológico



Gondim apóia candidato Lula

O pastor da Assembléia de Deus Betesda, Ricardo Gondim Rodrigues, disse que os boatos que têm sido espalhados na comunidade evangélica, de que, se eleito Presidente, Lula irá combater a liberdade de culto no Brasil, significa "manipulação da direita para aterrorizar os crentes a respeito de uma posição progressista". Segundo ele, "essa fobia que está sendo criada no cristianismo é forjada. É uma esquizofrenia criada na cabeça dos pastores de que Lula representa o marxismo-stalinista. É também porque vários segmentos ficaram aliados da área da direita na ditadura militar", explica.

Para o pastor Ricardo Gondim, que ressalva não ser militante do PT, e que jamais virá a ser petista, "não é correto um pastor pregar no púlpito que é a favor de algum candidato. Não entendo como alguns fecham com Collor, quando sabem que ele é dado à prática de feitiçaria, e tem um astrólogo, Carvajal, como seu assessor direto, que viajou para o Egito para buscar pedras de cristal para o candidato usar como amuleto. Essas práticas são frontalmente contrárias ao cristianismo apostólico e ao judaísmo histórico", afirma.

Collor de Mello, segundo o pastor Ricardo Gondim, "é simplesmente um fenômeno mercadológico, não político, que foi lançado por uma campanha altamente bem montada para projetá-lo. É uma boa mercadoria: de boa aparência, jovem, que diz ser renovador. Mas se for eleito, com ele irão ao poder os mesmos que estão lá desde a Arena e os governos militares: Antônio Carlos Magalhães, Roberto Marinho, os empresários da Fiesp que o estão apoiando. Collor não tem partido, montou uma candidatura em cima de uma personalidade, mas de uma estrutura de poder. As pessoas que estão se aglutinando em torno de Lula trarão um equilíbrio maior ao PT. Se eleito, Lula vai representar não só o PT, mas também todas as forças progressistas do País". O pastor discorda que na condição de pastor alguém tome partido na política partidária na Igreja, e seja a favor de Lula ou Collor. Ele informa que na sua Igreja a predominância é o pluripartidarismo, com adeptos de Collor e de Lula.

A única recomendação que o pastor Ricardo Gondim faz - diz - é pela educação política do povo. "Esta é a militância da Igreja - a política com P maiúsculo, do bem-comum, a política partidária. A Igreja tem compromisso com o que é digno, louvável, sério, honesto. A militância político-partidária na Igreja é espúria", disse.

Progressistas evangélicos apoiam Lula

Sob o título "Progressistas Evangélicos Apoiam Lula", o pastor Carlos Queiroz, da Igreja de Cristo, e mais dois representantes dos evangélicos do grupo progressista, Jeriel Silva Santos e Fernanda Cristina Castelo de Lima, divulgaram nota expondo a posição desta ala mais avançada das igrejas Presbiteriana, Assembléia de Deus, Metodista, Batista, Presbiteriana Independente e outras, diante do segundo turno da eleição presidencial. "Aliás, já vínhamos apoiando Lula desde o primeiro turno", ressalta Queiroz.

Ele é mais três pastores evangélicos, de outras igrejas, como ressalta, além de diversos líderes religiosos, estiveram reunidos ontem na sede da Frente Brasil Popular, na Praça Clóvis Bevilaqua, elaborando o documento de apoio ao seu candidato, no qual o grupo progressista enfatiza que a nota é uma iniciativa de um segmento evangélico, representado por pastores e líderes que, mesmo na condição de religiosos, não estão falando oficialmente em nome dos evangélicos.

"Até por respeitar a Igreja não pretendemos tratá-la como massa de manobra eleitoral facilmente manipulada", diz a nota, para acrescentar: "Entendemos que vivemos um momento singular em nossa história, quando poderemos, depois de três décadas, nos manifestar de modo responsável quanto à emancipação política do povo brasileiro". Queiroz reconhece que o novo Presidente não será capaz de resolver em pouco tempo a grave crise do País, mas acredita que ele representará o ponto de partida para o encaminhamento de políticas, no sentido de se instaurar a justiça social.

Para o pastor Carlos Queiroz, a situação da igreja evangélica situa-se além dos partidos e candidatos. As exigências éticas devem ser para todos de igual peso e medida.

O documento vem assinado pelos pastores Carlos Queiroz, Francisco Alencar Mota, Adonias Osias da Silva e Werland Barros da Silva, além dos líderes Flávio Oliveira, Jeriel Santos, Edson Moraes, Gedeon Freire, João Bertier, Eliane Lopes, Luciene Martins, Fernanda Cristina e Lucile G. Cortez.

O pastor Sebastião Mendes Pereira, mais conhecido na intimidade de pastor Bastos, líder da maior igreja evangélica do Ceará, a Assembléia de Deus, reafirma a matéria publicada no O POVO do último dia 10, sob o tema "Evangélicos do Ceará e os candidatos", isto no que diz respeito às suas declarações em que a sua igreja é apolítica, que deseja para o Brasil um Presidente que seja temente a Deus, que governe esta Nação com a Bíblia na mão, que assim traga paz e prosperidade a este povo, porém, talvez não tenha sido bem entendido em suas declarações, quando no artigo em tela, faz menção de que a política deixa para os pastores o que em verdade não é bem isto o que quis expressar.

Pode até alguns sacerdotes se envolver com a política, como também alguns pastor, mas é certo que a política é própria para quem nela milita. Pastor Bastos respeita as convicções de cada cidadão e temos sido o seu relacionamento com os mais diferentes segmentos do pensamento religioso, quer seja católico, protestante ou outro qualquer, sempre o melhor possível, baseado no respeito mútuo, conduta própria de quem proclama as boas novas do Evangelho.

"Concluí manifestando a sua inabalável confiança em Deus, em momento tão dramático que vive o nosso amado Brasil, que o candidato eleito, seja ele quem for, há de ser o homem que Deus tem preparado para dirigir os destinos desta Nação por cinco anos e a este nos submeteremos, conforme nos admoesta a Bíblia, a Palavra de Deus, pois não há autoridade que não seja posta por Deus". (Rm. 13.1).



CLÁUDIO LIMA

O pastor Carlos Queiroz explica que apoia Lula desde 1.º turno

100 MIL APLAUDEM COLLOR DE MELLO EM JUAZEIRO

FC 06-11-89

Frei Damião entrega crucifixo para protegê-lo no Palácio do Planalto



Uma multidão de 100 mil pessoas aplaudiu em Juazeiro o presidenciável Fernando Collor de Mello.

Juazeiro do Norte – Falando a uma multidão de cem mil pessoas que o aplaudiram delirantemente, aos gritos "Collor, Collor", o presidenciável Fernando Collor de Mello reafirmou ontem, nesta cidade, o propósito de, chegando à Presidência da Repuçbica, "acabar com a corrupção que tomou conta deste País". O pronunciamento, que durou cerca de 15 minutos, foi feito por ocasião de comício realizado em frente à Igreja dos Franciscanos, onde Collor esteve para cumprimentar o frei Damião de Bozano, que ontem completou 91 anos de idade. Nem mesmo o calor de 40 graus impediu o público de promover uma verdadeira consagração da candidatura Collor de Mello. Ao ser cortado o bôlo comemorativo dos seus 91 anos, frei Damião entregou um crucifixo a Collor de Mello, dizendo-lhe que era para a sua proteção durante o exercício da presidência da República no Palácio do Planalto.(Polítca nas páginas 2, 3 e 17 – Capa do Jornal Revista).

TC 07-11-89



Frei Damião prestou também sua homenagem a Collor de Mello e deu-lhe um crucifixo para sua proteção.

"A presença maciça do povo de Juazeiro e dos municípios encravados na Região do Cariri no comício de Collor do último domingo, na Praça dos Franciscanos – uma multidão calculada em 100 mil pessoas – é uma afirmação nítida e insofismável de que o nordestino está disposto a "quebrar" as amarras que vêm impedindo o desenvolvimento regional há vários anos; que já se convenceu de que o único candidato capaz de acabar com as injustiças e com essa idéia de que o nordestino deve continuar mendigando junto às regiões Sul e Sudeste, inquestionavelmente, é Fernando Collor de Mello, que, ao longo da campanha, tem assumido posições de coragem e firmeza contra a corrupção e a badema que se instalaram no desgoverno Sarney" – Depoimento do ex-governador Adauto Bezerra, numa rápida avaliação do que representou a consagração popular à candidatura do ex-Governador de Alagoas. É necessário que o povo faça justiça a um homem que, em rede nacional, tem a disposição de desafiar a incompetência do atual Presidente da República. Ele, segundo Adauto, expressa o próprio sentimento nacional, que anseia por mudanças verdadeiras e o resgate da credibilidade à administração pública do País."

Na condição de coordenador geral da campanha do candidato do MPRN no Ceará, Adauto Bezerra assegura que, depois da apoteótica recepção oferecida pela população do Cariri a Collor, sua vitória está praticamente consolidada a nível de Nordeste e, principalmente, porque nenhum outro presidenciável tem tanta identificação com a região quanto ao ex-Governador alagoano, cujo sentimento de revolta com a situação do País, igualmente ao demonstrado pelo nosso povo, tem sido a sua bandeira de luta em defesa da moralização, do combate à impunidade, à corrupção e à miséria que campeiam não só o Nordeste, mas sobre todo o Brasil.

O ato de espontaneidade mostrado por Frei Damião, em presentear o candidato Fernando Collor de Mello com um crucifixo emocionou a todos os assessores da comitiva do presidenciável, que viram ali a representação do respeito e da força espiritual revelada pela imagem do próprio candidato, que, naquele momento, viu-se fortalecido espiritualmente para continuar o ritmo da sua caminhada rumo ao Palácio do Planalto.

O povo que tem fé, que acredita na pessoa que expressa sentimento de dignidade, certamente vai apoiar o idealismo de restauração desse País, que Fernando Collor carrega por todo os recantos por onde passa, e transmitir através de sua mensagem com muita objetividade e senso de patriotismo, enfatizou o médico José Amon, que não escondia sua satisfação pelo sucesso alcançado com a presença de Collor na terra do Padre Cícero.

Depois da caminhada que fez – grande parte a pé ao lado do povo – do aeroporto do Cariri até a Praça dos Franciscanos, Fernando Collor pôde sentir o quanto seu nome era respeitado e, também, o preferido para ganhar a eleição de 15 de novembro. Essa manifestação ficou caracterizada nos inúmeros abraços que o candidato recebeu durante todo o percurso, e os mais calorosos aplausos quando subiu ao palanque no local do comício. Ali, ele não esqueceu a serenidade, a humildade e as santas palavras que lhe foram dirigidas por Frei Damião e, ainda bastante emocionado, assegurou à multidão que lhe assistia paciente e educadamente que o seu Governo será exercido com dignidade, paz, justiça e obediência às instituições e, especialmente, às reivindicações feitas pelos nordestinos. "O clamor levantado pela minha gente sofrida do Nordeste vai ter eco no meu Governo", disse saudando todo o público que lotava a Praça dos Franciscanos, em Juazeiro.

– Foi realmente um espetáculo cívico nunca visto no Juazeiro, onde a ordem e o respeito ao candidato foram fatores da mais alta relevância e que atestam a identidade de Collor na Região da qual ele é filho e sente seus problemas igualmente ao seu povo" – Palavras do deputado Erivano Cruz, referindo-se à intensa movimentação popular que assumiu a concentração na Praça dos Franciscanos.

Ninguém, de sã consciência, arremata Erivano, pode contestar o êxito da festa popular, o que confirma o favoritismo dessa candidatura no Cariri, suplantando a todos os demais postulantes ao Palácio do Planalto.

A vereadora Gorete Pereira, que vem coordenando a campanha nos redutos periféricos onde mantêm uma invejável liderança, disse estar impressionada com a recepção que o Ceará, através do povo caririense, deu a Fernando Collor de Mello. "Isso é o que se pode chamar de verdadeira consagração popular a um candidato que tem se constituído numa voz do Nordeste por onde tem se apresentado, seja nas regiões Sul, Sudeste, Norte ou Centro-Oeste. Ele é realmente imbatível e estará seguramente no segundo turno, apesar dos ataques injustos que vem recebendo de segmentos radicais da esquerda", afirmou a 2ª vice-presidente da Câmara Municipal de Fortaleza.

O gesto de fé e de humildade manifestado por Frei Damião, entregando a Collor um crucifixo para que o protegesse e o ajudasse não só na reta final da campanha, mas, especialmente, para abençoá-lo no exercício da Presidência da República, representou um momento altamente significativo, constituindo-se, na opinião dos mais experientes devotos das missões religiosas da terra do Padre Cícero, como um fato que pode repercutir positivamente na carreira política do presidenciável do Movimento Popular de Reconstrução Nacional.

cartas

Chamem a Polícia

Sr. Editor,

Depois de muitos e muitos anos sem assistir uma celebração religiosa de qualquer espécie, fiquei chocado e estarrecido, quando na última quarta-feira dia 22, assisti a uma celebração de formatura no Colégio Hildete de Sá Cavalcante.

O padre, depois de abertamente em seu sermão dizer que a única Igreja certa era a Católica, quando todos os fiéis de outras Igrejas estavam irremediavelmente no fogo do inferno. Citou para isso o evangelista João. "Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" e não igrejas, passou a dizer que os apóstulos recomendavam que os trabalhadores deviam se unir a trabalhadores e que todos prestêssemos bastante atenção e no dia 17 de dezembro, todos os presentes deviam votar no PT. E disse mais, que isso era uma recomendação da CNBB.

Confesso, que por um tris não pedi a palavra para protestar. Afinal a Igreja tornou-se agora um palanque do PT? Onde está o respeito da litúrgia da Missa?

Não sou contra padre que como cidadão tenha seu pensamento político e se quiser pode até ir para as ruás com faixas e bandeiras do PT fazer comício. O voto é fruto da consciência de cada um. Mas o que padre não pode e não deve é usar o ato da Missa para fazer pregação política partidária.

Antes desse padre criticar a religião dos outros, ele devia retirar a trave de seus olhos para poder melhor enxergar o algueiro no olho do seu semelhante, como ensinou o próprio Cristo.

Vade retro, Sanatás.

Jonas Luís
Fortaleza

DN
24-11-89

DN 15-12-89

O presidente do PDS em Quixadá critica comportamento da igreja

Quixadá (Sucursal) — O presidente local do PDS, Agenor Queiroz Magalhães, que está trabalhando em prol da candidatura de Fernando Collor de Mello à presidência, disse ao **Diário do Nordeste** que não entende o comportamento da Igreja neste período eleitoral, quando os seus representantes pedem votos para o candidato do Partido dos Trabalhadores. Acrescentou que é impressionante o número de padres defendendo a candidatura de Lula, seja dentro da Igreja, no sertão em reuniões com líderes do PT. Segundo Agenor Magalhães, as missas realizadas recentemente são transformadas em comícios. Ele diz que não tem medo de denunciar e vai levar o problema ao grande público através dos microfones das emissoras de rádio da região.

O fato não parece ser surpresa para o presidente da União Democrática Ruralista (UDR), regional de Quixadá, Roberto Teixeira. O mesmo já denunciou as ações da irmã Cleide, que tem incentivado as invasões de terras na região se respaldando nos militantes do PT e do próprio Lula, que participou de um comício nesta cidade e pediu para que o povo tomasse as terras dos corruptos. Dai em diante, as invasões passaram a acontecer freqüentemente, tendo à frente a irmã Cleide. O bispo diocesano de Quixadá, dom Adélio Tomasim, enviou nota à imprensa dizendo que Igreja não tem nada a ver com as ocorrências. O bispo até hoje tem mantido uma postura independente, não admitindo misturar a Igreja com política e invasões de terra. Ele não acredita no envolvimento da Igreja nesta campanha política. Mesmo assim, em agosto deste ano, o Partido dos Trabalhadores fez um comício na porta da Catedral. Neste comício, os militantes do Partido estavam convocando os trabalhadores para uma concentração com a presença de Lula o que aconteceu no dia 13.

PROVOCAÇÕES

Outro problema relacionado ao Partido dos Trabalhadores em Quixadá é que seus integrantes estão provocando o pessoal que trabalha para Fernando Collor de Mello. Em cada parede com o nome do candidato do PRN estão passando tinta vermelha ou colocando a palavra corrupto sobre o nome de Collor de Mello o que tem irritado os membros do PRN. Para o presidente do Partido, vereador Carlos Lima, o PT não sabe fazer outra coisa senão baderna e provocação. O Partido dos Trabalhadores está deixando a cidade toda suja e manchada num verdadeiro desrespeito à legislação eleitoral. A Justiça Eleitoral precisa tomar as providências cabíveis.

Arcebispo de S. Paulo denomina evento de 'espetáculo monótono'

São Paulo (DN) — O cardeal arcebispo de São Paulo, D. Evaristo Arns, disse ontem que ficou tão irritado com o debate eleitoral de quinta, entre os candidatos presidenciáveis da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, e do PRN, Fernando Collor de Mello, que resolveu ir dormir mais cedo, logo depois do segundo bloco.

"Foi um espetáculo muito monótono", classificou D. Paulo.

A reação do cardeal Arns resumiu a média das opiniões no episcopado brasileiro sobre o debate entre Lula e Collor. Para o bispo de São Félix do Araguaia (MT), D. Pedro Casaldáliga, que assinou recentemente um manifesto em favor de Lula, o debate "foi bastante cinza". Em sua opinião, teria sido melhor um diálogo mais aberto com os jornalistas "para evitar que os candidatos ficassem repetindo refrões, com contestações mútuas".

Já o bispo de Rio Branco (AC), D. Moacyr Grechi, afirmou que o debate "não terá importância decisiva" para a definição do segundo turno das eleições em favor de Lula ou de Collor. Para D. Moacyr, o comportamento de Fernando Collor foi tão antipático e prepotente que ele mais parecia um militar de segunda categoria.

O bispo de Duque de Caxias (RJ) D. Mauro Morelli — um dos ministeriáveis da Frente Brasil Popular — afirmou que o candidato petista "não perdeu nada" no debate. Destacou que Collor de Mello "revelou claramente a sua personalidade, indicando que, se chegar ao poder, vai tratar o povo na base da repressão". . Mauro disse ainda que o debate foi prejudicado pelas normas acertadas entre os representantes do pool de emissoras e dos partidos políticos.

Para o bispo de Afogados da Ingazeira (PE), D. Francisco Austregésilo Mesquita, que integra a comissão de assuntos constitucionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Lula e Collor "trataram-se como inimigos, sem sequer dizerem o nome um do outro".

Casaldáliga prevê uma abstenção de 60% em MT devido transporte

São Paulo (DN) — Por falta de transporte, pelo menos 60% dos eleitores da prelazia de São Félix do Araguaia, na região Norte do Mato Grosso, na Amazônia Legal, deixarão de votar domingo, no segundo turno das eleições presidenciais. A avaliação é do bispo local, D. Pedro Casaldáliga, com base em informações enviadas pelos vigários e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) que atuam nos Municípios da região.

Para D. Casaldáliga — um dos principais apoiadores de Lula no episcopado brasileiro — essa abstenção forçada prejudicará tanto o candidato petista quanto o seu concorrente do PRN, Fernando Collor de Mello. As dificuldades de acesso às urnas aumentam ainda mais por causa do período de chuvas na Amazônia.

Já no interior do Nordeste, a principal preocupação da Igreja Católica é com a cooptação de eleitores, domingo, através do oferecimento de transporte e alimentação gratuitos. Os bispos e padres nordestinos estão recomendando ao eleitorado que não venda o voto em troca de transporte, comida ou dinheiro.

Um momento inesquecível para Fernando Collor de Mello: o encontro com o Papa João Paulo II, no Vaticano



Ivo Lorscheiter faz defesa do voto nulo como opção dos fiéis

ON 16-12-89

São Paulo (DN) — Se o eleitor entender, por motivos de consciência, que não deve votar nem em Lula, nem em Collor, nas eleições de domingo, pode votar em branco ou nulo. Esta orientação está sendo transmitida ao eleitorado católico de Santa Maria (RS) pelo bispo local e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Ivo Lorscheiter. Ele disse ontem que decidiu responder deste modo a uma consulta que lhe foi feita por eleitores católicos de sua diocese.

Para D. Ivo, nem a igreja, nem qualquer outra organização social, devem interferir na opção de voto dos eleitores. Em sua opinião, "ninguém pode atropelar o povo e os eleitores devem receber as informações básicas necessárias — através dos debates e outros instrumentos de comunicação — cabendo-lhe, depois, discernir e concluir em quem votar".

Em sua mensagem de hoje, D. Ivo diz que os brasileiros devem preocupar-se, a partir de agora, com o que chama de "terceiro turno", o "day after" das eleições presidenciais.

"A vida do País só vai melhorar se todos os brasileiros se derem conta de que a democracia exige participação", afirma o ex-presidente da CNBB, destacando que "a eleição é um momento sagrado, mas deve ser continuada com a participação popular".

O POVO 10-12-89

ELEIÇÕES 89

O POVO

O segmento da cúpula dos evangélicos no Ceará, liderado pelo pastor da Igreja de Cristo no Brasil, e deputado federal, Gidel Dantas, presidente da Confederação Evangélica do Brasil, fechou com a candidatura presidencial de Fernando Collor de Mello. O pai de Gidel, o pastor João Vicente de Queirós, da Igreja de Cristo no Brasil, e o irmão do deputado, pastor Gineton Dantas de Queirós, líder da Comunidade da Graça, trabalham para Collor, enquanto isso, um outro irmão do parlamentar, o pastor Carlos Queirós, da Igreja de Cristo no Brasil, vota em Lula.

Gineton Dantas, informa que exerce, no Ceará, a missão de divulgar entre as igrejas que considera "a nata dos evangélicos", a campanha do candidato do PRN. Para isso, recebe propaganda e distribui, viaja para o Interior e articula apois com pastores de outras igrejas, como Othoniel Silva Manso, da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, e o pastor Bastos, apelido de menino pelo qual é conhecido Sebastião Mendes Pereira, líder da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

A campanha de Collor na comunidade evangélica - informa Gineton Dantas - difere dos comícios políticos porque não precisa fretar ônibus para trazer gente: todos estão reunidos nos dias de culto nas igrejas, às segundas, quintas e domingos. "Nosso povo está todo ali convergido e no intervalo, ou mesmo dentro da mensagem, levamos o programa de Fernando Collor de Mello". Assim, o pastor já percorreu igrejas da Capital e do Interior. Foi a Quixadá, Icó, Araripe e outros municípios, levando propaganda impressa do candidato e adesivos, fazendo a sua pregação que chama de "minar as bases".

O pastor Gineton informa que tem anunciado Collor entre os evangélicos como "um segundo Juscelino Kubitschek, que tem identificação com as nossas igrejas. Ele vai governar a Nação debaixo do propósito eterno de Deus, e formar uma grande família com a mente de Cristo. É um candidato que tem plano de Governo e vai levar o Brasil sem tender para nenhum lado". Como presidente, Gineton imagina que Collor "vai ter o apoio violento do povo. Os partidos como estão vão acabar. Não vão ter mais influências. Anuncio para o povo que vamos ter um Brasil progressista, que possa atender a ansiedade do povo com um empresário no Governo, novo, corajoso, um homem de moral, com determinação e pureza, que não age por influência partidária, mas pelo instinto".

Pai dos pastores Gidel, Gineton e Carlos, o pastor João Vicente de Queirós, 83 anos, informa que tem percorrido o Interior do Ceará e do Rio Grande do Norte para levar a propaganda de Collor. Em Itaúna e Apodi (RN) ele aproveitou seu bom conceito como pastor do sertão há 62 anos para conseguir dos prefeitos a adesão a Collor. Como vitória, contabiliza que Collor teve melhor votação em outros municípios por onde andou em campanha, como Limoeiro do Norte, Tabuleiro do Norte e Morada Nova, apesar do apoio do prefeito local ao candidato Mário Covas, ligado no primeiro turno ao esquema do governador Tasso Jereissati.

O pastor João Vicente de Queirós disse que começou a apoiar Collor quando soube que era o candidato de Gidel, o primeiro deputado cearense a collorir, hoje engajado na coordenação da campanha nacional do PRN. Ele faz objeções, porém, aos filhos que apóiam Lula. "Digo para eles que isso é doidice, falta de juízo".



SUCESSÃO

Evangélicos do Ceará e os candida

Para o pastor Gineton Dantas, que por muito tempo foi diretor do Detran do Ceará, a campanha do ex-Governador de Alagoas, no Ceará, difere dos comícios políticos, porque não precisa fretar ônibus para trazer gente: todos estão reunidos nos dias de culto nas igrejas. No intervalo dos cultos, a propaganda de Fernando Collor de Mello é feita entre os fiéis, principalmente a escrita e adesivos. Gidel Dantas, que é deputado federal, um dos primeiros a aderir à candidatura collorida, seguindo-se alguns familiares e outros pastores, seus amigos no Ceará. Collor de Mello é apresentado entre os evangélicos como um segundo Juscelino Kubitschek.

FLAMINIO ARARIPE
da Editoria de Politica

Bispos divulgam nota

O POVO 13-12-89

Porto Alegre — Liderados pelo arcebispo Dom Cláudio Colling e pelo cardeal Dom Vicente Scherer, bispos gaúchos divulgaram ontem uma nota condenando qualquer posição político-partidária da Igreja. Criticam diretamente os movimentos pastorais e entidades católicas que, segundo eles, se arrogam o direito de fazer e difundir pronunciamento em favor de um dos candidatos à Presidência da República. Advertem que a Igreja só se sente obrigada a intervir quando algum candidato se mostra hostil à sua atuação apostólica.

Além de Dom Cláudio e Dom Vicente, assinam a nota 12 bispos das diversas dioceses do Estado, inclusive os ligados a chamada ala progressista da igreja. A nota ressalta ainda que a atitude oficial da Igreja se manter alheia à controversias de caráter meramente político-partidário. Para os bispos, os membros do clero e os agentes de pastoral que não agem de acordo com essa orientação superior abusam da confiança que os fiéis neles depositam como ministros da igreja. Com isso, encerram os bispos, eles não podem concordar.

O Povo 13-12-89

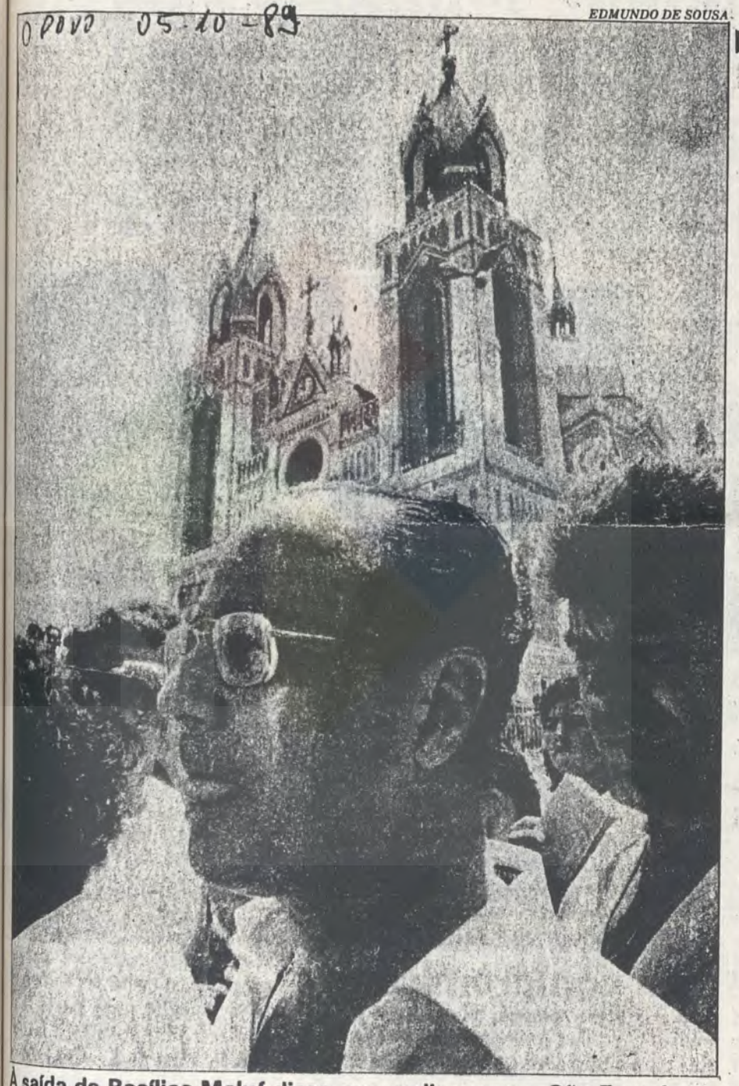
CNBB receberá os candidatos

Brasília — Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva já têm horário marcado para conversar com o presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida. Os dois candidatos foram os únicos de destaque no primeiro turno que não visitaram dom Luciano durante a campanha. Leonel Brizola, Mário Covas, Ulysses Guimarães, Guilherme Afif Domingos e até Roberto Freire foram beijar a mão de dom Luciano antes das eleições de 15 de novembro.

Segundo a CNBB, os encontros foram solicitados pelas assessorias dos candidatos. Collor deverá ir amanhã à sede da CNBB. A visita de Lula está prevista para quinta-feira, das 9 até as 16 horas de ontem, as assessorias dos dois candidatos em Brasília não haviam confirmado as visitas.

O Povo 05-10-89

EDMUNDO DE SOUSA



À saída da Basílica Maluf disse que pediu graça a São Francisco

Malufistas fazem frei suspender a missa em Canindé

O candidato Paulo Maluf declarou ontem, no Ceará, que vai ser "o melhor Presidente que o Nordeste já teve" e prometeu implantar ZPE, refinaria, soerguer a produção algodoeira e recursos para a Saúde e Educação. Em Canindé, incidentes com a presença do presidenciável do PDS levaram à interrupção da missa de encerramento da romaria, na Basílica de São Francisco. Cinegrafistas contratados por Maluf e fotógrafos foram expulsos do altar pelo pároco, frei Batista, sob palmas dos romeiros. Apesar de ter dito que ia a Canindé "sem nada de política, só por motivos de fé e religião", o candidato se fez acompanhar de "malufetes" com camisetas de propaganda.

□ Os romeiros participaram ontem, em Canindé, da última missa deste ano em homenagem a São Francisco de Assis e começaram a deixar a cidade. Em Fortaleza, milhares de pessoas saíram em procissão da igreja do Coração de Jesus e percorreram as ruas centrais. Outras procissões tiveram início na igreja das Dores e no Canindezinho.

Páginas 3 e 12-A

O POVO
05-10-89

MALUF NO CEARA

Pleitos do Estado serão atendidos

EDMUNDO DE SOUSA



O Ceará vai ser lembrado no mien Governo e pode ter a certeza de que terá de nossa parte vários dos seus projetos atendidos garantiu, ontem, o candidato do PDS à Presidência da República, Paulo Salim Maluf, acrescentando que empreendimentos como a Zona de Processamento de Exportações (ZPE), refinaria de petróleo e a barragem do Castanhão vão contar com o respaldo de sua administração caso venha a ocupar o Palácio do Planalto.

Maluf adiantou que o Ceará é um dos Estados brasileiros que tem sua simpatia porque reúne um povo trabalhador e importante no crescimento econômico do País. Disse ainda estar convicto de que daqui sairá com grande votação capaz de lhe ajudar a chegar ao segundo turno e conquistar a vitória nas urnas. Maluf deixou Fortaleza, ontem, após fazer "peregrinação religiosa", como fez questão de frisar várias vezes, no município de Canindé.

Destacou que não era essa a primeira vez que visitava Canindé. "Faz isso há cerca de 15 anos e repito que estive nesse município por convicção religiosa. Fui coroinha na minha igreja e sou contra qualquer tipo de exploração evangélica, católica ou cristã", observou o candidato. Relatou que dos "presidenciáveis" foi o único a mostrar serviço e trabalho em favor do Ceará.

— As ambulâncias que mandamos no passado, assim como perfuratrizes para cavar poços profundos, tecnologia, tudo isso é café pequeno, aperitivo diante do que vou fazer por este Estado quando for eleito Presidente — atestou Maluf. Garantiu que não somente o Ceará mas o Nordeste vão ser beneficiados com irrigação "pois não se pode justificar a existência de açudes com água apenas para seis meses

PROMETEU para o Nordeste o término de obras como as hidrelétricas de Xingó, no São Francisco, Tucuruí e Santa Isabel, relatando que essa região não pode amargar crise de energia elétrica em hipótese alguma "por ser também Brasil e feita por um povo de trabalho". Disse também que dará prioridade em termos de produção do álcool reduzindo por conseqüência exportação de açúcar.

O postulante do PDS chegou a afirmar também que vai ser eleito sem compromisso com grupos ou pessoas, salientando que sua equipe de trabalho a ser montada terá como base competência, preparo técnico e honestidade. "Vou fazer um time de Pelés para administrar bem esse País", prometeu. Instado se convidaria o ex-ministro Delfim Neto, já que o elogiou recentemente, reiterou: "não tenho compromisso com ninguém e farei a equipe que achar conveniente".

PESQUISAS

Disse Paulo Maluf que, ao contrário de outros candidatos, acredita nas pesquisas eleitorais. "E nessas pesquisas estamos em terceiro lugar e crescendo. Essas pesquisas podem errar mas são honestas. Vamos chegar ao segundo turno, disso tenho certeza", salientou. Perguntado em que candidato votaria, no rol atual, se não estivesse na disputa, disse: "Em Maluf". Insistindo, completou: "Se for para contribuir a bagunça que aí está todos servem".

Para Paulo Maluf o crescimento de Afif Domingos, do PL, não assusta. "Eu cresço mais do que ele". Preferiu indagar o que fizeram os "presidenciáveis" que estão buscando os votos do povo brasileiro: "o que fizeram Brizola, Collor de Mello, Afif e o que fez Maluf? Todos sabem o que Maluf fez o que Maluf fará quando chegar à Presidência. O que não faltara é disposição para o trabalho".

MALUF

FC 12-10-89

A repetina religiosidade do candidato Paulo Maluf voltou a lhe criar embaraços, desta vez, em Aparecida, São Paulo, onde foi convidado a guardar a compostura, descendo os degraus do altar, onde já se acomodara, sem autorização de ninguém.

- Não admito que ninguém faça política com a crença do povo, disse o oficiante.

Em Canindé, no último dia 4, Maluf já enfrentara o aborrecimento de um missionário, que ameaçara não celebrar se não acabassem com a "patuscada" em torno do presidenciável.

Se a fé remove montanhas, com menor esforço Maluf conseguirá, certamente, superar essas dificuldades. E a próxima oportunidade de testar seus equemas, será certamente no dia 2, quando estará em Juazeiro, para as festas do Padre Cícero.

O POVO 10-10-89

Paulo Maluf retirado do altar de Aparecida

Aparecida (SP) — O candidato do PDS à Presidência da República, Paulo Maluf, foi retirado ontem do altar da Basílica de Aparecida, durante a missa das 9 horas. Ele que não era convidado do celebrante, sentou-se com seus assessores nos lugares reservados para os ministros da eucaristia e estava utilizando sua visita com fins políticos e eleitorais, segundo explicou o reitor do Santuário Nacional, padre Alberto Pasquotto, que pessoalmente pediu ao candidato que se retirasse e ficasse nos bancos reservados aos fiéis.

Na saída da igreja, Maluf explicou que subiu para o altar por indicação do Prefeito de Aparecida, Cláudio Amador de Castro, que, mesmo sem partido e sem candidato à Presidência da República, dirigiu-se à sacristia da basílica para protestar contra a retirada de Maluf. O candidato disse que não faria uso político de sua presença e responsabilizou a imprensa pelo incidente, já que ele não queria ser fotografado nem entrevistado na igreja, mas havia muitos fotógrafos e cinegrafistas em torno dele. A maior parte dos cinegrafistas que o filmavam era de duas equipes da Central Brasileira de Cinema e Televisão, empresa contratada para fazer a campanhã de Maluf.

10-10-89

DIÁRIO DO NORDESTE

Maluf é expulso do altar durante missa na igreja de Aparecida

Aparecida (DN) — O presidenciável Paulo Maluf, foi retirado ontem do altar da Basílica de Aparecida durante a missa das 9 horas. Ele não era convidado do celebrante, sentou-se com seus assessores nos lugares reservados para os ministros da eucaristia e estava utilizando sua visita com fins políticos e eleitorais, segundo explicou o reitor do santuário nacional, padre Alberto Pasquotto, que pessoalmente pediu ao candidato que se retirasse e ficasse nos bancos reservados aos fiéis.

Na saída da igreja, Maluf, explicou que subiu para o altar por indicação do prefeito, de Aparecida, Cláudio Amador de Castro, que, mesmo sem partido e sem candidato à presidência da República, dirigiu-se à sacristia da basílica para protestar contra a retirada de Maluf. O candidato disse que não faria uso político de sua presença e responsabilizou-se a imprensa pelo incidente, já que ele não queria ser fotografado e nem entrevistado na igreja, mas havia muitos fotógrafos e cinegrafistas em torno dele. A maior parte dos cinegrafistas, que o filmava, era de duas equipes da Central Brasileira de Cinema e Televisão, empresa contratada para fazer a campanha de Maluf.

O padre Alberto Pasquotto disse que, no ano passado, Paulo Maluf apresentou-se com antecedência na sacristia, prometeu não fazer política na basílica e foi convidado a fazer a primeira leitura das cartas dos apóstolos durante a missa. Mas sua equipe filmou tudo e usou as imagens no horário gratuito da televisão durante a campanha para a prefeitura de São Paulo.

Candidatos em romaria



ÍTALO GURGEL
Jornalista

Quem são estes circunspectos senhores que acorrem, nos períodos de romaria, aos lugares mais santos do País? — São os virtuosos cidadões; humildes servos de Deus, que nos querem governar.

Eles chegam como qualquer peregrino: rosário entre as mãos ilibadas e um certo ar beatífico, quase místico, estampado no rosto. A única diferença é que, quando se aproximam do altar, um batalhão de fotógrafos e cinegrafistas os acompanha, movimentando-se febrilmente para registrar toda a cena, que depois enriquecerá, com um momento de autêntica religiosidade, o horário gratuito na televisão.

Da festa de São Francisco ao Círio de Nazaré, de Aparecida a Juazeiro do Norte, eles vão chegando. E aparecendo. Tão discretos quanto um elefante no elevador. Procuram de todos os modos provar que são movidos apenas pela fé, embora haja quem diga que não lhes inspira senão a má-fé.

Maluf abriu este ano a temporada de romarias. Esteve em Canindé, onde foi levar um ex-voto e, se possível, angariar futuros votos para incorporar a seu contingente eleitoral. Deu partida, assim, à corrida rumo à Cruz, competição acirrada, que já se constitui para alguns candidatos em autêntica maratona do Calvário. Até 15 de novembro, todos irão cumprir — e documentar — sua penitência cristã.

Todos, não. Roberto Freire, comunista e ateu assumido, mantém-se arredio a essas manifestações religiosas, que Mao considerou certa feita como o ópio do povo. Mas, uma vez que seguro morreu de velho, sempre que vai à Bahia visita um bom e autêntico terreiro, para receber passes purificadores. Lula é outro que não vai à igreja. Mas por uma questão bem simples: a Igreja é que vai a Lula.

A esta altura, sem grande esforço de imaginação, poderíamos reproduzir a prece de determinados candidatos diante do altar. Brizola, por exemplo, conversará sem arrodeios com o santo de sua devoção — São Leonel: "Meu irmão, você tem acompanhado as últimas pesquisas eleitorais? É disto que eu quero lhe falar. Vim pedir sua intercessão a fim de que aquele rapazinho das Alagoas pare de cair nos ibopes, gallups e datafolhas, sem o que não passará ao segundo turno. E você sabe que Collor de Mello é o adversário que sempre pedi a Deus. Em não sendo ele, que venha pelo menos uma de suas almas gêmeas — Afif, ou Maluf. Conheço a estufa onde foram incubados e sei muito bem que são do tipo que foge até de calcinhas quando se apresenta um bom combate".

Já Fernando Collor, que desde que recebeu a adesão daquele coronel só tem caído nas pesquisas, há de ser levado a Juazeiro. Atlético, subirá correndo a ladeira do Horto e, aos pés da grande estátua, se prostrará humilde: "Vê se me poupa, Meu Padrinho, de um debate na televisão com os outros candidatos. Você sabe que, com a minha folha de serviços prestados à ditadura, eles me massacrariam em cinco minutos. De passagem, fortaleça os meus ideais — que andam meio baqueados depois das últimas pesquisas — a fim de que eu possa romper as cercas dos currais do Brizola. Sem permitir, porém, que ele invista contra as cercas do curral eletrônico que o Roberto Marinho construiu para mim".

É tempo de eleições, tempo de romaria, quando os candidatos pregam um olho na Cruz e outro no Poder; quando acendem uma vela a Deus e, por precaução, uma outra acendem ao Diabo.

O POVO 13-10-89

O POVO **NACIONAL** Quinta-feira, 05/10/89

CÍRIO DE NAZARÉ

Paraenses não querem propaganda eleitoral durante a festividade

Belém — A diretoria da festividade de Nossa Senhora de Nazaré, em nota publicada ontem nos jornais desta Capital, solicitou aos partidos políticos, comitês eleitorais e correligionários de qualquer candidato que esteja disputando a eleição presidencial de 15 de novembro próximo que se abstenham de fazer propaganda eleitoral durante o Círio de Nazaré, que acontecerá no próximo domingo nesta Capital.

Nos últimos anos a realização do Círio, sempre no segundo domingo de outubro, tem coincidido com as campanhas eleitorais para governador, deputado, senador, prefeito e agora para Presidente da República, grupos de eleitores simpáticos a um ou outro candidato aproveitam a grande concentração do Círio — mais de um milhão em nível local têm participado da romaria, aproveitando-se da concentração. Este ano está prevista a presença do candidato do PSDB, Mário Covas, que chega a Belém na noite de sábado, vindo de Marabá.

No sábado também estará em Belém o candidato do PDT, Leonel Brizola. Mas ele não participará do Círio. Como chega na noite de sexta-feira, realiza concentração política na mesma noite e no sábado viaja antes da realização da procissão da trasladação, que é a segunda de cinco romarias que compõem a festa de Nazaré. A primeira grande romaria é fluvial, no sábado pela manhã. A trasladação é no sábado à noite. No domingo tem a romaria do Círio e 15 dias depois, no encerramento das festividades, tem a romaria da festa e o recírio.

COVAS

Entretanto, além da propaganda indireta, alguns candidatos aproveitam para fazer uma propaganda direta. Isso já aconteceu em 1984, com Tancredo Neves, que era candidato a eleição indireta para Presidente, que se realizou em janeiro de 1985. Também outros candidatos

CANDIDATOS E RELIGIOSIDADE

As santas terras dos presidenciáveis



GERMANA CABRAL
Editoria de Política

No chamado vale-tudo da campanha presidencial de 1989, alguns postulantes não esqueceram de marcar presença nas festas religiosas em diversas regiões brasileiras. O candidato do PDS, Paulo Maluf — "que é católico praticante" — é o campeão dessas visitas. Esteve nas romarias de São Francisco (Canindé-CE) e de Nossa Senhora Aparecida (Aparecida do Norte-SP), em outubro. Na sexta-feira passada, 10, o pedessista visitou a terra do padre Cícero, Juazeiro do Norte, "a fim de pedir proteção para o futuro Presidente do Brasil".

Collor de Mello, do PRN, também resolveu, com uma ampla divulgação, prestigiar o 91.º aniversário de frei Damião, em Juazeiro, no último dia 5. Brizola, do PDT, cuidou, quando de sua passagem pela região do Cariri, em agosto, de ir ao túmulo do padre Cícero. O presidenciável do PSDB, Mário Covas, marcou seu comício em Juazeiro no dia primeiro de novembro, vésperas de Finados, quando o município recebe milhares de romeiros de todo o Nordeste. Afif, do PL, teve menos sorte, não pôde comparecer, na mesma data de Covas à terra do padre Cícero, por problemas técnicos em seu avião.

Os candidatos do PDS e PRN, Paulo Maluf e Collor de Mello, respectivamente, foram os únicos que anunciaram, publicamente suas promessas. O primeiro afirmou em Canindé que pedira uma graça a "São Francisco milagroso": subir a rampa do Planalto como Presidente. O candidato do PRN disse, no comício em Juazeiro que, se eleito, retornaria à cidade para pagar uma promessa ao padre Cícero. Resta saber, após a abertura das urnas no segundo turno, quem escolheu o "santo" mais forte.

O POVO 12-11-89

Política

Fortaleza, quinta-feira, 26 de outubro de 1989

COLLOR CONFIRMA VISITA A JUAZEIRO PARA DIA 5

Participará das homenagens aos 91 anos de Frei Damião

O ex-governador Adauto Bezerra e o deputado Aécio de Borba, depois de um contato direto com o comitê central do candidato Collor de Mello, em Brasília, confirmaram que ficou oficializada a data da próxima visita do presidenciável ao Ceará: será dia 5 de novembro próximo, a Juazeiro do Norte, para participar atendendo a convite especial, das homenagens aos 91 anos de idade do Frei Damião.

De acordo com a agenda oficial, a chegada de Fernando Collor ao aeroporto do Caririi dar-se-á às 14 horas, seguindo daí numa carreata até a cidade do Crato. No retorno, às 15 horas, participa de uma breve recepção famíliar com Frei Damião, no Convento dos frades. As 17 horas, seguirá para a praça dos Franciscanos, onde receberá o carinho e o abraço fraternos do povo da Região, ocasião, então que fará um pronunciamento de agradecimento aos nordestinos pelo apoio que vem recebendo nessa sua caminhada em direção à Presidência da República.

O coordenador geral da campanha no Ceará, Adauto Bezerra, apoiado pelos que fazem o Movimento Popular de Reconstrução Nacional, senador José Afonso Sancho, deputado Aécio de Borba, entre outros, esta organizando uma grande manifestação ao candidato Fernando Collor, uma espécie de consagração de sua vitória no Estado, que, segundo o próprio Adauto, deve ser superior a 500 mil votos sobre o segundo colocado. Todas as providências já estão sendo tomadas não só em Juazeiro, mas também pelas lideranças políticas que apoiam o nome do ex-governador de Alagoas nos municípios próximos à Meca do cariri.

Frei Damião entrega crucifixo para protegê-lo no Palácio do Planalto

FC
06-11-89

Juazeiro do Norte (do correspondente Rodrião) – Falando a uma multidão de cem mil pessoas que o aplaudiam delirantemente, aos gritos "Collor, Collor", o presidenciável Fernando Collor de Mello, num pronunciamento de cerca de 15 minutos no comício realizado, no início da noite de ontem, em frente à Igreja dos Franciscanos, reafirmou o propósito de, chegando à Chefia da Nação, "acabar com a corrupção que tomou conta deste País".

O acontecimento constituiu-se numa verdadeira consagração da candidatura do ex-governador de Alagoas em toda a região do Cariri, pois dos vários municípios caririenses compareceram comitivas, promovendo uma verdadeira festa para receber o postulante do PRN à sucessão presidencial. Nem mesmo o calor de 40 graus tirou o entusiasmo dos que foram receber Collor no Aeroporto Regional do Cariri para carregá-lo nos braços, gritando efusivamente o seu nome. Ao contrário do que ocorreu recentemente com outros presidenciáveis nesta cidade, a recepção e o comício de Collor transcorreram sem vaias, sem qualquer anormalidade, numa demonstração da vibração popular com a sua postulação ao cargo máximo da Nação.

chegada de Collor. Por volta do meio-dia, uma multidão já tomava conta das dependências do Aeroporto, a ponto de invadir até mesmo uma parte da pista.

No entanto, o avião de Collor atrasou. Mesmo assim, com o sol escaldante, o povo não arredou pé do aeroporto, nele permanecendo até o desembarque do candidato, às 16h50min. Logo que a aeronave aterrissou, a multidão acorreu aos gritos ("Collor, Collor") e conduziu Collor nos braços até a viatura que iria levá-lo, em carreata, até Juazeiro, ou mais exatamente, até a Igreja dos Franciscanos. Da recepção a Collor tomaram parte o ex-governador Adauto Bezerra, o senador José Afonso Sancho, a senadora Alacoque Bezerra, os deputados federais Aécio de Borba, Orlando Bezerra; os deputados estaduais Jarbas Bezerra, Antonio dos Santos, João Ramalho e Erivano Cruz; prefeitos, vereadores e outras lideranças políticas. Na oportunidade, Adauto Bezerra e José Afonso Sancho foram bastante cumprimentados também pelas lideranças presentes.

Collor e sua comitiva seguiram, então, em carreata, rumo a Juazeiro, mas à altura do Treze Atlético Juazeirense, o candidato desceu do carro e começou a fazer o restante do percurso a pé, mesmo estando cansado e suado. Muitos foram os que se aproximaram para cumprimentá-lo e desejar-lhe sucesso na corrida presidencial, alguns mostrando-se admirados, pela facilidade com que estavam dialogando, naquele momento, com um presidenciável, simples, acessível, cordial.

MOVIMENTAÇÃO

Desde a manhã de ontem, era intensa a movimentação em Juazeiro de comitivas de praticamente todos os municípios do Cariri, que haviam chegado à cidade para a recepção a Collor. Em toda parte, o assunto era um só: a visita de Fernando Collor. A cada instante, chegavam jatinhos no Aeroporto e veículos a Juazeiro, conduzindo lideranças políticas e caravanas que vinham recepcionar o ex-Governador alagoano.

No final da manhã, mais de três mil veículos (ônibus, caminhões, automóveis, bicicletas, motos etc.) dirigiram-se ao Aeroporto, numa carreata verdadeiramente consagradora da candidatura Fernando Collor, tudo na mais perfeita ordem, com o policiamento agindo sem maiores dificuldades, pois todos colaboravam, na alegria com a iminente

Joelhos no chão tal qual um peregrino

Neste momento político nacional, onde os candidatos circulam Brasil afora em busca de votos, cada um procura usar técnicas que vão desde os ataques aos concorrentes ao ato religioso. Joelhos no chão, mãos postas, olhos fixos nos santos. Tal qual um peregrino diante de seu santo de devoção. Talvez a única diferença seja que um vem depositar ex-votos e o outro pedir votos. A análise é do psiquiatra, antropólogo e professor do curso de Medicina, da UFC, Adalberto Barreto, que entende ser a religião um fator de estruturação das relações sociais e da própria personalidade.

Para o antropólogo, a maioria dos brasileiros ainda não ascendera à cidadania, já que não recebe os benefícios que toda a Nação deve dar como trabalho, moradia, educação e saúde. Neste sentido, acrescenta ele, grande parte das pessoas busca nas religiões uma identidade cultural conferida pelo santo de devoção. Explica que este é o caso, por exemplo, dos romeiros de São Francisco e do padre Cícero, que os têm como seus protetores e salvadores.

CONFIANÇA

Os políticos, na opinião de Adalberto, sabem que para ter os votos dessa grande parcela do eleitorado precisam ganhar a confiança do povo. "E conseguir esse feito significa precisar se confundir com eles, demonstrar que adotam os mesmos gestos e cultuar os mesmos santos", ensina. Nesse quadro, o psiquiatra diz que há um ditado popular que se enquadra perfeitamente: "Em terra de sapo, de cócoras com ele".

—Esses políticos fazem qualquer negócio", reclama o também psiquiatra Valton Miranda, classificando o comportamento dos candidatos que demonstram ter a fé somente em época de eleição como uma forma de explorar a religião popular. "A esperança é uma categoria psicológica e elemento importante enquanto dimensão social", justifica.

Na avaliação de Miranda, é importante que qualquer político se conscientize disso e não tome a esperança do povo como tática de exploração eleitoral. Acredita ainda que se o indivíduo tem credo religioso definido deve, em época de campanha, acompanhar as solenidades de maneira reservada para não confundir a mente do eleitor.

LOBOS

Contudo, o antropólogo Adalberto Barreto afirma que dentro dessa mistura de religião e política há um elemento confortador: "a Igreja também possui seus mecanismos de defesa, que, nesta eleição presidencial, tem demonstrado grande maturidade e alertado seus fiéis para que tenham cuidado com os "lobos em pele de cordeiro".

Prioridade da festa religiosa é do romeiro

— Peço, por gentileza, para os correligionários do sr. Paulo Maluf se retirarem do pátio. Aqui é uma casa de fé e não um lugar para propaganda política. Se quiserem entrar como cristãos, podem entrar. Mas se for para campanha, é melhor se retirarem — A solicitação foi do pároco-reitor da basílica de São Francisco, Caninde, frei Batista, em 4 de outubro, quando o presidenciável do PDS passou pela cidade, no dia em homenagem ao padroeiro.

Na semana passada, frei Batista explicou que sua intervenção não foi pelo fato de ser Paulo Maluf. É contra qualquer postulante que aproveite as concentrações religiosas para realizar campanha política. Diz que a atitude da Igreja foi apoiada em uma circular do Juiz da Comarca de Caninde, defendendo a prioridade da festa ao romeiro, ao mesmo tempo em que proibia qualquer manifestação política nas áreas das cerimônias em louvor a São Francisco. "Sou pela democracia, não sou contra nenhum candidato, mas peço respeito aos romeiros".

BELÉM

A diretoria da festa do Círio de Nazaré, realizada no dia 8 do mês passado, também tomou as devidas providências para que religião e política não fossem confundidas. Com experiência nos anos anteriores, quando muitos candidatos aproveitam a ocasião para "venderem seu peixe" — Tancredo Neves esteve presente em 1984, já candidato a Presidente —a coordenação solicitou, em nota publicada na imprensa, aos comitês eleitorais de todos os candidatos que se abstivessem de fazer propaganda política durante a festa.

VÉSPERAS

O ex-candidato pelo PT ao Governo do Estado nas eleições de 1986, padre Haroldo Coelho, que segue a linha progressista da Igreja, entende que se os candidatos costumam visitar anualmente as festas religiosas, a presença nesse ano de eleição é normal. Contudo, é um comportamento altamente condenável se essa fé só aparece em época de campanha eleitoral: "É uma tentativa de mistificar o povo".

Aconselha aos políticos "que querem ser percebidos pelo povo como cristãos, que demonstrem sua religiosidade no exercício dos cargos públicos e não procurando ganhar votos através da fé do povo. "Pelo que me consta, nenhum destes que visitam os centros de romarias se comportou como cristão no exercício de sua vida pública", finaliza.

COMÍCIO

Por volta das 18 horas, Collor e sua comitiva chegaram à Igreja de São Francisco das Chagas e o candidato foi até o interior daquele templo para apresentar seus cumprimentos ao aniversariante do dia, o famoso Frei Damião de Bozano, que completou ontem 91 anos de idade, em plena forma, prosseguindo as pregações que realiza há décadas pelo interior do Nordeste brasileiro.

Em seguida, Collor deslocou-se para o carro-palanque, de onde o médico José Arnon Bezerra falara, minutos antes, ao público, para agradecer o comparecimento e manifestar a convicção de que Collor será o futuro Presidente da República. Collor subiu, então, ao palanque, sob demorados e intensos aplausos da multidão, que gritava, com muita vibração, "Collor, Collor". O presidenciável falou durante cerca de 15 minutos, para reafirmar seus propósitos de acabar com os marajás, combater a corrupção e moralizar a administração federal, logo que chegue à Presidência da República. Prometeu voltar a Juazeiro, como Presidente da República, para visitar o túmulo do padre Cícero e ouvir todas as reivindicações do povo do Cariri.

Às 19h15min, dirigiu-se ao Aeroporto Regional do Cariri, onde embarcou com destino à cidade pernambucana de Petrolina. Collor lamentou não ter podido ir também ao Crato, como estava previsto na programação estabelecida para ontem no Cariri, mas justificou, informando que, devido ao adiantado da hora, teria que embarcar logo para Petrolina, daí não poder demorar mais no Cariri.

Esse problema, por sinal, é que fez com que o seu comício em Juazeiro fosse dos mais rápidos, limitando-se ao seu pronunciamento. Os organizadores do evento mostraram-se satisfeitos com o grande comparecimento popular, encarando-o como a maior prova de que "em todo o Cariri, a candidatura de Fernando Collor está disparada, ocupando tranqüilamente o primeiro lugar, bem acima das demais candidaturas".

CRUCIFIXO DE FREI DAMIÃO

Antes do grande comício realizado ontem em Juazeiro do Norte, Frei Damião, o missionário dos sertões e que tem a sua vida marcada pela ajuda aos pobres, orientando e confortando com a sua palavra e a sua fé, os mais humildes, no instante em que era cortado o bolo para comemorar os seus 91 anos de idade, fez a entrega, a Collor de Mello, de um crucifixo.

Nesse mesmo momento, Frei Damião disse a Collor de Mello: "Este crucifixo é para a sua proteção, durante o exercício do seu mandato de Presidente da República no Palácio do Planalto".

O ato foi recebido com muita emoção por quantos o presenciaram, emocionando a todos, sobretudo pelo respeito que se tem a Frei Damião e pela seriedade que tem caracterizado a sua vida.

O presidenciável Collor de Mello não conseguiu esconder a sua emoção pelo crucifixo recebido das mãos de Frei Damião.

TC 06-11-89

O POVO 12-11-89

O companheiro do frade capuchinho há 47 anos, frei Fernando, foi quem enalteceu o ex-governador, aliás partiu dele a idéia de ofertar a imagem de São Francisco, que estava em cima do bolo do aniversariante: "Collor sonha com uma pátria cada vez mais próspera, sendo capaz de sacrificar-se em favor do bem-estar do povo". À imprensa, porém, o franciscano disse que receberiam qualquer candidato. "O Papa não aceita no Vaticano os mais diferentes políticos?", argumentou.

Apesar de Collor ter ficado atento para que sua produção não perdesse nenhum instante do encontro, que foi mostrado no programa de TV do PRN, Aguiar Júnior, presidente local do Partido, garante que Collor é "efetivamente católico". Talvez tenha sido esse o motivo do ex-governador alagoano ter prometido, se eleito, um helicóptero a Frei Damião e retornar a Juazeiro para pagar uma promessa ao padre Cícero.

Maluf, a exemplo de Collor, não dispensou a presença de sua produtora nas visitas religiosas, que foram mostradas no seu horário gratuito de televisão. Contudo, o telespectador não ficou informado de que os correligionários do PDS foram expulsos do pátio da basílica de Canindé e que o próprio Maluf não pode permanecer no altar na basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Como explicação de sua presença em atos religiosos, o presidenciável afirma que foi coroinha e não chegou a ser padre porque seu pai não deixou. "Há 15 anos estive em Canindé", justifica ainda. O presidente do PDS no Ceará, Leorne Belém, confirma as palavras de Maluf: "Ele é católico praticante e tem na religião e na família o incentivo para continuar em busca de seu ideal, servir ao País".

Nesse mesmo momento, o seu escritório central da campanha, em Brasília, o presidenciável Mário Covas tem, entre as peças de decoração, uma imagem do padre Cícero, presente da deputada federal Moema São Thiago, dirigente do PSDB no Ceará. Conforme a parlamentar, o postulante tucano é espiritualista e não costuma misturar política com religião. Afirma que sua visita a Juazeiro, na véspera do dia de Finados, foi apenas coincidência: "ele não teve a intenção de aproveitar a presença dos romeiros".

A deputada lembra que Mário Covas fez, na ocasião, referências à figura do padre cearense porque têm muito respeito pelo "patriarca de Juazeiro". Já a presença do presidenciável no Cirio de Nazaré, no dia 8 do mês passado, é justificada por Moema como um convicada de seu vice, senador Almir Gabriel, que é ex-prefeito da capital paraense. "Covas permaneceu afastado da festa e, da mesma forma que ele visitou a CNBB, também esteve numa colônia judaica", acrescenta.

AMIZADE

Em Juazeiro, na semana passada, o presidenciável Collor de Mello, que foi abraçar frei Damião pela passagem de seu aniversário, deixou a cidade com uma peça a mais em sua bagagem: uma imagem de São Francisco, presenteada pelo missionário, para levá-la ao Palácio do Planalto. O postulante do PRN não poupou elogios à figura do missionário, lembrando que a amizade entre eles começou na época em que o Governo Collor, em Alagoas, estava sendo ameaçado de intervenção pelo Governo Federal "por sua luta contra os marajás". Frei Damião, contudo, não fez referências a uma possível amizade entre os dois e se negou a falar sobre política.

O POVO
06-11-89

Candidato visita o Frei Damião

Em Juazeiro, o maior centro de romaria do Nordeste, política e religião mais uma vez caminharam juntas com a visita do presidenciável Fernando Collor de Mello a frei Damião, que ontem estava completando 91 anos. O ex-governador de Alagoas, acompanhado de sua esposa, chegou ao Convento dos Franciscanos por volta das 18 horas e se encontrou com o Frade no refeitório, onde foi recebido por palmas pelas pessoas que conseguiram "dribrar" a segurança e registrar o encontro.

Sempre com a preocupação de que sua produção dos programas de televisão não deixasse passar nenhum detalhe da visista, o ex-governador de Alagoas disse que não poderia deixar de abraçar o missionário numa data tão importante. Lembrou que sua amizade com o frei Damião se consolidou quando, na época em que estava sendo ameaçado de intervenção pelo Governo Federal na administração alagoana por causa de sua luta contra os marajás, ele, juntamente com seu companheiro, frei Fernando, rezaram para que Collor de Mello continuasse à frente do Estado.

— Eu já tinha muito admiração, seu trabalho missionário que há mais de 60 anos vem desenvolvendo no Nordeste, mas, hoje, quero pedir em meu nome e da minha mulher, a Deus que lhe cubra cada vez mais de saúde, de tenacidade e de fé que possamos ser mais solidários e vivermos como verdadeiros irmãos", acrescentou o postulante do PRN, que no final do encontro, rezou o Pai Nosso com todos os presentes. Collor de Mello prometeu, se eleito, um helicóptero para que frei Damião continuasse sua caminhada pelo Nordeste.

O homenageado que sofre de erisipela (inflamação aguda da pele) e fala muito baixo com sotaque italiano, balbuciou algumas palavras, ressaltando o nome de Collor. O discurso de saudação ao presidenciável foi feito por frei Fernando, companheiro do frade capuchinho desde 1947. Disse que "quis a divina providência que nos encontrássemos neste momento, num ambiente de amor, cordialidade e afeto, na comemoração do 91º aniversário de frei Damião e com a presença do candidato Fernando Collor". O religioso elogiou a postura do ex-governador de Alagoas, "um cidadão honrado por todos os títulos, merecendo, portanto o nosso respeito, admiração, estima e apoio".

Para o franciscano, Collor de Mello é, antes de tudo, um verdadeiro cristão, que sabe amar, defender e exaltar com fé e convicção a Igreja. Acrescentou ainda que o candidato sonha com uma pátria cada vez mais próspera, sendo capaz de sacrificar-se em favor do bem-estar do povo: "que Deus recompense seu gesto de participar dessa solenidade".

Frei Damião não quis falar sobre política e frei Fernando, na manhã de ontem, afirmou que estavam em Juazeiro exclusivamente para comemorar o aniversário do frade capuchinho.

MANUEL CUNHA



A multidão presente ao comício surpreendeu e alegrou Collor

O POVO 06-11-89

"Não falo sobre política"

"Não falo sobre política", disse ontem, com voz baixa e sotaque italiano, frei Damião, considerado pelo povo juazeirense, depois de padre Cícero, o maior missionário do Nordeste. Natural de Bozzano, uma vila da província de Lucca, Itália, frei Damião foi ordenado sacerdote em 1923 e designado juntamente com outros companheiros, em 1931, para missões no Brasil, mais precisamente no Estado de Pernambuco, onde se transformou numa figura religiosa conhecida e respeitada pela grande maioria dos nordestinos.

O Frade capuchinho passa a sua vida, apesar da idade e da erisipela, pregando e confessando por todo o Nordeste, e participa também de cerimônias religiosas, como aconteceu ontem, no Santuário de São Francisco, quando, em comemoração aos seus 91 anos, concelebrou missa em ação de graças pela sua existência.

Com apenas metro e meio de altura, barba branca e passos lentos, sendo conduzido pelos colegas franciscanos - o religioso tem um grande carisma e sempre é procurado para perdoar os pecados de milhões de nordestinos.

Embora tenha evitado falar sobre política, disse que conheceu o pai de Fernando Collor, Arnon de Mello, e se encontrou pela primeira vez com o presidenciável em Arapiraca, Alagoas, antes de ele se candidatar ao Governo de Alagoas. Não fez nenhuma referência a uma possível amizade com o postulante do PRN, mas um livro publicado no ano passado, sobre sua história no Brasil, teve o patrocínio da administração estadual de Alagoas,



O candidato recebeu do frei Damião uma imagem de São Francisco

Collor de Mello em Juazeiro vai a frei Damião

O POVO
06-11-89

Durante visita de duas horas ao município do Juazeiro do Norte, ontem à tarde, o candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, participou de carreata, visitou frei Damião, falou para 70 mil pessoas na Praça dos Franciscanos e reafirmou suas críticas ao Governo Sarney, considerando-o corrupto e irresponsável. Ao visitar frei Damião, que completava 91 anos, Collor ganhou, de presente, uma imagem de São Francisco, prometendo levá-la consigo até o fim da campanha e, depois de eleito, para o Palácio do Planalto.

TRIBUNA do Ceará

Fortaleza, sábado, 02 de dezembro de 1989

FACE À DRAMÁTICA SITUAÇÃO DO BRASIL

A TFP toma atitude entre as candidaturas Collor de Mello e Lula como também ante a Teologia da Libertação e as CEBs

1. A TFP ante a vida partidária e os pleitos eleitorais

Nos seus quase 30 anos de existência, a TFP sempre timbrou em manter-se alheia às disputas partidárias, preponderantemente marcadas, em nosso País, por divergências de interesse de personalidades ou clãs políticos, mais do que por desacordos de elevado nível doutrinário.

Nisto, seguiu nossa entidade o exemplo continuamente dado ao País pelas Autoridades eclesiásticas, bem como pelas associações de caráter cultural ou beneficente de real prestígio junto à opinião pública.

Na aparência, se excetuou dessa linha geral a atuação desenvolvida pela Sagrada Hierarquia nos anos 30, quando ela promoveu a formação da Liga Eleitoral Católica — LEC, a qual se destinava a orientar o eleitorado acerca das posições programáticas dos candidatos a cargos eletivos, informando ao público sobre o que pensavam a respeito de determinados assuntos de vital importância para a Igreja e para a civilização cristã. Eram esses assuntos a manutenção da indissolubilidade do casamento, o ensino religioso nas escolas públicas, as capelanias nas Forças Armadas, e ainda outros.

Fazendo inteira abstração de disputas partidárias, e tendo em vista apenas esses altos interesses da Igreja e da Pátria, a LEC aconselhava aos eleitores católicos que dessem seu voto a candidatos favoráveis àqueles pontos, então correntemente designados como "reivindicações católicas", e os recusassem aos candidatos opostos às ditas reivindicações. Os resultados brilhantes obtidos por essa atuação já pertencem à História.

Com o golpe de Estado de 1937, o Brasil deixou por oito anos a prática da democracia representativa. E, restaurada esta última, a LEC foi reconstituída, porém já sem a eficácia e o brilho de outros tempos. A tal ponto que, quando ela deixou de existir, o grande público nem sequer se deu conta do fato.

2. "Direita católica" e "esquerda católica" — TFP e CEBs — Uma declaração de Lula

Em fins da década de 50 — antes ainda da instalação do regime militar — a agitação esquerdista começava a borbulhar em nosso País, não só promovendo distúrbios de várias ordens, mas também procurando... e obtendo a introdução de socialistas ou "cristãos de esquerda" no Congresso Nacional.

Esta infeliz novidade resultava do fato de que começava a operar-se então nos meios religiosos do País uma mudança profunda, a qual haveria de se acentuar continuamente até nossos dias. Apareceu assim a "esquerda católica", que dava eco entre nós a um fenômeno de porte internacional, que era a progressiva cisão da opinião católica em duas correntes: a) no campo estritamente religioso, o "progressismo", e no campo sócio-econômico, o "esquerdismo católico", com mútuas vinculações doutrinárias; b) e, do lado oposto, outra corrente abrangia os católicos empenhados em se resguardar de novidades religiosas imprudentes e não raras vezes até francamente errôneas, bem como de manobras políticas que os transformassem em "**inocentes úteis**" ou até em "**companheiros de viagem**" do comunismo.

O público não tardou em qualificar essas duas grandes correntes como "esquerda católica" e "direita católica".

Na "esquerda católica", a tendência que de muito sobressai hoje em dia, em relação a outras, é a chamada "**Teologia da Libertação**" — difundida no laicato notadamente pelas **Comunidades Eclesiais de Base — CEBs**. Na "direita católica", destaca-se sobretudo a **Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade — TFP.**

E de tal maneira o quadro assim traçado passou a ser habitual, que se tornou ponto de referência corrente no trato de assuntos da vida pública brasileira.

Por exemplo, interrogado pela "Folha de S. Paulo" (18-11-89) sobre se é verdade que tem o apoio da corrente da Igreja favorável à "Teologia da Libertação", o Sr. Luís Inácio da Silva (Lula) respondeu:

> *"Em primeiro lugar, não tem nenhuma novidade nisso. Acho que todo mundo sabe que tem um setor da Igreja progressista que apóia minha campanha, e não é de hoje. Eu acho que os setores da Igreja progressista estarão cada vez mais afinados com a minha campanha na medida que meu adversário seja mais de direita. Acho que o Collor deverá ficar .... com o pessoal da direita da Igreja, e eu irei ficar com a esquerda".*

A TFP não representa a Sagrada Hierarquia, não foi fundada por ela, nem por ela é dirigida. Nossa entidade foi fundada e é dirigida por leigos católicos que, inspirados nos ensinamentos da doutrina social tradicional da Igreja, visa tão-só atuar no **campo temporal**, em favor da civilização cristã, sob a exclusiva responsabilidade de seus integrantes. Sem embargo, ela se sujeita, com filial obediência, à vigilância da Sagrada Hierarquia em tudo quanto diz respeito à **Fé**, à Moral e à disciplina eclesiástica (cfr. Código de Direito Canônico, cânones 212 §1, 215, 225 §2, 227).

Nestas condições, e não presumindo dar à sua voz outro alcance que não o de um conselho fraternalmente oferecido por membros do laicato

católico a membros do laicato católico, tem ela uma palavra a comunicar a seus sócios, cooperadores e correspondentes, bem como ao público em geral, acerca da eleição presidencial que se realizará em segundo turno no próximo dia 17 de dezembro.

3. A TFP ante as candidaturas Lula e Collor de Mello

Segundo os dados oficiais, na eleição do primeiro turno obteve vantagem considerável (25,11%) o candidato Fernando Collor de Mello. E, sensivelmente abaixo dele (14,16%), o candidato Luís Inácio da Silva (Lula) (porcentagens calculadas sobre o total do corpo eleitoral).

Ora, o resultado do pleito em segundo turno poderá ser influenciado a fundo pela preferência que dêem a um ou outro candidato, não só os eleitores filiados aos partidos políticos que os elegeram, como também os aderentes dos partidos políticos de menor votação, e, principalmente, a grande massa eleitoral que foi compelida a comparecer às urnas em razão da obrigatoriedade do voto, mas que *grosso modo* se mantém alheia a todos os partidos. Neste sentido, é sintomático que o número de abstenções, mais os votos em branco e nulos totalize 14.443.706 votos (17,60% do corpo eleitoral), constituindo assim um contingente eleitoral superior ao do segundo colocado.

Em quem votar no próximo turno da eleição presidencial, de dramática importância para o País? Dramática sim, já que dramáticas são as condições políticas e sobretudo as condições sócio-econômicas em que se encontra esta Nação digna de melhor destino!

A TFP não pode deixar sem resposta as numerosas perguntas que neste sentido lhe chegam, não só de seus sócios, cooperadores e correspondentes disseminados por 372 cidades, como dos dedicados e ardorosos simpatizantes com que conta ademais em todo o nosso território.

O presente comunicado constitui uma resposta a tão justas perguntas.

Do ponto de vista sócio-econômico, a TFP e as CEBs se acham em **posições diametralmente opostas. Por exemplo, enquanto a TFP defende o princípio da propriedade privada e o sistema de livre iniciativa, as CEBs são adeptas do sistema socialista de inspiração confessadamente marxista.**

É o que deixou inteiramente claro o livro *As CEBs... das quais muito se fala, pouco se conhece — A TFP as descreve como são*, de autoria dos Srs. Gustavo Antonio Solimeo e Luiz Sérgio Solimeo, e do abaixo-assinado.

Esta obra, apoiada em abundante documentação, e em argumentação que as CEBs acharam de bom aviso deixar sem resposta, foi, como de costume, quase inteiramente silenciada pela mídia. Mas ela teve larga repercussão no público. Dela foram tiradas seis edições, num total de 72 mil exemplares, vendidos nas mais diversas latitudes de nosso País-continente. Em tal livro são expostos os principais argumentos que a TFP tem a alegar a respeito do pensamento doutrinário, da atuação política e da agitação social promovida pelas CEBs. Supérfluo seria, pois, elencá-los aqui.

Quanto ao programa do PT, que exprime necessariamente o fundo do pensamento de Lula, a divergência da TFP não é menos completa. Isto se verá em publicação que a TFP fará em breve.

A conseqüência do que está dito, conseqüência esta que o próprio candidato Lula não pode deixar de admitir como normal, nos termos de sua declaração acima citada, é que o Conselho Nacional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e propriedade, a que tenho a honra de presidir, recomenda vivamente a todos os eleitores com opiniões consonantes com as de nossa entidade, que **não dêem seu voto ao candidato Lula.**

Com efeito — convém insistir a respeito, nesta fase decisiva do grande embate eleitoral — sobre a radicalidade do pensamento político e sócio-econômico desse candidato não pode haver dúvida. Cumpre citar, em abono dessa afirmação, as palavras dele, dirigidas ao jornal oficial do partido comunista cubano "Granma" em 12 de janeiro de 1989. Palavras, estas, que a imprensa nacional não publicou:

> *"Cuba se converteu num exemplo para a América Latina e para o Terceiro Mundo, pela solidez da sociedade que constrói, pelo nível de vida e dignidade que alcançou seu povo".*
>
> Noticia ainda o "Granma": *"Lula .... declarou que começou por Cuba o percurso que realiza por várias nações latino-americanas, entre as quais se encontram a Nicarágua, Argentina e Peru, pelos excelentes laços de amizade que existem entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista de Cuba, pela coincidência dos pontos de vista que sustentam"* (o destaque em negrito é nosso).
>
> *"É uma pena* — continuou Lula — *que os povos pobres da América Latina e os outros do Terceiro Mundo não conheçam Cuba, que os que ganham 30 ou 40 dólares por mês não conheçam o alto nível de vida de que goza seu povo graças à sua Revolução"* ("Granma", 12-1-89).

Assim, por efeito da legislação eleitoral vigente, a alternativa que o eleitor têm diante de si consiste em **votar no candidato Collor de Mello.**

Obviamente, a TFP recomenda que ninguém se abstenha de votar, que não vote em branco e não anule intencionalmente seu voto.

Ao contrário destas atitudes negativistas, a recomendação da TFP é no sentido de que os eleitores consonantes com ela atuem a fundo em todos os ambientes em que se encontrem, recomendando por sua vez a todos os familiares, amigos, colegas etc., que **não votem no candidato LULA e votem no candidato COLLOR.**

* * *

TC 02-12-89

Nesta eleição presidencial — e muito especialmente no segundo turno dela — o caráter ideológico, que tem sido tênue ou até inexistente nos diversos pleitos eleitorais deste século de República, se acentuou consideravelmente. Deve-se o fato a que a anterior figura política de Lula, sempre marcada por uma nota esquerdista, se radicalizou neste sentido, ao longo da atual campanha. Resulta isto, segundo tudo indica, do fato de terem tomado vulto preponderante nas fileiras do "lulismo" as CEBs, nas quais o público discerne a justo título um caráter radicalmente esquerdista.

Evidentemente, os diversos diretórios políticos se deram conta do fato. E, não renunciando a ganhar votos na direita, ao mesmo tempo que procuravam ganhá-los à esquerda, se puseram a deitar incenso ora a esta, ora àquela.

Entretanto, esse incenso não vem sendo distribuído de maneira igual. Em relação a personalidades e organizações tidas por antiesquerdistas, o incenso se vem alternando com atos de rejeição formulados com uma grosseria nada brasileira. Pois se lhes tem dito que seu apoio era desprestigiante, contraproducente e recusável.

Esta corrida na recusa de votos vem constituindo até agora uma das estranhas características do atual momento político, já que toda propaganda eleitoral se define essencialmente como uma **procura** de sufrágios, e não como uma **recusa** destes. Só a partir do noticiário do dia 23 se nota uma atenuação dessa estranha atitude.

Ainda assim, um dos resultados prováveis do presente comunicado pode ser que vários grupos gulosos de conquistar votos "lulistas" venham a fazer espalhafatosamente, em relação à TFP, as declarações de recusa que acabamos de referir. Recusa esta, que seria aliás perfeitamente inexplicável, pois a meta da TFP, no presente comunicado, não consiste em oferecer votos a ninguém. Esta entidade não vê na candidatura Collor senão uma contingência a ser aceita por assim dizer automaticamente — pelo eleitor, quer centrista, quer direitista — pois decorre de modo inexorável da candidatura Lula.

Como acabamos de dizer, a moda política de apedrejar os amigos de direita parece estar começando a passar. Afinal, os comentadores políticos começam a se dar conta de que o grande espantalho nestas eleições não é a direita, nem o centro: é o "lulismo".

Não obstante, o "anti-TFPismo" tem seus fanáticos. E não é impossível que eles aproveitem a ocasião deste comunicado para dizer que rejeitam... o que não lhes estamos oferecendo.

Essa perspectiva nos deixa indiferentes. Na atual conjuntura, mais ainda do que em anteriores, a TFP caminha cristãmente animosa, sobranceira a aplausos e apodos. Ela é responsável perante Deus e perante o País pela orientação que dê àqueles que a compreendem e nela confiam. E segue tranqüila e altaneira o caminho do dever, sugerindo ao público o procedimento que é mais conforme — disto está ela persuadida — aos mais altos interesses da Pátria e da civilização cristã.

São Paulo, 27 de novembro de 1989

Plinio Corrêa de Oliveira
Presidente do Conselho Nacional da TFP

O POVO 10-12-89



Influência vem das indulgências

Entre a neutralidade aparente dos "conservadores" e o explícito engajamento dos "progressistas" no jogo da política, o fato é que não é de hoje a interferência da Igreja Católica no processo de decisões do Estado. Dos anos passados em que indulgências era vendidas e o clero funcionou como uma das forças de sustentação de seguidos governos, até às últimas três décadas, em que a lógica das relações Igreja × Estado se inverteu, a presença clerical na vida política do País é um fato.

Nos anos 30, por exemplo, o País viu surgir a Liga Eleitoral Católica (LEC), por inspiração do cardeal dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro. Com uma conotação suprapartidária, a LEC organizou o eleitorado católico e até 1950 — ano em que foi extinta — funcionou como força de pressão política. Alguns leigos famosos militaram na LEC, como Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde) e Sobral Pinto.

Na década de 60, na esteira dos movimentos anti-regime militar, as CEBs surgiram e até hoje garantem um peso relativo na balança das decisões políticas. Mas a presença do clero nas esferas de decisão políticas não fica só em termos de movimentos independentes. Não são poucos os casos em que presbíteros assumem concretamente cargos em governos constituídos. Mais recentemente, aqui mesmo no Ceará, além de alguns prefeitos que chegam ao poder no Interior do Estado pelas "graças" das ações junto aos fiéis, existem casos de secretários de Estado, por exemplo.

O próprio monsenhor André Camurça assumiu o cargo de Secretário de Educação, no Governo de eleição indireta de Plácido Castelo. "Por pura emergência, porque não tinha outra pessoa para assumir" — como acentua o monsenhor. O padre Haroldo Coelho, "progressista", também ficou como secretário de Educação, na gestão municipal de Maria Luíza Fontenele, até se afastar para se candidatar para governador do Estado pelo PP em 1986.

De um lado ou de outro, "progressistas" ou "conservadores", a participação do clero na vida política do País é incontestável. Desde o apoio tímido do próprio dom Aloísio Lorscheider à candidatura Tasso Jereissati até ao apoio cego (literalmente) de Frei Damião à candidatura de Collor de Mello.

Continua na Página 2-D

O POVO CIDADES Sábado, 02/12/89

CANDIDATURAS

CEBs reiniciam os debates

Neste final de semana, as Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Fortaleza (CEBs) reiniciam os debates sobre as eleições presidenciais. Para mostrar a preferência do eleitorado cearense, a equipe de comunicação das CEBs elaborou um vídeo no qual também incluiu entrevistas com o Cardeal-Arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, e o padre Manfredo Oliveira. O vídeo será mostrado principalmente às populações da periferia de Fortaleza e do Interior do Estado.

Segundo explicou o padre Marcos Passerini, foram ouvidas 149 pessoas nas praças José de Alencar e do Ferreira e nos bairros periféricos, que fizeram um perfil de seu candidato. Elas respondiam em quem iriam votar, por que escolheram o candidato e por que não votariam no outro indicado. No vídeo, foi obedecida a seqüência das entrevistas. Em alguns momentos, a preferência de um e de outro provocou discussões e até breves comícios, reunindo pequenas multidões na praça.

Dos 149 entrevistados, 56 por cento votaram em Collor de Mello e 51 por cento em Luís Inácio Lula da Silva; oito por cento são indecisos, dois por cento não vão às urnas e um por cento votará em branco. No vídeo, de 30 minutos, há uma entrevista com dom Aloísio Lorscheider, em que ele diz que "o papel da Igreja é respeitar as pessoas, ajudando-as na escolha do melhor candidato para o País".

Segundo o Cardeal de Fortaleza, é ilícito o católico tachar os outros de comunistas e dizer que a Igreja está tomando partido por um ou outro candidato, incentivando a baderna. "Não há baderna nenhuma e a Igreja está é ajudando as pessoas a adquirirem a sua verdadeira cidadania" — disse entre outras afirmações. Na entrevista do padre Manfredo Oliveira, ele defendeu a candidatura de Lula, dizendo que "queremos mudança e o candidato Collor de Mello é comprometido com o sistema atual". Para o sacerdote, Lula é quem tem compromisso com a classe trabalhadora e sempre esteve ligado à Pastoral.

EDMUNDO DE SOUSA



Vídeo aborda polarização entre Collor e Lula na atual campanha para o segundo turno

Evangélicos apóiam Frente Brasil

São Paulo — Duzentos pastores evangélicos do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo e Pará divulgaram ontem um manifesto em apoio ao candidato da Frente Brasil Popular à Presidência da República, deputado federal Luís Inácio Lula da Silva. Os pastores pertencem às igrejas Episcopal do Brasil, Congregacional, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Evangélica Luterana do Brasil, Metodista, Assembléia de Deus e Presbiteriana Unida.

A nota afirma que o apoio dos pastores é pessoal e que as igrejas evangélicas "como instituições oficiais" não têm e não podem ter candidato oficial. Acrescentando que "a manipulação que se tem feito de que a família evengélica está comprometida organicamente com qualquer candidato não corresponde a verdade".

Os evangélicos justificam sua opção por Lula com base "na fidelidade ao Evangelho de Cristo que nos alimenta e nos inspira na construção de seu reino de justiça e paz". Eles afirmam, ainda, que a candidatura de Lula "é a única capaz" de promover as "mudanças inadiáveis e urgentes que o Brasil exige".

O POVO 22-11-89

Igreja Católica divulga critérios para votar bem

São Paulo — A Igreja Católica está divulgando junto às suas bases uma plataforma econômico-social com sete critérios para que os católicos votem em 17 de dezembro próximo, no segundo turno das eleições presidenciais, entre os candidatos da Frente Brasil Popular, deputado federal Luís Inácio Lula da Silva, e do PRN, Fernando Collor de Mello. Essa plataforma — aprovada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) — já está sendo debatida em todas as dioceses, paróquias e Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) brasileiras.

A Igreja está reivindicando, também, que os dois candidatos divulguem o mais rapidamente possível a eventual composição de seus ministérios. Com base nessa divulgação, os vários setores eclesiásticos irão debater o passado político de cada ministeriável e as alianças que o levaram a ser indicado por Lula ou por Collor. De acordo com nota do bispo de Santana, Região Norte de São Paulo, d. Joel Ivo Catapan, os presidenciáveis que quiserem disputar o voto católico devem assumir compromisso público com os sete pontos dessa plataforma.

POLÍTICA AGRÍCOLA

O primeiro é o apoio a uma política agrícola que garanta a Reforma Agrária e a permanência do pequeno agricultor no campo. O segundo é uma "justa" distribuição social do solo urbano e o terceiro consiste na preservação do Meio Ambiente, protegendo-o contra a exploração predatória e a poluição.

A plataforma da CNBB inclui, depois, "o apoio aos trabalhadores em sua luta pela Justiça Social" e a participação dos assalariados nos sindicatos, na gestão das empresas e nas decisões sobre os problemas da sociedade. Destaca, em seguida, a adoção de medidas que garantam a função social da Empresa, incluindo salário justo, livre organização sindical dos trabalhadores, condições dignas de trabalho, participação nos lucros e na política econômica das empresas.

De acordo com a nota de d. Joel Catapan, a Igreja reivindica, ainda, a inclusão, no Programa de Governo, da submissão da dívida externa a uma auditoria pública, com a participação do Poder Legislativo e de organizações representativas da sociedade civil.

DA FOLHA DE S. PAULO

Grupo de mulheres apóia Collor e teme comunismo

LUIZ CAVERSAN
Da Reportagem Local

"Um grupo de 60 mulheres da sociedade paulistana se reuniu ontem no final da tarde para discutir formas de apoiar a candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN) e de atuar em sua campanha. O objetivo da organização do encontro —promovido pela cunhada de Collor, Regina Collor de Mello— era criar formas de aumentar a penetração da candidatura nas classes médias e alta de São Paulo. Essa meta foi apenas parcialmente alcançada, porque os alertas contra o "perigo comunista" e as críticas ao opositor de Collor, Luis Inacio Lula da Silva, acabaram predominando na reunião.

As mulheres que estiveram no encontro eram basicamente de classe alta. Estavam bem vestidas e não escondiam a disposição de participar na campanha: queriam saber formas de disseminação do nome de Collor, como fiscalizar a votação e, sobretudo, o que fazer para derrotar Lula. Entre as presentes, foram relacionadas pela organização do evento Matilde Padilha, Maria Eduarda Mellão, Maria Helena Lacerda, Maria Rita Nabuco, Rosa May Braun, Daniela Crespi, Ruth Fileppo, Heloisa Negreiro de Castro e Marcia Pastore.

A reunião —que durou das 17h as 19h e ocorreu em um auditório improvisado numa das sedes da campanha de Collor em São Paulo, na rua Argentina (Jardim América)— foi iniciada por uma palestra de Ledja Austrjlino, que se apresentou como antiga colaboradora do candidato, desde seu tempo de prefeito de Maceió (AL). Ela falou durante 40 minutos. Procurou exaltar qualidades de Collor como administrador, seu trabalho "junto às camadas mais pobres, ajudado pelas senhoras de Alagoas". Pediu a participação de todas no corpo-a-corpo da campanha: "Vamos fazer campanha nos bairros, distribuir material e usar a camisa de Fernando Collor de Mello".

Os elogios a Collor acabaram redundando em ataques a Lula. "Lula é apoiado por intelectualóides, que lêem mas não trabalham", disse ela por exemplo. Afirmou também que "o PT é sectário e radical, só faz o que for bom para determinado grupo". Uma das principais caracteristicas do PT, disse, é o "patrulhamento ideológico", cuja "vítima" mais recente teria sido a atriz Marília Pêra: "Ela sofreu muitos ataques por apoiar Collor. Portanto, temos que ter coragem de afirmar que apoiamos Collor, que não somos riquinhas, vazias e de direita".

As alusões ao "radicalismo" de Lula acirrarram o clima contrário ao candidato da Frentre Brasil Popular. Assim que as presentes foram convidadas a se pronunciar, sucederam afirmações antipetistas e, principalmente, anticomunistas. "Os comunistas estão prontinhos para tomar conta do Brasil. Todos eles andam armados e são profissionais treinados na guerrilha", disse uma senhora que não quis se identificar à reportagem da **Folha**. Aliás, havia também um clima antiimprensa, uma vez que Ledja afirmou que "90% dos jornalistas da imprensa escrita são PT e ninguém denuncia isto. A **Folha** é o caso mais gritante".

Outra preocupação das presentes disse respeito "ao apoio ostensivo da Igreja progressista a Lula". Terezinha Capdeville, uma das participantes, disse que organizou suas amigas para combater essa tendência da Igreja. "Nosso grupo, de mulheres brasileiras unidas na fé, criou uma corrente em que cada uma telefona para quatro ou cinco amigas, convidando para que elas mandem telegramas de protesto ao núncio apostólico". Ledja aquiesceu diante da proposta e disse que é preciso "mais coragem": "Quando estamos numa missa e o padre começar a falar do patrão contra o trabalhador temos que ter a ousadia e a coragem de interromper e dizer que ele não pode ficar fazendo a cabeça das pessoas".

Passada mais de uma hora e meia de encontro, Ledja procurou amainar os ânimos antiesquerda, afirmando: "Devemos combater não a palavra comunismo, mas a forma de governo do PT". Regina Collor de Mello fez questão de afirmar que aquele encontro visava "ajudar o Fernando. Não é uma reunião contra o comunismo, embora algumas das presentes estejam preocupadas com isso".

Ledja terminou seu discurso insistindo na necessidade de conquistar votos das classes alta e média, "porque o socialismo do Lula não é democrático. Ele é um ótimo sindicalista, mas não pode transformar o Brasil num sindicatão". Foi aplaudida.

TC 03-12-89



O grupo de mulheres que se reuniu ontem no final da tarde em São Paulo, para discutir formas de apoiar Collor

FC 03-12-89

DA FOLHA DE S. PAULO

Sacerdote que colocou cartaz do PT na igreja será punido

O juiz eleitoral de Recife (PE) Enéas de Barros mandou retirar o outdoor localizado em frente à igreja do Morro da Conceição, em Recife, colocado pelo padre Reginaldo Veloso. O outdoor se refere à eleição presidencial.

O texto do outdoor é o seguinte: "Na hora de votar ... pare e pense: Você é patrão ou trabalhador? Dos candidatos a presidente, quem é patrão? Quem é trabalhador? Você vai votar em patrão?" O outdoor foi realizado pelo Conselho Pastoral e de Moradores de Bairro.

O juiz Enéas de Barros se negou a falar com a imprensa sobre a ordem de retirada do cartaz. O TRE informou que a peça não foi motivo de reclamação por parte dos partidos. O juiz instruiu a assessoria de imprensa a divulgar que apenas cumpriu o que determina a legislação eleitoral.

O cartaz estava exposto há cerca de um mês. Veloso está na relação de religiosos que deverão ser punidos pelo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho.

Ontem, Veloso se manifestou surpreso pela retirada de cartaz. "O cartaz não tinha nenhuma indicação de partido nem de candidato, mas simplesmente ajudava o povo a se colocar diante das grandes questões de sua vida nesse momento e nessa campanha eleitoral", afirmou.

O religioso, que não nega estar apoiando a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT), diz que respeita a decisão do juiz, mesmo porque o cartaz seria trocado hoje por outro em alusão às comemorações do dia de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro), padroeira da paróquia.

Veloso afirma que o cartaz faz parte de uma campanha visando o esclarecimento da população sobre as eleições. "Fizemos panfletos, organizamos debates com a comunidade e fizemos o cartaz", disse.

Ele é defensor da Teologia da Libertação e foi um dos organizadores do dia de jejum e oração, há dois meses, em Recife, contra o fechamento do Instituto de Teologia de Recife e do Seminário Regional do Nordeste (Serene-2) por ordem do Vaticano.

Pressão através do telefone

AMAURI MELO
Correspondente

ROMA — As diversas congregações do Vaticano têm recebido dezenas de telefonemas de católicos brasileiros, contra e a favor do envolvimento de sacerdotes na campanha eleitoral. O Cardeal Dom Agnello Rossi, que é uma espécie de "Ministro das Finanças" da Igreja, se recusa a fazer comentários. Seu secretário, Monsenhor Expedito Barros, explica:

— Somos fiéis aos padrões da Igreja, da nossa linha básica que é a de total eqüidistância do quadro político. O Santo Padre já disse várias vezes, e isso é uma lei básica: ao sacerdote compete desempenhar a função de pastor, deixando aos leigos a participação. No caso brasileiro, o máximo que sabemos é o que nos chega através de recortes de jornais.

O dossiê do Movimento de Renovação Carismática, que teria sido enviado pelo empresário Romeu Trussardi, não chegou a Roma nem qualquer dos assessores de Dom Agnello sabe da sua existência. Não que ignorem, mas a Igreja funciona em rígidos padrões de disciplina. Assim é que, para ser consistente, o dossiê deverá ser enviado diretamente à Nunciatura, em Brasília, representação legal e diplomática do Vaticano. Só assim será encaminhado com a classificação de "a considerar" e acabará chegando às mãos que interessam: as do Cardeal Joseph Ratzinger, segundo homem na hierarquia da Igreja.

Dossiê é enviado ao Papa

SÃO PAULO — Dossiê elaborado por mulheres do Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) diz que a Igreja vive no Brasil "uma situação de total afastamento da verdadeira fé" e que os púlpitos "viraram palanques" do candidato Luís Inácio Lula da Silva. O documento, que apresenta Lula como comunista, foi enviado há dois dias ao Papa João Paulo II, através do ex-Arcebispo de São Paulo, Dom Agnelo Rossi.

Segundo a denúncia, "há muitos anos a militância do Partido Comunista vem desenvolvendo-se dentro das Igrejas, incentivada pelos sacerdotes progressistas. Agora, às vésperas da eleição, a situação está insuportável, pois os púlpitos da maioria das Igrejas viraram palanques em prol do candidato comunista".

As mulheres perguntam ao Papa: "Devemos assistir passivamente a estas manifestações políticas durante as homilias? Devemos levantar-nos e interpelar o celebrante, tumultuando as missas, uma vez que de nada valem os apelos nas sacristias.

FC 02-12-89

O POVO **NACIONAL** Sábado, 02/12/89

Leonardo Boff sofre ameaças da Ratzinger

São Paulo — A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está sendo mantida à margem das pressões da Congregação da Doutrina da Fé, do Vaticano, contra o teólogo franciscano brasileiro Leonardo Boff. Acusado de "comportamento ambíguo", Boff está sendo ameaçado diretamente pelo cardeal prefeito da Doutrina da Fé, dom Joseph Ratzinger, através de memorandos secretos dirigidos ao superior geral da Ordem dos Frades Menores (franciscanos), frei John Vaughn. Esses memorandos são repassados, depois, ao superior da Província Franciscana da Imaculada Conceição, com sede em São Paulo, à qual pertence canonicamente Leonardo Boff. O próprio teólogo não tem acesso às correspondências do cardeal Ratzinger e toma conhecimento das ameaças a seu respeito, através do seu superior provincial.

As denúncias contra Boff são enviadas ao Vaticano por cardeais, arcebispos e bispos brasileiros à revelia do presidente da CNBB e arcebispo de Mariana (MG), dom Luciano Mendes de Almeida e dos demais dirigentes da Conferência Episcopal Brasileira. O ex-cardeal arcebispo de São Paulo dom Agnelo Rossi não participa diretamente das pressões contra Boff, uma vez que exerce funções burocráticas no Vaticano, como administrador do patrimônio da Sé Apostólica.

Vaticano perplexo com o voto eclesiástico

Santa Sé não aceita pregação política nem dentro, nem em cartazes fora da Igreja

O Vaticano está "perplexo" com o "empenho público" de muitos bispos brasileiros a favor de um dos candidatos à Presidência. É isso que conta o correspondente do **Estados** em Roma, **Rocco Morabito**. "Está sendo especialmente criticada — diz ele — a a colocação de cartazes abertamente eleitorais, ainda que não mencionem nenhum nome de candidato, na porta de igrejas".

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, d. Luciano Mendes de Almeida, negou, em entrevista à **Agência Estado**, que a Igreja tenha se identificado com partidos e candidatos nas eleições, principalmente com o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

O coordenador da propaganda eleitoral em **Pernambuco**, juiz Enéas de Barros Freire, mandou retirar, anteontem à noite, o outdoor que o padre Reginaldo Veloso havia colocado em frente à igreja do Morro da Conceição, Zona Norte de Recife, recomendando aos eleitores que votem no candidato que representa os trabalhadores. Ao perguntar: "Você é patrão ou trabalhador? Dos candidatos a presidente, quem é patrão? Quem é trabalhador? Você vai votar em patrão?", a mensagem deixava implícito que o eleitor deveria votar em Lula — e foi isso que criou tanta "perplexidade" no Vaticano, embora o padre Reginaldo jure que o cartaz não é propaganda pró-Lula, mas sim apenas "uma forma de educação política para as comunidades".

O correspondente em Roma conta, também, que a atitude dos bispos brasileiros, tomando posição a favor deste ou daquele candidato, não é apenas criticada: há, no Vaticano, quem lembre que, por ocasião das recentes eleições municipais romanas, o cardeal vigário Ugo Poletti convidou claramente os eleitores a votarem na Democracia Cristã, já que a Santa Sé não queria, de novo, um prefeito comunista em Roma, como no recente caso de Giulio Carlo Argan.

O correspondente conversou, depois, com Joaquim Navarro Valss, diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, a fim de saber sua opinião a respeito. "Não creio ser preciso acrescentar nada ao que o cardeal Joseph Ratzinger declarou ao **Estado** no dia 20", disse ele. Naquele dia, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé classificou de "desconcertante" o fato de, no Brasil, alguns bispos terem feito campanha para um candidato, outros para um segundo, e outros, ainda, para um terceiro.

D. LUCIANO

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — e arcebispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, em entrevista exclusiva à **Agência Estado**, negou que a Igreja tenha se identificado com qualquer partido ou candidato nas eleições, principalmente com o candidato do PT. O que houve, segundo d. Luciano, foi "orientação dos eleitores de acordo com certas exigências éticas que devem existir na postura e proposta dos candidatos". Em sua avaliação de como seria o relacionamento da Igreja com o próximo presidente, seja ele Lula ou Collor, disse d. Luciano que existem dificuldades com ambos. Em Collor, ele vê, como problemas, uma eventual concentração de poder no próprio candidato. Em Lula e no PT, o problema estaria no estatismo, questão que o arcebispo diz "superada em outros países".

"O mais importante — declarou o presidente da CNBB — é que nós estejamos de acordo quanto ao respeito que se deve à dignidade da pessoa humana. Depois, então, procurem-se explicitar as decorrências dessa dignidade, que representarão, portanto, o perfil de um candidato." E que a expectativa da Igreja é que esse candidato, além de ter "condições subjetivas para cumprir a sua missão", tenha "o esclarecimento e a vontade política de atender às justas reivindicações do povo".

No **Rio**, o cardeal-arcebispo d. Eugênio de Araújo Sales declarou que o envolvimento da Igreja na campanha eleitoral está prejudicando a própria Igreja, e condenou a participação do clero na eleição. "Todo envolvimento da Igreja na política partidária é prejudicial", alertou o cardeal, voltando a recomendar às 226 paróquias do Rio que não tomem partido por ninguém no segunto turno. "A atividade política, necessária ao equilíbrio das forças sociais e realização do legítimo pluralismo de ideários e de métodos para sua consecução é tarefa precípua dos leigos", enfatizou o cardeal.

FC 01-12-89

DO JORNAL "O GLOBO"

Vaticano punirá Leonardo Boff por fazer política

SÃO PAULO — Acusado de não obedecer às advertências do Vaticano, o teólogo franciscano Leonardo Boff sofrerá, a partir de janeiro, limitações ainda maiores ao seu trabalho de escritor, conferencista e professor de Teologia em Petrópolis (RJ). Um dos principais motivos não declarados para a nova censura é que o Vaticano não aceita o crescente envolvimento de Boff na política partidária. O teólogo não esconde seu apoio ao candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva.

As novas restrições foram decididas em outubro pelo Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger, e comunicadas por carta ao Superior Geral da Ordem dos Frades Menores (franciscanos), Frei John Vaughn.

Na carta, Ratzinger acusa Boff de manter-se "imperturbável" diante das advertências da Cúria Romana, além de "manifestar um comportamento ambíguo" nas questões teológicas e doutrinárias.

Apesar das restrições curiais, Frei Leonardo Boff vem participando de várias atividades em apoio ao candidato da Frente Brasil Popular. Se Lula for eleito, Boff poderá integrar o Conselho Político do Governo.

O primeiro período de silêncio de Boff foi cumprido de 1985 a 1986, depois que ele foi punido pelo Vaticano por causa das teses teológicas que expôs no livro "Igreja, Carisma e Poder". O silêncio de um ano foi reduzido para dez meses graças aos pedidos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dirigidos ao Papa João Paulo II.

Por causa das novas restrições vaticanas, Leonardo e seu irmão — o teólogo Clodovis Boff — cancelaram um roteiro de conferências que deveriam fazer na Bélgica, entre os dias 8 e 17. Além de não poder mais viajar como antes, Boff tem seus livros submetidos à censura prévia, de acordo com as normas canônicas.

Vaticanistas e teólogos latino-americanos e europeus dizem que, se as pressões contra Boff continuarem assim, o franciscano poderá ser oficialmente desautorizado como professor de Teologia.

TC 02-12-89

BANFORT O BANCO FORTE

Papa recebe dossiê sobre ação de progressistas na campanha de Lula

São Paulo (TC) – Já está em mãos do Papa João Paulo II, no Vaticano, dossiê completo sobre o envolvimento dos setores "progressista" da igreja católica na campanha do candidato da Frente Brasil Popular a presidência da República, deputado federal Luís Inácio Lula da Silva. O dossiê foi enviado ao Papa ontem, por mulheres católicas paulistanas, lideradas por D. Marici Trussardi, esposa de Romeu Trussardi, presidente da Associação Comercial de São Paulo. O intermediário para a entrega do documento foi o ex-cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Agnello Rossi

Pertencente ao movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), D. Marici Trussardi disse hoje que as articuladoras do protesto contra a politização da igreja não sabem ainda que providências o Papa adotará para conter o envolvimento político dos "Progressistas". Destacou que a única intenção das mulheres católicas "é fazer com que a Igreja volte a ser um lugar de oração".

Depois de ter recebido cerca de 200 telefonemas de todo o país – cumprimentando-a pela sua campanha –, D. Marici afirmou ontem que "uma parte do clero esqueceu o valor da oração e transformou a casa de Deus em um espaço político".

TRIBUNA do Ceará

PÁGINA 8

Nacional

Fortaleza, sábado, 02 de dezembro de 1989

Frei Boff sendo ameaçado diretamente pelo Vaticano

São Paulo (TC) – A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está sendo mantida à margem das pressões da Congregação da Doutrina da Fé, do Vaticano, contra o teólogo franciscano brasileiro Leonardo Boff. Acusado de "comportamento ambíguo", Boff está sendo ameaçado diretamente pelo cardeal prefeito da Doutrina da Fé, D. Joseph Ratzinger, através de memorandos secretos dirigidos ao Superior Geral da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), frei John Vaughn. Esses memorandos são repassados, depois, ao Superior da Província Franciscana da Imaculada Conceição, com sede em São Paulo, a qual pertence canonicamente Leonardo Boff.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

CEDIM

Bibliothek
20 332
METTINGEN

na®
-
TEM

blitzschnell:
chneiden
SR-Automat und
glaslos.
azine geeignet.

and fast:
cutting and glass-
g the DSR unit and

agazines type LKM.

a-rapide:
ge des
t-Automat et les
DSR.
t pour les paniers

pidisimo:
automático de dia-
SR-Automat y los
vidrios.
para los cargado-

Lupe, 1 Filmpatro-
-Diarähmchen 5 x 5/

atterie oder Netz.

ifier, 1 Holder for
SR 5 x 5/24 x 36.
attery or mains.

lupe, 1 porte-film
caches DSR 5 x 5/

ou sur secteur.

Lupa, 1 Porta-
50 Marquitos

las o por red.









nzeln)

nzeln),
g/without illumination
n iluminación.

n, 1,6 mm,
00 St./Pcs.

AMA-Qualitätszubehör –
amit Ihr Hobby
um Diavergnügen wird.

AMA quality accessories – your
ssurance for getting even more
njoyment out of your slide hobby.

Le plaisir de la diapo
avec la qualité HAMA pour
vos accessoires.

Productos de calidad HAMA –
para que su hobby de diapositivas
se convierta en un placer.

har
DSR
SYS

Genial einfach un
Dias automatisch
und Rahmen mit D
DSR-Diarähmchen
Auch für LKM-Mag

Ingenious, simple
For automatic slid
less mounting usi
DSR slide frames.
Also suitable for m

Archisimple et ult
Découpe et mont
diapos avec le DS
caches sans verre
Convient égaleme
LKM.

Genial, simple y r
Cortado y montaje
positivas con el
marquitos DSR sin
Apropiado tambié
res LKM.

Art.-No. 1250 Set
1 DSR-Automat, 1
nenhalter, 50 DSR
24 x 36.
Beleuchtung mit

1 DSR unit, 1 Mag
film cartridge, 50
Illumination from

1 DSR-Automat, 1
portecartouche, 5
24 x 36.
Eclairage sur pile

1 DSR-Automat, 1
película/cartucho
DSR 5 x 5/24 x 36
Iluminación por p

nafix-Diarähmchen 5x5
eilig, glaslos, für verblüffend
nelles Rahmen.

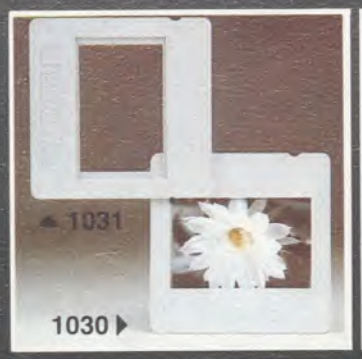
nafix slide frames 5x5
gle-piece frames for amazingly
and easy framing. Glassless.

dres-caches Hamafix 5x5
ne seule pièce, pour le montage
a-rapide des diapos. Sans verre.

rquitos Hamafix 5x5
una sóla pieza, para un rapi-
mo montaje de diapositivas.
vidrio.

30: 100 St./Pcs. 2,3 mm
32: 200 St./Pcs. 2,3 mm

31: 100 St./Pcs. 2,3 mm





Diabetrachter "Mini"
mit 2fach Vergrößerung.

Slide viewer "Mini",
2x magnification.

Visionneuse «Mini»
à grossissement 2x.

Visionadora "Mini"
de doble aumento.

3640 f./p. 24 x 36 mm / 5 x 5 cm.

mafix-Einfaßgerät
de framing device
pareil de montage
arato de montaje
40 f./p. 2,3 mm





Formschöne Diabetrachter (5 x 5)
für Batteriebetrieb.

3642 mit 2fach Vergrößerung
3643 mit 3fach Vergrößerung
3696 Komfortbetrachter mit 2fach Vergrößerung, Fallschacht und Wechselschieber
3698 wie Nr. 3696, jedoch mit 3fach Einschwenklupe fürs Detail

schneidegerät beleuchtet,
schnellen und exakten Schnitt.
2fach Lupe.

de cutter, illuminated.
th 2x magnification.

upe-diapositives, éclairé.
ec loupe à grossissement 2x.

rtadora de diapositivas
minada. Con lupa 2x.

27 Netzbetrieb 220 V





Handsome viewer (5 x 5)
for battery operation.

3642 2x magnification
3643 3x magnification
3696 Handy slide viewer, 2x magnification, with gravity shaft and slide changer.
3698 Identical to model 3696, however with retractable 3x magnifier for easy distinction of details.

Visionneuses (5 x 5) de ligne élégante fonctionnant sur piles.

3642 à grossissement 2x
3643 à grossissement 3x
3696 confortable visionneuse à grossissement 2x, avec passe-vues et cuvette de récupération
3698 comme réf. 3696, mais avec loupe escamotable à grossissement 3x pour distinguer les moindres détails.



Einlegen ...
Insert ...
Insérer ...
Colocar ...





Visionadora (5 x 5) de diseño elegante, funcionamiento con pilas.

3642 de aumento doble
3643 de aumento triple
3696 visionadora confortable de doble aumento, bandeja de almacén y cambiador pasante
3698 como el N° 3696, pero con lupa abatible de aumento triple para observar detalles.

... transportieren ...
... transport ...
... transporter ...
... transportar ...

leuchtetes **Diasortiergerät** für 36
as mit Fächern zum Vorsortieren.

minated **slide sorter** for 36 slides;
mpartments for pre-sorting.

euse lumineuse pour 36 diapos,
ec casiers pour la présélection.

asificador de diapositivas para
diapositivas con compartimientos
ra pre-seleccionar.

12 220 V

uchtpult zum Betrachten von
nzen Diahüllen.

uminated panel for viewing slide
m strips.

upitre lumineux pour visionner les
apos de tous formats.

upitre luminoso para visionar
egos de diapositivas en fundas.

39 36 x 27 cm, 220 V





Lichtzeiger "Super"
mit hoher Leuchtkraft,
Batteriebetrieb.

Pointer torch "Super"
high brilliance, battery operated.

Flèche lumineuse «Super»
à très haute puissance lumineuse,
fonctionnement sur piles.

Puntero luminoso "Super"
de gran potencia luminosa,
funcionamiento con pilas.

3557 6 V

... schneiden - fertig
... cut - finished!
... couper - prêt!
... cortar - pronto!

Art.-No. 1251
DSR-Automat (e
Art.-No. 1255
DSR-Automat (e
ohne Beleuchtu
sans éclairage/s
Art.-No. 1050
DSR-Diarähmch
5 x 5/24 x 36 ·

Institut für Brasilienkunde